

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**SANDRA BATISTA DA COSTA**

**DA SILVA & E SILVA**

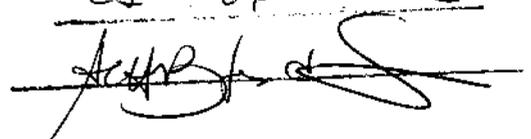
**DUAS TRAJETÓRIAS POLÍTICAS, DUAS PERSONAS: O EMPREGO DE  
DÊIXIS DE PRIMEIRA PESSOA EM DISCURSO DE PALANQUE**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da  
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas,  
para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anna Christina Bentes da Silva

**Este exemplar é a redação final da  
tese / dissertação aprovada pela  
Comissão de Avaliação**

**21 / 06 / 2011**



Campinas  
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE  
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

C823s

Costa, Sandra Batista da, 1965-

Da Silva & E Silva, duas trajetórias políticas, duas  
personas : o emprego de dêixis de primeira pessoa em  
discurso de palanque. -- Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Anna Christina Bentes da Silva.

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Discurso político. 2. Variação estilística. 3. Gramática  
geral e comparada - Dêixis. 4. Representação política. 5.  
Política. I. Silva, Anna Christina Bentes da. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem.  
III. Título.

Unidade PPCL  
T/UNICAMP  
Cutter C823s  
V. Ed 1  
Tombo BC 91975  
Proc. 16-150-2011  
C Dx  
Preço 11,00  
Data 27/07/2011  
Cód. tit. 798302

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Silva & Silva, two politics trajectories, two personas: the use of first-person deictic in soapbox speech.

**Palavras-chave em inglês:**

Political speech

Stylistic variation

Grammar, Comparative and general – Deixis

*Política representation*

Political

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutor em Linguística.

**Banca examinadora:**

Anna Christina Bentes da Silva (orientadora)

Ronald Beline Mendes

Terezinha de Jesus Machado Maher

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

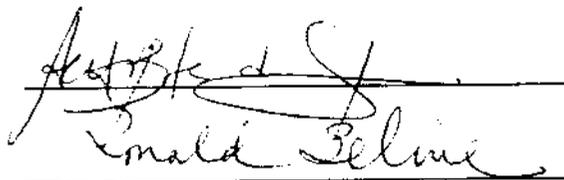
Carlos Alberto Faraco

**Data da defesa:** 25-02-2011.

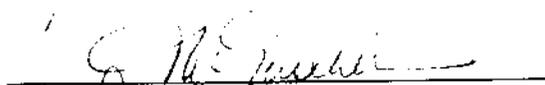
**Programa de Pós-Graduação:** Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

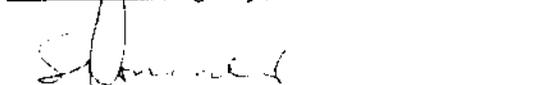
Anna Christina Bentes da Silva

  
\_\_\_\_\_

Ronald Beline Mendes

  
\_\_\_\_\_

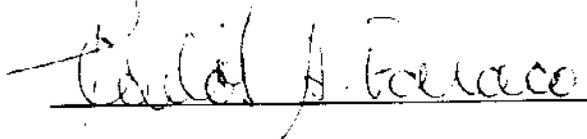
Terezinha de Jesus Machado Maher

  
\_\_\_\_\_

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

  
\_\_\_\_\_

Carlos Alberto Faraco

  
\_\_\_\_\_

Marli Quadros Leite

\_\_\_\_\_

Wilmar da Rocha D' Angelis

\_\_\_\_\_

Angel Humberto Corbera Mori

\_\_\_\_\_

115624



Dedico este trabalho ao meu esposo, Lino Trevisan, por saber ouvir, por saber aconselhar e, sobretudo, por ter me sugerido caminhos.

As nossos filhos, Cainã e Coniã, pelo carinho, pela paciência e pela alegria imensa que me dão.

Aos meus pais, Sérgio e Gilma, que me colocaram diante dos livros, ensinaram-me a ter fé, a procurar ser feliz, ainda que se viva no meio da adversidade.

Aos meus familiares Ana, Izabel, Gil, Nair, Marieta, Gilda, Aldo, Gilka, Laura, Chica, Hermógenes, que me fizeram ouvir suas histórias, belas histórias...



## **AGRADECIMENTOS**

À Prof<sup>a</sup> Dra. Anna Christina Bentes, por ir adiante, abrindo novos caminhos, por nos envolver nas atividades de pesquisa e por apontar os desafios.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Carlos Alberto Faraco, que, me mostrou, no mestrado, outras “margens” dos estudos linguísticos e, na qualificação de tese, me indicou a ponta de alguns romances para que eu pudesse alinhar este trabalho.

Ao Prof<sup>o</sup> Dr. Ronald Beline pelas contribuições no momento da qualificação de tese.

Aos meus colegas de curso, Angélica, Caio, Renato, Marcos, Livia Vivian e Cássia, pelas contribuições em sala, no corredor, na cantina e na Web.

Aos meus professores do mestrado, na UFPR, Borges, Mercer, Elena Godoy, Reni Guindaste, Iara Bemquerer, Odete Menon que contribuíram na minha formação.

Aos meus professores da graduação, na UFRJ, que me motivaram em sala, me incentivaram a participar das atividades de pesquisa e extensão.

Ao meu esposo, Lino Trevisan, pelas leituras que fez deste trabalho.

Aos meus filhos, Cainã e Coniã que me auxiliaram com os recursos da tecnologia de informação.

À Cleusa que me ajudou com as transcrições; à Marilena que soube me ouvir e me orientar, aos amigos, Germano e Maristelo que, na minha juventude, ensinaram-me o valor da fé, aos amigos próximos e distantes, aos meus familiares que estão sempre na torcida.



Vivi, olhei, li, senti, Que faz aí o ler, Lendo, fica-se a saber quase tudo, Eu também leio, Algo portanto saberás, Agora já não estou tão certa, Terás então de ler doutra maneira, Como, Não serve a mesma para todos, cada um inventa a sua, a que lhe for própria, há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pegados à pagina, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é a que importa, A não ser, A não, quê, A não ser que esses tais rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua, e apenas sua, a margem a que terá de chegar.

José Saramago



## RESUMO

Este trabalho investiga o modo de fala de dois políticos, a saber, Luiz Inácio Lula da Silva e Roberto Requião de Mello e Silva. O primeiro, ex-presidente do Brasil, o segundo ex-governador do Paraná. Analisa-se o emprego dos pronomes de primeira pessoa utilizados, nos discursos proferidos em palanque político, pelos dois “agentes”. Para tanto, procura-se observar: (i) se houve, no decorrer da trajetória política, variação no modo de fala de cada um dos políticos e (ii) se o emprego dos dêiticos de 1ª pessoa, utilizados por um e por outro, revelam diferentes estilos linguísticos e se isso resulta de um processo de construção de *personas* públicas. O *corpus* selecionado para análise é composto por discursos integrais e excertos de vários discursos proferidos em comícios eleitorais, tanto por um quanto por outro político, nas décadas de 80, 90 e anos 2000. Esse *corpus* foi recortado de modo a realizar a análise apenas dos discursos proferidos por Lula, nas campanhas de 1989, 2006 e 2008 e por Requião, nas campanhas de 1990 e 2006. Para elucidar o contexto de realização do discurso de palanque, busca-se descrever o comício eleitoral, recorrendo, sobretudo, a pressupostos de Palmeira e Heredia (1995) e Barreira (1998), que consideram o comício como um ritual de configuração da representação política. O percurso de Lula foi descrito com base no estudo de Paraná (2008), que traça uma trajetória da família da Silva, delineando a transformação que se operou na vida de Lula, a partir da participação do político no movimento sindical. Também se utiliza o trabalho de Resende (2007) para recuperar a trajetória de Roberto Requião. A autora analisa traços genealógicos e a carreira do político, investigando, no período de 1982 a 2006, a ação política desse “agente”. Para avaliar os contrastes entre os modos de fala dos dois políticos, são utilizados, como embasamento, os pressupostos de Bourdieu (2007) e de Irvine (2001) acerca do princípio da “distintividade” na linguagem. Os papéis discursivos indicados pelos pronomes de 1ª pessoa, em função dêitica, foram descritos com base nos estudos realizados por Ilari et al. (2002). A noção de “campo dêitico”, delineada por Hanks (2008), mostra-se relevante para elucidar que o processo de referenciação dêitica integra-se à prática comunicativa realizada no palanque político. O resultado deste estudo, com base nos dados investigados, demonstra que: (i) ocorreu, ao longo da trajetória de Lula, variação no modo de fala, realizado em palanque, o que não se observa na trajetória de Requião; (ii) o emprego de dêiticos de 1ª pessoa, no discurso de palanque, revela a distinção entre o modo de fala desses políticos, assim como indica a constituição distintiva de *personas* representativas. Este trabalho apresenta contribuições para os estudos textuais-discursivos e campos que investigam o *estilo*. A metodologia adotada contempla procedimentos que contribuem com o campo da Sociolinguística.

**Palavras-chave:** Discurso político, Variação estilística, Gramática geral e comparada - Dêixis, Representação política, Política.



## Abstract

In this work, we seek to investigate the speech of two politicians: Luiz Inácio Lula da Silva and Roberto Requião de Mello e Silva (the first one, former President of Brazil; the second one, former Governor of the State of Paraná). We analyze the use of first-person pronouns applied in speeches made by both *agents*, in soapbox. For this purpose, we try to observe: (i) if there was a variation in the speech of each one of the politicians; (ii) if the use of first-person *deictic*, applied by each one of them, reveals different linguistic styles and if it results from a process of constructing public *personas*. The corpus selected for analysis is composed of full speeches and excerpts from several speeches delivered at election rallies, by both politicians, during the 80s, 90s and 2000. This corpus was cut out to make an analysis just on the speeches delivered by Lula at campaigns in 1989, 2006 and 2008, and by Requião, at campaigns in 1990 and 2006. In order to elucidate the context of realizing the soapbox, we seek to describe election rallies, making use, especially, of Palmeira e Heredia's (1995) and Barreira's (1998) assumptions, who consider the rally as a ritual of shaping the political representation. The trajectory of Lula is described based on Parana's study (2008), who has drawn *Da Silva* family's path, outlining the transformation which happened to Lula's life, from his participation in the Trade Union movement. We also use Resende's work (2007), in order to recover the trajectory of Roberto Requião. The author has analyzed his genealogical characteristics and political career, by investigating this *agent's* political action, from 1982 through 2006. With the purpose of analyzing the contrast between the speeches of both politicians, we use, as a basis, Bourdieu's (2007) and Irvine's (2001) assumptions, concerning the principle of distinctiveness in the language. The discursive roles indicated by the first-person pronouns, with a deictic function, were described based on the studies conducted by Ilari et al (2002). The notion of *deictic field*, outlined by Hanks (2008), has been relevant to prove that the *deictic* differentiation process is integrated into the communicative practice which takes place in the soapbox. The result of this study has demonstrated that (i) throughout Lula's trajectory, a variation in his soapbox speech has happened, what is not observed in Requião's trajectory; (ii) the use of first-person *deictics* at soapbox reveals the distinction between the speeches of these two politicians and also indicates the distinctive nature of representative *personas*. This work presents contributions to the textual-discursive studies and fields which investigate the style. The adopted methodology contemplates procedures which contribute to the field of sociolinguistics.

Key-words: political speech, stylistic variation, Grammar, Comparative and general - Deixis, political representation, political.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- LS** – Luiz Inácio Lula da Silva
- PB** – Português brasileiro
- PCB** – Partido Comunista Brasileiro
- PCdoB** – Partido Comunista do Brasil
- PDT** – Partido Democrático Trabalhista
- PMDB** – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
- PRN** – Partido da Reconstrução Nacional
- PSB** – Partido Socialista Brasileiro
- PSDB** – Partido da Social Democracia Brasileira
- PT** – Partido dos Trabalhadores
- PV** – Partido Verde
- RS** – Roberto Requião de Mello e Silva



## LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1 faz parte do vídeo 59, parte 1.	32
Excerto 2 faz parte do vídeo 71	34
Excerto 3 faz parte do vídeo 4	137
Excerto 4 faz parte do vídeo 12	138
Excerto 5 faz parte do vídeo 54, parte 1	139
Excerto 6 faz parte do vídeo 54, parte 2	141
Excerto 7 faz parte do vídeo 70	143
Excerto 8 faz parte do vídeo 72	144
Excerto 9 faz parte do vídeo 75, parte 1	145
Excerto 10 faz parte do vídeo 75, parte 2 <sup>1</sup>	146
Excerto 17 faz parte do vídeo 57, parte 1	167
Excerto 18 faz parte do vídeo 57, parte 1	169
Excerto 19 faz parte do vídeo 75, parte 1	170
Excerto 21 faz parte do vídeo 54, parte 2	175
Excerto 22 faz parte do vídeo 75, parte 1	176
Excerto 26 faz parte do vídeo 59, parte 1	180
Excerto 27 faz parte do vídeo 72	184
Excerto 29 faz parte do vídeo 54, parte 3	188
Excerto 30 faz parte do vídeo 74	190

---

<sup>1</sup> Os excertos 11 a 16 bem como os excertos 20, 23, 24, 25 e 28 não fazem parte dos dados deste trabalho, correspondem a exemplos fornecidos por Hanks (2008).



## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 <b>LS</b> aponta para Sergio Cabral	168
Foto 2 <b>LS</b> abaixa as mãos	168
Foto 3 <b>LS</b> vira para a direita, mãos abaixadas	168
Foto 4 <b>LS</b> olha para frente, mãos erguidas	168
Foto 5 <b>LS</b> olha para direita, mãos juntas	169
Foto 6 <b>LS</b> olha para esquerda, mãos juntas	169
Foto 7 <b>RS</b> vira para Hermas Brandão, aponta a mão	171
Foto 8 <b>RS</b> , olha para frente, mão acompanha	171
Foto 9 <b>RS</b> ergue a mão, gesto de firmeza	171
Foto 10 <b>RS</b> olha para frente e aponta a mão	171
Foto 11 <b>LS</b> pega a mão de Jacques Wagner	176
Foto 12 <b>LS</b> segura a mão de Jacques Wagner	176
Foto 13 <b>RS</b> põe a mão no ombro de Luciano Ducci	177
Foto 14 <b>RS</b> com a mão no ombro de Luciano Ducci	177
Foto 15 <b>LS</b> olha para a direita	181
Foto 16 <b>LS</b> gesticula com a mão	181
Foto 17 <b>LS</b> vira um pouco o olhar	182
Foto 18 <b>LS</b> vira e anda para a esquerda	182
Foto 19 <b>LS</b> caminha para o lado esquerdo do palco	182
Foto 20 <b>LS</b> vai até o canto esquerdo do palco	182
Foto 21 <b>LS</b> volta para o centro do palco	182
Foto 22 <b>RS</b> acena para baixo, solicita silêncio	185
Foto 23 <b>RS</b> coloca a mão para cima, ao falar “minha gente”	185
Foto 24 <b>RS</b> gesticula com a mão para cima	185
Foto 25 <b>RS</b> gesticula com a mão para baixo	185
Foto 26 <b>RS</b> ergue mais uma vez a mão, ao falar “minha gente”	185
Foto 27 <b>RS</b> gesticula firmemente com o braço	185



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distinção social entre <b>LS</b> e <b>RS</b>	87
Quadro 2 – Relação de vídeos: discurso das Diretas (1984) e discursos da Campanha presidencial (1989).	101
Quadro 3 – Relação de vídeos com discursos proferidos na Caravana da cidadania (1994)	102
Quadro 4 – Relação de vídeos de discursos proferidos por <b>LS</b> na Campanha presidencial em 2002 e 2006	103
Quadro 5 – Relação de vídeos com discursos realizados na campanha eleitoral para prefeitura de Natal e São Paulo em 2008, e na campanha presidencial de 2010.	104
Quadro 6 – Relação de vídeos com discursos realizados durante Campanha municipal para prefeitura de Curitiba em 1985.	104
Quadro 7 – Relação de vídeos com discursos proferidos durante a campanha ao governo do Estado do Paraná em 1990 e 2006 e ao Senado em 2010.	105
Quadro 8 – Convenção para transcrição dos discursos de palanque	108
Quadro 9 – Dinamicidade do processo referencial dêitico	140
Quadro 10 – O emprego de <i>eu</i> , <i>nós</i> e <i>a gente</i> na Campanha presidencial de 1989 e 2006	142
Quadro 11 – O emprego de <i>eu</i> e <i>nós</i> e nas Campanhas ao governo em 1990 e 2006	147
Quadro 12 – Uso de vocativos na saudação	186
Quadro 13 – Dois quadros de referência disponíveis	190
Quadro 14 – A associação de dois quadros de referência	191



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Relação de vídeos com discursos completos e trechos de discurso	106
Tabela 2 – Ocorrência de pronome de 1ª pessoa ( <i>eu, nós e a gente</i> ), em discurso proferido, em palanque, por <b>LS</b>	132
Tabela 3 – Ocorrência de pronome pessoal de 1ª pessoa ( <i>eu, nós + a gente</i> ), em discurso proferido, em palanque, por <b>LS</b>	133
Tabela 4 – Ocorrência de pronome de 1ª pessoa ( <i>eu, nós e a gente</i> ), em discurso proferido, em palanque, por <b>RS</b>	134



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1 O COMÍCIO ELEITORAL</b>	<b>11</b>
1.1 O comício na república romana	12
1.2 O comício: rito simbólico de representação e de disputa política	17
1.3 A configuração do espaço de realização do comício	25
1.4 O palanque, o apresentador, o representante político e a plateia	28
1.4.1 O palanque	28
1.4.2 O apresentador	31
1.4.3 O representante político	35
1.4.4 A plateia	42
1.4.5 As reformas na legislação eleitoral e a crise no discurso político	47
<b>2 DA SILVA &amp; E SILVA: A TRAJETÓRIA DE DOIS AGENTES SOCIAIS</b>	<b>55</b>
2.1 A trajetória de <b>LS</b>	57
2.2 A trajetória de <b>RS</b>	62
2.3 <b>LS</b> : a saga de um operário em construção	67
2.4 <b>RS</b> : de empresário e advogado a Governador	81
2.5 <b>LS</b> e <b>RS</b> : traços biográficos distintivos	87
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>91</b>
3.1 Justificativa e objetivos	91
3.2 O <i>corpus</i>	93
3.2.1 A coleta do <i>corpus</i>	96
3.2.2 Os vídeos	100
3.3 As convenções de transcrição dos dados	107
<b>4 O MODO DE FALA DE LS E RS: UMA TRAJETÓRIA SOBRE PALANQUES</b>	<b>111</b>
4.1 A distintividade	111
4.2 O pronome de 1ª pessoa na referência à pessoa que fala	123

4.3	O modo de fala de <b>LS</b> e <b>RS</b> em discurso de palanque	130
4.3.1	Frequência no uso de pronomes de 1ª pessoa em discurso de palanque	130
4.3.2	Papéis discursivos indicados pelos pronomes de 1ª pessoa em discursos proferidos por <b>LS</b> e <b>RS</b>	136
4.4	<b>LS</b> e <b>RS</b> : duas trajetórias, duas <i>personas</i>	148
<b>5</b>	<b>O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NO CAMPO DÊITICO: SEMELHANÇAS E DISTINÇÕES NO ESTILO DE LS E RS</b>	<b>151</b>
5.1	O campo dêitico	152
5.2	A prática dêitica no discurso proferido, por <b>LS</b> e <b>RS</b> , em comício eleitoral	162
5.2.1	A intervenção das práticas sociais na constituição da referência dêitica	163
5.2.2	Forma dêitica estereotipada	178
5.2.3	Interferência do campo social amplo no processo dêitico	187
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>195</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>199</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo empreendido, neste trabalho, tem motivações diversas. Algumas são próprias da atividade de pesquisa, surgem naturalmente com a investigação realizada, mas outras foram aparecendo aos poucos, revelaram-se à medida que temas investigados associaram-se a episódios da vida da pesquisadora. De alguma forma, esses dois eixos, trabalho de pesquisa e história de vida, integram-se e elucidam as motivações que impulsionaram o desenvolvimento deste trabalho. Relatam-se, primeiramente, fatos que foram, pouco a pouco, lembrados e, em certa medida, instigaram a realização deste trabalho, depois são expostas motivações demandadas pela própria atividade de pesquisa.

Alguns discursos, proferidos em palanques, marcaram momentos históricos do país e ficaram marcados na memória da plateia. Por exemplo, o discurso proferido, por Luiz Carlos Prestes, em julho de 1945, no Estádio do Pacaembu; o discurso do Dia do trabalho, proferido por Getúlio Vargas, em 1951, no Estádio São Januário; o discurso de João Goulart, proferido em março de 1964, na Central do Brasil; os discursos proferidos, ao longo de 1984, nos comícios das Diretas, ocorridos em diversas capitais brasileiras. Os comícios são eventos políticos, mas também festivos, quer dizer, proporcionam o “encontro” (GOFFMAN, 2002) entre cidadãos. Desta forma, os episódios vividos, nesses eventos, ficam registrados na memória e na vida dos que participam deles.

Em reuniões íntimas, em minha casa,<sup>2</sup> os comícios e diversos fatos políticos eram contados e recontados pelos familiares. Em seus relatos, eles descreviam, por exemplo, o tom festivo dos palanques. Ficou, em minha memória, a história de um cidadão comum, o meu avô. Contavam que ele admirava o

---

<sup>2</sup> Optou-se por utilizar, nessa parte da introdução, a 1ª pessoa, porque serão relatadas motivações que não partiram propriamente da pesquisa, são episódios da vida da pesquisadora que, de certo modo, se relacionam com o trabalho desenvolvido.

Prestes, por isso levava minha mãe, quando pequena nos ombros, aos comícios do político. Essa e tantas outras histórias constituíram, em certa medida, em minha memória, episódios históricos da política brasileira.

No período do regime militar, por exemplo, como fatos políticos eram obscurecidos, meus pais relatavam discretamente o que percebiam, pois consideravam que meus irmãos e eu deveríamos aprender em casa o que estava sendo excluído dos conteúdos escolares. Nas histórias contadas, sobre aquele período, percebíamos que alguns protagonistas tinham um destino bem diferente do destino dado aos heróis de contos de fada. Como no período da ditadura, houve restrições às manifestações políticas, levavam-nos à Avenida Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, para assistir aos desfiles militares do Dia da Pátria. Mas, nos diziam que nem de longe pareciam com o “encontro” político que ocorria nos comícios. Minha mãe comentava que “A banda passava”<sup>3</sup> sem euforia, sem alegria.

Na luta pela redemocratização, a partir do final da década de 70, os movimentos, operário, estudantil e político, voltaram a realizar manifestações públicas, projetando novos eventos significativos na história do país, por exemplo, as mobilizações de trabalhadores no ABC paulista, a Campanha pela Anistia e pelas Diretas.

Os comícios realizados, a partir da redemocratização, tiveram um duplo sentido para a juventude da minha época. De um lado, a curiosidade de vivenciar e saber como eram esses eventos, dos quais muitas vezes ouvimos falar. De outro, o desejo de, ao tomar parte desses eventos, participar dos movimentos sociais.

Foi nesse contexto que cursei Letras, na UFRJ, entre 1984 e 1988. Durante esse período, tive oportunidade de vivenciar uma experiência acadêmica significativa, pois, na minha formação, estiveram presentes: o ensino, a pesquisa e a extensão. Esses três elementos sustentavam-se, em um projeto político

---

<sup>3</sup> Ao utilizar a expressão destacada, se reporta às metáforas presentes na canção, A Banda, de Chico Buarque.

universitário que vinha sendo delineado dentro de um contexto de redemocratização do país. Estar na universidade, naquele período, era participar da construção de um processo pedagógico e político. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que adquiria uma formação acadêmica, também vivenciava movimentos políticos nos quais os comícios ganhavam novamente uma dimensão significativa.

Depois de concluir o curso de graduação, mudei-me para Curitiba e fui trabalhar em Araucária, cidade da região metropolitana, onde lecionei em escolas da Rede Municipal e participei da Coordenação de ensino de Língua portuguesa. As experiências em sala de aula e as atividades da coordenação, na Secretaria de Educação, colocavam-me diante de um desafio: preparar um material didático. Para tanto, uma colega de trabalho, Cleusa Denz,<sup>4</sup> e eu contamos com a assessoria do professor Gilberto de Castro<sup>5</sup> para elaborar o material, Pretexto: projeto piloto de língua portuguesa, que foi utilizado, em 1992, por alunos da Rede Municipal de Educação de Araucária. O trabalho desenvolvido e a publicação do material, possibilitaram a participação no *Encontro por la unidade de los educadores latino-americanos*, em Cuba, e o ingresso no Mestrado em Linguística na UFPR.

Concluí o mestrado em 2000, o tema da dissertação foi “A ironia em função argumentativa”. Tive como orientadora a Professora Dr<sup>a</sup> Iara Bemquerer Costa, da UFPR, e como coorientador o Professor Dr. Heronides M. de Melo Moura, da UFSC. Para constituir o *corpus* do trabalho, coletei artigos do jornalista Clóvis Rossi; percebi que a ironia era um traço estilístico recorrente nos textos do autor, embora esse não tenha sido o objeto da pesquisa realizada. A partir do trabalho de dissertação, questões relacionadas ao estilo começaram chamar minha atenção, todavia, quando iniciei o doutorado em 2006, não imaginava que esse tema me acompanharia por algum tempo, vindo a compor um dos elementos

---

<sup>4</sup> Prof. Me. Cleusa Denz dos Santos.

<sup>5</sup> Prof. D. Gilberto de Castro (UFPR).

do trabalho de tese. Também não imaginava que o evento comício, presente em minha história de vida, seria mais um componente desse trabalho.

No segundo semestre de 2007, ao cursar a disciplina Tópicos de Sociolinguística I, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anna Christina Bentes, o projeto de doutorado foi redimensionado, principalmente, a partir da experiência de estudar variação estilística no discurso político. Selecionou-se um *corpus* preliminar para checar a ocorrência da variação estilística, no discurso do então Governador do Paraná, Roberto Requião. No final do segundo semestre de 2007, foi elaborado um artigo com objetivo de registrar a etapa inicial do trabalho de pesquisa.

No trabalho, foi examinada a variação estilística do rótico em três excertos de discursos proferidos por Requião. O primeiro é parte de um discurso produzido pelo político, em um comício realizado em 2006, por ocasião da campanha eleitoral ao Governo do Estado. O segundo e o terceiro excerto foram selecionados de fala realizada, em debate ocorrido, em 2006, durante o segundo turno da campanha ao Governo. O uso da vibrante alveolar e do tepe acentuava-se ou atenuava-se, na fala do político, tendo em vista o evento comunicativo em que o “agente” (BOURDIEU, 2010)<sup>6</sup> proferia seu discurso, o comício e o debate. Diante dessas observações, pressupôs-se que as escolhas estilísticas indicassem o significado social do fenômeno linguístico. Dito de outro modo, as marcas de variação estilística apontam perfis distintivos de representação, configurados nos eventos dos quais o político participa.

Para fundamentar esse ponto de vista, recorreu-se à Irvine (2001), que define o estilo a partir da noção de distintividade e ao estudo realizado por Silva (2002), acerca da alofonia dos róticos no PB. A análise dos dados foi empreendida com o intuito de comparar a variabilidade estilística do rótico, em circunstâncias

---

<sup>6</sup> O termo “agente” será utilizado, ao longo deste trabalho, quando se fizer referência a Lula e Requião e aos demais indivíduos citados. Bourdieu (2003; 2004; 2007; 2010) utiliza esse termo para reportar-se aos indivíduos que ocupam um lugar nos diferentes espaços sociais, “Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas *posições relativas* neste espaço [um espaço construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição]” (BOURDIEU, 2010. p.134).

distintas de interação verbal: o comício e o debate. O resultado do estudo mostra que a variabilidade é produzida por diversos fatores, entre eles, a interferência de condicionamentos prosódicos, inerentes à produção do discurso de palanque e do debate. Além disso, o uso variado do /R/ indica a projeção de diferentes perfis de representação, ou seja, diferentes “fachadas” (GOFFMAN, 1983).

A partir desse primeiro trabalho, observou-se que o discurso, realizado em comício eleitoral, apresentava uma melodia própria, por isso foi possível notar traços que sinalizavam a variação estilística. Por exemplo, a elevação do tom de voz de Requião, sobretudo, no comício, intensifica a produção sonora da vibrante alveolar, por conseguinte a qualidade de voz do político faz ecoar um som vibrante; tem-se a impressão de ouvir uma fala *metralhada*. Os recursos descritos associam-se à imagem de um político destemido e austero. Com efeito, a “fachada” (GOFFMAN, 1983) do político combativo ressalta-se mais no palanque do que no debate onde predomina o uso do tepe.

Depois dessa etapa, redirecionou-se o projeto de tese, passa-se, pois a estudar a variação estilística no discurso de palanque. Opta-se por trabalhar com discursos de Luiz Inácio Lula da Silva e Roberto Requião de Mello e Silva, pois o número de vídeos encontrados, com discursos proferidos, em comícios, por esses “agentes”, era maior do que de outros políticos. Como foram coletados vídeos que continham discursos proferidos, pelos políticos, nas décadas de 80, 90 e nos anos 2000, pressupôs-se que seria possível considerar a trajetória de Lula e Requião na investigação do modo de fala empregado por esses “agentes” no discurso de palanque. Além disso, suspeitou-se que no discurso dos Silva, *Da Silva* e *E Silva*, poderia haver aproximações e contrastes interessantes.

A natureza do *corpus*, discurso de palanque, fez com que a pesquisa fosse conduzida de forma a contemplar peculiaridades dos dados coletados e articular procedimentos teórico-metodológicos que elucidassem a presença da variação estilística. Este trabalho é motivado também pela busca de procedimentos teórico-metodológicos que elucidem a variação estilística no discurso de palanque. Desse modo, a investigação empreendida pode contribuir

com os estudos Sociolinguísticos, por considerar: o contexto de realização do discurso de palanque - o comício -; a trajetória pessoal e política dos “agentes”; aspectos textuais-discursivos, o emprego do dêitico de 1ª pessoa<sup>7</sup> no discurso de palanque.

Para o desenvolvimento do trabalho, levanta-se a seguinte questão: diferenças, no emprego de pronomes pessoais de 1ª pessoa, entre Lula e Requião, revelam estilos distintivos?

Para responder essa questão, investigam-se hipóteses:

- i) se houve, ao longo de um período da trajetória de Lula e Requião, variação no modo de fala de cada um dos políticos;
- ii) se o emprego dos dêiticos de 1ª pessoa, utilizados por um e por outro, revelam diferentes estilos linguísticos e se isso resulta de um processo de construção de *personas*<sup>8</sup> públicas.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é: investigar o modo de fala de Luiz Inácio Lula da Silva e de Roberto Requião de Mello e Silva, em discursos de palanque, proferidos ao longo de suas trajetórias.

Os objetivos específicos são:

- descrever características gerais do discurso de palanque;
- examinar o emprego de pronomes pessoais de 1ª pessoa, presentes em discursos proferidos, por Lula e Requião, em alguns comícios eleitorais, realizados ao longo da trajetória política;
- examinar a designação discursiva de dêiticos de 1ª pessoa;
- apontar diferenças estilísticas no modo de fala desses políticos, delineando a constituição de diferentes *personas* públicas.

---

<sup>7</sup> Neste trabalho, examina-se o emprego de pronomes pessoais de 1ª pessoa. Investiga-se, por exemplo, o índice de ocorrência dessas formas, no discurso de palanque, proferido por Lula e Requião e examina-se também o emprego desses elementos, em função dêitica. Ao longo deste trabalho, se utiliza o termo dêitico, quando se faz referência à função exofórica dos pronomes de 1ª pessoa.

<sup>8</sup> Ao longo deste trabalho, a palavra *persona* será empregada com o sentido de “fachada”, “máscara” (GOFFMAN, 1983).

Para elucidar o contexto de realização do discurso de palanque, descreve-se, no primeiro capítulo, o comício eleitoral, recorrendo, sobretudo, a pressupostos de Palmeira e Heredia (1995) e Barreira (1998). Os pesquisadores consideram que, no comício, realiza-se um ritual de configuração da representação política. Utilizam-se também os procedimentos de interação face a face, delineados por Goffman (1974; 1983; 2002) e noções de “campo político”, “*habitus*” e “estilo”, descritas por Bourdieu (2003; 2010). Considera-se que o lugar de onde os políticos proferem os pronomes de 1ª pessoa, o comício, configura o *locus* da encenação do rito da disputa, do confronto, das alianças, por conseguinte, ao usar esses recursos, os “agentes” demarcam o lugar de onde enunciam e onde encenam diferentes “papéis” (GOFFMAN, 1983).

No segundo capítulo, são descritas duas trajetórias: a de Lula e de Requião. Ao apresentá-las, objetiva-se delinear o contraste entre elas, assinalando diferenças sociais que indicam o modo de fala de cada um deles. Recorre-se ao estudo feito por Paraná (2008) para descrever o percurso de Lula e utiliza-se o trabalho de Resende (2007) para delinear a trajetória de Requião. Ao comparar a trajetória desses “agentes”, nota-se que, embora tenham percorrido caminhos diferenciados, rumaram para o mesmo “campo”, o político, especialmente o espaço dos políticos populares, nesse *locus* constituem diferentes *personas*.

A metodologia adotada, neste trabalho, é delineada no terceiro capítulo, onde a coleta do *corpus* é também descrita. O *corpus* é composto por discursos integrais e trechos de vários discursos proferidos, em comícios eleitorais, por Lula e Requião. Foram coletados 64 vídeos com discursos de Lula e 14 com discursos de Requião. Os discursos coletados foram enunciados, em palanques eleitorais, nas décadas de 80, 90 e anos 2000. O *corpus* foi recortado de modo a realizar a análise apenas dos discursos proferidos por Lula, nas campanhas de 1989, 2006 e 2008, e por Requião, nas campanhas de 1990 e 2006; utilizaram-se, pois, trechos de discursos presentes em 5 vídeos de Lula e 4 vídeos de Requião. Para tornar visível a distinção entre o modo de fala desses políticos, é examinado, nos

capítulos 4 e 5, o emprego de pronomes de 1ª pessoa, presentes nos discursos de palanque, assinalando a constituição das *personas* públicas.

No quarto capítulo, procura-se averiguar contrastes entre o modo de fala desses políticos. Para tanto, articulam-se pressupostos de Bourdieu (2007) e Irvine (2001), delineando a noção de distinção estilística que fundamenta este trabalho. Recorre-se também a estudos feitos por Ilari et al. (2002) para descrever os papéis discursivos indicados pelos pronomes pessoais de 1ª pessoa em função dêitica. Além disso, analisa-se o emprego, no discurso de palanque, de pronomes pessoais de 1ª pessoa, em período da trajetória dos políticos, a saber, Lula - 1989 e 2006; Requião - 1990 e 2006. Investigam-se, nesses períodos: (i) a frequência dos pronomes pessoais de 1ª pessoa, averiguando o índice de ocorrências dessas formas, buscando indicativos que revelem a variação estilística; (ii) o processo de designação dêitica, apontando a configuração da distinção entre as *personas* dos políticos.

No quinto capítulo, procura-se ampliar a noção de designação dêitica. Para tanto, se recorre à noção de campo dêítico, delineada por Hanks (2008). O estudioso da linguagem, ao analisar dêíticos de espaço, concebe que os falantes engajam-se na prática dêitica, não para se reportar aos objetos, mas para situar-se na prática comunicativa. Hanks (2008, p. 270) explica: “Mais do que ser apenas o centro do alvo de um arco intencional, o objeto funciona como um demarcador a partir do qual o Falante pode se posicionar”. O processo de referenciação dêitica inscreve-se, pois, em um contexto social amplo onde se ancoram as posições e as tomadas de posição dos “agentes”. Para mostrar as posições que os “agentes” políticos encenam, analisam-se excertos de discursos proferidos, por Lula, em 2006 e 2008 e, por Requião, em 1990 e 2006. Os políticos, ao empregarem as formas dêíticas de 1ª pessoa e de espaço, indicam suas diferentes posições enquanto representação política. Em outras palavras, encenam, no palanque, um ritual de representação, indicado pelo uso das formas dêíticas.

Nas considerações finais, é feita uma avaliação deste trabalho, consideram-se as hipóteses e objetivos delineados, apresentam-se também as contribuições desta pesquisa e sugestões para estudos posteriores.



## Capítulo 1

### O COMÍCIO ELEITORAL

A praça! A praça é do povo  
Como o céu é do condor  
É o antro onde a liberdade  
Cria águias em seu calor!

Castro Alves

Neste capítulo, será delineado o contexto em que se realizaram discursos de palanque, proferidos em comícios eleitorais ocorridos no Brasil nas décadas de 80, 90 e nos anos 2000. Para delimitar a perspectiva sobre a qual se aborda o evento, recorre-se a estudos desenvolvidos por Palmeira e Heredia (1995) e Barreira (1998). Os pesquisadores estudaram comícios ocorridos, nas décadas de 80 e 90, em regiões brasileiras. Associam-se os pressupostos desses pesquisadores a procedimentos de interação face a face, delineados por Goffman (1974; 1983; 2002) e a noções de campo político e *habitus* do político e estilo de vida, descritas por Bourdieu (2003; 2010).

No Brasil, a partir de meados dos anos 90, aproximadamente, os comícios foram, paulatinamente, se transformando. Em algumas campanhas eleitorais, por exemplo, o evento deixou de ser prioritário na agenda de alguns candidatos. Comentam-se, neste capítulo, as transformações pelas quais o evento passou. Para tanto, apresentam-se algumas restrições impostas pelas leis eleitorais 8.713/93 e 9.504/97 que interferiram na realização do evento.

Ao final do capítulo, apresenta-se a análise feita por Courtine (2003), acerca das mudanças nas falas públicas. Recorre-se às reflexões feitas pelo pesquisador para apontar que outras formas de discursos políticos concorrem com o discurso de palanque eleitoral. Algumas campanhas, por exemplo, focam-se, cada vez mais, nas mídias: rádio, televisão e internet.

Inicia-se este capítulo, relatando de forma breve a função do comício, no período da República romana, para indicar traços que assinalam a gênese do evento e apontar relações com a atual configuração desse encontro político.

## 1.1 O comício na República romana

O comício, na República romana, era o local de realização do sufrágio; nele a exposição de propostas não era, em princípio, permitida. Esse procedimento é diferente do que ocorre atualmente em nosso país, pois o comício está desvinculado da votação, quer dizer, o evento ocorre antes do sufrágio e faz parte da campanha eleitoral.

Descrevem-se as transformações pelas quais o comício passou na República romana para mostrar que o evento era organizado de modo a evitar os debates públicos; todavia, a população cresceu e, cada vez mais, as restrições impostas às assembleias populares foram difíceis de controlar.

Aymard e Auboyer (1963) explicam que, desde o fim do século IV a.C., na República Romana, os comícios estavam abertos aos cidadãos romanos que precisavam dirigir-se a Roma para participar de assembleias e votar. Naquela época, os eventos eram classificados pelos cidadãos romanos, em três tipos de comícios: os curiatas, os tribais e as centúrias:

Os comícios “curiatas”, onde basta um lictor para representar ficticiamente cada cúria, só se reúnem pró-forma, a fim de realizar atos de caráter ritual, como, por exemplo, conferir o *imperium* aos novos magistrados. [...]

Os comícios por tribos reúnem os cidadãos distribuídos em trinta e cinco tribos, quatro ‘urbanas’ e trinta e uma ‘rústicas’. [...] Por isso os censores que, por ocasião dos recenseamentos quinquenais, escolhem à vontade a tribo à qual atribuem um novo cidadão e que têm mesmo o direito de deslocar, a título, é verdade, de sanção moral, um antigo cidadão de uma tribo para outra, inscrevem os humildes, e em particular os libertos, nas tribos urbanas. Estas, superpovoadas e proletarizadas, dispõem cada uma de apenas um voto, como cada uma das tribos rústicas onde os cidadãos abastados conservam muito maior importância. [...]

Outra maneira de distribuição – mais antiga em última análise relacionada com a distribuição em tribos – tem como resultado a assembleia por centúria. Atribui-se à realeza a criação de ‘centúrias’, em

relação com a organização do exército: uma subdivisão da legião chama-se também centúrias. Na realidade, a assembleia por centúria é o povo mobilizado. Trata-se, portanto, também em virtude do paralelismo entre a riqueza e o dever militar e fiscal, do povo distribuído em classes censitárias depois da investigação realizada a cada cinco anos pelos censores. (AYMARD; AUBOYER, 1963. p.128-129)

Cowell (1967) explica que a primeira forma de assembleia do povo romano foi baseada em agrupamentos religiosos das antigas famílias romanas, a *curiae*, conhecida como *comitia curiata*. Participavam desses encontros patrícios e plebeus. Mas esses eventos perderam sua função original. O pesquisador relata:

Muito cedo na República, por 471 a.C. se mencionaram os plebeus como votando numa base, por tribos, ou seja, não por divisão de família ou de clã (como nos *comitia curiata*) ou por riquezas (como no *comitia centuriata*), mas de acordo com o distrito da cidade (tribo) em que residia o votante. (COWELL, 1967. p.198-199)

As tribos rústicas, com maior poder econômico, tinham mais prestígio, portanto contavam com um número maior de votos. O mesmo não ocorria com as tribos urbanas. Essas, embora tivessem maior número de pessoas, tinham direito a um número menor de votos, possivelmente, porque a maioria não tinha prestígio social. O *status* social era um critério relevante para determinar o número de votos de que cada tribo deveria dispor.

As centúrias também se subdividiam, havia classes mais abastadas e outras menos afortunadas; as classes com maior prestígio tinham maior número de votos. O critério que determinava o número de votos para cada tribo e centúria indicava que a assembleia do povo só era aparentemente democrática. Aymard e Auboyer (1963) avaliam a organização dos comícios e comentam:

Tanto quanto a estrutura interna dos comícios das tribos, a dos comícios das centúrias não satisfaziam às exigências da democracia, tais como concebiam e a elas se submetiam, desde o século V a.C., cidades como Atenas. (AYMARD; AUBOYER, 1963. p. 129)

Os pesquisadores esclarecem que, em princípio, as tribos votavam “*plebiscita* ou ‘decretos da plebe’, que só a esta obrigavam, ao passo que ‘as leis’

válidas para a totalidade dos cidadãos só podia emanar do comício das centúrias” (AYMARD; AUBOYER, 1963, p. 130). No início do século III a. C. houve uma modificação:

A assembleia por centúria só conservava competência exclusiva para os julgamentos de processos capitais, declarações de guerra e eleições para altas magistraturas. À assembleia por tribos cabe ainda menos: apenas as eleições às magistraturas inferiores. É-lhe submetida, porém, a grande maioria dos assuntos que podem ser apresentados perante uma outra, particularmente a maioria dos projetos de lei. (AYMARD; AUBOYER, 1963. p. 130)

Rouland (1997), ao examinar as assembleias populares que ocorriam em Roma por volta do século I a. C, descreve os locais onde as votações populares se realizavam. Ele ressalta que à medida que a população aumentava, as assembleias eram transferidas para locais mais amplos onde o controle do processo eleitoral pudesse ser mantido. O pesquisador explica que os comícios curiais e tribais realizavam-se, inicialmente no *Comitium*:

O *Comitium*, em que se realizavam os comícios curiais e tribais, até os anos 150, era um espaço delimitado, provido de uma escadaria que levava ao edifício distante algumas dezenas de metros, a Cúria, onde se reunia o Senado. Essa proximidade simbolizava a união oficialmente proclamada entre o povo romano e os seus dirigentes: *senatus populusques romanus*. A tribuna sobre a qual se assentava o magistrado que presidia as sessões era estruturada de tal maneira que ele apenas tinha de se voltar para estar de frente ou para o Fórum ou para o *Comitium*. No Fórum, reunia-se a assembleia preliminar (*contio*), aberta às mulheres, aos escravos e aos não cidadãos; no *Comitium*, votavam somente os cidadãos. A urna eleitoral era colocada sobre um estrado, portanto em posição de relevo ante os eleitores. Para permitir-lhes o acesso, armam-se passarelas (*pontes*) que partem do nível do chão e sobem em aclave suave até o estrado. Para se evitar fraudes e os votos múltiplos, o eleitor desce por outra via (escada), isolando-se dos que ainda vão votar. (ROULAND, 1997. p. 176-177)

Os comícios tribais e curiais ocorriam em locais delimitados para evitar que os cidadãos se aglomerassem e ocorressem fraudes, mas essa estrutura teve de ser alterada, pois o *Comitium* tornara-se “um espaço pequeno e recluso” (ROULAND, 1997. p. 177) já que, em 145, houve uma superpopulação da área

urbana. Embora fosse maior a chance de ocorrer fraude e do eleitor ser assediado, as assembleias passaram a se realizar no Fórum. No século I a. C. a, a fim de agilizar o sufrágio, decidiu-se que as 35 tribos deixariam de votar uma após a outra, passariam a votar simultaneamente, portanto os comícios passaram a ocorrer no Campo de Marte, onde eram realizadas também as assembleias das centúrias, contudo os problemas não cessaram:

Mas, apesar de tudo, os trâmites da eleição continuam muito demorados, e os políticos aproveitam-se dessas longas esperas para seduzir, *in extremis*, os eleitores, que já eram vítimas de pressões diversas. Vê-se, portanto - é importante salientar - que as condições físicas da organização eleitoral favorecem as tentativas de manipulação da massa eleitoral. (ROULAND, 1997. p. 177)

À medida que a população crescia e exercia o seu direito de voto, os espaços físicos de realização dos comícios tiveram de ser ampliados. Mas não foi só o espaço físico que se reconfigurou, a relação entre o eleitor e o processo eleitoral também se modificou, ou seja, o artifício de convencimento comum no processo eleitoral tornou-se mais explícito. As alterações no contexto de realização do evento desencadearam a exclusão paulatina da plebe na participação do sufrágio.

Rouland (1997) explica que César mandou construir uma estrutura coberta que tinha capacidade de abrigar as 35 filas de votantes, as *Saepta Iulia*. “É mais que suficiente, com certeza, para os comícios centuriais cuja organização censitária desqualifica os mais pobres. Mas quanto aos comícios tribais?” (ROULAND, 1997, p.177). O pesquisador esclarece que não havia lugar para todos no recinto, portanto foi feita a seleção dos eleitores:

César morreu em 49 a.C. no ano 28 a.C. o recenseamento cadastrou 4.063.000 indivíduos! Sabe-se, por outro lado que a Roma de Augusto conta com pelo menos um milhão de habitantes, mas provavelmente muito mais. Mesmo supondo que as taxas de abstenção se aproximem dos 90%, que apesar de tudo representaria um nível máximo, podemos perceber que o espaço reservado aos comícios ainda assim permanece insuficiente, e muito, para conter os eleitores potenciais. A “filragem” que inevitavelmente se opera à entrada dos comícios constitui, portanto, um

dos momentos privilegiados para as manobras de intimidação, ou até de atos de violência praticados contra eleitores. Com isso, podemos também auferir de imediato como a violência acabou por se tornar um fenômeno crescente na vida política, chegando ao seu clímax no último século da República. Já penalizados no direito de sufrágio, por sua circunscrição nas tribos urbanas, a maior parte da plebe cidadina vê-se barrada na entrada dos comícios. De fato, o direito do voto lhe é subtraído. Sendo-lhe impedido o caminho das urnas, é natural que tome o das ruas; e os generais, candidatos ao poder absoluto, saberão tirar disso o maior proveito. (ROULAND, 1997.p.178).

A plebe urbana que comparecia aos comícios, por ter direito de voto, ampliou-se, e o assédio sobre esses eleitores intensificou-se. Em resposta a esse movimento, não foi permitida a entrada, nos comícios, de boa parte das tribos urbanas. O povo excluído, no dizer de Rouland (1997), “toma as ruas”. O debate público e a persuasão passaram a ocorrer fora dos locais de votação, mas esse processo foi permeado por conflitos e restrições. Aymard e Auboyer (1963) relatam que, por volta do século I, o poder imperial conquistou seu lugar no Estado e realizou progressos à custa da redução das atividades dos órgãos da constituição republicana:

As assembleias de cidadãos subsistem. Mas reúnem-se cada vez mais raramente, constituindo meros simulacros, com atribuições sempre mais restritas. Ocasionalmente, pelo menos no século I, ainda apreciam e votam certas leis, embora não as discutam seriamente. Mas os *senatus-consultos* e as decisões imperiais têm força de lei; assim, os comícios veem-se despojados de seu poder legislativo. [...] Subtrair a vida política romana à cabala e às perturbações que durante tanto tempo viciaram o funcionamento dos comícios, parecia a Augusto e a todos os seus sucessores uma necessidade primordial para a estabilidade do regime. De fato, o povo soberano encontrava-se inteiramente destituído de direitos quando, por ocasião do advento, por uma lei – o texto de que investiu Vespasiano é ainda hoje conhecido – cuja adoção se reduziu a uma simples aclamação, conferiu o *imperium* ao novo Imperador. Daí por diante este bastava para gerir e defender os interesses do povo. (AYMARD; AUBOYER, 1963. p. 52)

A disputa pelo poder político influenciou a organização das assembleias populares e a forma de participação do cidadão no processo eleitoral ocorrido na República romana. O espaço físico onde os comícios ocorriam e as regras que regiam o evento passaram por várias alterações. Essas mudanças decorrem das

transformações oriundas da gestão política e do panorama social. Os ritos de delegação de poder modificaram-se à medida que novas regras foram impostas a fim de minimizar a participação popular e centralizar o poder imperial. Aos poucos, o acesso aos locais de realização das assembleias restringiu-se, sobretudo, para a população não afortunada; mas, certamente ficaram, na memória da plebe urbana, os debates dos quais foram cerceados e de que deveriam, em princípio, participar.

No período áureo da República romana, o cidadão era chamado a participar do processo de votação, mas a exposição e o debate de ideias não pareciam ser permitidos a todos. A manutenção das assembleias populares, quer dizer, de espaços reservados à prática de debates públicos e acordos sociais, sobreviveu à custa de vários conflitos. Se hoje o comício é um espaço aberto ao público e antecede a votação, demonstra, de certa forma, que o encontro público entre representantes e representados é inerente à organização social e à constituição da representação política.

Nos comícios que ocorrem, atualmente, os políticos procuram, ao expor suas posições, persuadir o eleitor para conquistar o voto. Realiza-se, nesse evento, o encontro entre político e eleitor, mas parece que esse é, sobretudo, o *locus* de realização de um ritual; nele se encenam a disputa pelo poder, a consolidação de alianças e a constituição da representação política.

## **1.2 O comício: rito simbólico de representação e de disputa política**

Palmeira e Heredia (1995), ao analisarem comícios, utilizaram materiais selecionados das campanhas municipais (prefeito e vereadores), realizadas em 1988, e estaduais (deputados estaduais e federais, governador e senador) ocorridas em 1990, em dois estados brasileiros – Pernambuco e Rio Grande do Sul. Barreira (1998) utilizou, em seu trabalho, materiais coletados da campanha municipal à prefeitura de Fortaleza, realizada em 1985, de campanhas às prefeituras de Natal, Maceió e Fortaleza, ocorridas em 1996, e de campanhas à

Câmara de vereadores de Fortaleza sucedidas entre 1988 e 1996. Ela acompanhou também a Caravana da Cidadania, que aconteceu entre 1993 e 1994. Esse evento foi organizado pelo Partido dos Trabalhadores, por religiosos e intelectuais. A Caravana percorreu várias cidades brasileiras; realizavam-se, durante o evento, reuniões e discussões que acabavam transformando-se em comícios.

Palmeira e Heredia (1995) pressupõem que o comício marca “o tempo da política”, ou seja, sinaliza um momento de conflito, de disputa entre facções. Barreira (1998) considera que o comício é um dos rituais simbólicos de constituição da representação política, cujo rito está presente na campanha eleitoral. Personagens-candidatos, apresentador-animador, público-eleitor, por exemplo, são símbolos que estabelecem valores relativos à representação política.

Recorre-se, neste trabalho, a pressupostos dos pesquisadores, já que, para eles, os elementos que compõem o comício constituem rituais de representação política; no entanto, considera-se que esse evento também possibilita a emergência de uma “teatralidade” (GOFFMAN, 1983), que torna visível o fenômeno da disputa pelo poder, encenado no palanque político, e a consolidação de alianças. Isso porque os elementos que estão postos, em um dado comício, favorecem uma facção política em detrimento da outra. Dito de outro modo, realiza-se, no palanque eleitoral, um ritual de luta, mas também de acordos, um jogo de poder que compõe a representação política.

No estudo desenvolvido por Palmeira e Heredia (1995), os pesquisadores explicitam que, fora do período eleitoral, as facções estão diluídas nas relações pessoais, mas, no período da campanha, os grupos se mostram por inteiro. Nesse período, está em jogo a gestão das relações de poder estabelecidas nos acordos feitos pelas facções políticas. Em certa medida, esses grupos gerenciam essas relações. E, no período que antecede a campanha, os rearranjos políticos são permitidos, as migrações entre facções consolidadas, novos

compromissos estabelecidos.<sup>9</sup> O caráter sazonal da política assinala, então, um tempo em que a figura da representação política desenha-se, diante dos olhos do eleitor, de forma mais expressiva. Palmeira e Heredia (1995) destacam que os comícios são locais privilegiados para instituir a identidade de uma facção e a sua força política:

Os comícios – ou, mais especificamente, seus palanques – como vamos tentar mostrar – será o lugar, por excelência, de manifestação de identidade de uma facção, senão da própria existência de facções. Aliás, é em torno dos próprios comícios que se dá um dos embates mais intensos desse período, que é marcado pelos conflitos. A questão do local onde cada facção fará realizar os seus grandes comícios é considerada crucial nas estratégias de campanha. O resultado dessa disputa, que, muitas vezes, envolve, além da prefeitura e da polícia, a própria justiça eleitoral, corresponde a uma primeira manifestação da força relativa de cada facção. (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p. 36)

Os pesquisadores advertem que não são os discursos realizados no palanque que mostram a força de uma facção, mas os votos conquistados na urna. Todavia, ressaltam que os comícios foram fundamentais para que uma facção demarcasse seu poder com relação à outra.

Os antropólogos defendem que “são os comícios que sinalizam o início do *tempo da política*” (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p. 35) e explicam que “a disputa política passa pelo comício, e não por outras formas de ajuntamento de pessoas” (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p. 37).

Considera-se, neste trabalho, que o comício é um evento significativo, nas campanhas políticas, mas hoje ele não tem, em todas as campanhas, a mesma expressão de outrora, pois outras estratégias publicitárias passaram a ser utilizadas, durante as campanhas políticas, como por exemplo, os recursos da mídia televisiva e da *web*.

A gestão do comício emana de um ritual permeado pelo conflito. Para compreender os elementos que compõem o evento - o papel do apresentador, do

---

<sup>9</sup> Nos últimos anos, a legislação eleitoral brasileira modificou-se. Só é permitido o registro da candidatura de quem se filiou a um partido pelo menos um ano antes da eleição. Recentemente, foi estabelecido que o mandato do político pertence ao partido e não ao candidato eleito, portanto, caso o candidato troque de partido, sem apresentar justificativa, poderá perder o cargo.

orador e da plateia -, é preciso considerar o choque de interesses presentes na campanha, pois esse se transfere para o comício e influencia a atuação dos participantes. Os pesquisadores explicam que os embates políticos dão o tom ao evento; os conflitos levam o candidato e sua facção a definir o que se deve e o que não se deve dizer no palanque:

A análise dos comícios políticos sugere, ao contrário, que as suas relações internas (palanque e público, palanque/palanque, público/público) não são passíveis de entendimento pleno sem que sejam consideradas as relações entre comícios. Estamos pensando menos no fato de que cada facção realiza não um único, mas vários comícios, e que esses comícios são sequenciados, do que nas relações que se estabelecem entre essas sequências e que são internalizadas por cada comício singular. O que vimos é que não há como pensar um comício sem que se pense sua dupla referência a um público presente e a um público maior e sem que se pensem palanques reciprocamente referidos nas acusações que se fazem, mas também nas propostas que elaboram; mas, sobretudo, na delimitação das fronteiras que os separam, ao colocar no centro de suas preocupações a exposição pública das adesões e a exclusão dos adversários. (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p.92)

Os discursos de palanque estão atravessados pelo conflito entre facções; portanto o que é dito por um candidato em um palanque é, frequentemente, uma resposta ao que fora proferido, anteriormente, pelos adversários. Os discursos proferidos, ao longo da campanha, seguem uma dinâmica, um ir e vir estabelecido pelas réplicas e tréplicas, pois os oradores assumem com relação à facção oposta uma “posição responsiva” (BAKHTIN, 1992, p. 294), dirigem-se ao *outro* para contradizer, acusar, podem, até mesmo, concordar com seu opositor. Os discursos realizados nos comícios e também nos diversos fóruns de discussão política são responsáveis por tecer as relações de disputa e de aliança. Os pesquisadores esclarecem a dinâmica própria do comício:

Ao longo da campanha eleitoral, cria-se uma dinâmica entre comícios em que um comício singular incorpora o que é realizado (dito, feito e avaliado) pelos comícios anteriores da própria facção e da facção adversária e gera ações que levam a facção oposta a proceder da mesma maneira. O comício, desse modo, mais do que realizar uma determinação preestabelecida do planejamento de campanha, acaba

expressando certo estado da disputa e provocando alterações no tom, forma, sequência e mesmo conteúdo dos comícios adversários. (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p. 92)

A trama que entrelaça os comícios interfere, em certa medida, na própria condução da campanha política. Uma promessa feita por um, pode ser contestada ou ratificada pelo outro; uma denúncia pode ser negada ou fazer com que o acusado exija provas. Enfim, a “atitude responsiva” (BAKHTIN, 1992, p. 296) é inerente ao discurso de comício e própria do momento eleitoral. Palmeira e Heredia (1995, p. 94) finalizam o artigo, acrescentando:

Os comícios são, ao mesmo tempo, os motores e os relógios (marcadores de tempo) desse tempo da política. E a campanha eleitoral, transformada pelos comícios, se mostra como apenas uma parte do tempo da política, aquela que toca os militantes e aos candidatos.

Os comícios já foram fundamentais à campanha. Candidatos e eleitores aguardavam com expectativa esse momento; contudo não se pode afirmar, com segurança, que esse evento seja, hoje, “os motores e os relógios” de todas as campanhas que ocorrem no país. Algumas coordenações de campanha apostam ainda no evento, mas outras não, pois preferem recorrer a outros recursos de *marketing* como estratégia de mobilização e de divulgação.

Para Barreira (1998), as campanhas políticas não se limitam à disputa por cargos eletivos. Elas estão permeadas de significados anteriores ao pleito eleitoral, por isso o sentido que emana das campanhas vai além do jogo de poder, dos conflitos e das alianças. A campanha pode ser compreendida como um ritual, uma vez que uma série de símbolos a constitui, expressando princípios, valores e crenças que configuram a representação política.

A socióloga analisa as campanhas, considerando três categorias: a representação, a apresentação e a reconstrução:

A representação significa o modo como eram construídas as articulações entre candidatos e eleitores, a apresentação refere-se ao uso de discursos e imagens que definem a postura dos candidatos. A

reconstrução aponta a tentativa de transformar a política em esfera da atividade social, supondo que as campanhas portam essa característica paradoxal de reter conflitos e competições, ao mesmo tempo em que articulam os políticos e a política com o conjunto da sociedade. A ideia de reconstrução ancora-se, portanto, na percepção das campanhas como espécie de ritos da política. (BARREIRA, 1998, p. 27)

Ao recorrer a esses três elementos, ela demonstra que o processo eleitoral não é um espaço exclusivo de conflito. Essas categorias lhe permitem entender que no interior das disputas se constrói o princípio da representação. Para a pesquisadora, o ritual da campanha, além de colocar a disputa, instaura elementos de legitimação, preservação e reconstrução da atividade política. Além do mais, revela a essência da política.

As alianças e coligações, mesmo que negociadas com cargos, podem ser indicativos de superação de disputas. Em outras palavras, as alianças construídas e reconstruídas a cada campanha podem ser interpretadas como uma nova representação da atividade política, e por extensão, da possibilidade de exercício do poder político. Barreira (1998, p. 34) esclarece: “os ritos são simultaneamente afirmação e negação de valores globais, repetição e criação de outras possibilidades de expressão social e política”.

Ao considerar os valores simbólicos como via de acesso à expressão dos rituais que se configuravam no espaço da campanha política, a socióloga constatou que os símbolos assinalam valores culturais alusivos à representação política. A validação da representação política instituiu a delegação e a legitimação do poder. Barreira (1998, p. 28) esclarece:

Conferir a alguém o estatuto de representante exige, no entanto, todo um trabalho simbólico, que vai desde a organização ou difusão de valores organizados em *slogans*, palavras de ordem e outros discursos, até a construção de biografias que apresentam o passado como atestado de competência para o exercício das funções almejadas. Existe, portanto, a construção de um lugar que, na política, faz dos candidatos personagens recriados para o desempenho da trama eleitoral.

O caráter simbólico da construção da representação evoca a presença de ritos que fazem parte da simbologia eleitoral, efetivada em um contexto

específico, isto é, “um momento paradoxal que ao mesmo tempo em que acena com uma legitimação do poder, o faz de modo separado da figura concreta de seus ocupantes”. (BARREIRA, 1998, p. 43). Por conseguinte, neste trabalho, a representação política não está associada de forma direta ao sujeito empírico que ocupa o lugar de candidato, mas à “*persona*” que desempenha o papel de representante político.

As campanhas operam a construção simbólica da esfera da representação política, por meio de ritos que se realizam no período eleitoral. O comício constitui um dos rituais da campanha, está presente nele símbolos que caracterizam hierarquia e poder. O palanque, por exemplo, está disposto de modo a separar candidatos e eleitores, os primeiros estão sobre o tablado e os outros, fora dele.

Nesse sentido, o comício mantém a dialética da convivência entre distância e proximidade, afirmando diferenças e repondo o sentido da representação. O palanque no bairro é, portanto, a articulação metafórica entre proximidade e distanciamento, identificação e externalidade do poder. (BARREIRA, 1998, p. 52)

A socióloga considera que os rituais de campanha revelam a essência da vida política, uma vez que evocam “*como, quem e onde se faz política*” (BARREIRA, 1995, p.218). Para a pesquisadora, há uma série de ações que revelam “*como se faz política*”, uma delas é a mobilidade. Durante a campanha, o candidato circula por diversos lugares, e esse movimento é símbolo emblemático da mobilidade do espaço público, ou seja, o candidato demonstra proximidade com relação aos cidadãos, o povo, dirigindo-se a eles durante a campanha. O segundo item, “*Quem faz política*”, caracteriza a figura do porta-voz, a quem se delega o poder de representação, o porta-voz dos interesses públicos. O “*onde*” se faz política é o espaço, o *locus* da construção da representação. Pressupõe-se, neste trabalho, que o comício seja um espaço simbólico privilegiado da constituição da representação política.

A campanha eleitoral está, pois, permeada de ritos que emanam da profusão de símbolos essenciais à prática política. As campanhas instituem o momento do exercício político, porquanto apresentam elementos inerentes à política: o modo de fazer política, os lugares, o espaço onde a representação se constitui, e os personagens, os representantes do poder público, *personas* públicas. Barreira (1998, p. 225) conclui:

Enfim, seria importante considerar que as campanhas são momentos de re-encantamento da política. São mobilizadoras de enredos, encenações e personagens que fazem do espaço público a passarela dos acontecimentos.

Se para o senso comum as campanhas são pálidas lembranças do já conhecido, a passagem dessa orquestra de sons, cores e ritmos anuncia coisas para se pensar. A construção de lugares, símbolos e personagens traduz, na realidade, uma chuva de signos e reconhecimentos. Chuva de papéis.

O palanque eleitoral é o espaço onde os diversos papéis da representação política são encenados: a autoridade, a competência, a integridade, o compromisso, a conciliação, a disputa. A profusão de papéis encenados pelo candidato, no comício eleitoral, pode ser indicada pelo uso de dêiticos de pessoa (*eu, nós, a gente*), uma vez que, ao utilizá-los, o orador ativa diferentes *personas*, acionando, assim uma “chuva de papéis” (BARREIRA, 1998. p. 225) que configura a variação estilística no discurso de palanque.

Embora Barreira (1998) destaque que as campanhas não estão restritas à disputa, retoma-se, para este trabalho, a ideia de disputa para assinalar que ela faz parte do ritual de campanha e está presente, de forma significativa, no discurso proferido em palanque eleitoral. Contrapor-se ao adversário faz parte do ritual de campanha, portanto, no discurso de palanque, o candidato usa esse recurso, “enquadrando-se” (TANNEN; WALLAT, 2002) no contexto de realização do evento.

Recorre-se, pois, ao trabalho de Palmeira e Heredia (1995) para mostrar que as campanhas eleitorais fundam um período de disputa entre facções, de explicitação de conflitos. Aproxima-se a noção de disputa, apresentada por

esses pesquisadores, do pressuposto de Barreira (1995), acerca dos símbolos inerentes à constituição da representatividade, para assinalar que a divergência é intrínseca ao ritual de constituição da representação. Mas, além da disputa, encena-se, no palanque, o ritual da aliança política.

### **1.3 A configuração do espaço de realização do comício**

Palmeira e Heredia (1995) e Barreira (1998) descrevem as atividades que são realizadas para organização do comício. A preparação do evento requer uma logística que conta, em primeiro lugar, com a organização da infraestrutura do evento: a escolha de local e data adequados; a obtenção de uma autorização para utilizar o espaço; a contratação de pessoas para montar e decorar o palanque, instalar a iluminação, o som, montar equipamentos para registrar o evento; a contratação de transporte para conduzir eleitores ao local do comício. Uma série de providências é tomada para que a cerimônia se efetive.

A divulgação do evento faz parte também da logística de organização do comício. Preparam-se e distribuem-se materiais impressos; confeccionam-se e distribuem-se camisetas, bandeiras e faixas; preparam-se propagandas que são divulgadas nas mídias. Além disso, enviam-se cabos eleitorais e militantes, ao local do evento, para fazer visitas, convidando eleitores para participar do evento. Carros de som circulam nesse local e em bairros próximos, convida-se o povo para participar da cerimônia, tocando o *jingle* da campanha, anunciando a presença de pessoas ilustres no local. A animação prévia é feita para mobilizar pessoas e prepará-las para o evento. O local vai entrando em clima de festa, e esse ambiente dá o tom festivo ao evento.

Os comícios ocorrem em áreas variadas normalmente se opta por regiões centrais, de fácil acesso. Esses eventos podem se realizar em bairros próximos ao centro, ou mesmo no centro da cidade, mas também podem ocorrer na periferia; escolhe-se um local central, dessa região, para realizar a cerimônia. Esses locais recebem pessoas da região ou fora dela; todos se aglutinam em

torno do palanque, e o que parece uma região periférica ganha ar de metrópole. Há vendedores ambulantes, militantes distribuindo material de campanha, pessoas circulando, bandeiras agitadas, *jingles* cantados. O comício estabelece uma dinâmica diferente no local, o espaço reconfigura-se para compor o cenário da política:

Tal qual o momento das quermesses ou de festividades religiosas, os bairros mudam sua face diurna. Em torno dessa atividade noturna e diária, instalam-se pontos de comércio e produz-se uma animação condicionada pelo transitar permanente de pessoas. (BARREIRA, 1995, p.88-89)

As regiões escolhidas para sediar comícios vivem intensamente o momento da política, pois o *locus* do poder transfere-se temporariamente para aquela região. Várias pessoas dirigem-se para o local, umas para ouvir, outros para falar. Entre estas estão cidadãos ilustres, senadores, governadores, prefeitos, deputados, empresários entre outros. O local de realização do comício ganha *status* de centro difusor de ideias, de valores e de crenças. A região passa a ser um espaço simbólico de onde pode emergir a construção da representação política. Barreira (1999, p. 88) esclarece:

Se é possível considerar que a política concentra produção e difusão de símbolos através de instituições que encarnam o espaço da representação, as campanhas, em sua busca de zonas distantes espacial e simbolicamente dos centros efetivos de decisão, viabilizam a construção temporária de novos 'pequenos centros', capazes de agregar diferentes segmentos sociais excluídos cotidianamente da política. Esses novos centros, construídos temporariamente como espaço político, são indutores de emblemas e discursos a difundir para o restante da cidade.

Os locais em que, normalmente, ocorrem comícios importantes passam a ser referência, pois esse espaço se consagra como símbolo de um momento histórico. O último discurso proferido pelo presidente João Goulart, na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, no dia 13 de março de 1964, por exemplo, foi conhecido como o Comício pelas reformas de base. Jango anunciou, nesse evento, a

assinatura de decretos sobre a reforma agrária, a encampação de refinarias e pediu uma nova constituição. O episódio motivou de vez a organização do golpe militar de 1964; esse comício passou a ser uma referência histórica para o país. O Vale do Anhangabaú, em São Paulo, a Candelária, no Rio de Janeiro e a Boca Maldita, em Curitiba, também foram palcos de comícios importantes, como o das Diretas. Curitiba sediou o primeiro comício das Diretas, em 12 de janeiro de 1984, e esse evento foi um marco significativo da mobilização nacional em prol da campanha que se estendeu pelo país. Barreira (1998) resume a relação entre espaço e memória: “Nesse sentido, a memória das campanhas é também uma memória espacial: solo estético de muitos discursos e múltiplas manifestações gestuais” (BARREIRA, 1998, p.102).

Quando um político dirige-se a uma região para participar de um comício, se estabelece o contato entre candidato e eleitor, “configurando a ideia do representante que não ‘esquece’ aqueles que estão espacial e materialmente longe dos benefícios citadinos”. (BARREIRA, 1998, p. 87). O encontro entre candidato e eleitor propicia o estabelecimento de laços, ou o restabelecimento de elos firmados outrora. O comício segue a lógica da articulação de um coletivo e o espaço de realização do evento passa ser elemento simbólico do encontro entre representante e representados. Barreira (1998, p.30) conclui:

Os comícios podem ser então considerados como um dos rituais de campanha que colocam os espaços no âmbito das estratégias de reconhecimento entre bairros e candidaturas. Na condição de centro dinamizador da política o bairro vira festa.

O espaço de realização do evento passa por uma transformação para poder ser o “cenário” (BLOM; GUMPERZ, 2002) do encontro entre eleitores e candidatos. Encena-se, nesse local, um dos papéis principais da representação política: o estabelecimento de acordos, de propostas para viabilizar interesses gerais e particulares, portanto, esse local é palco da encenação das ações políticas.

## **1.4 O palanque, o apresentador, o representante político e a plateia**

Os participantes do comício desempenham papéis sociais que são compatíveis com o acontecimento. No palanque estão o apresentador, os representantes políticos e autoridades, na plateia estão os eleitores. O palanque é o palco onde ocorre a encenação, os que lá estão devem desempenhar com competência o seu papel, passando uma imagem positiva de si.

Goffman (1983, p. 9), expondo a maneira pela qual os sujeitos, no seu dia a dia, encenam seus papéis sociais, pondera: “Presume-se que a vida apresenta coisas reais e, às vezes, bem ensaiadas”. Embora o que ocorre no palanque eleitoral não seja de todo uma encenação dramática, os ingredientes que compõem esse evento seguem um roteiro bem conhecido, e os participantes do evento procuram desempenhar o seu papel. O comício é, pois, um espaço privilegiado onde as ações políticas são dramatizadas.

### **1.4.1 O palanque**

O palanque simboliza a dimensão hierárquica do poder, pois essa estrutura separa o político do público, demarcando o espaço social do representante e dos representados. Barreira (1998), ao comentar Palmeira e Heredia (1995), destaca que o palanque é o espaço simbólico da legitimação do poder político:

De certa forma, os comícios apresentam as características do poder vigente na vida cotidiana. Ao mesmo tempo, citando mais uma vez Palmeira e Heredia (1995), dramatizam uma situação fundadora, que se revela no encontro entre os “de cima” e os “de baixo”, invocando o estabelecimento de pactos. O fato de ser um evento fixado, especialmente, permite a separação nítida entre espaços expressivos de hierarquias. Se por um lado o comício prima pela proximidade (“ir até os bairros”), por outro também pela diferenciação, por meio da elevação da autoridade legal à condição de legitimidade, através de aplausos e outras formas de aceitação explícita (BARREIRA, 1998, p.100).

Encena-se, no palanque, o culto à autoridade e à proximidade entre a esfera do poder e o povo. Essa dramatização consolida-se, porque dela participam o apresentador, os representantes políticos e a plateia. Os representantes políticos são reverenciados no modo como o apresentador anuncia os candidatos e na maneira da plateia ovacioná-los. Essas ações atribuem credibilidade aos políticos, consolidando o capital político da facção à que os candidatos pertencem. A adesão ao candidato, demonstrada pela plateia, ao ouvir o discurso de seus representantes e ao aplaudi-lo, configura a proximidade entre a esfera do poder e o povo. Barreira (1998) explica como se consolida o ritual simbólico realizado no comício:

A eficácia simbólica do comício pode ser buscada através dessa simulação que permite equacionar *proximidade* e *distância*. O poder está no alto do palanque, que é o centro de convergência de todos os sentidos. Ao mesmo tempo, não está no palácio anônimo inacessível. Ele está lá no bairro como espetáculo itinerante a céu aberto. Efêmero, sem dúvida, mais inesquecível para alguns que “tocarem” com seu olhar a aura da política. (BARREIRA, 1998, p. 100)

Os ornamentos do palanque não só caracterizam o espaço ocupado pelo orador, mas também diferencia esse lugar do local da plateia. O palanque fica, normalmente, sob um espaço coberto, enquanto o local da plateia é descoberto; o tablado coloca o orador em uma posição de relevo, já os eleitores ocupam o lugar de baixo. O palanque ganha visibilidade, porque é iluminado, os microfones e caixas de som são disponibilizados para que o orador seja ouvido. O palanque ocupa uma posição de destaque no comício, pois lá estão autoridades, políticos, artistas,<sup>10</sup> convidados ilustres. A organização espacial do comício assinala a hierarquia.

O palanque tem duas partes: a da frente e a de trás. Na frente ficam, normalmente, os que fazem uso da palavra e aparecem; na parte de trás ficam os

---

<sup>10</sup> Os artistas também marcaram presença nos palanques políticos, mas com a lei nº 9.504/97 ficou proibida a realização do showmício. A partir disso, os artistas só podem ir ao comício para mostrar sua adesão voluntária à campanha de um candidato, mas não realizam show no palanque.

que não falam, geralmente, os responsáveis pela infraestrutura, os cabos eleitorais e outros participantes do evento. Palmeira e Heredia (1995, p, 48) ressaltam: “Na percepção dos participantes do comício, as pessoas ou estão na frente do palanque ou na sua parte de trás”, pois era isso que de imediato elas conseguem perceber, mas os pesquisadores esclarecem que a distribuição das pessoas no palanque segue uma ordenação mais complexa.

Segundo os antropólogos, ocupam a posição central, próximo ao microfone os principais oradores – os candidatos, os políticos e as pessoas ilustres – ao lado deles, à direita ou à esquerda, podem estar os que fazem uso da palavra ou pessoas que só aparecem para demonstrar apoio político, familiares e correligionários. Há também os que não falam, mas aparecem eventualmente, eles ficam próximo dos que discursam, estando próximo de pessoas ilustres, podem pleitear algum ganho político. Na frente do palanque está, pois, o local de destaque:

Só ocupa permanentemente a frente do palanque (e o fazem de modo obrigatório) os que têm poder político na comunidade ou poder político reconhecido pela comunidade e os que, possuidores de algum tipo de poder específico (médico, acadêmico, religioso, ou qualquer outro socialmente identificado), podem ter tal poder convertido a favor da facção (o que pode significar o seu próprio favor) pela sua simples presença nesse palanque. Há ainda os que só ocupam a frente do palanque temporariamente, aguardando o momento de falar e durante o próprio discurso. Entre estes, o princípio hierárquico funciona também. Alguns têm o privilégio de esperar sua vez sendo vistos, enquanto outros só são vistos pelo público na hora em que ocupam o microfone. Uns e outros, ao acabarem de falar, saem de cena. (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p.49)

A conformação do palanque, colocado no alto, separando representantes políticos daqueles que estão na plateia, assim como a disposição dos sujeitos nesse tablado, configura um cenário representativo da vida social. É mantida “a dialética da convivência entre distância e proximidade, afirmando diferenças e repondo o sentido da representação”. (BARREIRA, 1998, p. 52)

Quando os políticos sobem em um determinado palanque, assumem frente à comunidade a posição que ocupam no jogo político. Os eleitores, por sua

vez, quando vão ao comício vestindo camisetas, portando bandeiras, cartazes e faixas também assumem o lado que estão na disputa política. Representantes e representados assumem publicamente, no cerimonial político, a facção à que pertencem. Há também os que vão ao comício, mas não explicitam sua posição: são os indecisos, os curiosos e também os considerados espiões, isto é, os membros da facção oposta; esses vão para observar as estratégias utilizadas pelos opositores. Os palanques incluem os que apoiam uma facção, mas excluem os membros da facção oposta, por conseguinte. “O palanque não só simboliza o comício, mas a própria facção que o promove” (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p. 47).

#### **1.4.2 O apresentador**

O apresentador do comício desempenha o papel importante no evento: ele é o mestre de cerimônia. É ele que, normalmente, inicia o evento, anunciando quem está no palanque e quem chegará; convida os oradores a falar; motiva a plateia a cantar os jingles dos candidatos; faz o povo repetir bordões; motiva os participantes a aplaudir; anuncia os eventos que sucedem àquele. Com sua maneira de se comunicar, ele dá ao comício um tom teatral, e anima o evento.

O “registro de fala”, utilizado pelo apresentador, deve “enquadrar-se” (TANNEN; WALLAT, 2002) ao utilizado nas falas públicas, por conseguinte o mestre de cerimônia deve ser capaz de conduzir o evento, dando destaque aos oradores. Palmeira e Heredia (1995) ressaltam a desenvoltura que o apresentador deve ter:

A habilidade do apresentador se revelará não apenas na sua capacidade de enunciar, no tom certo e de maneira adequada, as qualidades do apresentado, que ele já conhece antecipadamente ou de que toma conhecimento na hora, acrescentando-lhes os adornos verbais de praxe; mas, sobretudo, na sua capacidade de traduzir, transformando o currículo mais medíocre em um conjunto de atributos capazes de serem reconhecidos pelo público como indicadores de notoriedade e prestígio. (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p. 51)

O mestre de cerimônia, ao anunciar as autoridades presentes no palanque, ressalta os feitos políticos desses sujeitos. Enaltecendo-os, ele destaca a força política da facção. O apresentador, quando anuncia a presença de um líder político e lhe passa a palavra, procura ser eloquente. Para isso, utiliza o “discurso epidíctico” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 1996), seguindo as regras ritualísticas do comício. No excerto (1), o apresentador anuncia a presença de **LS** no palanque de Fátima Bezerra, candidata em 2008 à prefeitura de Natal, enaltecendo os projetos sociais implantados pelo político. A presença de uma liderança no palanque de um candidato denota força política; o tom eloquente, utilizado pelo apresentador, assinala a importância da consolidação da aliança política.

(1)

1	Apresentador	ALÔ↑ ZONA↑ NORTE↑:: ALÔ:::↑ NATAL::↑
2		VAI FALAR↑ O MELHOR PRESIDENTE DA AME↑RICA::↑
3		VAI FALAR↑ O PRESIDENTE DO BOLSA FAMÍ↑LIA↑ BOLSA
4		FAMÍ↑LIA↑ VAI FALAR↑ VAI FALAR↑ ((o segundo “bolsa família” e o
5		“vai falar” aparecem como um eco))
6		O PRESIDENTE QUE DEU O MAIOR [AUMENTO
7	Plateia	[OLÉ, OLÉ, OLÉ, OLÁ,
8		LULA, LULA ((Jingle da campanha de Lula simultâneo à fala do
9		apresentador))
10	Apresentador	DO SALÁRIO MÍNIMO EM TODA A HISTÓRIA DO BRASIL↑
11		VAI FALAR O MELHOR↑ PRESIDENTE DE TODA HISTÓRIA
12		DO BRASIL↑ O PRESIDENTE QUE QUER FÁTIMA PREFEITA
13		PARA NATAL NÃO PARAR↑ VAI FALAR↑ LULA:::↑
14		NO:↑SSO↑ PRESIDENTE↑ NOSSO PRESIDENTE↑ ((o segundo
15		“nosso presidente” aparece como um eco))
16		PREPARA O SEU (OUVIDO) ZONA NORTE↑ AGITA ESSA
17		BANDEIRA↑ SOLTA ESSE GRITO FORTE NATAL↑ VENHA
18		ABRAÇAR O NOSSO PRESIDENTE LULA↑((fogos de artifício))
19		(4s) ((simultânea à fala do apresentador linhas 17 até 22 há o jingle
20		“Lula lá”) FA:::↑LA:: O PRESIDENTE DOS MELHORES
21		PROGRAMAS SOCIAIS QUE MUDARAM A HISTÓRIA E A
22		VIDA↑ DO NOSSO POVO↑ NATAL↑ EM ESPECIAL VOCÊ DA
23		ZONA NORTE QUE AQUI VEIO ABRAÇAR... VEIO
24		RECEBER... VEIO TESTEMUNHAR ESTA NOITE... A
25		PALAVRA E A MENSAGEM DO PRESIDENTE LULA
26		DIZENDO QUE AQUI EM NATAL↑ A SUA↑CANDIDATA
27		PARA NATAL NÃO PARAR↑... É FÁ:TIMA↑ TREZE↑ ((mudou o jingle

28 de “Lula lá” para “agora é Lula”))  
 29 AGORA↑ É LULA↑ É↑:.....LULA↑( )  
 30 FA:LA↑ PRESIDENTE::↑ ((jingle “agora é Lula”)) (10s)  
 31 Outra voz FALA PRESIDENTE LULA↑ O PRESIDENTE DO BOLSA  
 32 FAMÍLIA O POVO DA [ZONA NORTE FALA NATAL↑ LULA↑:  
 33 [OLÊ OLÊ OLÊ OLÁ LULA LULA ((sem falas,  
 34 apenas este jingle sendo cantado pelo povo durante 15s até “querida”  
 35 na linha 29))<sup>11</sup>

Ao anunciar o político, o apresentador utilizou, ao longo de sua fala, um tom de voz alto, alternado com picos de elevação da voz, VAI FALAR↑ O MELHOR PRESIDENTE DA AME↑RICA::↑(linha 2) . Esse recurso prosódico é característico do “registro linguístico” (TANNEN; WALLAT, 2002), utilizado no comício eleitoral. A elevação da voz, nesse contexto, enaltece a figura do político, a quem se vai passar a palavra. Para ser enfático, o apresentador utiliza também a repetição. No excerto (1), o mestre de cerimônia repete, várias vezes, o termo *presidente* e predica: O PRESIDENTE DO BOLSA FAMÍ↑LIA (linhas 3 e 4); O PRESIDENTE QUE DEU O MAIOR AUMENTO DO SALÁRIO MÍNIMO EM TODA A HISTÓRIA DO BRASIL (linhas 6 a 10); O PRESIDENTE DOS MELHORES PROGRAMAS SOCIAIS QUE MUDARAM A HISTÓRIA E A VIDA↑ DO NOSSO POVO (linhas 20 a 22).

Os recursos utilizados compõem um tipo de encenação comum na cerimônia de apresentação. O apresentador utiliza uma linguagem hiperbólica, marcada pelo tom de voz e pela repetição em paralelismo sintático. O mestre de cerimônia apresenta o político e depois agradece ao orador e à plateia ao final do discurso do candidato. Essas ações fazem parte do rito do comício.

O excerto (2) é a parte final do discurso proferido por **RS**, em Guarapuava, durante sua campanha eleitoral ao governo estadual do Paraná em 1990. O apresentador, ao fazer seus agradecimentos, utilizou um tom de voz alto (linhas 21, 22, 23 e 24) e repetições em paralelismo sintático (linhas 22 e 23).

<sup>11</sup> Esse excerto faz parte do Vídeo 59, parte 1. A descrição das convenções utilizada na transcrição está na página 108.

(2)

14	Requião	fazer o sonho de muitos homens e de muitas mulheres↑ quando o
15		sonho de um homem só passa a ser o sonho de todos↑ os homens e de
16		todas as mulheres... ESTÃO DADAS↑ GUARAPUAVA↑ AS
17		CONDIÇÕES OBJETIVAS↑
18	Plateia	aplausos
19	Requião	E DEFINITIVAS↑PARA A MUDANÇA DA REALIDADE ((corte no áudio
20		e no vídeo))
21	Apresentador	AO FUTURO GOVERNANTE EM ( ) OBRIGADA
22		GUARAPUAVA↑ POR ESTA NOITE INESQUECÍVEL↑ POR
23		ESTA CAMINHADA VITORIOSA↑ AO LADO DO POVO DE
24		GUARAPUAVA↑ QUE SAI DAQUI↑ A VITÓRIA DO POVO ((corte no
25		áudio e no vídeo)) <sup>12</sup>

Além de apresentar os oradores e animar o evento, o mestre de cerimônia ordena e reordena o evento, assim como improvisa alguns discursos para preencher as lacunas entre uma fala e outra, tentando dar unidade aos discursos. O papel do apresentador é fundamental no evento, pois é ele quem deve manter a continuidade da relação entre o palanque e a plateia. Palmeira e Heredia (1995) sintetizam a função atribuída ao apresentador:

Se analisarmos essas tarefas que cabem ao apresentador, constataremos que ele é responsável, simultaneamente, pela administração do lado formal e solene do comício (ele anuncia, ele recebe, ele apresenta, ele dá a palavra, ele ordena, ele avisa) como pelo seu lado festivo (ele estimula o público a aplaudir, gritar, cantar e dançar, dançando, cantando, gritando e aplaudindo, ele próprio). Do mesmo modo que lhe cabe garantir a continuidade do comício, é sua a responsabilidade de dosar na medida certa o festivo e o solene, atribuição delicada, mas que, tanto quanto as demais, lhe assegura poder. (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p. 53-54)

Embora o apresentador seja uma figura importante no comício, pois cabe a ele motivar as ações desenvolvidas entre o palanque e a plateia, o seu papel não substitui o do representante político. O apresentador deve estar atento a isso para conduzir o evento de forma a preservar a sua face e a dos parceiros do evento comunicativo. Goffman (1974) considera que os sujeitos envolvidos em um processo interativo ativam mecanismos figurativos para tecer uma imagem

---

<sup>12</sup> Esse excerto faz parte do Video 71.

positiva de si. Sendo assim, cada um faz uma representação positiva de si para o outro:

Portanto, é provável que os membros de cada grupo social tenham certa noção da representação e certa experiência de seu emprego. Em nossa sociedade, tal capacidade recebe por vezes o nome de tato, do saber fazer, da diplomacia ou de facilidade. A eficácia pode variar, mas não a frequência do uso, porque quase todos os atos que envolvem outras pessoas estão sendo modificados, positivamente ou negativamente, pela preocupação de se preservar a face.<sup>13</sup> (GOFFMAN, 1974, p.16)

### 1.4.3 O representante político

A presença de políticos, autoridades e candidatos são indispensáveis à realização do comício, o palanque é, pois, o espaço privilegiado para composição da imagem da representação. No palanque, o político está imerso num código de estilo, denominado por Goffman de fachada.

Venho usando o termo representação para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. Será conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação. (GOFFMAN, 1983, p. 29)

O termo “fachada” diz respeito ao cenário, o espaço físico em que o sujeito se insere, mas também à forma como ele se apresenta, “vestuário, sexo, idade, e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes” (GOFFMAN, 1983, p. 31). A imagem que o político projeta de si está associada ao espaço em que ele se insere e à forma como se apresenta neste local.

---

<sup>13</sup> Il est donc probable que les membres de tout groupe social ont une certaine connaissance de la figuration et une certaine expérience de son employ. Dans notre société, une telle capacité porte parfois le nom de tact, de savoir-faire, de diplomatie ou d'aisance. L'efficacité en peut varier, mais guère la fréquence d'emploi, car presque tous les actes qui impliquent d'autres personnes se voient modifiés, positivement ou négativement, par souci porte à la face. (GOFFMAN, 1974, p.16)

O personagem-candidato faz parte de uma dramaturgia política, os pleitos eleitorais realçam cenas de práticas e crenças presentes na vida cotidiana. Das campanhas emergem “uma teatralidade capaz de tornar visível o fenômeno da transferência de poderes e encarnação na figura de um porta-voz” (BARREIRA, 1989, p.18). A socióloga descreve o cenário no qual o candidato se insere:

A própria conformação do palanque, colocado no alto, como centro convergente de olhares, empresta ao ambiente um sentido de “aura”, manifestado na preparação que antecede “a chegada do candidato”, geralmente festejada com fogos de artifício e música. Em algumas circunstâncias, a entrada do candidato “nos braços” conclui processos de proximidade, externalidade e pertença que configuram o espaço da representação. Se as caminhadas expressam deslocamentos ou trânsito de espaços, os comícios são condensações feitas de paradas temporárias. Ensaia-se o poder de representação através da oratória em nome de potenciais eleitores. (BARREIRA, 1998. p.51-52)

O comício eleitoral é um evento que segue um ritual, há, em certa medida, um padrão de comportamento que a plateia espera que o político tenha. Em razão disso, a atuação do político, no palanque, segue um padrão estereotipado, pois “a fachada torna-se uma ‘representação coletiva’ e um fato, por direito próprio” (GOFFMAN, 1983, p. 34). Espera-se que o candidato, ao subir no palanque para proferir o seu discurso, demonstre ter incorporado padrões próprios do evento e valores reconhecidos pelo grupo social que representa.

O palanque é uma escola de formação política, onde os candidatos aprendem a desempenhar um papel. Na medida em que se integram ao “campo político”, lutam para ocupar o espaço de representação, dentro de um sistema que se mantém ativo por disputas. Bourdieu (2010) explica a configuração do “campo político”, assinalando a relação de forças empreendidas pelos que estão diretamente envolvidos nesse campo:

O campo político, entendido ao mesmo tempo como campo de forças e como campo das lutas que têm em vista transformar a relação de forças que confere a este campo a sua estrutura em dado momento, não é um império: os efeitos das necessidades externas fazem-se sentir nele por intermédio sobretudo da relação que os mandantes, em consequência da sua distância diferencial em relação aos instrumentos de produção

política, mantêm com seus mandatários e da relação que estes últimos, em consequência das suas atitudes, mantêm com suas organizações. O que faz com que a vida política possa ser descrita na lógica da oferta e da procura é a desigual distribuição dos instrumentos de produção de uma representação do mundo social explicitamente formulado: o campo político é o lugar em que se geram, na concorrência entre agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de “consumidores”, devem escolher, com probabilidade de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção. (BOURDIEU, 2010. p. 163- 164)

O campo político, como destaca Bourdieu (2010), é movido pela “concorrência”, pela disputa entre “agentes”, quer dizer, por aqueles que almejam ocupar um espaço nesse campo, pois serão reconhecidos pela posição que conquistarem. À medida que esses “agentes” integram-se ao “campo político” devem apropriar-se de competências, inerentes às ações desempenhadas nesse campo. Bourdieu (2010) denomina essas competências de “*habitus* do político” e esclarece:

Com efeito, nada é menos natural do que o modo de pensamento e de ação que é exigido pela participação no campo político: como *habitus* religioso, artístico ou científico, o *habitus* do político supõe uma preparação especial. É um lugar, toda a aprendizagem necessária para adquirir o *corpus* de saberes específicos (teorias, problemáticas, conceitos, tradições históricas, dados econômicos, etc.) produzidos e acumulados pelo trabalho político dos profissionais do presente e do passado ou das capacidades mais gerais tais como domínio de uma certa linguagem e de uma certa retórica política, a do *tribuno*, indispensável nas relações com os profanos, ou a do *debater*, necessária nas relações entre profissionais. Mas é também e sobretudo esta espécie de *iniciação*, com as suas provas e os seus ritos de passagem, que tendem a inculcar o *domínio prático* da lógica imanente do campo político e a impor uma *submissão* de fato aos valores, às hierarquias e às censuras inerentes a este campo ou à forma específica de que se revestem os seus constrangimentos e os seus controles no seio de cada partido. (BOURDIEU, 2010. p.169-170)

Se, por um lado, o candidato deve demonstrar domínio com relação ao “*habitus* do político”, por outro, precisa diferenciar-se dos demais candidatos, demonstrando capacidade de distinguir-se, mediante atributos que lhe são

próprios, para colocar-se na condição de representante. Barreira (1998) constata que é preciso ser semelhante aos demais, mas também ser distinto:

Ser igual e diferente constituía palavra de ordem do postulante a determinado cargo político que, durante o processo eleitoral, busca através de atos simbólicos realizar equação, fazê-la de forma pública, na medida em que na democracia representativa o nexa da representação não ocorre a partir de pactos individuais, mas com base em poder público a ser exercido em nome do interesse público. (BARREIRA, 1998. p.45)

Para o “agente” se constituir um representante político, ele precisa reconhecer os procedimentos utilizados no “campo político” enquadrando-se aos eventos comunicativos. O candidato deve ter ciência dos ritos que compõem os eventos promovidos pelo grupo social no qual se insere, buscar compreender a simbologia desses rituais, mas também deve se diferenciar dos demais candidatos, utilizando uma variante do *habitus* de seu grupo, ou seja, expressar um estilo para constituir o seu perfil de representação. Bourdieu explica a relação entre estilo de vida e *habitus*:

As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos “estilo de vida”) porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus* – sistema de disposições duráveis e transferíveis que exprime sob a forma de preferências sistemáticas as necessidades objetivas das quais ele é produto. A correspondência observada entre os espaços das posições sociais e dos estilos de vida resulta do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis que, por sua vez, engendram, segundo uma lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são produto e às quais elas estão objetivamente adaptadas. (BOURDIEU, 2003(b), p. 73-74)

Ao delinear o seu estilo, por meio de uma fachada, o candidato cria uma imagem positiva de si perante um grupo social. O “domínio do rosto e da voz” é uma “prova decisiva da habilidade de um indivíduo como ator” (GOFFMAN, 1983, p. 199). Barreira (1998) faz um comentário acerca da “política do rosto”, ao

analisar a campanha eleitoral de Maria Luíza Fontenelle à prefeitura de Fortaleza em 1985; a socióloga explica que o sorriso marca o estilo da candidata:

Esse preâmbulo permite pensar na existência do sorriso como uma espécie de “política do rosto”, transmissor de um ideal de aparência capaz também de sugerir proximidade. No caso da candidata Maria Luíza, se o sorriso representou um contraste com a sisudez dos coronéis, virou também plataforma política, um estilo pessoal que era igualmente fisionomia da abertura democrática. (BARREIRA, 1998, p. 124)

Goffman (1983) explica que os sujeitos são “atores sociais”, em suas atividades profissionais, pois estão, constantemente, desempenhando papéis, compondo “personagens”. Para o pesquisador, o sujeito exerce, então, a função de “ator” e de “personagem”. O ator é o sujeito que encena uma representação, ele é treinado para exercer um papel. O personagem é uma composição dramática do trabalho do ator, este cria uma personalidade, uma espécie de imagem digna de credibilidade, um “eu”:

Embora esta imagem seja acolhida com relação ao indivíduo, de modo que lhe é atribuída uma personalidade, este “eu” não se origina do seu possuir, mas da cena inteira de sua ação, sendo gerado por aquele atributo dos acontecimentos locais que os torna capazes de serem interpretados pelos observadores (...). O “eu”, portanto, como personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber será acreditado ou desacreditado. (GOFFMAN, 1983, p. 231)

O ator empresta o seu corpo e os meios para expressar o “eu” dramatizado. Essa atuação ocorre em um cenário que integra o palco e a plateia. Todos esses ingredientes fazem parte da gênese que constitui o “eu” da personagem:

Haverá uma equipe de pessoas cuja atividade no palco junto com os suportes disponíveis constituirá a cena da qual emergirá o “eu” do personagem representado, e outra equipe, a plateia, cuja atividade interpretativa será necessária para esse surgimento. O “eu” é um produto

de todos esses arranjos e em todas as suas partes traz as marcas dessa gênese. (GOFFMAN, 1983, p. 232)

A cena que compõe o comício - o palanque, o apresentador, os oradores, a plateia e a infraestrutura -, favorece a composição de uma imagem projetada de um “*eu*”, ou seja, uma *persona* pública. Barreira sintetiza: “Sob o domínio do espaço público, o candidato é menos indivíduo e mais porta-voz” (BARREIRA, 1998, p. 124).

A socióloga considera que a configuração da representatividade decorre de um processo que envolve representação, apresentação e reconstrução. Ela esclarece que o princípio da representatividade emerge do conflito entre duas formas: a forma como o candidato se apresenta e representa. Dito de outro modo, o político procura manter os pactos firmados na campanha, gerenciando a imagem da *persona* pública, delineada durante a campanha, e a imagem do político eleito. A pesquisadora elucida a noção de apresentação:

Nesse sentido, é possível dizer que as campanhas políticas são também ritos de apresentação, cujo desempenho é levado em conta não só para a vitória, mas também para manutenção da credibilidade, atuando como capital político possível de ser transportado para outro momento. O compromisso com a imagem e com a credibilidade soa como horizonte fundamental na elaboração das estratégias de visibilidade de propostas pragmáticas e candidaturas. (BARREIRA, 1998, p. 205)

Barreira (1998) continua explicando a relação entre apresentação e representação:

A apresentação torna evidente todo um trabalho de construção de imagem presente em falas, gestos e desempenho. As candidaturas instauram modelos de comportamento exemplificados em estilos de ousadia, coragem, sensualidade e popularidade. Uma identidade estratégica constrói-se de modo a tornar as candidaturas espécies de modelos, sentimentos, valores e estilos de comportamento. (BARREIRA, 1998, p. 207).

A pesquisadora, ao acrescentar a noção de reconstrução à representação, propõe que as campanhas deixem de ser pautadas na encenação teatral:

Esse destaque das campanhas como espaço de reconstrução da política supera a ideia de um ritual visto como mera teatralidade. Talvez as campanhas políticas deixem emergir um dos sentidos paradoxais apontados por Moore e Myerhoff (1977), que é o de pensá-los unicamente como repetitivos e rígidos. (BARREIRA, 1998, p. 208)

Goffman (1983), ao final de sua obra, adverte os leitores de que o mundo não é um palco e as ações humanas não podem ser reduzidas a encenações. O pesquisador explica que recorre à linguagem teatral para criar um quadro de referência que possibilita descrever aspectos situacionais, inerentes às interações sociais. Segundo ele, o desempenho do ator em um palco segue um roteiro, portanto nada acontece de fato com as personagens, mas a reputação do ator está em jogo no seu trabalho diário de representação. O sociólogo esclarece:

Os tabladados, afinal, são feitos para com eles se construírem outras coisas e deveriam ser levantados tendo em vista sua demolição. Este trabalho não está interessado nos aspectos do teatro que se insinuam na vida cotidiana. Diz respeito à estrutura dos encontros sociais – a estrutura daquelas entidades da vida social que surgem sempre que as pessoas entram na presença física imediata umas das outras. O fator fundamental nesta estrutura é a manutenção de uma única definição de situação, definição que tem de ser expressa, e esta expressão mantida em face de uma grande quantidade de possíveis rupturas. (GOFFMAN, 1983, p.233)

Os palcos e as representações não são permanentes. O mesmo ocorre com as interações sociais: elas reconfiguram-se na medida em que novos valores sociais e culturais são constituídos.

Barreira (1998) propõe que a representação política seja relacionada à noção de reconstrução, ou seja, sugere que seja superada a ideia de ritual teatralizado. A reconstrução da representação política, de alguma forma, vem acontecendo, mas, possivelmente, não da maneira como a socióloga deseja. Novos modos de interação entre político e eleitor foram instaurados, novas

composições discursivas aparecem via mídia: rádio, televisão, internet e até no celular. Por conseguinte, alguns tablados têm sido demolidos, mas outros instaurados, ou seja, o culto à arte de encenar se mantém. Distinguir o que é encenação do que não é, na campanha eleitoral, parece ser uma tarefa difícil, pois a teatralização está na gênese do encontro entre representante e representando.

#### **1.4.4 A plateia**

Goffman (2002) explica que o termo plateia pode referir-se aos que ouvem o rádio e assistem à TV, mas esses ouvintes diferenciam-se de forma significativa dos que testemunham a fala ao vivo:

Testemunhas ao vivo são coparticipantes numa mesma ocasião social, suscetíveis a toda estimulação mútua que a ocasião oferece; aqueles que escutam a fala através de aparelhos só podem se juntar à plateia do programa na estação difusora de modo secundário e intermediário. Além disso, muito do que se passa na fala de rádio e de TV não é dirigido, como acontece no caso de uma fala de tribuna, a um agrupamento massificado, mas visível, fora do palco, mas sim a interlocutores imaginados. Na verdade, os comunicadores são pressionados a modular suas falas como se elas fossem dirigidas a um único ouvinte. Muitas vezes, portanto, a fala retransmitida envolve um modo conversacional de direcionamento da palavra, mas está claro que se trata de um modo meramente simulado, pois os indispensáveis interlocutores não estão presentes ao vivo para evocá-lo. (GOFFMAN, 2002(b), p. 126)

O orador, ao proferir o seu discurso no comício, precisa de uma plateia que se disponha a ouvi-lo, a interagir. O público no comício é bastante heterogêneo, há os membros da própria facção política; os simpatizantes; os sindicalistas; os convidados especiais; os grupos que são conduzidos por cabos eleitorais em transportes coletivos; os que são remunerados para agitar bandeiras e animar o evento; os curiosos que estão passando e param para ver o movimento; os membros da facção oposta, estes se infiltram no meio da multidão para observar o comício. Diversas razões motivam os sujeitos a participar do comício. Palmeira e Heredia (1995) comentam:

O público do comício tem atividades próprias. A exemplo do que ocorre nas feiras, ou nas festas populares, o comício é pretexto para encontro de parentes, amigos, vizinhos, trocar informações e também falar de política. (PALMEIRA e HEREDIA, 1995, p. 82)

Goffman (2002) explica que as falas feitas nas tribunas são ouvidas de forma peculiar pela plateia:

Talvez também pelo fato de os integrantes de uma plateia permanecer fisicamente mais afastados do falante do que um ouvinte permaneceria distante de um companheiro de conversa, ele tem, pois, o direito de examinar o falante diretamente com uma franqueza que seria ofensiva numa conversa. (GOFFMAN, 2002(b), p. 125-126)

Membros da plateia acompanham o que se passa no palanque e reagem, alguns aplaudindo e acenando, outros vaiando. Mas há os que ficam atentos ao que é dito, e fazem alguns comentários discretos:

Na verdade, o público avalia o palanque todo tempo. Ele controla quem sobe e quem não sobe no palanque, quem fala e quem não fala, bem como a qualidade da oratória dos que falam. Se não é um participante eventual, mas alguém que acompanha os comícios com certa regularidade e vive os acontecimentos do *tempo da política* com alguma intensidade, ele terá condições, ademais, de avaliar comparativamente o comício e, por conseguinte, toda campanha. Essa avaliação não é feita individualmente. (PALMEIRA; HEREDIA, 1995, p. 83)

O público manifesta-se diante dos oradores e dos discursos. A avaliação que a plateia faz fornece aos oradores um indicativo do que deve ou não dizer. Palmeira e Heredia concluem:

Finalmente, o público é ativo enquanto portador de informações sobre o comício para o público mais amplo, objeto da disputa entre facções. Essas “informações”, na verdade as avaliações produzidas no local pelos que assistem ao comício, serão a matéria-prima de que esse público mais amplo (do qual também fazem parte, obviamente, aqueles que participam do comício) disporá para formar uma espécie de juízo social do sucesso ou fracasso do evento. (PALMEIRA; HEREDIA, 1995, p. 84)

O comício é um ritual de interação. Nesse “encontro” estão presentes o apresentador, os representantes políticos e a plateia. Os participantes desse

evento exercem, uns sobre os outros, uma ação que motiva a própria interação. O desempenho do político, em certa medida, é influenciado por esse “amontoado ecológico” (GOFFMAN, 2002) que motiva o modo de fala do orador, seus gestos e olhares. Os elementos dispostos no evento formam uma rede de significados que constituem o “campo político”. O palanque expressa, pois, valores e signos vigentes numa prática cultural.

Os membros da plateia, além de avaliar o comício, guardam na memória o evento. Para alguns participantes, esses eventos simbolizam resistência, luta e liberdade.

Montenegro (2007) apresenta relatos orais feitos por três antigos moradores do bairro Casa Amarela, região situada a noroeste do centro de Recife. Benedito José de Moraes, Arnaldo Rodrigues da Cruz e Antônia Vidal de Lima (Tôta) narraram o conflito ocorrido no comício realizado por Luiz Carlos Prestes, no ano de 1946, na Casa Amarela. O pesquisador examinou, nas histórias narradas, a memória de luta dos moradores, isto é, a imagem que eles constituíram do Partido Comunista e da figura do Prestes - O Cavaleiro da Esperança. O autor considerou que os depoimentos eram recriações do imaginário popular “as pistas de como se fortalece o imaginário do mito entre a população” (MONTENEGRO, 2007. p. 134). Moraes, militante do Partido Comunista, conta o que ocorreu no comício e ressalta a figura de Prestes:

E ele continuou. Voltou, nós fizemos um comício aqui na frente do mercado da Casa Amarela, derrubaram o palanque. Fizemos o comício, derrubaram o palanque aí subimos para o comitê. Entremos todo mundo prali o povo, fizeram murada na porta e nas janelas, vedaram principalmente com as costas e a cavalaria começou a atirar do lado de fora e ele falando, adepois ele disse: chamou o comandante que está comandando a cavalaria pode entrar. Aí ele disse pra nós: abram, abram alas e deixem esse cachorro passar. Aí nós abrimos, abrimos assim ele passou, quando ele chegou na frente dele fez continência a ele... como é que se atira num povo desarmado? Bandido, cachorro. O meu povo está desarmado e você atirando, faça meia volta e se arretire com seus cachorros. E ele saiu, veio simhora, deixou nós lá e atirando no começo. Porque Prestes é um homem de fibra. (MONTENEGRO, 2007. p. 134)

Rodrigues, que não era militante do Partido Comunista, também relata o conflito ocorrido em Casa Amarela e destaca a ação repressora da polícia:

Mas quando o comunista estourou aqui dentro de Casa Amarela, foi uma sensação. Se deu comício. Para aquela turma, a velha guarda e levou-se o caso a sério e o pau comeu no centro. A cavalaria e a polícia. A polícia andava com as perneiras até aqui, atacado. Emburacava debaixo do pau, era cacete como diabo. E a gente gritando, naquele tempo eu era moço. E nego corria tudo e pau comendo no centro a gente também tinha abrigo para se esconder. Porque tinha muita mata. Se escondia e a polícia ficava atrás algum que pegado ia pro cacete, era assim. Uma luta muito boa, Casa Amarela. Isso há quarenta anos mais ou menos. (MONTENEGRO, 2007. p. 135)

Antônia Vidal enfatiza a imagem de Prestes e a ação da polícia:

Menino quando a gente chegou perto, aí tava a falação, eita! Todo mundo falando no homem: é fulano. Eu digo: é, o negócio ali tá bom. Aí ficamos um pedacinho olhando. Quando a gente deu fé, estourou a briga, viu? É, foi pau! Eu passei por debaixo das pernas do homem, que não sei como eu passei. A polícia cercou assim... nem entra nem sai. Eu digo assim, será que eu não vou sair? Eu derrubo, mas eu passo. Passei eu e Maria, por debaixo da perna do homem, derrubemo o homem, saímos danada por ali por dentro do oiteiro, daquele meio mundo. Foi tanto pau, tanto pau, foi tanta gente no pronto-socorro mode esse comício também acabou-se. (MONTENEGRO, 2007. p. 135-136)

Montenegro (2007) explica que a “pregação comunista” atraía o povo que tinha curiosidade de ver e ouvir Prestes, símbolo de luta e resistência. O pesquisador, após analisar os depoimentos de moradores de Casa Amarela, conclui que “o ritual de sacrifício e perigo” (MONTENEGRO, 2007. p.37) estava presente no imaginário popular. O autor explica esse rito, associando as privações que o povo sofria ao dirigir-se à festa de Padre Cícero, em Juazeiro, e à repressão sofrida pelos militantes comunistas. O pesquisador constata:

O comunismo se constituía no elemento catalisador de todo um exército de romeiros que buscavam a transcendência, a purificação, a graça para os sofrimentos terrenos. Era nesse combate ideal e real que toda uma população dirigia suas vidas, encontrando também nesse enclave mais uma razão para suportar a batalha cotidiana da sobrevivência. (MONTENEGRO, 2007.p. 137)

A participação em comícios representa, no imaginário popular desses três sujeitos, a passagem por um ritual de resistência e luta, mas também a celebração da liberdade. Antônia Vidal finaliza sua fala, fazendo alusão à liberdade de expressão:

Cabou-se nunca mais ninguém viu um comício desse. Quando foi agora nesse negócio que o comunismo foi liberto, né? Que saiu da injustiça. Os comícios por ali falava do comunismo. (MONTENEGRO, 2007. p. 136)

O grupo que participou daquele comício reconstituiu, em seu imaginário, o significado desse evento ao associá-lo a episódios históricos. Em certa medida, esses eventos consagraram-se, na memória da plateia, sintetizando sentimentos e crenças emblemáticos, por exemplo, os comícios das Diretas exaltaram a liberdade de expressão; os comícios de 1989 celebraram o direito à cidadania, quando se votou, de forma direta, para presidente.

Os coretos que ainda restam no país são resquícios de diversos eventos ocorridos ao longo da história da política brasileira. Esses monumentos foram palco de eventos políticos, mas também festivos. Como eram fixos, esses palanques serviam de ponto de encontro para vários grupos e simbolizavam os eventos que lá ocorriam.

Os coretos, assim como os vídeos de comícios, são registros históricos da trajetória cultural e política brasileira. As películas exibem discursos proferidos em eventos e guardam a memória de episódios que precisam ser investigados. Os vídeos dos comícios ocorridos, por exemplo, nos anos 2000 retratam a interferência de restrições impostas pelas reformas eleitorais ocorridas em 1993 e 1997.

## 1.5 As reformas na legislação eleitoral e a crise no discurso político

Reformas e emendas na Legislação Eleitoral brasileira ocorreram ao longo dos períodos eleitorais. Destaca-se a Reforma Eleitoral realizada em 1993 e 1997, porquanto influenciaram na realização dos comícios, ocorridos em meados da década de 90, aproximadamente, e nos anos 2000. Essas reformas tiveram por objetivo regular e disciplinar o processo eleitoral para que as campanhas partidárias tivessem um tratamento mais homogêneo. A Lei eleitoral nº 8.713/93 proibiu a exibição nos programas eleitorais de gravações externas, só foi permitida a exibição de cenas gravadas em estúdio.

Art. 76. Os programas destinados à veiculação no horário gratuito pela televisão devem ser realizados em estúdio, seja para transmissão ao vivo ou pré-gravados, podendo utilizar música ou *jingle* do partido, criados para a campanha eleitoral.

1º Nos programas a que se refere este artigo, é vedada a utilização de gravações externas, montagens ou trucagens.

2º A violação do disposto no parágrafo anterior sujeita o candidato à suspensão por um programa, duplicando-se a penalidade a cada reincidência. (BRASIL, Lei nº 8.713/93. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/127601/lei-8713-93>. Acesso 7 de jun. 2010.)

Diante das restrições impostas por essa lei, as gravações de cenas externas deixaram de ser utilizadas nas propagandas veiculadas no horário eleitoral. Com efeito, os discursos proferidos nos comícios deixaram de ser utilizados na elaboração das propagandas eleitorais; por conseguinte, o interesse que os partidos tinham de realizar e registrar esses eventos diminuiu.

A Lei nº 9.504/97 estabeleceu novas normas para eleições. No artigo 39, que dispõe sobre a propaganda eleitoral, delimitou-se o horário para utilização de aparelhagem de som e proibiu-se o showmício.

§ 4º A realização de comícios e a utilização de aparelhagem de sonorização fixa são permitidas no horário compreendido entre as 8 (oito) e as 24 (vinte e quatro) horas.

§ 7º É proibida a realização de showmício e de evento assemelhado para promoção de candidatos, bem como a apresentação, remunerada ou não, de artistas com a finalidade de animar comício e reunião eleitoral. (BRASIL. Lei nº 9.504/97. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/483234.doc>. Acesso 7 de jun. 2010.)

As restrições impostas pelas leis 8.713/93 e 9.504/97 engessaram os comícios; os eventos perderam um pouco o tom festivo, pois deixaram de contar com a presença de artistas que animavam o evento e atraíam pessoas. Essas medidas influenciaram a realização do comício.

Para que os comícios continuassem a se realizar, algumas adaptações foram feitas, seguindo as determinações legais. Como o som produzido pelo evento ampliava-se bastante, alguns comícios passaram a realizar-se em horários delimitados e em locais fechados. Estes espaços tinham a vantagem de evitar a propagação sonora. Além disso, reunia-se nesses locais uma plateia selecionada. Como o ambiente era menor, tinha-se a impressão de que o candidato falava para uma multidão.<sup>14</sup>

A participação popular, a partir de meados dos anos 90, não era igual a dos anos 80, quando os comícios atraíam uma grande massa popular que se manifestava, ouvindo políticos e artistas. A realização de comícios, em locais fechados, foi uma estratégia encontrada para solucionar os problemas legais e a falta de interesse das massas populares de participar desses eventos.

A desmobilização popular, nos comícios, associou-se a outros fatores: o fervor da redemocratização havia passado; a população passou a tomar mais conhecimento das fraudes, falsas promessas, corrupções. Em razão de tudo isso,

---

<sup>14</sup> O *corpus* deste trabalho é composto de discursos realizados em locais fechados e abertos. **RS**, em sua campanha ao governo do Paraná em 2006, participa de um comício na Sociedade Thalia, em Curitiba. O evento realizou-se em local fechado. Já o discurso proferido por **LS**, em 2008 no comício de Fátima Bezerra, candidata à prefeitura de Natal, ocorreu em espaço aberto, assim como o discurso realizado no comício de Marta suplicy, candidata à prefeitura de São Paulo em 2008.

o eleitor passou a ponderar bastante antes de ir ao comício e vestir a camisa de um candidato.

Apesar das delimitações legais impostas à realização do comício, alguns candidatos ainda participam desses eventos, organizados pelos comitês eleitorais, mas procuram seguir, em certa medida, as delimitações legais, por exemplo, a não realização do showmício. Há comícios realizados em locais abertos, pois, em algumas regiões, o evento faz parte da cultura política local e do próprio jeito que o candidato tem de fazer política, isto é, alguns optam pelo corpo a corpo, pelo encontro com o povo nos locais públicos. **LS**, por exemplo, participa bastante de comícios e adotou essa estratégia como carro chefe de suas campanhas, mas outros políticos preferem fazer pequenas caminhadas que terminam com um minicomício: o político sobe em um banco e profere um pequeno discurso, finalizando o evento.

Outras campanhas apostam, sobretudo, nos programas e debates eleitorais transmitidos pelo rádio, pela televisão e internet.<sup>15</sup> Os aparatos tecnológicos vêm, paulatinamente, influenciando o modo de fala dos políticos, isto é, no manejo que o candidato faz do seu discurso e da sua imagem.<sup>16</sup>

Courtine (2003) analisa a crise do discurso político, nas sociedades ocidentais, argumentando que ocorreu, nos últimos vinte anos, uma transformação profunda na fala política, motivada pelo deslocamento do *locus* de realização do discurso político: este passou a ser proferido, sobretudo, na mídia televisiva:

[...] a televisão é o lugar e o meio de uma modificação profunda da eloquência política. Uma forma de fala pública, constituída com a Revolução Francesa, fundada sobre os antigos oradores, concebida sobre o modelo do teatro e que até há pouco tempo fazia a ligação entre

---

<sup>15</sup> No primeiro semestre de 2010, por exemplo, o comando da campanha do candidato à presidência, José Serra, anunciou que trocaria o comício pela mídia digital, apostando em entrevistas para o rádio e televisão e em palestras. (Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1569021-5601,00.html>. Acesso: 7 de jun. 2010).

<sup>16</sup> A coordenação de campanha de Serra, em 2010, anunciou que o candidato iria percorrer “o país, em tempo recorde, e privilegiar o chamado comício eletrônico”. (Disponível em: <http://colunistas.ig.com.br/poderonline/2010/07/28/estrategia-de-serra-e-comicio-eletronico-regional/>. Acesso: 31 de jul. 2010)

o homem político e o cidadão, acabou por se apagar sob nossos olhos, não sem nostalgia nem equilíbrio. Ela cedeu seu lugar a estilos de comunicação radicalmente novos. [...] O reinado das formas breves é, assim, o primeiro elemento dessas recentes transformações da fala pública. É possível ver nelas os efeitos, no campo do discurso, de uma racionalização do espaço político, totalmente causada pelo uso de técnicas de comunicação de massa. Na lógica televisiva, quer seja aquela do *spot* publicitário, da informação ou do debate, as mensagens simples e curtas são preferidas em relação às longas e complexas. (COURTINE, 2003, p. 22-23)

Segundo o analista do discurso, houve uma mutação no espetáculo político eleitoral pois as falas públicas deram lugar a outras formas de discurso político, já que essas falas se adequaram à mídia televisiva. Essa transformação interferiu também no modo de fala dos políticos; houve uma tendência a não proferir discursos em locais abertos, diante de grandes plateias. Ao contrário, as falas passaram a ser feitas para telespectadores que assistiam em suas casas a programas e debates eleitorais. Courtine (2003) explica como essa transformação ocorreu e quais as suas consequências:

A dissolução da massa política é contemporânea das tecnologias de comunicação de massa. Elas não são, evidentemente, seu único fator, mas têm acelerado consideravelmente seu processo. Surgiu então um novo modelo do orador, outro estilo de linguagem política, um uso diferente do corpo e do gesto. Nessas circunstâncias, não se escuta mais o orador político: ele é, sim, visto. O telespectador o observa, o examina, encara-o nos mínimos detalhes... em domicílio, cada um em sua casa. A massa política se dispersou, se fragmentou e se compartimentou na intimidade das entrevistas, na intimidade dos debates. Essas formas de *living-room politics* transformaram radicalmente o estilo de eloquência pública. Elas deslocaram-na, implantaram-na em lugar, não mais de ajuntamento popular, mas de tecnologia audiovisual em que as únicas ameaças físicas são de ordem técnica – luz, som, transmissão. Elas desarranjaram o dispositivo enunciativo que desde a origem tinha dado forma à interlocução política: a massa desapareceu, é evocada apenas como reminiscência que se resume a duas fileiras de espectadores prudentemente alinhados sobre um tablado do estúdio. (COURTINE 2003, p.26)

Para destacar os problemas que existem em torno das formas de comunicação política, Courtine levanta uma série de questões, das quais se destaca a seguinte:

Mas a “mídia política” pode ser ela concebida genuinamente como um teatro, quando foi dela que nasceram formas da fala pública em ruptura como os comícios e com as grandes comunhões políticas que obedecem exatamente aos modelos tradicionais de teatralidade? (COURTINE, 2003, p. 31)

Como o autor considera que os problemas em torno das formas de comunicação política devem ser investigados, ele não apresenta uma resposta definitiva à questão exposta na citação anterior, mas pondera:

Os brilhos do espetáculo político nunca foram apagados: os homens, os cenários, os olhares mudaram. Na política midiaticizada, há quem queira ver uma “violência simbólica” feita ao homem ordinário, espectador dos combates verbais políticos, simplesmente privado de assistir a eles. (...) É preciso, portanto, cessar de diabolizar e de beatificar ao mesmo tempo a televisão, e refletir sobre a produção, a circulação e a apropriação das imagens. (COURTINE, 2003, p. 32-33)

Ao final de seu artigo, o pesquisador destaca que é preciso examinar as consequências postas pelo término da eloquência no discurso político e a promoção da comunicação política via televisão.

Os comícios, realizados no Brasil, nas décadas de 80, 90 e nos anos 2000, podem estar inseridos em um período de transição, ou seja, em um momento de modificação da era da eloquência política, realizada no palanque, e da ascensão de outra forma de discurso. É possível que haja uma ruptura com um modelo de discurso político, por extensão, com o padrão comunicativo estabelecido no palanque eleitoral, mas essa é uma questão a ser investigada, pois alguns comícios já vêm sendo transmitidos ao vivo pela internet.<sup>17</sup>

No início desse capítulo, foi descrito, de forma breve, o contexto de realização dos comícios no período da República romana, destacando as mudanças que ocorreram no evento em razão das decisões políticas tomadas. Não se conseguiu precisar em que momento o comício deixou de ser o local onde

---

<sup>17</sup> O comício do candidato ao governo do Paraná, Osmar dias, com participação da candidata à presidência, Dilma Rousseff, e do, então, presidente **LS**, realizado no dia 31 de julho de 2010 na Boca Maldita, em Curitiba, foi transmitido ao vivo através do site de Osmar Dias. (Disponível em: <http://osmardias.com.br/comicio-com-lula-tera-transmissao-ao-vivo-no-site-de-osmar-dias/> Acesso em: 2 de ago. 2010.).

ocorria votação, o *comitium*, e passou a ser considerado um evento da campanha eleitoral. Mas o que importa, de fato, é que a mobilização popular, o encontro entre os agentes nos comícios realizados na República romana e no Brasil, nas décadas de 80, 90 e anos 2000, foi inerente à tentativa de construção do regime democrático.

É possível que a persuasão, o assédio pelo qual o cidadão romano passava enquanto aguardava, nas filas, seu momento de votar, tenha dado origem ao comício eleitoral. Dito de outro modo, a prática de convencimento explícita que antecedia o ato de votação era proibida na República romana, mas essa ação política pode ter sido o embrião do evento que ocorre hoje.

Além dessa breve reconstituição histórica dos comícios, incorporou-se a este trabalho os pressupostos de Barreira (1998) e Palmeira Heredia (1995), definindo a perspectiva sobre a qual o comício foi abordado, a saber, um ritual simbólico de representação e disputa política. Partindo deste pressuposto, o que parece oculto à compreensão da variação estilística, no discurso de palanque, ganhará visibilidade, porquanto o uso que os “agentes” **LS** e **RS** fazem dos dêiticos de 1ª pessoa será associado ao contexto de realização do evento. A variação estilística presente na designação referencial dêitica será relacionada ao evento comício e, por extensão, à noção de ritual simbólico de representação e de disputa política.

Visto por esse ângulo, o fenômeno da variação estilística dos dêiticos de 1ª pessoa, presentes, no discurso de palanque, proferido por **LS** e **RS**, decorre não só do contexto de fala que remete ao *eu* que discursa, mas também está associado à dimensão social e histórica, revelada por uma prática cultural própria do discurso de palanque. Esses ingredientes interligam-se para que se compreenda a profusão de significados sociais que emana da variação estilística. O lugar de onde os políticos proferem os dêiticos de 1ª pessoa, o comício, configura o *locus* da encenação do rito da disputa, do confronto, das alianças, por conseguinte, ao usar esses recursos, demarcam o lugar de onde enunciam e onde encenam diferentes “papéis”.

No próximo capítulo, serão apresentados traços da trajetória de **LS** e **RS** para mostrar que elementos sociais, culturais e ideológicos, inscritos no percurso pessoal e na carreira desses agentes, vinculam-se a “*habitus* linguístico”, compondo *personas* públicas.



## Capítulo 2

### DA SILVA & E SILVA: A TRAJETÓRIA DE DOIS AGENTES SOCIAIS

Ficaram traços da família  
perdidos no jeito dos corpos.  
Bastante para sugerir  
que um corpo é cheio de surpresas.

A moldura deste retrato  
em vão prende suas personagens.  
Estão ali voluntariamente,  
saberiam – se preciso – voar.

Carlos Drummond de Andrade

Neste capítulo, será delineada a trajetória de **LS** e **RS**, “agentes” que conquistaram um espaço de destaque no “campo político”. Para descrever o percurso do ex-sindicalista, recorre-se ao estudo feito por Paraná (2008). Ela investiga a trajetória da família Da Silva, delineando a transformação que se operou na vida do político, a partir da participação no movimento sindical. Utiliza-se também o trabalho de Resende (2007) sobre a trajetória de **RS**. Ela analisa traços genealógicos e a carreira política do pemedebista, investigando, no período de 1982 a 2006, a ação política do “agente”. Ao examinar as trajetórias desses dois políticos, considera-se que as autoras delineiam a constituição de “capitais simbólicos” - “prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital” (BOURDIEU, 2010. p. 134-135) - responsáveis pela composição de um perfil de representação política, ou seja, de uma “*persona*” pública. Ao final desse capítulo, serão apontados traços biográficos desses dois políticos para contrastar as duas trajetórias e as duas *personas*.

Ao observar traços genealógicos de **LS** e **RS**, notam-se algumas coincidências: os sobrenomes e a região de origem de familiares. Os dois políticos têm em comum o sobrenome, *Silva*, mas **LS** poderia ter também *Mello*, pois sua

mãe chamava-se Eurídice Ferreira de *Mello*. O sobrenome materno não parecia ser significativo para os *Da Silva*, mas o sobrenome *Mello* era importante para os *E Silva* porque indicava *status* e poder. Com efeito, **RS** tem também *Mello* em seu sobrenome: este foi herdado de seu tataravô, “Felix José de *Mello* e Silva foi advogado e secretário de Frei Caneca, durante a Revolução pernambucana, em 1817” (CORRÊA, 2006, p.112). O político petista, seus irmãos e pais eram naturais do nordeste, Pernambuco. Os bisavôs de **RS** também eram nordestinos. Justiniano de Mello e Silva, o bisavô paterno do político paranaense, era de Sergipe e Luiz Antônio Requião, o bisavô materno, era natural da Bahia.

A composição das biografias de políticos faz parte do ritual de apresentação e representação política, por meio dela é composta, no dizer de Goffman (1983), uma “fachada”. As biografias constroem estrategicamente as identidades das personagens políticas, por conseguinte, as trajetórias desses “agentes” legitimam ações que são compatíveis com o “campo político”.

Bourdieu (1996), ao analisar as implicações inerentes à trajetória do “agente” no interior de um campo, destaca que não se pode compreender “uma carreira ou uma vida como uma série única e em si suficiente de acontecimentos sucessivos sem o outro elo” (BOURDIEU, 1996, p. 292). Em razão disso, ao apresentar a biografia de **LS** e de **RS**, foram considerados aspectos pessoais e a trajetória política. Pressupõe-se que esses dois elementos podem indicar a constituição do “capital simbólico” (BOURDIEU, 2010), inerente ao “campo” em que esses sujeitos estão imersos. O sociólogo esclarece:

Toda trajetória deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*: cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis, marca uma etapa de envelhecimento social que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos, que representam a história de uma vida. (BOURDIEU, 1996, p. 292)

No decorrer deste capítulo, descreve-se de forma breve a trajetória dos “agentes”, **LS** e **RS**, e depois a constituição da carreira política de cada um deles. De um lado, tem-se uma biografia pautada, inicialmente, nas vicissitudes da classe popular, a do consagrado líder petista, e a outra, a do político paranaense, pautada na herança de capital político, intelectual e econômico. A descrição biográfica evoca a imagem de *personas* públicas.

## 2.1 A trajetória de LS

Para compor um estudo biográfico de **LS**, Paraná (2008) investiga a história de vida da família *Da Silva*.<sup>18</sup> A pesquisadora relata que o político petista é filho de lavradores nordestinos, pobres e analfabetos; a família migrou para São Paulo, no início da década de 50, essas eram características de inúmeras famílias de migrantes nordestinos. Paraná (2008) analisa o perfil da família *Da Silva*, buscando, no modo de vida dessa gente, elementos que elucidem o processo de transformação do político petista.

Numa cidade do sertão pernambucano, Garanhuns, nasceu, no dia 27 de outubro de 1945, **LS**. Ele é o sétimo filho dos lavradores: Aristides Inácio da Silva e Eurídice Ferreira de Mello, a Dona Lindu. Do pai, o político herdou, principalmente, o sobrenome, Inácio da Silva, mas não assimilou o jeito truculento e agressivo de Aristides. **LS**, ao invés de assimilar o jeito agressivo do pai, optou por transformar a crueldade “[na] capacidade de impor seus desejos, [na] tenacidade, [na] combatividade que irá demonstrar mais tarde em sua atuação como líder sindical e político” (PARANÁ, 2008, p.464).

Aos sete anos de idade, o político migrou com a mãe e os irmãos para o litoral de São Paulo; iam ao encontro do pai que estava, há alguns anos, trabalhando como estivador no porto de Santos. Mas a família ficou ao lado do pai apenas quatro anos, pois Dona Lindu resolveu separar-se de Aristides e dirigir-se

---

<sup>18</sup> O trabalho de Paraná (2008) é resultado de uma pesquisa – tese de doutorado.

com seus filhos à capital, São Paulo. Aristides era um homem violento; além disso, já tinha constituído outra família, ao lado da prima de Dona Lindu, Dona Mocinha.

Desde os sete anos, **LS** trabalhou informalmente vendendo amendoim, laranja e pipoca, mas, por insistência da mãe, também cursou a escola primária, no Grupo Escolar Marcílio Dias, onde se alfabetizou. Em São Paulo, ele trabalhou como auxiliar de tinturaria e fez também bicos como engraxate. Ao completar 15 anos, foi para o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), onde fez o curso de torneiro mecânico. O curso teve duração de três anos; durante esse período trabalhou na fábrica de parafusos Marte. Depois, na fábrica Independência, onde sofreu um acidente e perdeu um dos dedos da mão. Após o acidente, trabalhou na fábrica Frismolducar e depois na Metalúrgica Villares; foi nesta ocasião que iniciou sua participação no movimento sindical.

Paraná (2008) caracteriza em seu estudo a trajetória do ex-presidente, denominando-a, “da cultura da pobreza à cultura da transformação”. Ela defende que o percurso feito por **LS** e o irmão, Frei Chico,<sup>19</sup> demonstrou a superação do estágio de “cultura da pobreza” e a emersão na “cultura da transformação”. Para justificar o seu ponto de vista, recorre à noção de “cultura da pobreza”, exposta por Lewis (1973) e também aos trabalhos de Sader (1991), acerca da força da organização dos trabalhadores brasileiros no final da década de 70. Segundo Paraná (2008), houve uma mudança profunda na vida de **LS** e de Frei Chico, na medida em que participaram ativamente do movimento sindical e da politização decorrente das atividades proporcionadas por esse movimento.

Ao analisar o perfil da família *Da Silva*, a pesquisadora considera os processos macroestruturais que interferiram na dinâmica familiar, um deles foi a inserção dos irmãos, **LS** e Frei Chico, no movimento sindical - fator determinante na mudança no modo de vida desses “agentes”.

Outro processo que interferiu no modo de vida dos dois irmãos diz respeito à inserção do migrante nordestino no mercado de trabalho paulista. A jornalista recorre a Sader (1991) para estudar as características desse grupo

---

<sup>19</sup> O irmão de **LS**, Francisco, é tratado pelo apelido de Frei Chico.

cultural e a manutenção de identidade. Ela busca, na identidade cultural do trabalhador migrante, elementos que esclarecem a motivação para constituição de um projeto de vida. Dito de outro modo, ela procura na identidade cultural dos migrantes indícios que assinalem um modo de vida, assim como a constituição de um plano de vida.

Paraná (2008), ao sintetizar a noção de “cultura da pobreza”, aponta que há um “*modus vivendi*” do migrante, ou seja, uma rede de relações sociais e econômicas responsável pela gestão de um modo de vida.

A “cultura da pobreza” constitui-se assim como uma forma objetiva e racional de manutenção da vida em meio às limitações e às dificuldades vividas por esses grupos marginalizados ou semimarginalizados do mundo do consumo. Este *modus vivendi* assume uma dinâmica própria e imprime indelevelmente suas marcas nos indivíduos dessas populações pobres. Há, dessa maneira, uma presença da “cultura da pobreza” tanto no que tange à organização espacial, às formas de trabalho, de locomoção etc. – atividades objetivas -, como também no que tange a uma forma de pensar, de sentir, de comunicar etc. – atividades subjetivas. (PARANÁ, 2008, p. 376)

Os indivíduos que estavam imersos nessa cultura, embora vivenciassem um modelo social e econômico desigual, podiam encontrar, nas contradições desse mesmo modelo, elementos que os levassem à reação, à mudança. A jornalista analisa o núcleo familiar dos *Da Silva* e demonstra que a família não é simplesmente uma peça dessa engrenagem, a família tem um valor na dinâmica da sobrevivência:

Verificamos, ao ler as biografias dos Silva, o quanto estas considerações acerca das famílias dos trabalhadores estão corretas. A convergência da remuneração obtida por cada membro da família para um “caixa único” responsável pela subsistência e pela realização (ou na) dos projetos de ascensão social e conquista de padrões de consumo típico da classe média; a divisão de tarefas: os responsáveis pelo trabalho remunerado e pelo não remunerado (o também fundamental trabalho doméstico) entre os familiares; a visita a outros elementos da família (pais, tios, irmãos casados) como forma essencial de fortalecimento de laços sanguíneos e de solidariedade e também como forma de lazer; a tentativa de realização do desejo de construção ou aquisição da casa própria – ainda que em bairros periféricos e em condições precárias – para abrigar a família como um dos mais importantes objetivos de vida; a expectativa de

que os membros mais novos – filhos, principalmente – tenham mais acesso à educação, ao contrário do que puderam ter seus pais. (PARANÁ, 2008, p. 419- 420)

**LS** encontrou, no núcleo familiar, elementos simbólicos essenciais à constituição da identidade do migrante nordestino. Ele tomou para si a forma de se organizar, a rede de solidariedade e a resistência do migrante. Isso se observa no relato que apresenta à Paraná (2008). Ele compara a classe média urbana com o sertanejo:

Eu compreendi agora, nesta viagem pelo Nordeste [Caravana da Cidadania], o otimismo da minha mãe e de outras pessoas, que é diferente do da classe média urbana. A classe média é muito borocoxô. Ela está sempre se achando infeliz, reclamando. O sujeito está sentado em um bar tomando cerveja, todo mundo com os ombros caídos, dizendo que nada tem jeito, que está tudo desgraçado, que o governo não presta. Você conversa com o sertanejo, ele está passando fome, está sem comer há três dias, mas ele está com a cabeça erguida, achando que tem jeito! É um negócio assim, quase que uma profissão de fé. Tem jeito! Eu vou melhorar, vai chover, vai acontecer alguma coisa na minha vida. Ele tem isso, a classe média urbana está sempre: “Ah, a inflação...”. Ela está sempre para baixo. (PARANÁ, 2008, p. 61)

**LS** resgatou de sua origem familiar elementos simbólicos para compor o perfil de representação política, a sua *persona*. De acordo com Paraná (2008) ele e o irmão foram os únicos integrantes da família *Da Silva* que tomaram para si o embrião da mudança e a consciência política, rumando para “cultura da transformação”.

Embora **LS** e Frei Chico fossem de uma família simples de migrantes nordestinos, isso não lhes destituiu a constituição de uma identidade cultural, marcada por fortes bens simbólicos. Também não lhes destituiu a energia de onde emergiu a consciência da transformação social. O perfil de representação política do ex-presidente foi constituído a partir de valores resgatados de sua história de vida. Ele demonstra ter consciência disso e esclarece:

Há uma coisa que não me deixa inseguro nunca, que é o seguinte: há essas bobagens que o Maluf fala, “Eu vou tirar proveito porque o Lula não tem curso superior, eu vou tirar proveito porque o Lula não fala

inglês!”. Essas bobagens não me abalam. Eu acho que cada um de nós representa alguma coisa. Eu tenho consciência do que eu represento. Eu tenho consciência de para quem que eu devo fazer o governo. Eu tenho consciência de qual é o setor que eu quero privilegiar. (PARANÁ, 2008, p. 63)

O ex-metalúrgico estava atento à noção de representatividade e delinea sua trajetória, no “campo político”, expondo publicamente essa preocupação. Os valores culturais constituído no percurso familiar e no ambiente sindical transferiu-se, em certa medida, para a atuação no campo político partidário. Ao falar *eu*, em “*Eu* tenho consciência do que *eu* represento. *Eu* tenho consciência de para quem que *eu* devo fazer o governo. *Eu* tenho consciência de qual é o setor que *eu* quero privilegiar”, o “agente” coloca-se como representante de um segmento social.

Nos dois relatos, expostos anteriormente, o político reconhece o seu lugar ao perceber o lugar do outro, ou seja, ele estava atento à distinção entre os espaços ocupados pelos agentes sociais: o espaço da classe média urbana e do sertanejo, o espaço de quem teve maior acesso à educação formal e de quem não teve. Bourdieu (2004) analisa a percepção que os “agentes” têm do seu lugar social e o do outro e conclui:

Assim as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* e segundo seu sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social. O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender lhes o sentido social. Assim, o *habitus* implica não apenas um *sense of one's* social, mas também um *sense other's place*. (BOURDIEU, 2004, p.158)

De acordo com Bourdieu (2004), os “agentes” fazem suas escolhas em função da posição que ocupam em um lugar social e também da percepção que

têm das representações próprias e das diversas posições do espaço social. Dito de outro modo, os “agentes” constituem o *habitus* - sistema fundado e produzido na prática social -, recorrendo ao seu lugar, mas também, contrastando com os outros lugares.

A trajetória de **LS** não estava restrita às faltas. Ela era símbolo de proximidade e identificação popular, e Barreira (1998) argumenta:

A biografia de Luiz Inácio da Silva figura como exemplo de identificação entre carências populares e vida pessoal de um candidato marcado pelas vicissitudes de classe. É nas marcas de sua existência que aparecem as dificuldades e limites que cercam a vida de setores vastos da população brasileira.

A concepção de uma forma de representação construída através de símbolos de denegação social tem sentido em um país marcado por extremas desigualdades indutoras de crítica à dimensão de representatividade. (BARREIRA, 1998, p. 215)

## 2.2 A trajetória de RS

**RS** nasceu em Curitiba, no dia 5 de março de 1941. Ele é filho de Wallace Tadeu de Mello e Silva, médico psiquiatra e ex-prefeito da cidade, e de Lucy Requião de Mello e Silva. O início de sua formação estudantil ocorreu no Colégio Belmiro César, onde foi alfabetizado. Prosseguiu sua formação escolar em tradicionais colégios públicos de Curitiba; o Instituto de Educação do Paraná, o Grupo Escolar 19 de Dezembro e o Internato Paranaense. Depois, fez dois cursos superiores: formou-se em Jornalismo, em 1964, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e em Direito, no ano de 1966, na Universidade Federal do Paraná. Durante a graduação participou de militância estudantil, foi membro de centro acadêmico e diretório estudantil, por causa dessas atividades, em 1967, foi fichado no DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social). O político paranaense fez também curso de especialização em Planejamento Urbano na Fundação Getúlio Vargas.

Resende (2007) reconstitui a trajetória política de **RS** e contribui com a compreensão da política paranaense contemporânea. Para analisar os traços fundamentais da posição e ação do político, a pesquisadora investiga alguns elementos estruturantes da formação do *habitus* de **RS**, entre eles, os traços genealógicos das famílias Mello e Silva, e Requião, uma vez que membros da família de **RS**, desde o século XIX, ocuparam cargos no Estado. De acordo com a pesquisadora, a instituição família constitui um dos elementos relevantes para formação do político paranaense já que ele herdou de um dos lados da família o capital político e intelectual, e do outro o capital econômico:

Através dos elementos genealógicos trabalhados, verificamos que a instituição família constitui um dos elementos de maior relevância para a formação do *habitus* de Requião, principalmente quanto ao apreço pela política, que já estava inculcado em seus antecessores. A começar por seu bisavô Justiniano, grande intelectual que teve uma passagem muito produtiva pelo Paraná, influenciando vários intelectuais locais.

[...] A família Mello e Silva foi a grande impulsionadora na formação do capital político de Roberto Requião. Já a família Requião contribuiu para a constituição do capital econômico, pois seus membros eram basicamente comerciantes e donos da maior loja que existia na cidade de Curitiba. (RESENDE, 2007, p. 123)

A influência da família na trajetória do político paranaense foi narrada por ele em entrevista concedida ao programa Sala Exclusiva e publicada por Faria e Sebastiani (1997, p. 250-251):

O meu desejo de ir à prefeitura de Curitiba estava preso ao fato de meu avô ter sido camarista em sua época, quando os vereadores eram chamados de camaristas, e como camarista ter exercido algumas vezes a direção do município. E meu pai, depois, foi vereador e foi prefeito na época das nomeações, nomeado pelo Bento Munhoz da Rocha Neto. Meu pai, posteriormente, veio a perder uma eleição para a prefeitura exatamente para o Ney Braga. Fiquei carregando dentro de mim aquelas ideias que meu pai tinha para cidade. Na época, uma cidade de 116 mil habitantes, quando foi prefeito. Ele imaginava uma cidade com um cinturão verde de abastecimento e também já tinha uma briga pesada com o pessoal do transporte coletivo. Ele via o transporte coletivo como um serviço a ser prestado à cidade e achava que os empresários se serviam da cidade com mau transporte e preços muito altos. Eu cresci vendo a briga do meu pai contra interesses e o seu desejo de realizar um projeto. Até hoje tenho na gaveta da minha escrivaninha a plataforma política para a cidade.

O pemedebista apresenta os motivos que o levaram a ingressar na política, ressaltando o papel de membros da família na história da gestão pública da cidade de Curitiba. Com efeito, se apropria do capital cultural e político da família: “Fiquei carregando dentro de mim aquelas ideias que meu pai tinha para cidade”; “Até hoje tenho na gaveta da minha escrivaninha a plataforma política para a cidade”.

Resende (2007) faz uma breve descrição da genealogia do político paranaense, delineando a origem paterna e materna. A pesquisadora relata que o bisavô paterno do político, Justiniano de Mello e Silva era natural do Sergipe e chegou ao Paraná em 1876 para ser secretário da presidência de Lamenha Lins. Justiniano era bacharel em direito e atuou como jornalista e professor no Instituto Paranaense; fundou o Colégio Paranaense, o atual Colégio Estadual do Paraná. Exerceu atividade intelectual e política no Estado, atuando como deputado estadual e participou da fundação do primeiro Partido dos Operários do Paraná. Foi ele quem escreveu o Manifesto de Legitimação desse partido. Justiniano transmite ao filho, Wallace de Mello e Silva, o gosto pela política. Este foi camarista em Curitiba e deputado estadual. O pai de **RS**, Wallace Thadeu de Mello e Silva, era médico psiquiatra; foi nomeado prefeito em 1951 por Bento Munhoz da Rocha, no entanto teve de ser afastado do cargo por causa de divergências políticas, mesmo assim, voltou a concorrer à prefeitura em 1954, mas perdeu as eleições para Ney Braga. Resende (2007) explica que **RS** estreou na política ainda adolescente, quando proferiu um discurso em favor de seu pai:

A disputa de Wallace Thadeu, para a prefeitura da capital, mexeu muito com o menino Roberto Requião, que a partir desse episódio revelou precocemente uma inclinação para a política, proferindo um discurso a carro aberto em favor da candidatura do pai. Requião foi acumulando capitais na esfera política, cultural e econômica, através de seu bisavô e, principalmente, de seu pai, seu grande inspirador. (RESENDE, 2007. p. 2)

No episódio relatado, a pesquisadora destaca que a *performance* de **RS**, ainda na adolescência, caracteriza a incorporação de “capitais simbólicos”. Dito de outro modo, o político foi influenciado pela participação de familiares que atuaram na política, portanto ele apropria-se de forma natural de regras do “campo político”. Bourdieu esclarece:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por elas produzidas e não como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 2010. p. 69)

O “capital político” herdado é uma forma inerente de perpetuação do poder de grupos. As instituições familiares de prestígio se mobilizam para se manter no poder, portanto o “capital político” não é nem um pouco arbitrário, ou imotivado.

Resende (2007) descreve também a genealogia materna do político paranaense. Ela relata que o bisavô materno do político, Luiz Antônio Requião, era originário da Bahia e foi coletor de Renda em Curitiba no século XIX. Casou-se com Gertrudes da Silva Lopes, que era filha de Cândido Lopes. Desse enlace matrimonial nasce Euclides Requião, um grande comerciante e hoteleiro, o avô de **RS**. Euclides casa-se em Guarapuava com Christina Keinert, cujo pai era alemão e a mãe gaúcha. O casal tem oito filhos, entre eles Lucy Requião, mãe de Requião.

Os traços genealógicos do ex-governador do Paraná assinalam que as heranças materiais, culturais e políticas contribuíram para formação de valores que configuraram o perfil de representação política. Bourdieu (2007) elucida a relação entre “capital econômico” e identidade social:

Qualquer herança material é, propriamente falando, e simultaneamente, uma herança cultural; além disso, *os bens de família* têm como função não só certificar fisicamente a antiguidade e continuidade da linhagem e, por conseguinte, consagrar sua identidade social, indissociável de permanência no tempo, mas também contribuir praticamente para sua

reprodução moral, ou seja, para a transmissão dos valores, virtudes e competência que servem de fundamento à filiação legítima das dinastias burguesas. (BOURDIEU, 2007. p. 75)

Não se encontrou, nos discursos de palanque que compõem o *corpus* deste trabalho, referência feita, por Requião à tradição econômica e política de sua família. Mas, na entrevista concedida ao programa Sala Exclusiva, publicada por Faria e Sebastiani (1997) e citada anteriormente, o ex-governador comentou a participação política de seu avô e de seu pai na capital paranaense. Diferente de Requião, Lula, constantemente em seus discursos, faz menção a sua origem familiar. Oliveira (2001), ao analisar a formação da classe política paranaense, explica o que denomina de “silêncio dos vencedores”:

A classe dominante paranaense se caracterizou por padrões de continuidade pelos quais a sua história e suas memórias deveriam ser filtradas. A produção do silêncio faz parte da identidade paranaense. Sucessivas ondas demográficas ocupam o território paranaense e reconfiguram uma identidade que sempre deve ser reatualizada e renovada para incluir os últimos recém-chegados. No entanto, poucas regiões do Brasil apresentam continuidades históricas tão expressivas na posse do poder político por parte de grupos familiares tão antigos quanto no Paraná. O arcaico convivendo e coexistindo com o moderno. A tradição política de continuidade do poder familiar no Paraná muitas vezes é vista como uma antitradição. Poucas regiões do Brasil apresentam elementos de continuidade no exercício do poder político por tão poucos grupos como o Paraná. Ao mesmo tempo em que existem traços de continuidade, existe uma estratégia consciente ou não de produção do silêncio da memória e da identidade paranaense. Arquivos e lembranças da história nacional foram destruídos. Configura-se o silêncio dos vencedores. (OLIVEIRA, 2001, p. xxvii – xxviii)

No final de sua obra, Oliveira (2001) conclui:

O Paraná não é uma terra sem memória ou sem história. A questão passa pela percepção de como sua classe dominante histórica construiu um pacto de silêncio sobre si próprio e sobre a política regional. (OLIVEIRA, 2002 p. 355)

A análise feita por Oliveira (2001) pode explicar o motivo de não ser encontrada, nos discursos proferidos por **RS**, em palanque eleitoral, referência à

sua tradição familiar, embora essa instituição tenha tido uma influência considerável sobre a carreira política de Requião.

### **2.3 LS: a saga de um operário em construção**

Ao delinear a trajetória de **LS**, recorre-se ao estudo feito por Paraná (2008) para sintetizar o percurso que o político fez no movimento sindical, os passos que deu para sua formação política, a atuação política partidária. Destaca-se que o líder petista, ao longo dessa trajetória, ampliou o seu “repertório linguístico” (BLOM e GUMPERZ, 2002) para assumir o *locus* de orador e integrar-se ao “campo político”.

Em 1969 Lula foi convidado pelo irmão, Frei Chico, a participar da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema. Embora **LS** não tenha demonstrado interesse por atividades políticas, aceitou o convite e tornou-se delegado do sindicato.

Frei Chico participava do movimento sindical e atuava de forma clandestina no PCB, por conseguinte via no jeito do irmão traços de liderança, mas sabia que o irmão desconhecia o ambiente sindical.

No período em que entrou para o sindicato, **LS** continuou ligado à Villares. Em decorrência das atividades sindicais desenvolvidas na fábrica, iniciou naturalmente, sua formação política. Há dois trechos na obra de Paraná (2008), onde o político demonstra a importância do sindicato na sua formação:

Foi a partir da entrada no sindicato, em 1969, que eu comecei a pegar certo gosto, que eu comecei a ver os debates, a presenciar as discussões, eu comecei a presenciar conchavos existentes dentro do sindicato, as disputas internas, as divergências... e foi aí que eu comecei o meu aprendizado político. (PARANÁ 2008, p.110)

Então em 1968 a 1972 eu fiquei ligado à Villares mesmo sendo do sindicato. Eu trabalhava dentro da fábrica. Nós imaginávamos que entrando no sindicato a gente ia ter estabilidade e ia poder virar a mesa. Mas você não vira a mesa. Os teus poderes são limitados. Seu campo de

ação é pequeno. Então a frustração é que a gente imaginava que podia fazer mais do que a gente podia, né? Foi um episódio bom para mim porque nós passamos a ter mais respeitabilidade dentro da fábrica, nós éramos chamados para intervir nos movimentos, nas reivindicações dos trabalhadores.

A gente era muito procurado pelos companheiros que queriam ter informações. Quando eu não tinha as informações, eu anotava o nome do cara, de noite eu ia no sindicato, perguntava para o advogado e no dia seguinte respondia para o cara. (PARANÁ, 2008, p, 98)

A atuação sindical se constitui, na vida desse metalúrgico, em uma grande escola. Além da formação política, a atividade no sindicato inseriu **LS** em eventos comunicativos em que se usava um “registro linguístico” próprio (TANNEN e WALLAT, 2002). Ele percebeu isso, ao descrever os eventos comunicativos nos quais estava imerso: “eu comecei a ver os debates, a presenciar as discussões, eu comecei a presenciar conchavos existentes dentro do sindicato, as disputas internas, as divergências... e foi aí que eu comecei o meu aprendizado político”. Lula estava imerso em contextos ritualizados em que os “enquadres” comunicativos (TANNEN e WALLAT, 2002) delineavam a interação.

Em 1972, ocorreu uma nova eleição no sindicato; **LS** foi convidado, mais uma vez, a participar da diretoria, assumindo o cargo de primeiro secretário, atuando no setor de previdência social. Ele demonstra interesse pela atividade e busca qualificar-se:

Eu fui amadurecendo, e em 1972 me chamaram para ir para o departamento jurídico do sindicato. Eu era primeiro-secretário. Foi aí que eu comecei então a aprender mesmo. Comecei a fazer cursinho de “previdência”, cursinho de “fundo de garantia”, cursinho de “sindicalismo”. Eu fui aprendendo, fui tendo mais consciência política. (PARANÁ, 2008, p. 98)

Paraná (2008) relata que o grupo que estava à frente do sindicato inaugurou, em 1973, a escola sindical. Nessa ocasião, Lula atuou como um dos diretores do departamento jurídico, dando orientações sobre o fundo de garantia, a casa própria, a previdência social, também dirigiu a escola do sindicato que chegou a ter 1500 alunos. O trabalho que realizou, nesse período, foi fundamental

para que tivesse a credibilidade da categoria. Ele reconhece a importância da atividade que desenvolvia:

Mas tanto esse departamento não era uma coisa qualquer que três anos depois ele me fez presidente do sindicato. Na época, o pessoal não tinha noção da importância que este departamento poderia ter. Se na cabeça deles passou a ideia de que aquele era um departamento qualquer e eu podia me corromper com a máquina do sindicato, caíram do cavalo! Nós montamos um departamento que funcionava. Depois eu passei a ser referência. O pessoal de dentro da fábrica que queria fazer greve vinha conversar comigo. Não confiava no Paulo Vidal. Era uma época muito difícil para fazer greve. (PARANÁ, 2008, p. 101-102)

Ao iniciar sua atuação no movimento sindical, **LS** manifestou o desejo de ampliar seu “repertório linguístico” a fim de apropriar-se de recursos que lhe dessem condições de interagir, de forma mais contundente, na comunidade sindical, mas ele teve alguns impedimentos:

O Paulo Vidal aceitou a decisão da diretoria, porque sabia que eu ia ter dificuldade de falar. Só para você ter uma ideia, em 1973 nós inauguramos a escola do sindicato. Eu era o diretor responsável, então tinha que fazer um discurso. E eu passei a semana inteira preparando o que eu ia falar, rascunhando, colocando algumas ideias... E chega no dia da inauguração da escola, o Paulo Vidal começava lendo a ata, a ordem do dia, todas estas coisas oficiais. Só que aí o Paulo Vidal começa a falar!... Falou tudo o que eu ia falar! Quando ele me passou a palavra eu não tinha mais o que falar. Tudo que eu tinha escrito ele tinha falado! Eu peguei a palavra e disse: “Olha, gente, depois do discurso do Paulo está inaugurada a escola do sindicato”. Quebrou o meu barato [...] O Paulo Vidal roubou a minha fala. Eu fazia papel de palhaço. (PARANÁ, 2008, p. 100)

No relato, o político reconhece que “o discurso é um bem simbólico” (BOURDIEU, 2003(a), p. 53), por isso preparou-se para o momento de interação com a plateia, porquanto queria manifestar-se, demonstrar que podia interagir, podia elaborar o discurso de inauguração: “eu passei a semana inteira preparando o que eu ia falar, rascunhando, colocando algumas ideias”. Ao final do evento, **LS** sentiu-se frustrado por não ter apresentado o seu discurso, só lhe restou

completar a fala de Paulo Vidal com o jargão: “está inaugurada a escola do sindicato”.

Bourdieu (2003) considera que a interlocução é mediada por uma relação de poder, portanto o uso linguístico institui essa relação. O sociólogo explica:

A estrutura da relação de produção linguística depende da relação de força simbólica entre os dois locutores, isto é, da importância de seu capital de autoridade (que não é redutível ao capital linguístico): assim, a competência também é capacidade de se fazer escutar. A língua não é só um instrumento de comunicação ou conhecimento, mas poder. Não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados e reconhecidos. Daí a definição completa da competência como *direito à palavra*, à linguagem legítima como linguagem autorizada, de autoridade. A competência implica o poder de impor a recepção. (BOURDIEU, 2003 (c), p. 148)

A atuação sindical demanda apropriação de estratégias comunicativas, articulação da palavra nos embates políticos, nas grandes assembleias, nas negociações políticas. Frei Chico, sendo integrante do PCB, já tinha iniciado sua formação política e desejava que o irmão se qualificasse para atuação sindical. Frei Chico relata à Paraná (2008) que indicava ao irmão leituras e convidava-o para participar de cursos:

Eu sei que uma vez eu comprei um livro muito interessante: *O que é a Constituição*, do Duarte Pereira, que é um livro daqueles *Cadernos do Povo brasileiro*, que foi publicado entre 1963 e 1964. E eu dei o livro para o Lula, aliás está com ele até hoje. Ele anotou coisa atrás. E esse livro era muito importante para o Lula ler, eu dei para ele, e foi a primeira coisa política que eu lembro que ele leu... Esse livro tinha uma visão crítica da constituição, mostrando o que são os monopólios, os oligopólios, como é que se domina, como é que se faz as leis. É um livro muito interessante, ele é muito atual, né? Não mudou nada. Mas nesse período também nós fizemos um curso de oratória. Eu fiz um curso de oratória no Centro de Oratória Rui Barbosa, ligado à Faculdade do Largo São Francisco. Foi um trabalho convencer o Lula a fazer, até que ele foi lá. Foi o Lula, o Rubão... era sábado à tarde. Isso foi entre 1972 e 1973. (PARANÁ, 2008, p. 159-160)

**LS**, desde que foi para o sindicato, percebeu a necessidade de qualificar-se. Ele descreve:

O que eu sei é que nós éramos de uma diretoria em que eu estava acima da média dos diretores. Porque eu tinha 23 anos de idade, tinha acabado de fazer um curso profissional, eu fazia muitos cursinhos de aperfeiçoamento. Eu era o mais novo ou um dos mais novos da diretoria. É lógico que eu tinha vontade de aprender, então participava de muitos cursos no sindicato. Curso de previdência, de direito, de não sei o que lá. De todos os cursos que o sindicato fazia, eu normalmente participava. Eu fui alcançando um nível de entendimento superior à média do pessoal do sindicato. (PARANÁ, 2008, p. 112)

Na eleição sindical de 1975, Lula tornou-se presidente do sindicato; a chapa que liderava venceu as eleições com 90% dos votos. Ele assumiu a diretoria e, com outros sindicalistas, iniciou um movimento denominado novo sindicalismo. Paraná (2008) explica que eles pretendiam estabelecer uma forma diferente de atuação sindical, deixando de lado o clientelismo e o assistencialismo que marcaram o sindicalismo no Brasil. O sindicato assumiu uma nova dinâmica que reivindicava: “remuneração salarial digna, garantia de emprego e melhores condições de trabalho” (PARANÁ 2008, p. 27). As assembleias passaram a ocorrer nos locais de trabalho, aumentando o número de sindicalizados, a participação dos trabalhadores e a consciência política dos operários.

Na posse da diretoria em 1975, **LS** solicitou ao advogado do sindicato que elaborasse seu discurso. O líder sindical optou por utilizar a palavra do outro para se expressar diante do público. Há dois trechos da obra de Paraná (2008) em que o político descreve o episódio que viveu:

Eu não estava preparado para fazer discurso de improviso, não tinha nenhuma condição para fazer discurso de improviso. Eu pedi para o doutor Maurício fazer o discurso. Era ele quem fazia a maioria dos discursos que a gente utilizava no sindicato. Ele preparava, depois a gente lia junto. Se a gente gostava ficava como ele tinha escrito, se não gostava, mudava, eu sei que ele preparou o discurso. E teve a primeira entrevista que eu dei para a televisão. No dia da posse eu tremia tanto que precisei sentar. Me deu uma tremedeira na perna muito grande. (PARANÁ, 2008, p. 119)

Quem me ajudou a escrever o meu discurso de posse foi o doutor Maurício; eu não conseguia nem ler, eu tremia tanto... Aquele discurso que eu fiz, que criticava o capitalismo e o socialismo era uma coisa que fez parte da visão do doutor Maurício, uma coisa de cristão. Você fazia a

crítica do capitalismo e fazia crítica ao socialismo também, sem a noção que a gente tem hoje dos efeitos danosos de qualquer que seja o regime que não tenha liberdade. Foi um discurso que eu não conseguia ler porque tremia muito. Foi a primeira vez que eu peguei um microfone. (PARANÁ, 2008, p.102)

Embora o advogado tivesse elaborado o discurso de **LS**, cabia ao líder sindical o poder de expressar verbalmente, naquele evento, as palavras escritas pelo assessor jurídico. Lula representava a categoria dos metalúrgicos e o advogado dava suporte ao líder sindical, portanto o sindicalista repetia as palavras do assessor e projetava-as para plateia. As palavras tinham repercussão na medida em que eram proferidas pelo agente social do cenário político, embora não tivessem sido elaboradas por **LS**.

O depoimento dado pelo ex-sindicalista revela que o discurso proferido não expressava exatamente o que ele pensava, “Aquele discurso que eu fiz, que criticava o capitalismo e o socialismo era uma coisa que fez parte da visão do Doutor Maurício”. O político foi porta-voz de valores ideológicos que ele não tinha assimilado, mas, para quem o ouviu na inauguração, não era exatamente isso que parecia. Frei Chico estava presente na cerimônia de posse e elogia o discurso exposto por **LS**:

Foi barra pesada para o Lula fazer aquele discurso para tanta gente. Mas ele fez. Foi um discurso já desafiando... Ele não fez um discurso de esquerda, porque na época, primeiro não era propício fazer um discurso de esquerda e segundo que... é preciso ter uma visão de realidade daquele momento para entender o discurso. Criticar o comunismo e o capitalismo na frente das autoridades, naquela época, já era coisa muito progressista. (PARANÁ, 2008, p.161-162)

Para **LS** expressar o seu ponto de vista, precisava saber o que deveria dizer e como deveria dizer; enquanto isso não ocorria, ele apagava sua voz, principalmente em situações de embates acirrados:

Quando eu assumi a presidência do sindicato pela primeira vez, tinha outro tipo de oposição [...] Isso foi em 1975. O Paulo Vidal era bom porque era um grande orador. Eu tinha dificuldade de falar. Então o Paulo Vidal ia para o embate com esses caras. Depois outros diretores

começavam a falar, aí se criou um leque de opções para brigar. (PARANÁ, 2008, p. 104)

Embora **LS** tivesse dificuldades para assumir o *locus* de orador, à medida que participava das atividades sindicais, dos eventos comunicativos de sua categoria, ampliava o seu “repertório linguístico”. No relato do político, transcrito por Paraná (2008), há um episódio que parece ter sido um divisor de águas na carreira política de **LS**. O sindicalista estava no Japão, participando de um congresso da Toyota; quando chegou aos Estados Unidos, recebeu a notícia da prisão do irmão, Frei Chico, e retorna imediatamente ao Brasil. O político descreve a Paraná (2008) a revolta que sentiu quando o irmão foi preso:

E aí na minha cabeça começou a vir a seguinte questão: qual a lógica de prender um cara como o Frei Chico? Qual era a lógica de prender um trabalhador pelo simples fato dele ser contra as injustiças sociais do país? E aí quando eu fiquei sabendo que o Frei Chico tinha sido torturado, tinha sido massacrado, aí deu até uma revolta por dentro! Um pai de família, um cara que trabalhou desde os 10 anos de idade, se ferrou a vida inteira, um cara que não tinha nada a não ser a família dele e as ideias dele, de repente chega um troglodita de um milico qualquer e manda prender esse cara? E tortura esse cara? Em nome do quê? Em nome de que ordem? Isso me criou uma revolta interior! [...] Isso foi extremamente bom para minha cabeça. Se foi ruim para o corpo deles [Frei Chico e Osvaldo Rodrigues Cavinato] com as porradas que eles tomaram, para minha cabeça isso foi um salto de qualidade extraordinária na minha atividade política...

Aí eu passei a não ter medo mais. Porque se eu tivesse que ser preso pelo que eu pensava, então que eu fosse! E isso foi muito importante porque aí eu não passei mais a medir as minhas palavras nas assembleias. Não tinha preocupação mais com o regime militar, não tinha preocupação mais se ia ser preso ou não ia. Aí a gente desbocava nas assembleias, falava o que tinha que falar, sabe? Sem nenhuma preocupação. (PARANÁ, 2008, p. 129)

Em 1978 aconteceu mais uma eleição para o sindicato, e Lula foi reeleito à presidência. Nessa ocasião, se iniciou uma série de greves, sobretudo, nas indústrias metalúrgicas; esse movimento perdurou nos anos de 1979 e 1980. Durante esse período, ocorreram enormes assembleias dos metalúrgicos, o que fortaleceu ainda mais a categoria. O movimento projetou-se na mídia e **LS** passou

a ser reconhecido como o representante sindical dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.

Na greve de 1980 o governo militar, aliado aos grandes empresários, reprimiu o movimento sindical. Em abril de 1980, a diretoria do sindicato foi cassada e **LS** foi preso junto com outros dirigentes, e ficou retido durante 41 dias.

Até então, o ex-sindicalista não era filiado a nenhum partido político, mas percebeu a necessidade de organizar um partido que representasse o interesse dos trabalhadores. Para fundar o PT, **LS** se aliou aos sindicalistas, intelectuais, representantes de movimentos de esquerda e a várias pessoas que defendiam os interesses das classes trabalhadoras. Para isso, percorreu várias cidades brasileiras, acompanhado de alguns sindicalistas e militantes de esquerda. Nessa ocasião, foi convidado a visitar várias entidades estrangeiras e a conversar com vários líderes políticos. Paraná (2008, p. 29) relata:

Lula visita Suécia, Cuba, Japão, Nicarágua, Bélgica, Espanha, Estados Unidos, Itália, Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, França, Suíça, Portugal, Canadá e Argentina. No Brasil, Lula já havia anos antes se encontrado com lideranças políticas internacionais como Helmut Schmidt e Adolfo Soares. Em 1981 tem audiência com o senador democrata Edward Kennedy e, na Itália, encontra-se com o então sindicalista polonês Lech Walesa e com o papa Paulo II.

Em 1982, o político concorreu ao governo de São Paulo, embora não tenha sido eleito, saiu bastante fortalecido. Como presidente do PT, **LS**, em 1984, lançou o comitê suprapartidário em prol da campanha pelas eleições diretas para presidente. Essa campanha contou com a adesão de vários partidos e mobilizou milhões de cidadãos em todo país. Lula disputou, em 1986, uma vaga para Câmara Federal e foi o Deputado Federal mais votado do país. Na Câmara, ele foi líder da bancada do PT e participou da Assembleia Nacional Constituinte.

Nas eleições diretas para presidente, em 1989, **LS** passou ao segundo turno eleitoral com o apoio da Frente Brasil Popular, coligação entre PT, PSB e PCdoB. Embora ele tenha contado, no segundo turno, também com o apoio de forças progressistas - PDT, PSDB, PV, PCB e parte do PMDB - não conseguiu

vencer Fernando Collor de Mello (PRN). A disputa foi acirrada, Lula perdeu para seu opositor por uma diferença de 6% dos votos válidos.

Na campanha eleitoral de 1989, o político enfrentou mais um desafio: participar de debate eleitoral, transmitido ao vivo por rede de televisão. Mais uma vez demonstra ter consciência da necessidade de adequar o seu discurso ao evento comunicativo, portanto define para quem se dirigiria naquele encontro, ou seja, quem representava. **LS** narra à Paraná (2008, p. 63) a decisão que toma:

Eu lembro de uma coisa que eu defini na minha cabeça por ocasião do debate com Collor no segundo turno da campanha de 1989. “Meu Deus do céu”, eu pensei, “eu tenho que ficar estudando como se fosse fazer o vestibular. Eu não tenho que ser melhor do que Fulano na televisão. Se eu cheguei onde eu cheguei, eu tenho que ir lá e falar a linguagem que meu povo entende. Meu povo não quer que eu seja professor de economia, meu povo não quer que eu seja professor de literatura. O meu povo quer que eu seja o que eu sou, e isso o que eu tenho que ser. Eu digo isso porque na próxima campanha eu não vou me submeter aos vestibulares a que eu me submeti nessa”.

**LS** também conta a Paraná (2008) o conselho que Vicentinho, líder sindical, lhe deu na ocasião do debate realizado, em 1989, no segundo turno eleitoral:

No primeiro debate que eu ia fazer com Collor, eu liguei para Vicentinho para saber o que ele achava que eu devia dizer. Eu já tinha ouvido tanta gente dar opinião sobre esse debate que eu nem sabia mais o que era melhor fazer. O Vicentinho disse: “Sabe o que você faz, Lula, toda vez que você olhar para o Collor, você ‘vê’ a peãozada da Volkswagen na sua frente. E fala como se fosse para a peãozada”. Foi o que eu fiz. (PARANÁ, 2008, p.64)

**LS**, ao longo de sua trajetória política, percebe que a atuação sindical e partidária demandava a ampliação do “repertório linguístico”. Ele estava atento à adequação linguística, por isso procurava adequar sua linguagem ao contexto comunicativo. O político refletia sobre o uso que fazia da linguagem, a situação em que se inseria e o público ao qual se dirigia. À medida que ele ocupava novos espaços, apropriava-se, também, de “*habitus* linguístico”, ou seja, “capacidade de

utilizar as possibilidades oferecidas pela língua e de avaliar praticamente as ocasiões de utilizá-las” (BOURDIEU, 2003(c), p. 168).

**LS**, em 1990, lançou e coordenou o Governo Paralelo, cujo objetivo era elaborar e encaminhar ao governo propostas alternativas que atendessem às necessidades populares da nação. Em 1992, na presidência do PT, liderou um movimento contra a corrupção. Esse movimento, aliado a várias forças políticas, reivindicou o *impeachment* do presidente Collor, que acabou sendo afastado da presidência.

Entre 1993 e 1994, Lula, acompanhado de dirigentes políticos, religiosos da ala progressista da Igreja Católica, intelectuais e demais representantes de entidades sociais, realizou a Caravana da Cidadania. O movimento percorreu cidades brasileiras, castigadas pela miséria, e denunciou a falta de assistência a essas regiões. A Caravana foi um recurso estratégico utilizado para antecipar a campanha eleitoral e mobilizar uma camada da população que estava excluída da participação política.

Embora **LS** tivesse, na campanha presidencial de 1994, liderado durante meses as pesquisas de opinião pública, perdeu mais uma vez a eleição para outro Fernando, Fernando Henrique Cardoso. Como o presidente eleito havia sido ministro e realizado um projeto bem sucedido de controle da inflação, o Plano Real, conseguiu conquistar uma grande parcela do eleitorado. Na eleição seguinte, em 1998, FHC foi reeleito já no primeiro turno. Em 2002, Lula foi candidato à presidência pela quarta vez, mas, desta vez, foi eleito.

Na campanha de 2002, os dirigentes do PT buscaram encaminhar-se mais para o centro, diferenciando-se das campanhas anteriores. Dessa vez, eles buscaram apoio de vários empresários e outras lideranças políticas que ocupavam, no cenário político, um lugar mais ao centro. Paraná (2008) descreve o pacto realizado na campanha de 2002 que elegeu o petista à presidência:

Lula propôs um pacto social com o que chamou de “forças vivas da nação”. Aliando o Partido dos Trabalhadores ao Partido Liberal, criou uma aliança capital-trabalho, numa candidatura que se movia mais ao

centro do que nas eleições anteriores. Além do Partido dos Trabalhadores e do Partido Liberal, do qual provinha o candidato à vice-presidente José Alencar, a “Coligação Lula Presidente” contava com o Partido de Mobilização Nacional, com o Partido Comunista do Brasil e com o Partido Comunista Brasileiro. (PARANÁ, 2008. p.31)

Em 2005, seu governo passa por uma crise, motivada por denúncias de corrupção, o “Mensalão”; parlamentares foram acusados de receber propina para votar, em plenário, a favor do governo. Apesar da crise, **LS** repete a façanha, de 2002, sendo reeleito em 2006, para mais um mandato (2007 a 2010). Como a legislação brasileira só permite uma reeleição, o político lança, nas eleições 2010, Dilma Roussef candidata à presidência. Mais uma vez mostra sua habilidade de articulador, negociando uma ampla coligação, conseguindo eleger sua sucessora, a primeira mulher presidente do país.

Recorreu-se à biografia, descrita por Paraná (2008), para selecionar episódios que caracterizassem o processo de inserção de Lula no “campo político” e mostrar a apropriação de “*habitus* linguísticos”. À medida que o ex-sindicalista se integrava ao “campo político”, identificava-se com esse espaço social e percebia a necessidade de ampliar o seu repertório para empregar formas linguísticas, adequadas aos eventos comunicativos em que estava imerso. Ao descrever a trajetória de **LS**, assinalou-se o percurso de um operário que se construiu por meio da linguagem, tornou-se representante político de um segmento social e passou a representá-lo pela palavra. Bourdieu (2003) explica que, no processo interlocutivo, o locutor não deseja só ser ouvido, mas ser compreendido, intervir no processo comunicativo:

A competência não se reduz à capacidade linguística de engendrar certo tipo de discurso, mas faz intervir o conjunto das propriedades constitutivas da personalidade social do locutor (em particular, as formas de capital das quais está investido). As mesmas produções linguísticas podem trazer lucros radicalmente diferentes, segundo o emissor (como na hipercorreção eletiva). Não são as chances de lucro próprias desse locutor particular, mas as chances avaliadas por ele em função de um *habitus* particular, que comandam sua percepção e apreciação das chances objetivas médias e singulares. (BOURDIEU, 2003(c), p. 157)

O sociólogo dá continuidade a sua exposição e conclui: “pela mediação das disposições do *habitus* é que a configuração conjuntural da relação de produção linguística modifica a prática” (BOURDIEU, 2003(c), p. 158). A habilidade de manejar a linguagem, de utilizar recursos linguísticos variados constitui, pois, o *habitus* linguístico que é um bem simbólico.

**LS** sintetiza a relação que estabelece com a categoria sindical, fazendo a seguinte análise:

A gente passou a viver muito por conta do próprio crescimento da categoria. Por isso que eu digo sempre que eu sou o fiel resultado do crescimento da minha categoria. Nem mais nem menos. À medida que ela avançava, eu avançava, na medida em que ela não avançava, eu não avançava. Eu não era representante de mim, era representante deles. No mínimo eu teria que ser fiel àquilo que eles queriam. (PARANÁ, 2008, p.123-124)

Lula reconhece que sua trajetória o colocou no *locus* de representante político de uma categoria. Ele sabe que não é um operário como os demais, reconhece isso ao observar o uso que faz da linguagem:

Eu acho que um intelectual é muito importante, porque a capacidade que ele tem de elaboração é uma coisa fantástica. Mas nem sempre a elaboração intelectual tem um [o melhor] componente político. Eu tenho consciência que hoje eu não sou mais um operário com a linguagem operária. Sou um operário intelectualizado. Eu converso com operários, mas também com muitos intelectuais, eu leio muito jornal, eu leio muita revista, eu leio muita coisa sobre política, eu leio todo tipo de coisa, eu discuto muito. O que eu tenho de vantagem é essa capacidade de assimilar as coisas boas, as informações que são importantes. (PARANÁ, 2008, p. 63-64)

**LS** denomina-se “operário intelectualizado”; esse é o *locus* no qual se situa e de onde fala. Seu discurso é um híbrido, pois nele associam-se elementos de dois campos. O político constitui seu perfil de representação fazendo-se porta-voz de operários e de intelectuais. Bourdieu (2010) analisa a constituição do papel do representante político e considera que há uma oscilação entre dois critérios de validação: a ciência e o plebiscito.

O porta-voz apropria-se não só da palavra do grupo dos profanos, quer dizer, na maioria dos casos, do seu silêncio, mas também da força desse mesmo grupo, para cuja produção ele contribui ao prestar-lhe uma palavra reconhecida como legítima no campo político. A força das ideias que ele propõe mede-se, não como no terreno da ciência, pelo seu valor de verdade (mesmo que elas devam uma parte de sua força à sua capacidade para convencer que ele detém a verdade), mas sim pela força de mobilização que elas encerram, quer dizer, pela força do grupo que as reconhece, nem que seja pelo silêncio ou pela ausência de desmentido, e que ele pode manifestar, recolhendo as suas vozes ou reunindo-as no espaço. É o que faz com que o campo da política – onde se procuraria em vão uma instância capaz de legitimar as instâncias de legitimidade e um fundamento da competência diferente do interesse de classe bem compreendido – oscile sempre entre dois critérios de validação, a ciência e o plebiscito. (BOURDIEU, 2010. p.185)

Paraná (2008) explica que a saga de **LS** e de sua família se entrelaçou com a própria história do país, pois nas duas narrativas estão presentes: o processo migratório do nordestino para São Paulo, o desenvolvimento do setor industrial nessa região, a ditadura militar, o fortalecimento do novo sindicalismo, a redemocratização do país, a Assembleia Nacional Constituinte, as políticas sociais e a estabilidade econômica. Os problemas e os desafios vividos pela família *Da Silva* constituíram, pois, parte da história do país. Apesar de todos os infortúnios, vividos por essa família, foi do seio dela que saiu um dos presidentes do Brasil.

Faltava a Lula, no início de sua carreira política, a desenvoltura verbal, a habilidade de falar para um grande público. Mesmo assim, tornou-se o líder sindical que conduziu enormes assembleias de metalúrgicos, em São Bernardo, no final na década de 1970. Falou, no comício das Diretas, diante de uma multidão em São Paulo e em outras cidades brasileiras; participou de entrevistas, debates políticos, comícios eleitorais e tantos outros eventos comunicativos. A saga de Lula é a história de um operário que se construiu pela palavra e se fez ouvir por meio dela. Em sua voz ecoou diversas vozes: de políticos, de sindicalistas, de publicitários, de intelectuais, de religiosos e outras. Sua voz também se fez ouvir em outras vozes. Bourdieu (2010) analisa o poder delegado ao porta-voz, o representante político:

O mistério do processo de transubstanciação que faz com que o porta-voz se torne no grupo que ele exprime só pode ser penetrado por uma análise histórica da gênese e do funcionamento da *representação*, pela qual o representante faz o grupo que o faz a ele: o porta-voz dotado do pleno poder de falar e de agir em nome do grupo e, em primeiro lugar, sobre o grupo pela magia da palavra de ordem, é o substituto do grupo que somente por esta procuração existe; personificação de uma pessoa fictícia, de uma ficção social, ele faz sair do estado de indivíduos separados os que ele pretende representar, permitindo-lhes agir e falar, através dele, como um só homem. Em contrapartida, ele recebe o direito de se assumir pelo grupo, de falar e de agir como se fosse o grupo feito homem: *Status est magistratus*, “l’État c’est moi”, “ O sindicato pensa que...” etc. (BOURDIEU, 2010, 157-158)

No poema, O Operário em construção, de Vinicius de Moraes narra os infortúnios da vida de um operário. Moraes (1960) introduziu seu poema com uma epígrafe, citando um trecho do evangelho, e depois segue com sua narrativa poética:

E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo:  
– Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu.  
E Jesus, respondendo, disse-lhe:  
– Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás.

Lucas, Cap. V, vs. 5-8.

[...]  
Foi dentro da compreensão  
Desse instante solitário  
Que, tal sua construção  
Cresceu também o operário.  
Cresceu em alto e profundo  
Em largo e no coração  
E como tudo que cresce  
Ele não cresceu em vão  
Pois além do que sabia  
Exercer a profissão  
O operário adquiriu  
Uma nova dimensão:  
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu  
Que a todos admirava:  
O que o operário dizia  
Outro operário escutava.

Os versos do poeta ilustram o que ocorre na representação política, isto é, o representante fala em nome de e para seus representados. Em outras palavras, a representação se consolida por meio de um círculo:

O círculo fica então fechado: o grupo é feito por aquele que fala em nome dele, aparecendo assim como o princípio do poder que ele exerce sobre aqueles que são o verdadeiro princípio dele. Esta relação circular é a raiz da ilusão carismática que faz com que, *no limite*, o porta-voz possa aparecer e apresentar-se como *causa sui*. (BOURDIEU, 2010, p. 158)

## 2.4 RS: de empresário e advogado a Governador

Recorre-se ao estudo feito por Resende (2007) para apresentar uma síntese da carreira política de **RS**. Destaca-se do trabalho feito pela pesquisadora alguns episódios da trajetória desse político, quais sejam: as eleições disputadas, os cargos políticos assumidos e alguns projetos implantados nos governos de Requião.

Durante a década de 1970, o político paranaense trabalhou na loja Nacional e, por vários anos, atuou como empresário do ramo de móveis. Além dessas atividades, advogou em favor dos estivadores do porto de Paranaguá e das Associações de Moradores no Paraná. Contribuiu, também, com a fundação de várias delas.

Em 1982, ingressou na política, elegendo-se Deputado Estadual pelo PMDB; para isso, contou com o apoio de José Richa, que foi eleito governador do Paraná pelo mesmo partido. **RS** foi eleito com uma votação expressiva, trinta e cinco mil votos. Seu discurso contestatório impressionava as massas populares que, durante o regime militar, haviam sido silenciadas. No mesmo ano, Álvaro Dias foi eleito Senador pelo PMDB do Paraná.

Resende (2007) explica que a vitória do PMDB no Paraná, naquele período, foi determinada pelo grau de insatisfação dos eleitores com o governo imposto pelo regime militar, que ocorreu no país. A gestão de Richa tinha por objetivo garantir a participação popular e os direitos básicos das classes

populares: moradia, saúde, trabalho, lazer e educação. Para realizar seu projeto de governo, Richa viabilizou uma gestão participativa, isto é, as secretarias organizavam reuniões e debates com organizações sociais; a partir do que era exposto, nesses encontros, o governador estabelecia as prioridades de sua gestão. A socióloga relata que, embora Requião estivesse em sintonia com as propostas do PMDB, ele assumiu uma postura independente: encaminhou projeto para regulamentação de Associações de Moradores, denunciou a corrupção e defendeu interesses populares.

José Richa, durante seu governo, mobilizou políticos e cidadãos paranaenses em prol do movimento pelas eleições diretas para presidente; por conseguinte, em 1984, foi realizado, em Curitiba, o primeiro comício da campanha das Diretas. O evento contou com a participação de vários políticos, entre eles, Tancredo Neves e Ulysses Guimarães.

Resende (2007) considera que a aprovação da gestão do governo de Richa fortaleceu o PMDB no âmbito eleitoral do Paraná; em razão disso, em 1985, **RS** foi eleito prefeito de Curitiba e, em 1986, Álvaro Dias foi eleito governador do Estado. Na eleição municipal de 1985, Requião vence Jaime Lerner: este se tornaria um de seus maiores rivais políticos.

A socióloga relata que o político, quando assumiu a prefeitura de Curitiba em 1986, realizou um desejo pessoal, alimentado durante anos: executar alguns projetos delineados por seu pai, Wallace Tadeu de Mello e Silva, que havia sido prefeito de Curitiba. Assim que assumiu a prefeitura, **RS** instituiu uma comissão, destinada a criar uma Empresa Gerenciadora do Transporte Coletivo de Curitiba (EGTC), congelou o preço das tarifas de ônibus e implantou o vale transporte.

Resende (2007) avalia a gestão de **RS** na prefeitura de Curitiba. Ela considera que ele priorizou as políticas públicas destinadas às populações carentes. Ele implantou na prefeitura a Ouvidoria Geral para garantir os direitos do cidadão, portanto a população podia dirigir-se a esse órgão para manifestar sua insatisfação com relação ao poder público municipal. O político alterou a estrutura

administrativa da prefeitura, ao criar administrações regionais. Nesses órgãos, funcionavam conselhos comunitários que tinham autonomia administrativa e financeira para executar obras na região. Na gestão de Requião, construíram-se vários postos de saúde e creches. Foi criado, também, o mercadão popular que funcionava em um ônibus itinerante, o veículo percorria os bairros, atendendo à população de baixa renda. Além disso, foi instituída a ASSOMA (Associação dos Meninos de Rua).

Faria e Sebastiani (1997) apresentam a entrevista dada pelo político paranaense no programa Sala Exclusiva. No trecho a seguir, o pemedebista avalia sua gestão na prefeitura, explicando que se preparou para exercer o seu mandato:

O meu pai tinha uma visão muito humana de cidade. E eu me preparei para ser prefeito. Visitei as administrações bem sucedidas do mundo inteiro antes de ser prefeito. Fiz pós-graduação em Planejamento Urbano, da Fundação Getúlio Vargas, que foi realizada aqui em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná. Eu me preparei, montei uma plataforma, tinha uma visão de uma Curitiba bela,... e ela é uma belíssima cidade. Curitiba foi uma cidade planejada desde o início. Foi uma iniciativa das autoridades municipais. E depois contou com um plano, lá pela década de 40, que é o plano Agache. Imaginava trabalhar em cima daquilo tudo e me contrapus à visão plástica, apenas plástica de Jaime Lerner. Queria que esta plasticidade toda fosse acompanhada por política de emprego, por descentralização administrativa, e daí a primeira revolução. Assumi a Prefeitura, dividi a Cidade em freguesias e em cada freguesia criei um Conselho comunitário para administrar, aplicando recursos junto com a população. (FARIA e SEBASTIANI, 1997.p. 251)

Depois de concluir seu mandato na prefeitura, ele passou a integrar a equipe do governo Álvaro Dias. **RS** foi Secretário de Desenvolvimento Urbano do Estado do Paraná entre 1989 e 1990. Nesse cargo, priorizou a área ambiental, a saúde e a segurança. Implantou alguns programas: Paraná Urbano; PROSAM (Programa de Saneamento Ambiental do Paraná); Controle da Infecção Hospitalar; POVO (Policiamento Ostensivo Volante).

Em 1990, o político foi eleito governador do Paraná pelo PMDB. Esta foi uma eleição difícil, pois disputou com seu antigo aliado, José Richa, que havia ido para o PSDB. E, no segundo turno, Requião concorre com José Carlos Martinez (PRN), que teve o apoio do então presidente Collor.

Durante sua gestão, no governo do Estado do Paraná (1991 a 1994), ele priorizou políticas sociais. Resende (2007) cita algumas ações políticas desenvolvidas pelo governo: municipalização do serviço de saúde pública; implantação do Programa Casa da Família; introdução do Programa Panela Cheia; criação do Programa Bom Emprego e do Programa Bom Emprego Industrial; implantação do Programa Força Rural; instituição do Programa Paz na Terra.

A gestão de **RS** projetou o governador no cenário regional e nacional, assim como constituiu o seu estilo de governo. Embora tenha conquistado a simpatia de alguns, seu jeito incisivo e contestador fez com que se confrontasse, por exemplo, com o poder judiciário do Paraná.

Requião concorre ao Senado, em 1994, e é eleito com uma votação expressiva, mas, por decisão do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná e do Supremo Tribunal Federal, o cargo fica *sub judice*, mas, assim que o impasse se esclarece, toma posse. O conflito entre o político e o judiciário fomentou muita polêmica e rendeu-lhe a fama de político austero e destemido.

Resende (2007) considera que a participação de **RS** no Senado Federal (1995-2002) foi expressiva. Ele presidiu Comissões, foi relator da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) dos Títulos Públicos, apresentou projetos de lei, resoluções e portarias, fez vários pronunciamentos no plenário do Senado, publicou trabalhos e escreveu alguns artigos.<sup>20</sup> Em 1998, se licenciou para concorrer ao governo do Paraná, mas foi derrotado por Jaime Lerner: este foi reeleito, portanto, **RS** voltou a atuar no Senado.

Em discurso feito no plenário do Senado, em 2002, o político se contrapôs à direção do seu partido, o PMDB, em razão da condução que foi dada à eleição presidencial de 2002.

---

<sup>20</sup> Referências aos artigos de **RS** estão disponíveis em: [http://www.senado.gov.br/senadores/senadores\\_biografia.asp?codparl=72](http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=72) . Acesso em: 19 de julho de 2010.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, não ocuparei por mais de dois ou três minutos esta tribuna. Quero apenas fazer algumas considerações sobre o meu Partido e a eleição presidencial.

O PMDB, mal orientado e mal conduzido, afundou num tremendo desastre eleitoral. Em qualquer país civilizado do mundo, a direção nacional do partido já teria mostrado o seu arrependimento e, automaticamente, renunciado à condução da direção partidária. Mas parece que isso não acontece no Brasil. A nossa direção nacional, de uma forma arrogante, sem sequer pretender convocar o diretório nacional ou o conselho do Partido, já faz declarações no sentido da velha política do adesismo remunerado.

Vejo nos jornais, primeiro, a manifestação de que o Partido será de oposição ao Governo do PT ou, então, a manifestação do desejo da troca, da obtenção de Ministérios e as declarações de que tudo deve passar pela instituição formal partidária.

Eu, na verdade, não esperava a exclusão da direção do Partido não vamos a essa violência, mas sua renúncia. Briguei muito para que o PMDB tivesse uma posição independente, um candidato à Presidência da República, para que o PMDB apoiasse o sentimento de mudança da Nação brasileira em determinado momento, acompanhando o desejo do Brasil, que se manifestava de forma clara na candidatura do Lula, na candidatura do PT. Mas a insensível direção nacional manteve a postura arcaica do adesismo remunerado, da liberação das emendas para a eleição de alguns deputados. O desastre foi fantástico. (SILVA, 2002).

Disponível em:  
<http://www.senado.gov.br/atividade/pronunciamento/detTexto.asp?t=327621>. Acesso em: 3 de ago. 2010.)

O político apresentou críticas incisivas à direção do PMDB. A maneira contundente de expor seu ponto de vista gerou polêmicas, no interior do partido, e divergências com correligionários. Embora tivesse, ao longo de sua trajetória política, vínculo com o PMDB, ele apoiou, em 2002, a candidatura de **LS** por identificar-se, naquele momento, com algumas propostas do petista.

Requião concorreu, em 2002, ao cargo de governador, e foi eleito. A eleição foi bastante acirrada. No segundo turno, disputou com seu antigo aliado, Álvaro Dias (PDT). Assim que tomou posse no governo, o pemedebista acumulou, por 90 dias, mais um cargo, a Secretaria de Segurança. Essa atitude foi tomada com o objetivo de “eliminar a chamada ‘banda podre’ da polícia e também ‘valorizar’ os bons policiais” (RESENDE, 2007. p. 82).

Ele conduziu sua gestão (2003-2006) implantando, mais uma vez, programas sociais: Luz Fraterna; Luz Legal; Energia Barata. Além desses programas, o governo de **RS** passou a utilizar bancos federais, o Banco do Brasil

e a Caixa Econômica para movimentar as contas do Estado. Realizou concursos públicos para professores, acabando com o processo de terceirização da Educação; o governo anterior havia implantado um sistema de contratações de professores. Definiu-se, também, na gestão do político paranaense, um salário mínimo estadual, superior ao mínimo nacional.

Algumas posições de Requião geraram conflitos. Como ele era contrário à plantação de transgênicos e a exportação do produto pelo porto de Paranaguá, teve divergências com o governo federal. Outro tema polêmico, em sua gestão, foi o pedágio. O ex-governador, Jaime Lerner, havia feito um contrato com concessionárias de pedágio, mas **RS** era contrário ao encaminhamento dado pelo ex-governador e contestou a implantação do pedágio em rodovias paranaenses. Embora **RS** tivesse, durante a campanha, prometido eliminar os pedágios, depois de eleito não conseguiu cumprir sua promessa. Os bingos também foram combatidos pelo governador e esse foi outro tema bastante polêmico.

Resende (2007) justifica as medidas tomadas pelo político, apresentando explicações dadas por Requião: o plantio e comercialização de soja transgênica no Paraná foram proibidos, pois as empresas de biotecnologia não conseguiam prever os impactos que as mutações genéticas podiam causar no meio ambiente e nas pessoas; as concessionárias que administraram os pedágios nas rodovias paranaenses obtiveram do ex-governador, Jaime Lerner, contratos que desfavoreciam o Estado; os bingos e alguns jogos realizados em casas lotéricas eram utilizados para lavagem de dinheiro.

Várias críticas foram feitas à gestão do ex-governador. Alguns alegaram que ele utilizou a TV e a Rádio Educativa para promover o seu governo, já que recorria à TV e à Rádio para apresentar os programas implantados. Além disso, a televisão e as rádios Educativas (AM e FM) transmitiam, semanalmente, o programa Escola de Governo, uma reunião do governador com secretários e assessores. Nesses encontros, eram avaliadas as atividades desenvolvidas pela equipe do governo. Ele respondeu às críticas, alegando que as ações do Estado

eram divulgadas pelas Rádios e TV do Estado, não gastando dinheiro público com publicidade.

Apesar das críticas, se reelegeu, em 2006, assumindo, pela terceira vez, o governo do Estado. Ele disputou o segundo turno com Osmar Dias, seu ex-secretário de Agricultura de governo (1990 a 1994). O pleito eleitoral foi acirrado, **RS** venceu por apenas dez mil votos. Na gestão (2007- 2010), deu continuidade aos programas anteriores, ampliando alguns deles: Luz Fraterna, Tarifa Social, Leite das Crianças e outros. O político não concluiu esse mandato, pois se licenciou para concorrer ao senado, cargo ao qual foi eleito no pleito de 2010.

## 2.5 LS e RS: traços biográficos distintivos

Ao delinear a trajetória de **LS** e **RS**, foram apresentados contrastes presentes na história de cada um desses agentes. O Quadro 1 apresenta elementos que mostram, de forma sintética, a distinção social entre eles.

Político	Faixa etária	Escolaridade	Origem geográfica	Origem Social e econômica	Atuação profissional	Atuação política
<b>LS (PT)</b>	65 anos	Ensino fundamental  Curso de torneiro mecânico (SENAI)	Garanhuns (PE)	Classe baixa  Pais lavradores, migrantes nordestinos e analfabetos	Metalúrgico	Deputado Federal, líder partidário e Presidente
<b>RS (PMDB)</b>	69 anos	Ensino superior Jornalismo (PUCPR) Direito (UFPR) Pós-graduação Planejamento urbano (Fundação Getúlio Vargas)	Curitiba (PR)	Classe alta  Pai médico e ex-prefeito, avô paterno camarista e Deputado Estadual, Bisavô paterno secretário de Lamenha Lins, advogado, intelectual e jornalista, avô materno comerciante, bisavô materno coletor de impostos no século XIX	Comerciante e Advogado	Deputado Estadual, Prefeito, Governador por três vezes e Senador

Quadro 1 – distinção social entre **LS** e **RS**

A trajetória política de **LS** e **RS** foi relevante na constituição do “*habitus*” desses agentes. Eles encontraram, na herança familiar e na carreira política, os ingredientes para compor o perfil da representação.

Embora os pais de **LS** fossem analfabetos, ele tomou para si o perfil social e cultural de sua família para compor sua biografia política. Até as vicissitudes de classe que fizeram parte de sua história foram fundamentais na composição do perfil da *persona* pública. O ex-presidente apresentou publicamente a sua história, e grande parte da população identificou-se com ela. **RS** herdou de sua família o apreço pela política, o capital intelectual e econômico. Colocou-se ao lado da classe menos favorecida e justificou seu posicionamento, ao falar de sua “visão fraterna” e da “formação humanística”. Em entrevista concedida ao programa Sala Exclusiva, ele expressa o seu posicionamento político:

A minha visão, acho eu, é fraterna. Estou preocupado com o equilíbrio da sociedade, com o emprego e não com o sucesso de alguns grandes industriais. Desejo sucesso a eles, mas desejo muito mais sucesso às pessoas pobres, humildes, que vivem do seu trabalho. Quero oportunidade de emprego para cada um deles. [...] Achava que um político é um tribuno do povo combatendo a cada momento, dia a dia, a cada instante, a intenção das elites de a tudo dominarem, de transformarem o povo e o trabalhador em mercadoria a ser utilizada nas fábricas, no serviço e na agricultura, afastada, dispensando no momento em que o trabalhador cansado não pudesse dar tudo de si. Esta é a diferença fundamental. A minha formação é uma formação humanística. (FARIA e SEBASTIANI, 1997. p.268)

À medida que o ex-sindicalista delineava sua carreira, apropriava-se de “*habitus* linguístico”, próprio do “campo político”. Ele percebeu a relação entre linguagem e poder, por conseguinte, ampliou o seu repertório para participar dos eventos comunicativos do campo em que estava imerso. **RS** sempre esteve integrado ao “campo político”. Resende (2007) relata que ainda na adolescência ele discursou em favor do pai, Wallace Thadeu de Mello e Silva, que foi candidato à prefeitura de Curitiba, em 1954. O político paranaense herda o capital político, intelectual e econômico, mas procurou, como político, falar em nome do povo. **LS**

nasceu no meio povo, procurou ser político para representar o povo. Embora os dois “agentes” tenham tido trajetórias sociais diferentes, colocam-se no campo dos políticos populares.

Bourdieu (2007), ressalta a relevância das biografias na composição histórica de um campo:

A história estrutural de um campo – tratando-se do campo das classes sociais ou qualquer outro campo – periodiza a biografia dos agentes comprometidos com ele (de modo que a história individual de cada agente contém a história do grupo a que ele pertence). Na sequência, em uma população, só é possível recortar *gerações* – por oposição a simples faixas arbitrárias – com base em conhecimento da história específica do campo em questão: de fato, somente as mudanças estruturais que afetam tal campo possuem o poder de determinar a produção de gerações diferentes, transformando os *modos de geração* e determinando a organização das biografias individuais e a agregação de tais biografias em classe de biografias orquestradas e ritmadas segundo o mesmo tempo. (BOURDIEU, 2007, p. 426)

A composição da trajetória de **LS** e **RS** faz parte do ritual de apresentação e representação política, portanto o perfil delineado, nas biografias, constitui uma “fachada”; nela projeta-se uma imagem positiva dos “agentes”. Essas ações constituem “*habitus* do político” (BOURDIEU, 2010), inerentes ao campo onde atuam. Lula e Requião, a partir da posição que ocupam no campo, procuram fixar o sentido de sua ação, estabelecendo um vínculo entre representantes e representados.

Assinalou-se, neste capítulo, que os dois políticos percorreram caminhos diferenciados, na constituição de *personas* públicas. Para tornar visível a distinção entre essas “*personas*”, será examinado, nos capítulos 4 e 5, traços estilísticos em discursos proferidos por eles. Em outras palavras, investiga-se, nesses capítulos, o emprego de pronomes de 1ª pessoa, nos discursos dos “agentes”. Antes, porém, serão descritos, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos que estão na base da elaboração deste trabalho.



## Capítulo 3

### METODOLOGIA

De tanto nos debatermos contra os muros desse labirinto, retornamos ao ponto de partida.

Ou quase. Vimos quais livros Menocchio lia. Mas como os lia? Confrontando, uma por uma, as passagens dos livros por ele citados com as conclusões às quais chegava (ou até mesmo com o seu modo de referi-las aos juízes), nos vemos às voltas, invariavelmente, com lacunas e deformações, às vezes profundas. Qualquer tentativa de considerar esses livros “fontes” no sentido mecânico do termo cai ante a agressiva originalidade da leitura de Menocchio. Mas do que o texto, portanto, parece-nos importante a chave de sua leitura, a rede que Menocchio de maneira inconsciente interpunha entre ele e a página impressa – um filtro que fazia enfatizar certas passagens enquanto ocultava outras, que enxagerava o significado de uma palavra, isolando-a do contexto, que agia sobre a memória de Menocchio deformando a sua leitura. Essa rede, essa chave de leitura, remete continuamente a uma cultura diversa da registrada na página: uma cultura oral.

Carlo GINZBURG

### 3.1 Justificativa e objetivos

O comício eleitoral, assim como os discursos realizados nesse evento aparecem naturalmente no “tempo da política”, ou seja, quando as campanhas eleitorais, organizadas pelos comitês, ocupam ruas, avenidas, praças, e exibem, no palco político, os seus candidatos, os protagonistas do evento político. A cada nova eleição, o ritual se repete; alguns candidatos são iniciados, apresentados ao público, outros mantêm seu perfil político, dando continuidade a sua *persona* pública, mas há os que dão uma repaginada no visual, constituem novas alianças e são reapresentados ao público.

O palanque eleitoral torna-se palco de rituais, nele a teatralização da disputa e da aliança política constitui o cenário consagrado à legitimação do poder. O discurso de palanque insere-se no “campo político”:

(...) o lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos. (BOURDIEU, 2010. p. 185)

Esse é em um lugar estratégico de produção de cenas que configuram a representação política. Os protagonistas do evento incorporam e expressam regras inerentes ao “campo político”, o “*habitus* do político” constituindo uma *persona* pública.

No discurso de palanque, observam-se marcas coletivas do trabalho discursivo e da *performance* corporal dos personagens-candidatos, pois são próprias do campo em que se inserem. No comício há uma espécie de retórica marcada: pela recorrência de temas, pela composição discursiva, pela prosódia, fortemente assinalada na elevação do tom de voz, pelo paralelismo sintático, pelos bordões e por outros elementos. Além de marcas coletivas, pode-se observar uma maneira própria de cada político articular o seu discurso e de manipular os recursos discursivos e gestuais.

Os “agentes” **LS** e **RS**, ao engajarem-se na prática comunicativa, realizada no palanque, incorporam e expressam regras inerentes ao campo político, isto é, um *habitus*, mas também constituem um estilo que se expressa na linguagem e na constituição da *persona* pública, uma “fachada”, isto é, a encenação da representação política.

Para o desenvolvimento do trabalho, levanta-se a seguinte questão: diferenças, no emprego de pronomes pessoais de 1ª pessoa, entre Lula e Requião, revelam estilos linguísticos distintivos?

Para responder essa questão, investigam-se hipóteses:

- i) se houve, ao longo de um período da trajetória de Lula e Requião, variação no modo de fala de cada um dos políticos;
- ii) se o emprego dos dêiticos de 1ª pessoa, utilizados por um e por outro, revelam diferentes estilos linguísticos e se isso resulta de um processo de construção de *personas* públicas.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é: investigar o modo de fala de Luiz Inácio Lula da Silva e de Roberto Requião de Mello e Silva, em discursos de palanque, proferidos ao longo da trajetória política desses “agentes”.

Os objetivos específicos são:

- descrever características gerais do discurso de palanque;
- examinar o emprego de pronomes pessoais de 1ª pessoa, presentes em discursos proferidos, por Lula e Requião, em alguns comícios eleitorais, realizados ao longo da trajetória política;
- examinar a designação discursiva de dêiticos de 1ª pessoa;
- apontar diferenças estilísticas no modo de fala desses políticos, delineando a constituição de diferentes *personas* públicas.

### **3.2 O corpus**

O *corpus* deste trabalho é composto por discursos integrais e trechos de vários discursos proferidos, em eventos políticos, por **LS** e **RS**. Os discursos coletados foram enunciados, em palanques eleitorais e alguns eventos políticos, por **LS**, no período de 1984 a 2010, e por **RS**, no período de 1985 a 2010. Selecionaram-se para análise somente trechos de alguns discursos proferidos, pelos dois “agentes”, em comícios eleitorais realizados nas décadas de 80, 90 e anos 2000.

Entre os materiais presentes no *corpus* estão discursos proferidos, por **LS** e **RS**, em momentos que marcaram o início do processo de redemocratização do país e a consolidação do regime democrático. Faz parte do *corpus*, por exemplo, a íntegra do discurso que **LS** proferiu em 1984, no comício das Diretas, realizado no Vale do Anhangabaú em São Paulo. Embora esse discurso não tenha sido realizado em contexto explícito de campanha eleitoral, os discursos feitos, nesse comício, influenciaram sobremaneira os pleitos eleitorais que sucederam o evento. Em 1985 houve eleições diretas para prefeito das capitais das unidades da Federação. Nessa ocasião, Requião foi eleito prefeito de Curitiba, e, em 1986,

Lula foi eleito Deputado Federal com uma votação expressiva, cerca de 650 mil votos.

No material coletado, há trechos de vários discursos proferidos por **LS** em comícios eleitorais, realizados durante a campanha à presidência em 1989, o primeiro processo eleitoral à presidência depois da ditadura militar. Foram reunidos trechos de discursos proferidos, durante a Caravana da Cidadania, realizada entre abril de 1993 e julho de 1994. A Caravana teve por objetivo fazer incursões no interior do Brasil para que os participantes conhecessem regiões onde estava uma massa de brasileiros com pouco acesso à informação. Os organizadores do evento acreditavam que a Caravana promoveria a conscientização política da população e difundiria as propostas políticas do PT. O trabalho realizado, durante a Caravana, buscou promover a identificação entre o povo e o líder político, aproximando a história de exclusão vivida por aquela população da história de vida de Lula.

Foram coletados também trechos de discursos proferidos por **LS**, durante sua campanha eleitoral em 2002, quando se consagrou presidente da república. Conseguiram-se ainda discursos proferidos na campanha presidencial de 2006 e na campanha à prefeitura em 2008. Neste momento, **LS** já exercia seu segundo mandato presidencial e apoiava alguns candidatos à eleição municipal. Coletaram-se três discursos proferidos por **LS**, no segundo semestre de 2010, quando o político participou da campanha da coligação, que elegeu Dilma Rousseff presidente da República.

Compuseram, também, o *corpus* deste trabalho trechos de discursos proferidos por **RS** em sua campanha à prefeitura de Curitiba em 1985. Nessa campanha, Requião saiu vencedor e iniciou seu primeiro mandato em cargo executivo. Reuniram-se trechos de vários discursos proferidos, em 1990 pelo político, durante sua campanha eleitoral ao Governo do Estado do Paraná, no qual foi vitorioso. Também se coletou a íntegra de um discurso proferido, em 2006, por **RS**, durante sua campanha ao Governo do Estado. Após essa campanha, o político iniciou seu terceiro mandato ao governo, o primeiro ocorreu em 1991, o

segundo em 2003 e o último em 2007. Coletaram-se também três discursos proferidos pelo político paranaense, em 2010, em comícios realizados, em Curitiba. Os dois primeiros discursos ocorreram durante sua campanha ao Senado. Nessa campanha, o político foi eleito novamente ao Senado, o terceiro discurso ocorreu no segundo turno da eleição presidencial.

Perroni (1996, p.17), ao analisar a natureza do dado linguístico, argumenta:

Assim, levando em conta o ponto de vista de que não há pesquisa ateórica, portanto, nem metodologia ateórica, lembre-se aqui da noção de recorte, segundo a qual dados não podem ser vistos como “evidências empíricas”. Essa perspectiva contraria a concepção tradicional ocidental do conhecimento como objetivo, individualista e aistórico, independente da condição humana. Contraria também a suposição da possibilidade de acesso direto a um mundo dito bruto, conhecido diretamente, com conseqüente obscurecimento do fato de que os critérios chamados “objetivos” de identificação de “comportamentos”, “eventos”, “entidades” têm sido altamente circunscrito pela cultura, história ou contexto social.

Os dados deste estudo, embora tenham sido recortados de um evento discursivo, o comício eleitoral, e, descritos e analisados a partir de pressupostos teórico-metodológicos, não estão desvinculados do contexto discursivo que lhes deu origem. A natureza dos dados desta pesquisa e o próprio objeto de estudo, o estilo, no discurso de palanque, integra-se, necessariamente, ao contexto de realização do comício.

Perroni (1996) levanta indagações acerca da objetividade na pesquisa e busca em Gergen e Davis (1985), Baker e Hacker (1984) respostas possíveis para suas questões:

Sem dúvida, a marca do nosso século em quase todas as ciências tem sido à busca da objetividade, ainda que a qualquer preço. Mas o que é a objetividade, como alcançá-la nos estudos da área de humanas? O que é o conhecimento, quando se trata de linguagem? Será ela a competência gramatical nos termos chomskianos? Ou será ele o referido por Gergen & Davis (1985, p.13): “[a língua]... Não é algo que as pessoas *possuem*, mas algo que elas *fazem*”, ponto de vista semelhante ao de Baker & Hacker (1984, p. 273): “A língua existe na prática de uma comunidade,

não é um objeto psicológico que existe entre as orelhas de um falante.”  
(PERRONI, 1996, p. 25)

Os dados deste trabalho mostram o que Lula e Requião fizeram com a linguagem, quando discursavam em palanque político, ou seja, expressaram um modo de fala realizado em uma prática discursiva, efetuada em um contexto histórico e cultural, ou seja, utilizaram manobras estilísticas, norteados pela composição de uma “fachada” (GOFFMAN, 1983). Os dados apresentam traços estilísticos inerentes ao discurso de palanque eleitoral, mas também traços que indicam a distinção estilística entre o discurso proferido em palanque pelos dois políticos.

Embora não seja objetivo deste estudo delinear detalhadamente o percurso da composição estilística do discurso de cada um desses políticos, o material selecionado apresentou elementos que indicaram esse processo, ou seja, “as candidaturas são uma espécie de ‘coroamento’ ou ritual de passagem para o ingresso no campo de política” (BARREIRA, 1995, p.159). Com efeito, ao analisar o estilo linguístico desses políticos, apontam-se marcas do trabalho estilístico presente nos discursos desses agentes. Esse trabalho estilístico revela um percurso discursivo que se integra, de muitas formas, à história política do país e ao próprio ritual do comício.

### **3.2.1 A coleta do *corpus***

A coleta do *corpus* foi iniciada no segundo semestre de 2007 e finalizada no segundo semestre de 2010. O tempo que se levou para coletar o material indica, em certa medida, os obstáculos que foram rompidos e tantos outros desviados para obter o material de pesquisa. Embora tenha sido difícil recolher e organizar o *corpus*, essa empreitada foi assumida, porque se considera que os discursos proferidos em palanque registram um pouco da história política do país e são materiais importantes para realização de pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, Linguística, História, Sociologia, Filosofia entre outras.

Inicialmente, foi feita uma coleta preliminar e reuniram-se vídeos de discursos proferidos, em palanque eleitoral, por vários políticos. Esses materiais foram selecionados, sobretudo, de páginas do *Youtube*, *site* onde internautas disponibilizam vídeos. Ao organizar o *corpus* exploratório e fazer uma análise preliminar do material recolhido, se definiram alguns critérios que orientaram a coleta. Considerou-se o objeto da pesquisa, a variação estilística no discurso político, por conseguinte definiu-se que seria necessário confrontar o estilo de dois políticos. Por fim, se escolheu os “agentes” **LS** e **RS**, pois apresentavam características comuns e distintivas que favoreciam a pesquisa:

- a) a relevância dos “agentes” no cenário político. **LS** foi Deputado Federal, líder partidário e Presidente por dois mandatos consecutivos. **RS** foi Deputado Estadual, Prefeito, Senador e, por três vezes, foi Governador do Paraná.
- b) a longa carreira política partidária. **LS** sempre esteve no PT e **RS** sempre esteve no PMDB;
- c) a faixa etária. **LS** tem 65 anos e **RS**, 69 anos;
- d) a distinção social e econômica. **LS** vem de uma classe social baixa e **RS** de classe social alta.
- e) a distinção na origem geográfica. **LS** é natural de Garanhuns, Pernambuco, mas migrou para o Estado de São Paulo ainda criança, e **RS** é natural de Curitiba, Paraná, onde sempre residiu.
- f) o grau distinto de escolaridade. **LS** fez curso de torneiro mecânico no SENAI e **RS** cursou Jornalismo e Direito, além de ter feito pós-graduação em Planejamento Urbano.

Outras razões motivaram a escolha dos políticos: o número de vídeos de discursos proferidos pelos dois era maior do que o número de vídeos de outros políticos.

Para ampliar o corpus inicial, recorreu-se a diversas fontes. Retomou-se a pesquisa nas páginas do *Youtube* e selecionaram-se mais vídeos de comícios

de **LS** e **RS**, inseridos nessas páginas. Como não havia, nesses locais, referência direta ao responsável pela película, o material era de domínio público, não foi necessária autorização para utilizá-lo.

Recorreu-se ao arquivo da Fundação Perseu Abramo. Lá se encontraram fitas com programas eleitorais da Frente Brasil Popular. Nesses materiais, havia diversos trechos de discursos proferidos por **LS**, em comícios eleitorais realizados em 1989. Nessa Fundação, também se localizou uma fita com vários trechos de discursos realizados pelo político durante a Caravana da Cidadania, ocorrida entre 1993 e 1994.

No Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo, CEFURIA, em Curitiba, encontraram-se também mais algumas fitas dos programas eleitorais da Frente Brasil Popular. Localizaram-se, nesse centro, fitas com vários trechos de discursos proferidos por **LS** na Caravana da Cidadania. Todo o material coletado, na Fundação Perseu Abramo e no CEFURIA, estavam em VHS e foi transformado em arquivo digital, DVD, pois a transposição facilitou a manipulação do material e a transcrição dos dados.

Utilizou-se também o documentário “Entreatos: Lula a trinta dias do poder”, produzido pelo cineasta João Moreira Salles. Selecionaram-se, desse material, trechos de discursos proferidos, por **LS**, em comícios ocorridos na campanha presidencial de 2002.

Fez-se contato com ex-assessores de **RS** e obtiveram-se vídeos de discursos realizados pelo político em comícios eleitorais realizados na campanha para Prefeitura de Curitiba, em 1985, e na campanha para o Governo do Paraná, em 1990.

Para entender um pouco mais a dinâmica do comício, julgou-se importante, filmar um evento para compreender como os candidatos e seus discursos inseriam-se naquele encontro. Portanto, na campanha realizada, no segundo semestre de 2010, filmaram-se três comícios, realizados em Curitiba. Neles os dois políticos estavam presentes. Pode-se, então, obter a íntegra de três discursos de cada um deles.

A coleta do *corpus* foi bastante trabalhosa. Infelizmente, não há um local para onde os vídeos, realizados nas campanhas eleitorais, sejam encaminhados para serem arquivados e catalogados. O processo de filmagem, anterior ao digital, era muito oneroso, por isso as filmagens dos comícios, realizados há alguns anos, tinham muitos cortes. Isso explica a dificuldade de se encontrar a íntegra de discursos proferidos por políticos, em comícios eleitorais realizados outrora.

Em conversas informais com assessores, ex-assessores de imprensa, de alguns partidos, e jornalistas, constatou-se que o registro dos comícios era feito, sobretudo, para ser utilizado na elaboração de vídeos exibidos no horário eleitoral, pois não se tinha como prioridade fazer a cobertura total do comício: filmavam-se apenas as partes empolgantes do evento para que fossem aproveitadas na elaboração dos programas eleitorais. Com as Reformas na Legislação Eleitoral, em 1993 e 1997, as gravações de cenas externas deixaram de ser utilizadas nas campanhas veiculadas no horário eleitoral. E como os showmícios também foram proibidos, as filmagens desses eventos deixaram de ser significativas como material de campanha.

A gestão publicitária da campanha eleitoral fica atualmente por conta de empresas especializadas que organizam, juntamente com alguns assessores políticos, a empreitada eleitoral. Ao final deste período, as películas podem ficar com as empresas publicitárias que promovem a campanha, mas, possivelmente, os materiais confidenciais ficam sob a responsabilidade de dirigentes que conduzem a campanha. Enfim, em conversas com assessores, não se conseguiu obter informação precisa sobre o destino dado aos vídeos de campanha, mas é certo que não há um arquivo, nos partidos, dos vídeos e materiais de campanha. A organização de todo o material é feita de forma voluntária por aqueles que percebem a importância e a riqueza desse material.

Durante a campanha eleitoral, é permitida a utilização de *sites* e *blogs*, portanto diversos materiais de campanha são disponibilizados nesses locais. Nas páginas criadas na *internet*, divulgam-se: a agenda da campanha, propagandas,

vídeos dos eventos promovidos. Essas páginas têm um cunho publicitário, durante a campanha é possível acessá-las e obter alguns materiais, como vídeos de comícios. Por determinação legal, dois dias antes da data da eleição, os materiais de campanha ficam indisponíveis para consulta via *Web*.

Apresentam-se, a seguir, alguns quadros para destacar o total de vídeos coletados, bem como uma breve caracterização desses materiais.

### **3.2.2 Os vídeos**

Os quadros a seguir têm a função de apresentar a relação de vídeos coletados. O Quadro 2 é composto pelos vídeos dos discursos que **LS** proferiu em vários contextos no período de 1984 a 1989. Incluíram-se o vídeo com o discurso proferido, no comício das Diretas, em 1984, em São Paulo, e os vídeos da campanha presidencial de 1989.

Político	Vídeo	Local	Ano	Duração	Descrição
<b>LS</b>	1	São Paulo	1984	9:48	Discurso realizado no comício das Diretas *.
	2	São Paulo	1989	3: 30	Discurso proferido no último comício do 1º turno da campanha presidencial **.
	3	São Paulo	1989	1:40	Discurso proferido em encontro com líderes sindicais **.
	4	Porto Alegre	1989	1:50	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	5	Brasília	1989	1:00	Discurso proferido no encontro nacional de meninos de rua **.
	6	São Gonçalo - Rio de Janeiro	1989	0:40	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	7	Garanhuns	1989	0:30	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	8	Rio de Janeiro	1989	0:25	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	9	Belo Horizonte	1989	0:50	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	10	Londrina no Paraná	1989	1:00	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	11	Rio Grande do Sul	1989	0:40	Parte de um discurso proferido para trabalhadores rurais Sem Terra **.
	12	Santo Amaro São Paulo	1989	0:40	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	13	Porto Alegre	1989	2:00	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	14	Praça da Sé São Paulo	1989	0:20	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	15	Praça do Relógio Belém do Pará	1989	1:35	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	16	São Paulo	1989	1:45	Discurso feito para metalúrgicos**.
	17	Rio de Janeiro	1989	5:30	<b>LS</b> discursa para funcionários da Petrobras, próximo ao prédio dessa empresa, no Centro da cidade do Rio de Janeiro **.
	18	Porto Alegre	1989	0:20	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	19	Recife	1989	0:20	O discurso ocorre durante o primeiro turno da campanha eleitoral **.
	20	Recife	1989	0:15	O discurso ocorre durante o segundo turno da campanha **.

Quadro 2 – Relação de vídeos: discurso das Diretas (1984) e discursos da Campanha presidencial (1989).

(\*) Discurso completo.

(\*\*) Discurso incompleto

No Quadro 3 relacionam-se os vídeos com os discursos proferidos, por **LS**, durante a Caravana da Cidadania (1993 a 1994).

<b>Político</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Local</b>	<b>Ano</b>	<b>Duração</b>	<b>Descrição</b>
<b>LS</b>	21	São João de Meriti - Rio de Janeiro.	1994	0:35	Sem informação sobre contexto mais específico de produção**
	22	Rio de Janeiro	1994	1:00	Discurso proferido para trabalhadores no Estaleiro da Ishibras **.
	23	Japeri - Rio de Janeiro	1994	0: 20	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	24	Rio de Janeiro	1994	0:15	Discurso proferido na Refinaria Duque de Caxias **.
	25	Queimados - Rio de Janeiro	1994	0:35	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	26	Salvador	1994	0:35	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	27	Formiga – Minas Gerais	1994	0:20	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	28	Curvelo – Minas Gerais	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	29	Pirapora – Minas Gerais	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	30	Januária – Minas Gerais	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	31	Promissão – São Paulo	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	32	Lins – São Paulo	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	33	Carinhanha - Bahia	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	34	Barra - Bahia	1994	0:10	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	35	Xique- Xique Bahia	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	36	Ourinhos – São Paulo	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	37	Jaboticabal – São Paulo	1994	0:20	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	38	Florianópolis - Santa Catarina	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	39	Blumenau – Santa Catarina	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	40	Palmeira das Missões - Rio Grande do Sul	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	41	Remanso - Bahia	1994	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	42	Juazeiro - Bahia	1994	0:45	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **

Quadro 3 – Relação de vídeos com discursos proferidos na Caravana da cidadania (1994)

(\*\*) Discurso incompleto

Segue, no Quadro 4, a lista de vídeos com os discursos proferidos, por **LS**, durante a Campanha presidencial, em 2002 e 2006.

<b>Político</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Local</b>	<b>Ano</b>	<b>Duração</b>	<b>Descrição</b>
<b>LS</b>	43	Osasco – São Paulo	2002	1:10	Discurso proferido no sindicato dos metalúrgicos**.
	44	Brasília	2002	1:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	45	Florianópolis Santa Catarina	2002	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	46	Porto Alegre	2002	4:10	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	47	ABC paulista	2002	4:50	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	48	Aracaju	2002	0:10	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	49	Macapá	2002	1:30	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	50	Belém	2002	0:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	51	São Paulo	2002	3:30	Comício da vitória na Avenida Paulista**.
	52	São Paulo	2006	3:13 (parte 1) 0:19 (parte 2) 0:16 (parte 3)	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	53	Araraquara	2006	1:32	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	54	Bahia	2006	9:00 (parte 1) 9:00 (parte 2) 9:00 (parte 3) 6:24 (parte 4)	<b>LS</b> discursa em comício em Salvador com Jacques Wagner e João Durval***
	55	Timon Maranhão	2006	7:40 (parte 1) (3:22) (parte 2) 2:59 (parte 3)	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	56	Rio de Janeiro	2006	1:34 (parte 1) 2:35 (parte 2) 1:08 (parte 3)	<b>LS</b> discursa em comício com Crivella**.
	57	Rio de Janeiro	2006	5:34 (parte 1) 5:18 (parte 2) 1:31 (parte 3)	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	58	Bahia	2006	0:59	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **

Quadro 4 – Relação de vídeos de discursos proferidos por **LS** na Campanha presidencial em 2002 e 2006.

(\*\*) Discurso incompleto

(\*\*\*) Discurso quase completo, apresenta apenas pequenos cortes.

Apresenta-se, no Quadro 5, a relação de vídeos de discursos proferidos, por **LS**, na Campanha municipal realizada em 2008 e na campanha presidencial de 2010. Em 2008 **LS**, discursa, em Natal, apoiando a candidata

Fátima Bezerra e, em São Paulo, Marta Suplicy. Em 2010, **LS** discursa em apoio à candidata Dilma Rousseff.

Político	Vídeo	Local	Ano	Duração	Descrição
<b>LS</b>	59	Natal	2008	3:20 (parte 1) 6:16 (parte 2) 10:52 (parte 3) 9:42 (parte 4)	Discurso proferido na campanha para prefeito da cidade de Natal. <b>LS</b> discursa ao lado de Fátima Bezerra, candidata à prefeitura ***.
	60	São Paulo	2008	3:02	<b>LS</b> discursa, ao lado de Marta Suplicy, no comício eleitoral para prefeitura de São Paulo **.
	61	São Paulo	2008	1:13	<b>LS</b> discursa, ao lado de Marta Suplicy, no comício eleitoral para prefeitura de São Paulo **.
	62	Curitiba	2010	50:00	Discurso proferido na Boca Maldita, no comício da coligação Para o Brasil continuar mudando - 1º turno *
	63	Curitiba	2010	25:00	Discurso proferido no Sítio Cercado, no comício da coligação Para o Brasil continuar mudando - 1º turno *
	64	Curitiba	2010	26:00	Discurso proferido na CIC, no comício da coligação Para o Brasil continuar mudando - 2º turno *

Quadro 5 – Relação de vídeos com discursos realizados na campanha eleitoral para prefeitura de Natal e São Paulo em 2008, e na campanha presidencial de 2010.

(\*) Discurso completo.

(\*\*) Discurso incompleto

(\*\*\*) Discurso quase completo, apresenta apenas pequenos cortes.

Apresentam-se, a seguir, quadros com a relação de vídeos de discursos proferidos, por **RS**, em palanque eleitoral, durante a Campanha para prefeitura de Curitiba em 1985.

Político	Vídeo	Local	Ano	Duração	Descrição
<b>RS</b>	65	Curitiba	1985	2:41	Discurso realizado em comício eleitoral em um bairro da periferia de Curitiba **.
	66	Curitiba	1985	8:00	Discurso realizado na Boca Maldita, Centro de Curitiba **.

Quadro 6 - Relação de vídeos com discursos realizados durante Campanha municipal para prefeitura de Curitiba em 1985.

(\*\*) Discurso incompleto

Segue a lista com a relação de vídeos com discursos proferidos, por **RS**, durante Campanhas, ao Governo do Estado do Paraná, realizadas em 1990,

2006. Segue também a relação dos vídeos com discursos proferidos, na campanha para o Senado, em 2010. Destes últimos discursos, dois são como candidato ao Senado, e um como senador eleito, quando discursa em apoio à candidata Dilma Rousseff, no segundo turno da campanha presidencial de 2010.

<b>Político</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Local</b>	<b>Ano</b>	<b>Duração</b>	<b>Descrição</b>
<b>RS</b>	67	Curitiba	1990		Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	68	Bandeirantes	1990	1:43	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	69	Cambará	1990	1:38	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	70	Matelândia	1990	2:49	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	71	Guarapuava Local aberto	1990	1:38	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	72	Curitiba	1990	4:15	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	73	Local não identificado	1990	5:28	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	74	Guarapuava	1990	22:00	Sem informação sobre contexto mais específico de produção **
	75	Curitiba	2006	19:00 (Parte 1 e 2)	Discurso proferido na Sociedade Thalia *
	76	Curitiba	2010	9:25	Discurso proferido na Boca Maldita, no comício da coligação Para o Brasil continuar mudando – 1º turno.*
	77	Curitiba	2010	4:00	Discurso proferido no Sítio Cercado, no comício da coligação Para o Brasil continuar mudando – 1º turno.*
	78	Curitiba	2010	3:50	Discurso proferido na CIC, no comício da coligação Para o Brasil continuar mudando – 2º turno.*

Quadro 7 - Relação de vídeos com discursos proferidos durante a campanha ao governo do Estado do Paraná em 1990 e 2006, e ao Senado em 2010.

(\*) Discurso completo.

(\*\*) Discurso incompleto

Expõe-se, a seguir, uma tabela para destacar o total de vídeos coletados.

Tabela 1- Relação de vídeos com discursos completos e trechos de discurso.

	VÍDEOS			TOTAL
	DISCURSOS COMPLETOS	DISCURSOS QUASE COMPLETOS	DISCURSOS INCOMPLETOS	
LULA	4	2	58	64
REQUIÃO	4	0	10	14
	8	2	78	78

Os vídeos, relacionados nos quadros anteriores, foram produzidos com propósitos diversos: fazer o registro histórico, selecionar imagens para propaganda eleitoral, divulgar o evento em página na *internet*. Há também seis vídeos, três de **LS** e três de **RS**, que foram produzidos, no segundo semestre de 2010, para compor o *corpus* deste trabalho. Compreende-se que, apesar de diferentes objetivos, todos os vídeos exemplificam o que se denomina, neste trabalho, o gênero discurso de palanque. Como o *corpus* deste trabalho é extenso, selecionaram-se e analisaram apenas alguns trechos de vídeos.

No capítulo quatro, por exemplo, recorre-se aos discursos proferidos por **LS**, nas campanhas presidenciais de 1989 e 2006, e por **RS**, nas campanhas ao Governo do Estado do Paraná de 1990 e 2006. Esses materiais foram escolhidos, porque correspondem a períodos semelhantes da trajetória dos “agentes” e apresentam aspectos estilísticos que possibilitam comparar o discurso dos dois políticos. Em 1989 Lula foi, pela primeira vez, candidato à presidência, em 1990 Requião foi, pela primeira vez, candidato ao governo do Estado do Paraná. Em 2006 **LS** e **RS** disputam a reeleição eleitoral, Lula concorria ao cargo de presidente e Requião de Governador.

No capítulo cinco mostra-se a configuração da *persona* pública, ou seja, compara-se a composição estilística dos “agentes”, Lula e Requião, ao analisar o processo de designação dêitica, presente em discursos proferidos por **LS** e **RS**. Recorre-se, pois, aos vídeos de Lula, da campanha presidencial de 2006, da

campanha da candidata Fátima Bezerra, em 2008, à prefeitura de Natal, e aos vídeos de Requião das campanhas ao governo do Estado em 1990 e 2006.

### **3.3 As convenções de transcrição dos dados**

Ao transcrever o *corpus* deste trabalho, recorreu-se às convenções adotadas pelo grupo de pesquisa Interação, Cognição e Significação (ISC - [www.unicamp.br/iel/labonecca](http://www.unicamp.br/iel/labonecca)) e pelo projeto Norma Urbana Culta (NURC). Procurou-se adequar essas convenções às características do *corpus* deste trabalho, o discurso de palanque, e aos objetivos desta pesquisa. Na transcrição, foram destacados, sobretudo, o uso de pronomes de 1ª pessoa e de dêiticos de lugar. Os gestos, utilizados pelos políticos, foram descritos, quando eram relevantes para análise dos dados.

Como os vídeos transcritos são de comícios, pressupôs-se que o tom de voz, utilizado nesse evento, não é o mesmo de uma conversa cotidiana, inclusive porque os oradores utilizam microfone. Portanto, a transcrição feita com letras minúsculas assinalam um volume de voz um pouco maior do que ocorre nas conversas cotidianas. As transcrições em letras maiúscula destacam o uso alto do volume de voz, quer seja no enunciado, quer seja em sílabas ou partes do enunciado. Utilizou-se setas (↑↓), após algumas palavras, ou no meio de palavras para indicar que ocorria uma elevação superior da voz (↑) ou a diminuição. É preciso considerar que a elevação ou a diminuição do volume da voz não é semelhante ao de uma conversa cotidiana; os usos dos recursos prosódicos, no discurso de palanque político, configuram uma linguagem hiperbólica para enaltecer a imagem do político. Como não é o objetivo desta pesquisa analisar os recursos prosódicos, ao transcrever os dados, não se deteve a esses elementos; mas, considera-se que a descrição e análise desses fatores devem ser objeto de investigação de outras pesquisas.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPOS
Incompreensão de palavras	( )	e já esqueceu do caso ( ) em oitenta e seis quando
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	quem vota em Lula vota em Sergio CABRAL↑ (para governador do estado)...
Entonação enfática	maiúscula	QUEREMOS AS ELEIÇÕES PARA ESTABELECERMOS UMA REFORMA AGRÁRIA
Aumento ou diminuição da entonação	↑↓	tinha apenas quarenta e uma mil pessoas↓... gente↑ quarenta e uma mil pessoas no Rio↑
Prolongamento de vogal e consoante	:: podendo aumentar para :::	ALÔ↑::: ZONA NORTE↑
Interrogação	?	É LULA OU NÃO É?
Micro pausa, equivale a menos de 0.2 décimos de segundos de ausência de fala ou de vocalização.	...	não se conformam... imagina vocês o medo que eles têm
Pausa prolongada (medidas em segundos)	(0.4)	porque (0.1) eu quero, eu quero confessar para vocês
Comentário do transcritor	(( ))	SE QUISE SER RESPEITADO, VAI TER QUE RESPEITAR ((aplausos))
Início da sobreposição de vozes	[	<b>RS</b> PRECONCEITO QUE ESTÁ [IMPREGNADO NA ALMA DAS PESSOAS MÁS OS <b>Plateia:</b> [JÁ GANHOU JÁ GANHOU
Final da sobreposição de vozes	]	<b>RS:</b> ALIMENTOS...DAR A TERRA A QUEM TRABALHA↑... [a reforma <b>Plateia:</b> [aplausos] ((durante 0.5)) <b>RS:</b> fundiária urbana↑] que
Indicação de que a fala foi retomada	(...)	CARA DOS NOSSOS PARENTES↑... E <b>A GENTE</b> VAI SAIR DE CASA↑... TODO MUNDO DE MÃO DADA (...)
Indicação e continuidade de gestos significativos, com descrição de gestos	*início e fim do gesto* *-----□* Continuidade gestual	<b>LS:</b> eu Wagner ↑ depois deste *-----□* sofrimento todo -----□* (( <b>LS</b> dirige-se a Jacques Wagner e segura a mão deste político, caminham lado a lado no palanque))

Quadro 8 - Convenção para transcrição dos discursos de palanque

No próximo capítulo, são verificados contrastes entre o modo de fala de **LS** e **RS**. Para tanto, recorre-se a pressupostos de Bourdieu (2007) e Irvine (2001), acerca da distinção estilística. Descreve-se também os papéis discursivos,

indicados pelos pronomes pessoais de 1ª pessoa, em função dêitica, utilizando estudos feitos por Ilari et al. (2002). Por fim, verifica-se a frequência do emprego do pronome de 1ª pessoa, em discursos proferidos, por esses políticos, e os papéis discursivos, indicados pelos dêiticos de 1ª pessoa.



## Capítulo 4

### O MODO DE FALA DE LS E RS: UMA TRAJETÓRIA SOBRE PALANQUES

A forma dupla do nome próprio explicita o que, por sinal, é óbvio: que cada pessoa emerge de um grupo de outras cujo sobrenome ela carrega, em combinação com o pronome individualizante. Não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós.

Norbert Elias.

Apresenta-se, neste capítulo, o modo de fala **LS** e **RS**, examinando, em um período da trajetória de cada um deles o emprego de pronomes de 1ª pessoa no discurso de palanque (**LS**, Campanha presidencial de 1989 e 2006; **RS**, Campanha ao governo do Paraná 1990 e 2006). Para tanto, na próxima seção, articulam-se a noção de distinção, delineada por Bourdieu (2007; 2004), e o princípio da distintividade estilística descrito por Irvine (2001). Em seguida, recorre-se ao estudo feito por Ilari et al. (2002), apresentado os papéis discursivos indicados pelos pronomes pessoais de 1ª pessoa, em função dêitica. Por fim, analisa-se o emprego que **LS** e **RS** fazem, no palanque eleitoral, dos pronomes de 1ª pessoa (*eu, nós e a gente*), observando: (i) a frequência desses elementos, pois se deseja buscar, no índice de ocorrências, indicações para o procedimento de análise; (ii) os papéis discursivos, indicados por esses pronomes, averiguando, no processo de designação dêitica, a configuração de *personas* públicas, ou seja, a constituição da representação política no comício eleitoral.

#### 4.1 A distintividade

Bourdieu (2007) apresenta a pesquisa que fez, ao longo dos anos 70, acerca do consumo cultural dos franceses. Em sua pesquisa, o sociólogo elabora uma teoria geral sobre o gosto e pressupõe que a relação entre práticas culturais

e classes sociais liga-se ao princípio que legitima a hierarquia social. Os gostos e as preferências dos franceses ratificam uma vinculação social, já que as condições de participação social baseavam-se na herança social. Como os bens simbólicos eram constitutivos do “*habitus*”, os indivíduos, em suas trajetórias, incorporavam-no e, muitas vezes, transmitiam-no a outras gerações, assegurando a reprodução social desses bens, mas também a legitimação da estratificação social. O sociólogo analisa a relação entre *habitus* e hierarquia social e considera que as práticas dos “agentes sociais”, assim como os seus julgamentos, acerca do gosto, constituem “*habitus*”, e é a partir dele que os estilos de vida configuram-se. Bourdieu explica detalhadamente esse processo:

A divisão em classes operada pela ciência conduz à raiz comum das práticas classificáveis produzidas pelos agentes e dos julgamentos classificatórios emitidos por eles sobre as práticas dos outros ou suas próprias práticas: o *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principium divisionis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo *social representado*, ou seja, o espaço dos estilos de vida. (BOURDIEU, 2007.p. 162)

O pesquisador observa, no sistema distintivo que configura o “*habitus*”, a correspondência entre os traços distintivos e as escolhas estilísticas feitas pelos “agentes”. O sociólogo mostra que o sistema distintivo que configura o “*habitus*” funciona como estilos de vida:

Pelo fato de que as condições diferentes de existência produzem *habitus* diferentes, sistemas de esquemas geradores suscetíveis de serem aplicadas, por simples transferência, às mais diferentes áreas da prática, as práticas engendradas pelos diferentes *habitus* apresentam-se como configurações sistemáticas de propriedades que exprimem as diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência sob a forma de sistemas de distâncias diferenciais que, percebidos por agentes dotados dos esquemas de percepção e de apreciação necessários para identificar, interpretar e avaliar seus traços pertinentes funcionam como estilos de vida. (BOURDIEU, 2007. p. 164)

O sociólogo esclarece ainda que o estilo está em conformidade com o “*habitus*”. Portanto, ao se investigar o estilo, é preciso considerar o conjunto das escolhas feitas pelos agentes, observando o esquema de oposições e correlações:

Os estilos de vida são, assim, os produtos sistemáticos dos *habitus* que, percebidos em suas relações mútuas, segundo os esquemas do *habitus*, tornam-se sistemas de sinais socialmente qualificados – como “distintos”, “vulgares”, etc. A dialética das condições e dos *habitus* é o fundamento da alquimia que transforma a distribuição do capital, balanço de uma relação de forças, em sistemas de diferenças percebidas, de propriedades distintivas, ou seja, em distribuição de capital simbólico, capital legítimo, irreconhecível em sua verdade objetiva. (BOURDIEU, 2007, p. 164)

Bourdieu (2007) explica como operou com o senso da distinção na pesquisa realizada: colocou de um lado um grupo de indivíduos cujas características fossem relativamente homogêneas e, de outro lado, grupos com padrões diferentes. O pesquisador justifica e explica o procedimento adotado:

[...] além de não existir um limite enquanto linha bem definida, assim também se pode falar de fração de classe embora seja impossível traçar, seja qual for o lugar, uma linha de demarcação de modo que, de um lado ou de outro, se encontre alguém possuidor de todas as propriedades mais frequentes de um lado dessa linha e desprovido das propriedades mais frequentes do outro lado. Com efeito, nesse universo de continuidade, o trabalho de construção e de observação consegue isolar conjuntos (relativamente) homogêneos de indivíduos caracterizados por *conjuntos* de propriedades estatisticamente e sociologicamente associadas entre si em diferentes graus ou, se preferirmos, grupos separados por *sistemas de diferenças*. (BOURDIEU, 2007.p. 240)

O reconhecimento de manobras estilísticas, no discurso de palanque, advém da percepção de um sistema de distinção social inerente à trajetória de **LS** e **RS**. Dito de outro modo, para delinear a distinção estilística entre eles é preciso procurar, na trajetória e no discurso desses “agentes”, elementos que assinalem a distinção. Bourdieu indica alguns caminhos:

De fato, as distâncias sociais estão inscritas nos corpos, ou, mais exatamente, na relação com o corpo, com a linguagem e com o tempo (outros aspectos estruturais da prática que a visão subjetivista ignora). (BOURDIEU, 2004. p. 155)

No segundo capítulo, deste trabalho, mostrou-se, por exemplo, que **LS** e **RS**, embora tivessem trajetórias diferentes, rumaram para o mesmo campo, o “campo político”, especialmente, para o *locus* dos políticos populares. Contudo, a herança cultural acumulada, ao longo da história pessoal e da carreira política, de cada um deles, fez com que constituíssem diferentes *personas* públicas. Assinalou-se, neste trabalho, que o político paranaense, em sua ação política, fala em nome do povo e o líder petista representa o povo. Em outras palavras, procurou-se descrever a trajetória desses “agentes” para assinalar as diferenças sociais e apontar peculiaridades importantes na configuração do “*habitus* desses políticos”. Mas, vale assinalar que Bourdieu (2004) retoma pressupostos que delineou para esclarecer o princípio da distintividade:

(...) o capítulo do *La distinction* consagrado às frações da classe dominante é lido como uma descrição dos diferentes estilos de vida dessas frações, em vez de se verem ali posições no espaço das posições de poder – que chamo de campo do poder. (BOURDIEU, 2004. p. 153)

O sociólogo ressalta que os diferentes estilos assinalam, sobretudo, posições que os sujeitos ocupam no espaço social, ou seja, as relações de poder se estabelecem no *locus* onde os “agentes” atuam. O comício é um espaço privilegiado para se averiguar as diversas posições que os políticos ocupam, no campo, porquanto o palanque é palco da encenação de disputas e de alianças, ou seja, da constituição do poder. Ao contrastar o modo de fala de **LS** e **RS**, no discurso de palanque, serão apontadas, por exemplo, diferenças estilísticas, assinalando posições que esses “agentes” encenam no comício, espaço simbólico de teatralização da representação política e da constituição de poder.

Irvine (2001), ao elaborar a noção de distintividade estilística, recorre ao estudo empreendido por Bourdieu (2007), relacionando a noção bourdieusiana de

distinção estilística aos princípios sociolinguísticos. Mas, a autora parece não abarcar o pressuposto básico que norteia o trabalho do sociólogo, quer dizer, a distinção estilística aponta correlações de poder. Ela ressalta o caráter ideológico da distintividade estilística, mas não chega analisar de que forma as relações de poder se inscrevem e expressam as diferenças estilísticas. Ainda assim, a abordagem que Irvine (2001) adota contribui com o estudo da variação estilística, uma vez que o princípio da distintividade estilística amplia a compreensão do estilo em Sociolinguística. Ao defender que o estilo baseia-se na noção de distintividade, a pesquisadora faz ver que o estilo é de fato um fenômeno sociolinguístico, pois a organização da distintividade atua no nível linguístico e constitui-se também numa rede de distinção social. O estilo é reconhecido no confronto com outros estilos, pois o significado social, indicado por ele, contrasta com os demais significados sociais; a antropóloga esclarece:

As características de um determinado estilo não podem ser explicadas independentemente das outras. Ao contrário, deve-se atentar para as relações entre estilos – para seus contrastes, suas fronteiras e suas generalidades. Para uma visão sociolinguística de estilo, mais importante do que uma correlação particular entre forma e função – já que correlações, como sabemos, não são explicações e nem identificam causas – são os princípios e processos de diferenciação estilística dentro de um sistema sociolinguístico em constante evolução. (IRVINE, 2001. p. 22)<sup>21</sup>

Bentes (2009) elucida a noção de distinção, delineada pela antropóloga:

Irvine (2001) defende que tratar do estilo pressupõe uma menor ênfase na variedade como objeto em si e mais ênfase no processo de construção da distinção, que opera em vários níveis, do mais visível ao mais subliminar. (BENTES, 2009. p.6)

---

<sup>21</sup> The characteristics of particular style cannot be explained independently of others. Instead, attention must be directed to relationships among styles – to their contrasts, boundaries, and commonalities. What is more important for a sociolinguistic view of style than a particular correlation between form and function – since correlations, as we know, are not explanations and do not identify causes – are the principles and processes of stylistic differentiation within a continuously evolving sociolinguistics system. (IRVINE, 2001. p. 22)

Para Irvine (2001) os elementos linguísticos que assinalam o estilo conectam-se a um lugar social e associam-se a um valor ideológico. Para fundamentar seu ponto de vista, Irvine (2001) retoma pressupostos de Peirce, acerca de procedimentos semióticos, e explica que traços linguísticos, ao assinalar o modo de fala, funcionam como um índice, ou seja, indicam ao interpretante a direção do significado. Mas, ela acentuou que o índice não revela uma ação social, portanto cabe ao interpretante perceber, no signo linguístico, o significado. Dito de outro modo, o participante do evento comunicativo atribui significado social, ao atualizar o valor do signo; para isso, considera aspectos sociais e culturais da comunidade de que participa.

Ao associar traços linguísticos à noção semiótica de índice, ela mostra que há uma relação de contiguidade entre o elemento linguístico e a realidade exterior, o contexto interacional. Com efeito, atribui ao interpretante o papel de realizar esse procedimento, mas, para efetivá-lo, ele deve atualizar o valor do signo. A autora reconhece, então, que o índice não pode fornecer significado, uma vez que funciona, somente, como um sinal, o significado é, pois inerente ao signo.

Irvine (2001), além de elucidar os valores ideológicos dos signos linguísticos, assinala que eles são culturalmente variáveis e se integram à história e às tradições das comunidades. Mas o que a antropóloga quis destacar, de fato, é que o estilo está relacionado à estética e esta, por sua vez, integra-se a um sistema cultural variável que se organiza a partir de valores:

Sistemas estéticos são culturalmente variáveis e se organizam em torno de princípios locais relevantes de valor, em que nem tudo está conectado de maneira evidente a forças sociológicas. Ainda assim, uma das coisas que tais princípios de valor fazem, quaisquer que sejam no caso em particular, é motivar a consistência de formas estilísticas. (IRVINE, 2001. p. 22-23)<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Aesthetic systems are culturally variable and are organized around locally relevant principles of value, not all of which are conspicuously connected which sociological forces. Still, one of things those principles of value do, whatever they may be in the particular case, is to motivate the consistency of stylistic forms. (IRVINE, 2001. p. 22-23)

Irvine (2001), partindo, pois, de princípios definidos por Hebdige (1979) e Bourdieu (1984; 1989) define estilo:

Seguindo tais enfoques sobre estilo, então, entendo que estilos, na fala, dizem respeito ao modo pelo qual os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e seus objetivos dentro de um sistema de distinções e possibilidades. Suas falas são ideologicamente mediadas, já que envolvem, necessariamente, os entendimentos do falante a respeito de grupos sociais, de atividades e de práticas, incluindo formas de falar. Tais entendimentos incorporam valorações e pesam de acordo com a posição social e interesse do falante. São também afetados por diferenças quanto ao acesso dos falantes a práticas relevantes. Atos sociais, incluindo o uso da fala, são informados por um sistema de representações ideologizado e, não importando quão instrumentais possam ser para alguma meta específica, eles também participam do “trabalho de representação”. (IRVINE, 2001, p. 23-24)<sup>23</sup>

Segundo a pesquisadora, para analisar o estilo é preciso investigar as relações ideológicas que interferem nas práticas comunicativas, no propósito comunicativo do evento de fala e no papel social que o falante desempenha em sua comunidade. Enfim, os modos de fala absorvem os elementos sociais e ideológicos presentes nas práticas sociais do falante. O reconhecimento das manobras estilísticas advém da percepção de um sistema de distinção social em que as práticas sociais e comunicativas se inserem. Ela assinala que as ações sociais, assim como os usos de fala, interferem na constituição da representação, em suma, as práticas linguísticas, vistas a partir da perspectiva ideológica, constroem o trabalho de representação. Bentes (2009) esclarece:

---

<sup>23</sup>I take it that styles in speaking involve the ways speakers as agents in social (and sociolinguistic) space, negotiate their positions and goals within a system of distinctions possibilities. Their acts of speaking are ideologically mediated, since those acts necessarily involve the speaker's understandings of salient social groups, activities, and practices, including forms of talk. Such understandings incorporate evaluations and are weighted by the speaker's social position and interest. They are also affected by differences in speaker's access to relevant practices. Social acts, including acts of speaking, are informed by an ideologized system of representations, and no matter how instrumental they may be to some particular social goal, they also participate in the “work of representation.”(IRVINE, 2001, p. 23-24)

As pesquisas sobre registros sempre enfocaram variedades e padrões relativamente estáveis e institucionalizados, padrões estes que inclusive eram explicitamente nomeados no interior de suas comunidades de uso, conectados com determinadas situações institucionalizadas, ocupações etc. (por exemplo, a fala de locutores esportivos). O estilo inclui isso, mas também inclui as formas mais subliminares por meio das quais os indivíduos “navegam” entre as variedades disponíveis e tentam encenar uma representação, coerente de si mesmos – um “eu” que pode também se subdividir em um sistema de aspectos diferenciados do self (...) o estilo envolve princípios de distinção que podem se estender para além do sistema linguístico, para outros aspectos do comportamento que estão semioticamente organizados. (BENTES, 2009. p. 6)

Na concepção de estilo expressa por Irvine (2001), a ideologia da diferenciação linguística é constituída por procedimentos linguísticos, mas também semióticos. Para analisar o estilo, Irvine (2001) retoma e analisa o estudo que fez entre os Wolof no oeste da África e o trabalho etnográfico que Gal (1992) realizou na Europa Ocidental. Irvine (1989) e Gal (1990), ao compararem seus trabalhos, concluem que devem investigar o modo pelo qual a ideologia da língua sistematiza a distintividade sociolinguística. A partir das comparações que fizeram de seus dados, chegam a dois pressupostos: (i) o princípio da distintividade associa diferenças linguísticas e significados sociais, portanto os registros e estilos são mediados pelas ideologias locais de língua; (ii) a interpretação de fenômenos sociolinguísticos, cujo princípio baseia-se na ideologia da diferenciação linguística, está fundamentada em três procedimentos semióticos: *iconização*, *recursividade* e *apagamento*.

A “iconização” (IRVINE, 2001) é um procedimento semiótico que associa traços linguísticos e imagens sociais. As diferenças linguísticas são, de certo modo, representações icônicas dos contrastes sociais, inerentes aos grupos sociais. Sendo assim, o processo de “iconização” indica a conexão estabelecida entre traços linguísticos e categorias sociais. Por exemplo, o modo como **LS** e **RS** expressam-se, no palanque, utilizando pronomes pessoais de 1ª pessoa, configura a “iconização”. Pode-se depreender desse processo a constituição da

representação de um “eu”, de uma *persona* pública. Bentes (2009) esclarece a noção de iconização, delineada por Irvine (2001):

As diferenças linguísticas parecem ser representações icônicas dos contrastes sociais que elas indexam, - como se os traços linguísticos de alguma maneira descrevessem a natureza ou a essência de um grupo social. A representação ideológica – ela mesma um sinal – opera com em termos de imagens; ela seleciona qualidades supostamente compartilhadas tanto pela imagem social como pelos traços linguísticos (ou melhor, uma imagem de tais traços), colocando essas imagens juntas. (BENTES, 2009. p.7)

Na “recursividade”, diferenças estilísticas, existentes no interior de um grupo, são reproduzidas fora dele, criando subcategorias e subvariedades estilísticas. A “iconização” também está presente nesse procedimento porque as oposições são projetadas por meio dela. No “apagamento”, o campo sociolinguístico é simplificado; uma dimensão da distintividade é considerada, mas outra é apagada. Com efeito, marcas sociais, culturais e linguísticas são ignoradas, desencadeando uma aparente homogeneidade.<sup>24</sup>

Irvine (2001) esclarece os três procedimentos semióticos descritos, comentando aspectos da pesquisa realizada entre os Wolof no oeste da África. Os aldeões de Wolof, quando solicitados a diferenciar grupos presentes na comunidade, distinguindo usos linguísticos, indicaram dois grupos: os nobres e os narradores. As características descritas, pelos informantes, acerca da fala narradora e da nobre, correspondem aos aspectos sociais, culturais e ideológicos, inerentes à comunidade. O narrador é responsável por transmitir as ideias do chefe, portanto seu estilo é marcado pela repetição, considerada carregada, elaborada, polida, compassiva. Como o nobre não tem habilidade retórica, seu estilo é marcado por uma fala lenta, contida e cautelosa. Irvine (2001) elucida, então, seu pressuposto:

---

<sup>24</sup> Para assinalar a constituição da *persona* pública de **LS** e **RS**, utiliza-se, neste trabalho, a noção de “iconização”, delineada por IRVINE (2001); a “recursividade” e o “apagamento” não serão aplicados a este estudo.

Meu argumento aqui (para mais detalhes ver Irvine 1989 e 1990) é que as diferenças linguísticas entre essas maneiras de falar são motivadas por uma ideologia de língua que conecta identidade social e conduta verbal – como se tal conduta mostrasse essências sociais iconicamente. Além disso, os princípios de diferenciação estilística operam em muitos níveis diferentes, dos contrastes grandes aos sutis (recursividade). (IRVINE, 2001. p.34)<sup>25</sup>

Os contrastes entre a fala narradora e a nobre compõem uma *performance* verbal, constituída por recursos prosódicos, fonéticos, morfológicos, sintáticos e discursivos. A antropóloga assinala aspectos que diferenciam a fala narradora da fala nobre:

A versão mais extrema da “fala narradora” aparece nas performances públicas do narrador: oratória alta, corrida, acompanhada de gestos enfáticos; tom alto, na maioria das vezes, incluindo, porém, contornos acentuados de timbres; construções de sentenças contendo muitos mecanismos morfológicos e sintáticos para fins de ênfase, intensificação e paralelismos repetitivos; e vocabulário vivido, especialmente com relação a detalhes de som, movimento e sentimento. O extremo da “fala nobre”, por outro lado – além do silêncio – é representado por um falar lacônico, arrastado, lento, de tom baixo ou murmurado, com estruturas de sentenças simples ou mesmo incompletas. Contrastes prosódicos entre os estilos são conspícuos e salientes para os informantes, enquanto que aspectos fonológicos de diferenciação estilística são menos disponíveis à reflexão consciente. Ainda assim, os dois tipos de contrastes (prosódico e fonológico) estão intimamente ligados. O murmúrio arrastado do estilo “nobre” e fricativas, opondo-se à articulação metralhada do estilo “narrador”, que preserva tais distinções de traços mas destaca consoantes às custas de vogais. E assim por diante. (IRVINE, 2001, p.35-37)<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> My argument here (for more detail see Irvine 1989 and 1990) is that the linguistic differences between these ways of speaking are motivated by an ideology of language that connects social identity with verbal conduct – as if that conduct displayed social essences iconically. Moreover, the principles of stylistic differentiation operate on many different levels, from gross contrasts to subtle ones (recursivity). (IRVINE, 2001. p.34)

<sup>26</sup> The most extreme version of “griot talk” is displayed in the griot’s public performances: loud, rapid oratory accompanied by emphatic gestures; pitch mostly high, but including sharp pitch contours; sentence constructions that contain many morphological, and syntactic devices for emphasis, intensification, and repetitive parallelisms; and vocabulary, especially regarding details of sound, motion, and feeling. The extreme of “noble talk”, on the other hand – apart from silence – is represented by a laconic, slow low-pitched drawl or mumbling, with simple or even incomplete sentences structure. Prosodic contrasts between the style are conspicuous and salient to consultants, while phonological aspects of stylistic differentiation are less available to conscious contemplation Yet the two kinds of contrast (prosodic and phonological) are closely linked. The

Os contrastes descritos não são arbitrários, são motivados por uma ideologia de língua. Os elementos linguísticos descritos pelos informantes são representações icônicas das relações sociais estabelecidas na comunidade e se constituem ao longo de um eixo ideológico. Ao analisar contrastes entre a fala narradora e a fala nobre, Irvine (2001) esclarece o procedimento de “iconização”:

Isto é o que chamo de iconização: na ideologia dos falantes Wolof rurais, os comportamentos linguísticos contrastantes são produzidos para parecerem representações icônicas – representando as relações sociais que indicam. Traços linguísticos que ocorrem em muitos níveis de organização linguística estão integrados verticalmente ao longo de um eixo ideológico que contrasta, junto a suas imagens sociais associadas, de acordo com os temperamentos que suspostamente “causam” a diferenciação. (IRVINE, 2001, p.38)<sup>27</sup>

Para caracterizar a distintividade estilística, na comunidade de Wolof, a autora considera, sobretudo, contrastes presentes em contextos extremos, ou seja, as versões estilísticas contrastadas estão em polos opostos do *continuum* estilístico. Mas, ela não deixa de assinalar que a fala real, cotidiana, realiza-se, de fato, em um *continuum*. Com efeito, o recorte que autora faz assinala um dos aspectos da distintividade, presente na comunidade, porém outros recortes podem ser feitos. Irvine (2001) mostra que diversos esquemas de diferenciação podem ser observados porque a distinção opera em vários níveis. Por exemplo, na recursividade um modo de fala, utilizado por um grupo, é reproduzido por outro grupo, configurando a distinção:

---

“noble” style’s mumbled drawl neutralizes features of vowel and consonant length and some distinctions between stops and continuants, as opposed to the “griot” style’s shotgun articulation that preserves those feature distinctions but highlights consonants at the expense of vowels. And so on. (IRVINE, 2001, p.35 -37)

<sup>27</sup> This is what I mean by iconization: in the rural Wolof-speaker’s ideology, the contrasting linguistic behaviors are made to appear to be iconic representation – depicting the social relations they index. Linguistic feature occurring at many levels of linguistic organization are vertically integrated along an ideological axis that contrasts them, along with their associated social images, according to the temperaments that supposedly “cause” the differentiation. (IRVINE, 2001, p.38)

Em suma, não há apenas uma fronteira social ou diferenciação sociolinguística que seja relevante aqui, mas, em vez disso, um esquema de diferenciação sociolinguística que organiza, semioticamente, as relações em muitos níveis. É isso o que chamo de recursividade. A estrutura recursiva serve para organizar muitas situações e muitos aspectos da fala, mesmo quando os contrastes estilísticos são sutis. (IRVINE, 2001, p.38)<sup>28</sup>

No trabalho que Irvine (2001) realizou na comunidade Wolof, o estilo escravo não apareceu, foi apagado; vê-se, pois, que os informantes desconsideraram os escravos, por extensão, os usos linguísticos desse grupo:

Não há noção comparável à noção de estilo “escravo” de fala. São tais desconsiderações que chamo de apagamento. Uma ideologia linguística é uma visão totalizante na qual alguns grupos (ou atividade, ou variedades) se tornam invisíveis e inaudíveis. Os descendentes de escravos, na sociedade rural Wolof, não recebem voz. (IRVINE, 2001, p.39)<sup>29</sup>

O trabalho empreendido por Irvine (2001) toma como ponto de partida, sobretudo, a noção bordieusiana de “distinção”, que ela retoma, em certa medida, ao final de seu trabalho:

Nota-se com frequência, agora, que diferenciação linguística não é uma simples reflexão de diferenciação social (ou vice-versa), porque oposições linguísticas e oposições sociais não são ordens separadas de fenômenos. Como Ferguson (1994:19) escreve, “fenômenos de língua são, eles próprios, fenômenos socioculturais, e são, em parte, constitutivos dos próprios grupos sociais reconhecidos pelos participantes ou identificados pelos analistas.” São estes, reconhecimento e identificação mediadores, junto com suas estruturas e pressões

---

<sup>28</sup> In short, there is not just scheme of sociolinguistic differentiation that semiotically organizes relationships at many levels. This is what I mean by recursivity. The recursive structure serves to organize many situations, and many aspects of talk, even when the stylistic contrasts are subtle. (IRVINE, 2001, p.38)

<sup>29</sup> There is no comparable notion of a “slave” style of talk co-ordinate with the other style. These disregardings are what I mean by erasure. A linguistic ideology is a totalizing vision in wich some groups (or activities, or varieties) become invisible and inaudible. The descendants of slaves, in rural Wolof society are accorded no voice. (IRVINE, 2001, p.39)

ideológicas e sua relação com os processos de diferenciação estilística, que busquei explorar. (IRVINE, 2001, p.42)<sup>30</sup>

A conclusão à que Irvine (2001) chega assinala uma relação intrínseca entre linguagem e ideologia, contudo as diferenças linguísticas não chegam a expressar de fato “posições no espaço das posições de poder”. (BOURDIEU, 2004. p. 153)

Considera-se, neste trabalho, que as manobras estilísticas advém da percepção de um sistema de distinção em que as práticas sociais e comunicativas se inserem, isto é, as manobras estilísticas indicam posições de poder que são negociadas, pelos “agentes”, no espaço social que ocupam. Para examinar o estilo, no discurso de palanque, é preciso, pois, examinar o uso de elementos linguísticos, as relações de poder intrínsecas a esse contexto, bem como o papel social que os “agentes” encenam no evento.

Com base nos estudos realizados por Ilari et al. (2002), na próxima seção, descrevem-se os papéis discursivos, indicados pelos pronomes de 1ª pessoa, uma vez que o emprego desses elementos, nos discursos proferidos por **LS** e **RS**, apontam a distinção estilística entre os dois “agentes”.

#### **4.2 O pronome de 1ª pessoa na referência à pessoa que fala**

Ilari et al. (2002), ao estudar os pronomes pessoais do português falado, examinam *corpus* do NURC e explicam a natureza fórica do elemento. Os pesquisadores consideram que, a partir dessa natureza, distinguem-se duas funções dos pronomes pessoais, interacional e textual:

---

<sup>30</sup> It has now often been noted that linguistic differentiation is not a simple reflection of social differentiation (or vice versa), because linguistic and social oppositions are not separate orders of phenomena. As Ferguson (1994:19) writes, “languages phenomena are themselves sociocultural phenomema and are in part constitutive of the very social groups recognized by the participants or identified by analysts”. It is the mediating recognition and identification, together with its ideological frameworks and pressures, whose relationship with processes of stylistic differentiation I have sought to explore. (IRVINE, 2001, p.42)

Em primeiro lugar cabe apontar a natureza fórica do pronome pessoal. É uma determinação categorial da qual decorrem duas grandes funções da classe, uma interacional e outra textual, a saber:

- 1) Representar na sentença os papéis do discurso (é a função que remete à situação de fala e que, segundo o quadro teórico adotado, tem sido chamada de dêitica ou exofórica);
- 2) Garantir a continuidade do texto, remetendo reiteradamente aos mesmos argumentos (é a função que remete ao próprio texto, genericamente chamada endofórica, sendo a anáfora sua representação por excelência). (ILARI et al., 2002, p. 75)

O princípio descrito no item (1) elucida o uso que **LS** e **RS** fazem, no discurso de palanque, da 1ª pessoa, em função dêitica. Ilari et al. (2002) esclarecem que os pronomes pessoais, na função dêitica, se remetem ao *eu* que discursa. Esse aspecto interessa a este trabalho porque assinala o processo de designação dêitica, no emprego do dêitico de 1ª pessoa. Mas, os pronomes não expressam, por eles mesmos, o significado. Os pesquisadores citam estudos, acerca de significados nos pronomes (Lemos, 1991; Jakobson, 1957; Hjelmslev, 1975; *apud* Ilari et al., 2002, p.76), e concluem:

O que parece certo é que a interpretação dos pronomes (não só dos pessoais, mas de todos os fóricos) é do âmbito da semântica textual, não da semântica da palavra, embora seja verificável em cada um dos fóricos (os pessoais e alguns outros pronomes) uma instrução muito firme para interpretação. É que os fóricos incorporam uma indicação precisa de relações, seja com o discurso, seja com outras porções da peça do discurso, situando-se a variedade na possibilidade de mudanças do elemento referido ou recuperado, não na relação em si. (ILARI et. al., 2002, p. 76)

Há, pois, nos pronomes uma indicação, uma instrução que orienta a constituição do sentido, mas cabe ao interpretante perceber essa relação, constituída na interação falante-ouvinte, ou autor-leitor. Os autores consideram que os pronomes pessoais exercem uma função, representam, no discurso, os interlocutores, e evocam *personas*:

De fato, uma função típica dos pronomes, certamente responsável pela qualificação “pessoais”, e a de constituir expressões referenciais que representam na estrutura formal dos enunciadores os interlocutores responsáveis pela enunciação. “Pessoal” (etimologicamente derivado de *persona* = “máscara”) evoca aqui a possibilidade de alternar os papéis da interlocução, o que permite compreender a noção de “pessoa” como algo mais do que um mero tecnicismo gramatical ligado à conjugação verbal. (ILARI et al., 2002, p. 82)

Partindo desse princípio, considera-se que o uso que **LS** e **RS** fazem, no discurso de palanque, de pronomes pessoais de 1ª pessoa, indica a pessoa que fala no evento, quer dizer, uma *persona*, um representante político.

Para descrever “os papéis discursivos que os pronomes pessoais distinguem” (ILARI et al., 2002, p. 82), os autores situam esses elementos em dois eixos:

- a) o das pessoas que interagem linguisticamente, os interlocutores, os quais, na sucessão da fala, se opõem entre si nos papéis de locutor/emissor (1ª pessoa) e alocutário/receptor (2ª pessoa);

(1-1) *eu* vou descrever para *você* minha viagem  
(D2-SSA-98: 3.1)

- b) o das entidades a que se refere a interlocução (3ª pessoa, ou *não-pessoa*).

Este segundo eixo, o dos objetos, pessoas, realidades etc. a que se faz referência na fala, mas não são constitutivos da interação verbal, opõe-se ao primeiro, o dos indivíduos identificados por deterem os papéis discursivos:

(1-2) *nós* temos empregada [...] *ela* faz a feira

(DID- RJ-328: 2.51)  
(ILARI et al., 2002, p. 82-83)

Os linguistas consideram que os pronomes pessoais representam dois tipos de indivíduos, os que têm papel na interação (emissor - locutor; receptor-alocutário) e os que não têm papel na interação, mas são referidos no discurso. Os pesquisadores fundamentam esse princípio, explicando pressupostos delineados por Apolônio Díscolo (1987, *apud* Ilari et al., 2002. p.83):

Em outras palavras, nas duas primeiras pessoas [1ª e 2ª] há, ao mesmo tempo, uma pessoa implicada no discurso e um discurso sobre essa pessoa e, desse modo, os pronomes de primeira pessoa e de segunda pessoa se interpretam por um processo de auto referência. Assim, *eu* designa a pessoa que fala e implica, ao mesmo tempo, um discurso sobre ela, a partir dela própria. Já a segunda pessoa é necessariamente referida pela primeira, e não pode ser pensada fora de uma situação proposta a partir do *eu*. Pode-se, pois, perceber, no interior das pessoas que realizam a interlocução, uma oposição discursiva entre interlocutor que instaura momentaneamente o enunciado (forma subjetiva) e interlocutor de quem não parte, no momento, a fala (forma não subjetiva). (ILARI et al., 2002, p. 83)

Os pesquisadores ressaltam, em sintonia com Benveniste (1991), a função discursiva das 1ª e 2ª pessoas, elucidando que a noção de 1ª pessoa não se restringe ao indivíduo que fala, pois a 1ª pessoa fala de si, “forma subjetiva”. Além do mais, a 2ª pessoa não se limita a pessoa a quem se fala, deve-se acrescentar que é sobre ela que se fala, “forma não subjetiva”. Partindo desse princípio, os autores descrevem os pronomes pessoais, focalizando o papel que estes desempenham na referência aos indivíduos, evocados no e pelo discurso. Ao mapear o funcionamento da forma do plural da 1ª pessoa, os autores explicam que a passagem do singular para o plural não implica apenas pluralização:

Observe-se o pronome pessoal *nós*: não podemos dizer que *nós* seja igual a *eu + eu*, mesmo que esse plural não inclua realmente outra pessoa que não a primeira, análise que alguém poderia aplicar a este exemplo, extraído de uma aula de história da arte:

(1-19) *Nós* vamos começar pela Pré-história,... hoje exatamente pelo período... do Paleolítico

(EF-SP-405:1)

Afora esse tipo de emprego, em que um indivíduo institui sua fala como a de um grupo, mas nele não inclui nem a segunda nem a terceira pessoa (o tradicionalmente chamado “plural de modéstia”), o pronome *nós* constitui tipicamente a soma de *eu + não eu*. O *não eu* pode corresponder a uma segunda ou terceira pessoa ou ambos conjuntamente, que, por sua vez, podem ser singulares ou plurais.

(ILARI et al., 2002, p. 88)

Ao analisar dados do NURC, os autores constatam que o *nós* corresponde a:

**a) nós = 1ª + 2ª pessoa, eu + você(s):**

(1-20) a natureza dentro de casa [...] do que você e eu, *nós* botamos

(D2-RE-05:718)

(ILARI et al., 2002, p. 89)

**b) nós = 1ª + 3ª pessoas, eu + eles(s):**

(1-22) e:: nós havíamos programado nove ou dez filhos...

(D2-SSA-98:5)

(A informante fala de si e do marido)

(ILARI et al., 2002, p. 89)

**c) nós = 1ª + 2ª + 3ª pessoas, eu + você(s) + ele(s)**

(1-25) Doc. Hum. Tá bom, tá ligado (risos)

115. ... desde que *nós* entramos aqui (superp)

116. ... Está vendo? Elas estão gravando.

(D2-SSA-98:13)

(A informante 115 se refere a si própria, ao documentador e ao informante 116)

(ILARI et al., 2002, p. 89)

Para os linguistas, a retomada dos referentes pronominais, não acarreta ambiguidade nem vagueza, pois os referentes podem ser recuperados no contexto. Mas, eles destacam que há casos em que se pode ter mais de uma interpretação:

(1-26) agora *nós* vamos passar para nosso outro assunto... o outro assunto... é a região mediastínica... então *nós* vamos começar a nossa região mediastínica... em uma proposição... eu vou dizer pra vocês o esquema... e vocês vão copiar...

(EF-SSA-49: 244)

(...) [1. O professor inclui no *nós* os alunos (= eu + vocês); 2. O professor fala apenas de si mesmo (“plural de majestático”).

(ILARI et al., 2002, p. 90)

Os estudiosos da linguagem acrescentam ainda que o *nós* pode ser empregado, também, como terceira pessoa indeterminada, e apresentam o seguinte exemplo:

(1-28) então *nós* vamos (ter)... Altamira... que é um nome que vocês...  
vão encontrar em muitos lugares

(EF-SP-405-46)

(A informante faz um mapa na lousa e localiza Altamira)

(ILARI et al., 2002, p. 90)

Os linguistas mostram que o *a gente*, assim como *nós*, corresponde a *eu* + não eu (1<sup>a</sup> + 2<sup>a</sup> + e/ou 3<sup>a</sup>):

(1-29) taxionomia de quem que vocês conhecem? Bloom, exatamente.  
Mesmo que seja só de nome *a gente* já ouviu falar nessa taxionomia.

(EF-POA-278:42)

(A informante, dando uma aula, se refere a si própria e a seus alunos,  
que são seus interlocutores no momento.)

(1-30) aliás quando *a gente* vai fazer uma jantinha

(D2-POA-278:42)

(A informante se refere a si mesma e ao marido, uma não pessoa do  
discurso)

(ILARI et al., 2002, p. 90)

Além disso, o *a gente* também pode ser empregado referindo-se ao *eu*, a pessoa  
que fala:

Por outro lado, da mesma forma que *nós*, a expressão *a gente* também  
pode referir-se ao indivíduo que fala (*a gente* = eu). É o que está na  
ocorrência abaixo, parte de uma aula de arte pré-histórica.

(1-32)... então tudo o que *a gente* vai dizer a respeito desse período... é  
baseado em pesquisas arqueológicas

(EF-SP-405:85-25)

(ILARI et al., 2002, p. 91)

Ao comparar o emprego de *nós* e *a gente*, em um conjunto de dados  
(D2-SP-360) do *corpus* do NURC, os pesquisadores observam que:

(...) *nós* constitui a escolha para uma indicação mais definida, enquanto *a gente* pode efetuar uma referência mais indeterminada, mesmo que essa expressão continue sendo usada, claramente, em referência a primeira pessoa:

(1-39) L1 acarreta mais trabalho para *vocês*...

L2 acarreta...mas muitíssimo... *a gente* trabalha...

(D2- SP-360:176)

(ILARI et al., 2002, p. 93)

Eles elucidam que a indeterminação de *a gente* torna-se mais perceptível quando as formas, *nós* e *a gente*, alternam-se:<sup>31</sup>

(1-42) Então, quando *nós* fazemos, por exemplo, uma pesquisa, quando *nós* fazemos uma consulta bibliográfica, a rigor, *eu* tenho que dizer que é a rigor, porque normalmente *a gente* tira exatamente o pedaço do livro que [...] *a gente* tira retalho

(EF-POA-278:330)

(ILARI et al., 2002, p. 94)

O caráter de indeterminação pode ser observado, também, com relação ao *eu*:

Resta apontar a possibilidade de o próprio pronome *eu* (maximamente determinado, já que indica, exatamente, a pessoa que fala) adquirir caráter de referência indeterminada. Assim, uma pessoa que não está (e pode até nunca ter estado) na Suíça pode perfeitamente dizer: “Na Suíça, *eu* não preciso ficar em sobressalto, esperando um novo pacote econômico a qualquer momento”. (ILARI et al., 2002, p. 97)

Ao examinar os papéis discursivos que os pronomes pessoais distinguem, os estudiosos da linguagem mostram que o processo de designação referencial dêitica é dinâmico, pois o sentido do elemento exofórico é atualizado na retomada do referente. Para examinar o emprego das formas de 1ª pessoa, no discurso de palanque, proferidos por **LS** e **RS**, se levam em conta os princípios descritos por Ilari et al. (2002), ou seja, a função exofórica dos pronomes de 1ª

---

<sup>31</sup> Estudos realizados por Omena e Braga (1996) e Lopes (1998) mostram, também, que se usa *a gente*, normalmente, na referência a um grupo indeterminado e usa-se *nós*, geralmente, na referência mais determinada.

pessoa. Além disso, considera-se que o emprego que **LS** e **RS** fazem da 1ª pessoa, no palanque, evoca *personas* que encenam diversos papéis na constituição da representatividade política.

### 4.3 O modo de fala de LS e RS em discurso de palanque

Nesta seção, será delineada a distinção entre o modo de fala de **LS** e **RS**. Para assinalar a diferença, optou-se por verificar: (i) a frequência do emprego do pronome de 1ª pessoa, em discursos proferidos, por esses políticos, em palanque eleitoral; (ii) papéis discursivos indicados pelos pronomes de 1ª pessoa, no discurso proferido, em palanque pelos políticos.

Compõe o *corpus* deste trabalho vários discursos realizados, por **LS** e **RS**, nas décadas de 80, 90 e anos 2000. Para este capítulo, selecionaram-se do *corpus* somente os discursos proferidos por **LS**, nas campanhas presidenciais de 1989 e 2006, e por **RS**, nas campanhas ao Governo do Estado do Paraná de 1990 e 2006.

Há, no período descrito, algumas semelhanças entre a carreira política dos “agentes”. Em 1989, **LS** participava da primeira campanha eleitoral para presidente, saiu derrotado; em 1990, **RS** participava da primeira disputa ao Governo do Estado do Paraná, saiu vencedor. Em 2006, **LS** participava da campanha à reeleição presidencial, saiu vencedor; em 2006, **RS** participava da campanha à reeleição ao Governo do Estado do Paraná, saiu vencedor. Os episódios descritos – eleições disputadas, derrotas e vitórias – ilustram aspectos da trajetória de **LS** e **RS**.

#### 4.3.1 Frequência no uso de pronomes de 1ª pessoa em discurso de palanque

Procurou-se checar a frequência no uso de pronomes de 1ª pessoa em discursos proferidos por Lula e Requião com o objetivo de buscar elementos indicativos para o procedimento de análise. Portanto, os dados quantitativos

apresentados nesta seção, não são determinantes, assinalam preferências linguísticas.

Para registrar o emprego de pronome de 1ª pessoa (*eu, nós e a gente*), em discursos realizados,<sup>32</sup> por **LS** e **RS**, foram considerados os critérios presentes no trabalho de Ilari et al. (2002), ou seja, registram-se as ocorrências de pronomes de 1ª pessoa que recebem predicação - os pronomes registrados ocupam função de sujeito - mas não se computam formas repetidas para uma mesma predicação.

Coletaram-se da Campanha presidencial de **LS**, em 1989 e 2006, vários vídeos. O tempo total das películas da Campanha de 1989 é de aproximadamente 25 min e da Campanha presidencial de 2006 é de quase 1h 10min. Como a duração total dos vídeos da Campanha de 2006 é maior, o número de ocorrência de pronomes de 1ª pessoa também é maior.

Coletaram-se também diversos vídeos das Campanhas de **RS** ao Governo do Estado do Paraná, de 1990 e 2006. O tempo total dos vídeos da Campanha de 1990 é de quase 40 min e da Campanha de 2006 é de aproximadamente 20 min. Portanto, a Campanha de 1990 apresenta um número maior de ocorrência de pronomes de 1ª pessoa.

Como foi descrito, há um contraste entre a duração dos vídeos, (**LS**, 1989 e 2006; **RS**, 1990 e 2006), mas isso não invalida o percentual de dados obtidos, uma vez que as ocorrências indicam um caminho para o procedimento de análise.

Ao se descreverem e analisarem os dados, presentes nas tabelas a seguir, optou-se por comparar brevemente o emprego de *nós* e *a gente*, bem como o uso do sujeito pronominal e nulo para apontar apenas preferências de **LS** e **RS** com relação ao emprego desses elementos, não é o foco deste trabalho examinar detalhadamente essas ocorrências.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Os discursos à que se faz referência, ao longo dessa seção (**LS**, 1989 e 2006; **RS**, 1990 e 2006), fazem parte do *corpus* deste trabalho.

<sup>33</sup> Em estudos posteriores, serão examinados o emprego de *nós* e *agente*, no discurso proferido por **LS** e **RS**, em palanque, bem como o uso do sujeito pronominal e nulo; serão consideradas interferência de fatores morfossintáticos, semânticos, textuais, entre outros.

A análise das tabelas foca-se, então, na frequência do emprego dos pronomes de 1ª pessoa (*eu, nós e a gente*),<sup>34</sup> pois se deseja observar, em um período da trajetória de **LS** e **RS**, se há preferência com relação ao uso dessas formas. Os resultados obtidos forneceram pistas para o procedimento de análise. Na Tabela 2, se registra a frequência de uso das formas da 1ª pessoa (*eu, nós e a gente*), em discursos realizados, por **LS**, na campanha à presidência, em 1989, e na campanha à reeleição presidencial, em 2006.

Tabela 2 – Ocorrência de pronome de 1ª pessoa (*eu, nós e a gente*), em discurso proferido, em palanque, por **LS**

Pronome pessoal 1ª pessoa												
	Singular				Plural							
	eu	Ø eu	total	%	nós	Ø nós	total	%	a gente	total	%	Total
Campanha presidencial 1989	19	03	22	<b>38,60</b>	16	03	19	<b>33,33</b>	16	16	<b>28,07</b>	57
Campanha presidencial 2006	137	17	154	<b>60,12</b>	56	10	66	<b>25,78</b>	36	36	<b>14,06</b>	256

A Tabela 2 mostra que a ocorrência das formas de 1ª pessoa (*eu, nós e a gente*), na função de sujeito pronominal, em 1989 e 2006, é mais frequente do que o sujeito nulo. Dito de outro modo, em 1989 e 2006, houve uma preferência pelo emprego do sujeito pronominal.

Essa Tabela também indica que o número de ocorrência de *nós* e de *a gente*, em 1989, é similar (33,33% de uso de *nós* e 28,07% de uso de *a gente*); mas, em 2006, o emprego de *nós* (25,78%) é superior ao de *a gente* (14,06%). Os dados indicam que houve variação estilística, pois, em 2006, **LS** prefere utilizar *nós*.

<sup>34</sup> Sabe-se que há diferentes fatores que interferem no emprego de pronomes pessoais de 1ª pessoa, mas neste trabalho, considera-se apenas a frequência das ocorrências em um período da trajetória de **LS** e **RS**.

Na Tabela 3, registram-se a frequência do emprego de *eu* e a soma de ocorrências das formas, *nós* e *a gente*.

Tabela 3 – Ocorrência de pronome pessoal de 1ª pessoa (*eu*, *nós* + *a gente*), em discurso proferido, em palanque, por **LS**

Pronome pessoal 1ª pessoa										
	Singular				Plural					Total
	<i>eu</i>	Ø <i>eu</i>	total	%	<i>nós</i>	Ø <i>nós</i>	<i>a gente</i>	Total <i>nós</i> + <i>a gente</i>	%	
Campanha presidencial 1989	19	03	22	<b>38,60</b>	16	03	16	35	<b>61,40</b>	57
Campanha presidencial 2006	137	17	154	<b>60,12</b>	56	10	36	92	<b>39,84</b>	256

A Tabela 3 mostra que, em 1989, o uso da 1ª pessoa do singular, *eu*, era menos frequente (38,60%) do que o uso do plural, *nós* e *a gente*, (61,40%). Mas, em 2006, esses valores quase se invertem: o emprego da 1ª pessoa do singular, *eu*, passa ser superior (60,12%) ao uso do plural, *nós* e *a gente* (39,84%). Essa inversão aponta que ocorreu uma variação, entre 1989 e 2006, com relação ao emprego do pronome de 1ª pessoa em discursos proferidos, por **LS**, em palanques. Na campanha à reeleição, em 2006, houve uma preferência pela forma de 1ª pessoa, *eu*.

Na Tabela 4, registram-se ocorrências de pronomes de 1ª pessoa (*eu*, *nós* e *a gente*), em discursos proferidos, por **RS**, em 1990 e 2006.

Tabela 4 – Ocorrência de pronome de 1ª pessoa (*eu*, *nós* e *a gente*), em discurso proferido, em palanque, por **RS**

1ª pessoa													
	Singular		total	%	Plural						total	%	Total
	eu	Ø eu			nós	Ø nós	total	%	a gente	Ø a gente			
Campanha ao governo do Estado 1990	22	11	33	<b>48,53</b>	15	20	35	<b>51,47</b>	00	00	00	00	68
Campanha à Reeleição ao governo 2006	07	07	14	<b>29,79</b>	19	14	33	<b>70,21</b>	00	00	00		47

A Tabela 4 mostra que a forma *a gente* não aparece nos discursos de **RS**, em 1990 e 2006; ele preferiu utilizar a forma do plural, *nós*, nos discursos realizados nesses períodos.

Em 1990, a ocorrência do pronome de 1ª pessoa (*eu*), sujeito pronominal, é maior do que o sujeito nulo, contudo a ocorrência de *nós*, sujeito pronominal, é menor do que a forma nula do sujeito. Na campanha de 2006, o emprego do pronome sujeito, *eu*, e do sujeito nulo é equivalente, todavia o uso do pronome sujeito, *nós*, é um pouco mais frequente do que o sujeito nulo.

Se forem consideradas somente o total de ocorrências de sujeito pronominal e o total de ocorrências do sujeito nulo, em 1990 e 2006, observa-se que não há diferença significativa no número de ocorrências de sujeito pronominal e nulo. Há, pois, uma tendência para o preenchimento do sujeito, isto é, o uso do sujeito pronominal.<sup>35</sup>

A Tabela 4 revela também que, em 1990, a ocorrência de *eu* aproxima-se de *nós* (48,53% de *eu* e 51,47 de *nós*). Em 2006, a ocorrência de *eu* distancia-se de *nós* (29,79% de *eu* e 70,21% de *nós*). Observa-se que a preferência pela

<sup>35</sup> O emprego do sujeito pronominal e nulo, no discurso de **RS**, precisa ser investigado mais detalhadamente, como esse não é o foco desse trabalho, optou-se por indicar apenas preferências com relação ao emprego desses elementos.

forma de plural, *nós*, indicada em 1990 (51,47%), acentuou-se em 2006 (70,21%). O político, na campanha à reeleição, em 2006, passou a empregar mais *nós* em detrimento de *eu*, mas isso não caracteriza variação estilística, indica apenas um *continuum* estilístico.

Os dados apresentados, nas Tabelas 2 e 3, apontam uma variação no modo de fala de **LS**, realizado em palanque. Quando concorreu, pela primeira vez, à presidência, em 1989, **LS** utilizava mais a forma *nós* e *a gente*; na campanha à reeleição, em 2006, passou a utilizar mais a forma *eu* em detrimento do plural, *nós* e *a gente*. Além disso, observa-se outro indicativo de variação estilística: o número de ocorrência da forma *nós* e *a gente*, em 1989, era similar, todavia, em 2006, a frequência de *nós* é superior a de *a gente*. Ou seja, é possível que experiências vividas, ao longo de 17 anos - derrotas eleitorais, nas campanhas de 1989, 1994 e 1998, a vitória, na campanha de 2002, o mandato presidencial exercido (2003 a 2006) e o contexto da campanha de 2006 - tenham influenciado o modo de fala de **LS** em palanque.

As ocorrências descritas na Tabela 4 não apontam variação, no modo de fala de **RS**, em palanque. Quando concorreu, pela primeira vez, ao governo do Paraná, em 1990, **RS** utilizava um pouco mais *nós* do que *eu*. Na reeleição ao governo do Paraná, em 2006 a ocorrência de *nós* intensifica-se. Observa-se que um traço estilístico que já vinha sendo usado, em 1990, o emprego de *nós*, ressalta-se em 2006. Sendo assim, o que se tem é a continuidade estilística.

É possível que essa continuidade tenha se processado em decorrência de episódios políticos vividos, por exemplo, em quase todas as eleições disputadas, **RS** saiu vencedor. Ele concorreu à prefeitura de Curitiba, em 1985 e venceu; concorreu ao governo do Estado em 1990 e venceu; concorreu ao Senado em 1994 e venceu; licenciou-se para concorrer, em 1998, ao Governo do Paraná, mas foi derrotado por Jaime Lerner; voltou a concorrer ao governo, em 2002, e venceu; concorreu à reeleição, em 2006 e venceu de novo; concorreu ao senado, em 2010 e mais uma vez saiu vencedor.

Para apontar traços estilísticos, no modo de fala de **LS** e **RS**, foram descritas frequências de uso dos pronomes de 1ª pessoa (*eu, nós e a gente*). Contudo, experiências vividas pelos “agentes”, no “campo político”, também influenciam o emprego dos pronomes de 1ª pessoa. Portanto, é preciso verificar também, no discurso de **LS** e **RS**, os papéis discursivos indicados por esses pronomes, quer dizer, examinar a pessoa a quem o pronome se reporta, a *persona* pública. Na próxima seção, examina-se, pois, o uso dos pronomes de 1ª pessoa (*eu, nós e a gente*), em sua função dêitica, para verificar outros dados que indiquem o modo de fala de **LS** e **RS**, utilizado no palanque.

#### **4.3.2 Papéis discursivos indicados pelos pronomes de 1ª pessoa em discursos proferidos por LS e RS**

Ao analisar excertos de discursos de **LS** (1989 e 2006) e **RS** (1990 e 2006) observa-se que os “agentes” utilizam, no palanque, a fala “narradora” (IRVINE, 2001), tom de voz alto, repetições em paralelismo sintático, gestos que acentuam a *performance* do candidato, isto é, utilizam o “registro linguístico” próprio do comício. Além disso, os políticos empregam, por várias vezes, no discurso de palanque, pronomes pessoais de 1ª pessoa (*eu, nós e a gente*). Investiga-se, pois, nessa seção, os papéis discursivos, indicados por esses pronomes para averiguar o modo de fala dos políticos. Para isso, recorre-se a princípios descritos por Bourdieu (2007), Irvine (2001) e Ilari et al. (2002), apresentados em seções anteriores deste capítulo.

O excerto (3) é parte de um discurso proferido por **LS**, em Porto Alegre, na primeira campanha presidencial de que participa, em 1989. Nesse trecho, o político mostra cumplicidade com relação à plateia ao reconhecer, em seu discurso enfático, a competência dessa classe. Os dêiticos *eu* e *nós*, presentes no excerto (3), reportam-se à pessoa que fala. Ao empregar *eu*, **LS** coloca-se como candidato à presidência e, ao utilizar *nós*, acentua que *eu*, candidato, e *você*, a plateia, o eleitor, são competentes.

(3)

1	Homem na gravação	quando chegou a vez de Lula falar↑ já era noite↑...
2	<b>LS</b>	<b>EU</b> SOU CANDIDATO↑ À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA ↑
3		PORQUE A CLASSE↑ TRABALHADORA↑... A DONA DE CA↑SA E
4		A CLASSE MÉDIA↑ PROLETARIZADA... RESOLVEU ASSUMIR
5		PARA SI↑ A RESPONSABILIDADE DE DIRIGIR ESSE PAÍS↓. Se <b>nós</b>
6		SOMOS CAPAZES↑ de PRODUZIR O CARRO↑... DE FAZER A
7		CASA↑... DE FAZER A ROUPA↑... DE FAZER O SAPA↑TO E DE
8		FAZER O ASFAL↑TO PORQUE NÃO <b>SOMOS</b> CAPAZES DE
9		ADMINISTRAR↑ A RIQUEZA QUE <b>NÓS</b> ↑ MESMOS↑ (construímos)
10		((corte))
11	Plateia	LULA LULA LULA <sup>36</sup>

Ao proferir, no palanque, “*EU* SOU CANDIDATO↑ À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA ↑ PORQUE A CLASSE↑ TRABALHADORA↑... A DONA DE CA↑SA E A CLASSE MÉDIA↑ PROLETARIZADA... RESOLVEU ASSUMIR PARA SI↑ A RESPONSABILIDADE DE DIRIGIR ESSE PAÍS↓”, **LS** evoca uma *persona*, o representante político que defenderá os interesses da classe trabalhadora. Goffman (1983) explica que as pessoas usam “máscaras” para representar um papel. Ele esclarece essa noção, citando Park (1950):

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra “pessoa”, em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes, o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos consciente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. (PARK, 1950 *apud* GOFFMAN, 1983. p. 27)

Ao empregar *eu* em (3), **LS** fala de si e constrói, diante da plateia, uma *persona*, o representante político capaz de governar o país. Ele precisa desempenhar bem esse papel para convencer o público, porque é esse grupo que, de fato, o autoriza a utilizar essa “máscara”.

O *nós*, utilizado por **LS**, designa o *eu*, candidato e *você*, classe trabalhadora, quer dizer, preservam-se dois papéis: representante e representado.

---

<sup>36</sup> Esse excerto faz parte do Video 4. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

Ainda que **LS** tenha sido, um operário, ele ocupa, no palanque, o *locus* de candidato à presidência. Mas, ele pode assumir o *locus* de presidente para representar os interesses da classe trabalhadora.

O excerto (4) é parte de um discurso proferido por **LS**, em um comício realizado em Santo Amaro (SP), na Campanha presidencial de 1989. No excerto (4), **LS** utiliza repetidamente *a gente*; Omena (2003) esclarece que o paralelismo atua no emprego de *nós* e de *a gente*, ou seja, “no desempenho do falante, uma forma provoca outra semelhante” (OMENA, 2003. p. 71). Ao utilizar *a gente*, em (4), **LS** reporta-se ao *eu*, candidato e a *você*, eleitor da classe trabalhadora, quer dizer, ele inclui o público eleitor.

(4)

1	<b>LS</b>	DIA QUINZE DE NOVEMBRO↑ É O DIA QUE A CLASSE ↑
2		TRABALHADORA VAI TER QUE LIMPAR ESSE PAÍS↑ É O DIA↑
3		QUE A CLASSE TRABALHADORA VAI LAVAR A ALMA↑ É O
4		DIA↑ QUE <b>A GENTE</b> VAI OLHAR PARA CARA DOS NOSSOS
5		FILHOS↑É O DIA↑ QUE <b>A GENTE</b> VAI OLHAR PARA CARA DOS
6		NOSSOS PAIS↑... É O DIA↑ QUE <b>A GENTE</b> VAI OLHAR PARA A
7		CARA DOS NOSSOS PARENTES↑... E <b>A GENTE</b> VAI SAIR DE
8		CASA↑... TODO MUNDO DE MÃO DADA (...) <sup>37</sup>

**LS** estabelece, no palanque, a interlocução com um público, a classe trabalhadora uma vez que, em sua atividade como líder sindical, era representante desse grupo e dirigia-se frequentemente a ele. Os excertos (3) e (4) apontam que **LS**, ao discursar nos palanques, em 1989, define o seu papel na interlocução, candidato à presidência, e também sua plateia, o eleitor da classe trabalhadora. Para que se consolide a constituição da *persona*, candidato à presidência, considera-se também a adesão da plateia, dos eleitores. Goffman esclarece o papel da personagem e da plateia:

Mais importante, talvez, é o fato de que no palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por

---

<sup>37</sup> Esse excerto faz parte do Video 12. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

outros atores. A plateia constitui um terceiro elemento da correlação; elemento que é essencial, e que entretanto, se a representação fosse real, não estaria lá. Na vida real, os três elementos ficam reduzidos a dois: o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a plateia. (GOFFMAN, 1983, p. 9)

A plateia é um ingrediente importante na encenação política porque ela constitui, em certa medida, a cena, atuando no evento. Os aplausos, os gritos demonstram, pois, a adesão desse grupo.

O excerto (5) foi selecionado de discurso proferido por **LS** em comício realizado, na Bahia, em 2006, durante a campanha à reeleição presidencial. O *eu* aparece diversas vezes nesse excerto. Pressupõe-se que há três referentes: o presidente candidato, o presidente eleito em 2002 e o presidente no exercício de seu mandato.

(5)

38. por que que **eu** sou candidato a reeleição? **eu** sou candidato a reeleição  
39. porque **eu** ganhei as eleições em dois mil e três e **eu** percebi que A ELITE  
40. POLÍTICA DESTE PAÍS NÃO ENTENDE CORRETAMENTE O QUE É A  
41. DEMOCRACIA↓... **EU** PERCEBI QUE A ELITE BRASILEIRA NÃO QUERIA  
42. QUE **EU** CONTINUASSE PRESIDENTE E INFERNIZARAM... A MINHA  
43. VIDA... DOIS ANOS DE QUATRO ANOS DE MANDATO... CHEGARAM A  
44. FALAR EM IMPEACHMENT... LEVANTARAM TODAS AS CALÚNIAS QUE  
45. PODEM LEVANTAR CONTRA UM HOMEM↓ LEVANTARAM TODAS AS  
46. DENÚNCIAS... FIZERAM TODAS↑AS OFENSAS QUE PODERIAM FAZER...  
47. e **eu** fiquei quieto... tranquilo... porque **eu** ... embora não seja nenhum doutor...  
48. **eu** conheço a história deste país (...)  
49. Plateia aplausos<sup>38</sup>

O excerto (5) é um trecho de discurso proferido por **LS**, quando já havia cumprido o primeiro mandato presidencial e era candidato à reeleição. Em (5) o *eu* desdobra-se; o processo referencial configura a multiplicidade de papéis encenados por **LS**, no palanque, em 2006. No Quadro 9, se destaca a

---

<sup>38</sup> Esse excerto faz parte do Video 54, parte 1. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

dinamicidade do processo referencial dêitico, assinalando os referentes aos quais o *eu* se reporta.

Eu		
presidente-candidato em 2006	presidente eleito em 2002	presidente em exercício ( 2003 a 2006)
por que que <b>eu</b> sou candidato a reeleição? <b>eu</b> sou candidato a reeleição (...) (linha 38)	porque <b>eu</b> ganhei as eleições em dois mil e três (...) (linha 39)	<b>eu</b> percebi que A ELITE POLÍTICA DESTE PAIS NÃO ENTENDE CORRETAMENTE O QUE É DEMOCRACIA, <b>EU</b> PERCEBI QUE A ELITE BRASILEIRA NÃO QUERIA QUE <b>EU</b> CONTINUASSE PRESIDENTE(...) <b>eu</b> fiquei quieto, tranquilo (...) (linha 39 a 47)
porque <b>eu</b> embora não seja nenhum doutor, <b>eu</b> conheço a história deste país, (linha 47 a 48)		

Quadro 9 – Dinamicidade do processo referencial dêitico

A presença do *eu*, no excerto (5), mostra que o candidato ocupa diversos lugares sociais, o de presidente eleito, o de presidente-candidato e o de presidente em exercício, marcando, as posições que já ocupou e almeja ocupar. Desse modo, **LS** ressalta, no “encontro”, o bom “desempenho” que teve, buscando influenciar a plateia.

O emprego da 1ª pessoa, *eu*, em (5), indica que, no palanque eleitoral, em 2006, **LS** apresenta-se como um candidato com experiências que o qualificam para a reeleição. Contudo, procura ocultar as falhas cometidas, colocando-se como vítima (linhas 41 a 46). Goffman explica que na representação os atores oferecem uma impressão idealizada da situação:

Em segundo lugar, verificamos que os erros e enganos são muitas vezes corrigidos antes da representação, enquanto que os indícios que mostram terem sido erros cometidos e corrigidos são ocultos. Deste modo, é mantida uma impressão de infalibilidade, tão importante em muitas representações. É famoso o comentário de que os médicos enterram seus erros. (GOFFMAN, 1983. p 47)

No final do excerto (linha 49), a plateia aplaude, apoiando o candidato, ou seja, o público participa da encenação, acolhendo as justificativas

apresentadas pelo candidato. Goffman esclarece a “prática protetora”: “Afirmamos que o público contribui de maneira significativa para manutenção de um espetáculo, exercendo tato ou práticas protetoras em favor dos atores” (GOFFMAN, 1983.p. 214)

O excerto (6) é parte do mesmo discurso que **LS** proferiu, na Bahia, em 2006. Neste trecho, ele utiliza *a gente* e *nós*, relatando os projetos implantados durante sua gestão presidencial (2003 a 2006).

(6)

25. **LS** paciência↓... paciência e esperar até as coisas acontecerem porque quando  
26. **a gente** planta uma semente ela pode demorar... mas um dia... ela vai brotar...  
27. e a semente do que **nós** fizemos neste país está brotando muito rapidamente  
28. e o povo está descobrindo as coisas que **nós** plantamos... o Prouni↑ SÃO  
29. DUZENTOS E QUATRO MIL JOVENS↑ NA UNIVERSIDADE  
30. BRASILEIRA↑...  
31. Plateia aplausos  
32. (O LUZ PARA TODOS) são QUATRO MILHÕES DE BRASILEIROS↑ QUE  
33. **NÓS** TIRAMOS DAS TREVAS... o BOLSA FAMÍLIA SÃO ONZE MILHÕES  
34. E CEM MIL FAMÍLIAS↑ QUE **NÓS** DEMOS O DIREITO DE TOMAR CAFÉ...  
35. ALMOÇAR E JANTAR↑... essas coisas eles não percebem<sup>39</sup>

Ilari et al. (2002) esclarecem que a forma pronominal *a gente* pode ter como traço semântico a indeterminação. Do mesmo modo, estudos sociolinguísticos (Omena e Braga, 1996; Lopes, 1998; Omena, 2003) elucidam que o emprego de *a gente* guarda o caráter de generalização. As pesquisas descritas elucidam o emprego da forma pronominal, *a gente*, em (6). Ao empregar essa forma na linha 26, **LS** retoma um ditado popular “*a gente* planta uma semente ela pode demorar... mas um dia... ela vai brotar”. Como o provérbio é uma frase de autor anônimo, o uso de *a gente* assinala a indeterminação, isto é, **LS** recorre à generalização, justificando as limitações de sua gestão.

O uso de *nós* (linhas 27, 28, 34) reporta-se ao *eu*, presidente em exercício (2003 a 2006) e a *ele(s)*, a equipe de governo. Em outras palavras, ao

---

<sup>39</sup> Esse excerto faz parte do Video 54, parte 2. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

relatar os projetos implantados, o político, emprega *nós* de forma a excluir o *você*, o público eleitor.

Destaca-se, no Quadro 10, o procedimento de referenciação, indicado pelo emprego dos dêiticos (*eu*, *nós* e *a gente*), presentes nos excertos (3), (4), (5) e (6).

Dêiticos	Primeira Campanha presidencial de LS 1989	Dêiticos	Campanha à reeleição de LS 2006
<b>eu</b>	candidato à presidência representante da classe trabalhadora	<b>eu</b>	presidente-candidato em 2006, presidente eleito em 2002, presidente em exercício (2003 a 2006)
<b>nós inclusão da plateia a gente inclusão da plateia</b>	<i>eu e você</i> (público eleitor)	<b>nós exclusão da plateia a gente generalização</b>	<i>eu e ele(s)</i> (a equipe de governo)
	<i>eu e você</i> (público eleitor)		Indeterminação do referente

Quadro 10 - O emprego de *eu*, *nós* e *a gente* na Campanha presidencial de 1989 e 2006

O emprego de *eu*, em 1989, designa o candidato que representa a classe trabalhadora. Todavia, o uso de *eu*, em 2006, designa várias *personas* (presidente-candidato em 2006, presidente eleito em 2002, presidente em exercício). Na campanha à reeleição, **LS** não se coloca apenas como representante da classe trabalhadora. Por ter exercido um mandato presidencial, suas atribuições ampliam-se, representando a nação brasileira. Esse fato pode esclarecer o aumento, em 2006, do emprego de *eu*.<sup>40</sup>

O mesmo Quadro mostra que, o emprego, em 1989, de *nós* e *a gente*, designa *eu*-candidato e *você* público-eleitor, ou seja, o *nós* é inclusivo. O emprego de *nós*, em 2006, designa *eu*-candidato e *ele(s)*, equipe de governo.

O processo de designação dêitica descrito indica que, entre 1989 e 2006, houve variação com relação aos referentes das formas *eu*, *nós* e *a gente*. Os contrastes assinalados pela referenciação dêitica configuram a “iconização” (Irvine, 2001) já que os dêiticos indicam a construção da distinção de *personas* públicas. Dito de outro modo, o procedimento referencial assinala contrastes

<sup>40</sup> A Tabela 3 mostra que, em 2006, as ocorrências de *eu*, no discurso de **LS**, intensificam-se.

estilísticos entre as *personas* públicas de **LS**. Na campanha presidencial de 1989 **LS** representa a classe trabalhadora, e dirige-se a ela no palanque. Na campanha à reeleição presidencial de 2006, **LS** representa a nação e para isso conta com sua equipe, ressaltando esse grupo no palanque.

Ao analisar alguns excertos de discurso de **RS**, realizados nas campanhas de 1990 e de 2006, mostra-se que o modo de fala do político, ao longo de 16 anos, não passou por grandes alterações. Para tanto, examina-se o emprego de pronomes de 1ª pessoa (*eu* e *nós*) no discurso proferido pelo político.

No excerto (7), **RS** discursa em Matelândia, durante um comício realizado, em 1990, na campanha ao Governo do Estado do Paraná.

(7)

1	<b>RS</b>	o meu discurso nesta noite... quase que seria dispensável porque o
2		programa de governo↑ o Álvaro... detalhou com propriedade... quero
3		então ter com vocês... uma conversa clara e franca... <b>eu</b> olho para
4		vocês... meus irmãos... de Matelândia e vejo a verdadeira face do
5		Paraná... <b>eu</b> vejo brasileiros descendentes de negros↑... <b>eu</b> vejo...
6		brasileiros descendentes de índios↑ de italianos↑ de alemães↑ de
7		poloneses↑ de japoneses↑... <b>eu</b> vejo esse Brasil moreno↑ dessa
8		gente... trabalhadora e maravilhosa ((corte no áudio e vídeo)) <sup>41</sup>

Em (7) como é de costume, **RS** não se delonga na saudação, saúda, no palanque, brevemente a plateia. Depois prossegue com seu discurso, utilizando o vocativo, *meus irmãos*, que acentua afeto e proximidade com relação à plateia. Além disso, o emprego do vocativo instaura a parceria entre representante e representado. Em seguida, **RS** enaltece o povo de Matelândia (linhas 4 a 8), reconhecendo a presença da diversidade étnica e cultural da região, bem como a disposição que o povo tem para o trabalho.

**RS** emprega, em (7), repetidamente *eu*, “*vejo a verdadeira face do Paraná (...)* *eu olho para vocês*, *eu vejo* brasileiros descendentes de negros, *eu vejo* brasileiros descendentes de índios (...), *eu vejo* esse Brasil moreno”. Ao falar, “*vejo a*

---

<sup>41</sup> Esse excerto faz parte do Video 70. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

verdadeira face do Paraná” (linhas 4 e 5), **RS** ergue a mão direita para frente e traça, lentamente, com a mão no ar, uma linha imaginária da esquerda para direita. E, ao falar *negros, índios, italianos, alemães, poloneses e japoneses* (linhas 5, 6 e 7), ergue a mão e gesticula com firmeza, num compasso ritmado. A repetição de *eu*, inserida numa estrutura em paralelismo sintático, e a *performance* corporal integram-se para enfatizar que o candidato conhece e admira o povo da região por isso tem condições de representá-lo. O *eu* designa, pois, o candidato que conhece o seu povo, porque é um autêntico cidadão paranaense.

O excerto (8) é parte de discurso proferido, por **RS**, em Curitiba, na Campanha ao governo, em 1990. Nessa campanha, o político concorre com José Carlos Martinez (PRN), este teve o apoio do então presidente Collor. No excerto, o político emprega *eu* e *nós*.

(8)

10	<b>RS</b>	<b>eu</b> quero ajuda de vocês↑
11	Plateia	gritos
12	<b>RS</b>	PARA ELIMINAR DE UMA VEZ POR TODAS↑ DA POLÍTICA
13		DO PARANÁ AS VELHAS RAPOSAS DE PELO LISO↑ E RABO
14		FELPUDO↑ <b>NÓS</b> QUEREMOS↑ HONESTIDADE NA POLITICA...
15		<b>NÓS</b> QUEREMOS DECÊNCIA↑... <b>NÓS</b> QUEREMOS
16		MODERNIDADE↑ E JUSTIÇA SOCIAL↑... <b>EU</b> JÁ FUI O
17		PREFEITO DESSA CIDADE↑ <b>EU</b> FUI O PREFEITO DOS
18		BAIRROS↑ (4s) <sup>42</sup>

Em (8) **RS** utiliza *eu* (linha10) reportando-se ao candidato em campanha. Depois (linhas 16 e 17) o *eu* refere-se ao candidato que outrora fora prefeito dos bairros, ou seja, o representante das classes populares. O emprego de *nós* (linhas 14 e 15) corresponde ao *eu*, candidato e a *ele(s)*, os aliados políticos. O processo dêitico, em (8), configura o perfil de **RS**, o candidato que deseja defender o povo, conta, então, com aliados.

---

<sup>42</sup> Esse excerto faz parte do Video 72. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

Ainda que **RS** tenha sido o “prefeito dos bairros” e fale em nome do povo, no palanque, o *eu* ocupa o *locus* do candidato que almeja ser representante político. Bourdieu (2004) elucida o efeito simbólico da nomeação do porta-voz:

Toda uma série de efeitos simbólicos que exercem diariamente na política repousa nessa espécie de ventriloquia usurpadora, que consiste em fazer com que falem aqueles em nome de quem se fala, em fazer com que falem aqueles em nome de quem se tem o direito de falar, em fazer com que fale o povo em nome de quem se está autorizado a falar. Quando um político diz “o povo, as classes populares, as massas populares”, etc., ele raramente deixa de produzir simultaneamente a mensagem e o deciframento da mensagem, em fazer com que se acredite que “eu sou o outro”, que o porta-voz, mero substituto simbólico do povo, é realmente o povo no sentido em que tudo o que ele diz é a verdade e a vida do povo. (BOURDIEU, 2004. p. 197)

A fala de **RS** ressalta a imagem do político que defende o outro. Ele se coloca como o representante do povo, do pequeno agricultor, do micro e pequeno empresário, do professor, enfim, das classes trabalhadoras e dos pobres. Ele constrói a imagem do político que luta em defesa dos interesses desses grupos sociais, por isso se dirige para o campo dos políticos populares.

O excerto (9) é um trecho de discurso proferido, por **RS**, em Curitiba, na Campanha à reeleição ao Governo do Estado do Paraná em 2006. Nesse trecho, o político utiliza *eu*, reportando-se à figura do candidato experiente, expondo um pouco sua trajetória política.

(9)

56. **RS** **eu** digo a vocês... que **entro** nessa luta como **entrei** na política na época...  
57. da militância↑... secundarista... e universitária. **ENTRO** COM PAIXÃO↑ E  
58. SOLIDARIEDADE... **faço** A POLÍTICA... A PARTIR de um SONHO↑  
59. ANTIGO DE JUSTIÇA... já **PASSEI**... POR TODOS OS DOCUMENTOS  
60. LIVROS... FILOSOFIAS E IDEOLOGIAS... QUE PROPUNHAM... UMA  
61. MUDANÇA NA SOCIEDADE... **ANCOREI** O MEU PENSAMENTO... NA  
62. RERUM NOVARUM EDITADA EM MIL OITOCENTOS E NOVENTA E UM  
63. POR LEÃO TREZE... ONDE SE RECONHECE A IMPORTÂNCIA DA  
64. INICIATIVA E DA EMPRESA PRIVADA... MAS SE SUBORDINA A

65. EMPRESA PRIVADA AO INTERESSE SOCIAL... AO INTERESSE PÚBLICO  
66. Plateia<sup>43</sup>

Em (9) o *eu* designa o candidato que constituiu sua carreira política, ancorando-se em princípio de justiça e solidariedade, “*eu* digo a vocês... que *entro* nessa luta como *entrei* na política na época da militância↑... secundarista... e universitária. *ENTRO COM PAIXÃO*↑ (...) *faço* A POLÍTICA... A PARTIR de um SONHO (...) já *PASSEI*... POR TODOS OS DOCUMENTOS (...) *ANCOREI* O MEU PENSAMENTO... NA RERUM NOVARUM”.

O excerto (10) é outro trecho do discurso que **RS** profere, em 2006, em Curitiba, na campanha ao governo. Nesse excerto o político utiliza *nós*, reportando-se ao *eu*, candidato, e a *ele(s)*, os aliados políticos, os guerreiros.

(10)

49. ESTE É O COMBATE↑ AO QUAL **NÓS** ESTAMOS NOS PROPONDO...  
50. A pesquisa da ( )... do Souza Lopes... nos dá uma possibilidade concreta...  
51. de vitória no primeiro turno... por quatro pontos... mas a pesquisa do  
52. Data Folha↑ encosta a soma dos adversários↑ no nosso... número... o que  
53. levaria... talvez ao segundo turno... mas **nós** somos os guerreiros↑... **nós**  
54. não somos os mercadores↑, **NÓS NÃO SOMOS A IMPRENSA MARROM** ↑  
55. E A OPINIÃO VENDIDA↑... **NÓS** ESTAMOS NA BATALHA↑ por  
56. motivos IDEOLÓGICOS↑ E DE CONSCIÊNCIA↑...<sup>44</sup>

Destaca-se, no Quadro 11, o processo referencial descrito a partir dos excertos (7), (8), (9) e (10).

---

<sup>43</sup> Esse excerto faz parte do Vídeo 75, parte 1. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

<sup>44</sup> Esse excerto faz parte do Vídeo 75, parte 2. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

Dêiticos	Primeira Campanha ao Governo do Paraná RS 1990	Dêiticos	Campanha à reeleição de RS 2006
eu	Candidato- conhece o perfil do povo paranaense, defensor das causas populares.	eu	Candidato preparado, defensor da justiça, um lutador.
nós exclusão da plateia	eu e ele(s) - aliados políticos, defensores da justiça e da honestidade.	nós exclusão da plateia	eu e ele(s) - os aliados políticos, os guerreiros, defensores de princípios ideológicos.

Quadro 11 - O emprego de *eu* e *nós* e nas Campanhas ao governo em 1990 e 2006

Ao analisar o Quadro 11, observa-se que, entre 1990 e 2006 não houve variação significativa no perfil do político, ou seja, o dêitico *eu* não se reporta à *personas* distintas. Parece ocorrer, nesse período, um *continuum* na configuração da *persona* de **RS**, quer dizer, o defensor, na campanha de 1990, das causas populares, apresenta-se, na campanha de 2006, como um candidato preparado, defensor da justiça, um lutador em favor do povo. Processo semelhante se observa com o emprego de *nós*, isto é, *eu* e os aliados; há também um *continuum* na configuração do *nós*. Na campanha de 1990, o *nós* reporta-se aos defensores da justiça e na campanha de 2006, o dêitico designa os defensores de princípios ideológicos. Além disso, há uma proximidade entre o referente de *eu* e de *nós*. Tem-se a impressão de que *eu* e *nós* reportam-se a mesma *persona*, ou seja, o *nós* é de fato o *eu*. Sendo assim, observa-se também a imagem do político centralizador.

Para explicar a noção de “fachada”, Goffman (1983) lança mão de dois aspectos, “aparência” e “maneira”, que devem ser compatibilizados para que a representação se constitua de forma coerente:

Pode-se chamar de “aparência” aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator. Tais estímulos nos informam também sobre o estado ritual temporário do indivíduo, isto é, se ele está empenhado numa atividade social formal, trabalho ou recreação informal, se está realizando, ou não, uma nova fase no ciclo das estações ou no seu ciclo de vida. Chamaremos de “maneira” os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima. Assim, uma maneira arrogante, agressiva pode dar a impressão de que o ator espera ser a pessoa que iniciará a interação verbal e dirigirá o curso dela. Uma

maneira humilde escusatória pode dar a impressão de que o ator espera seguir o comando de outros, ou pelo menos que pode ser levado a proceder assim. (GOFFMAN, 1983.p. 31)

**RS**, ao se pronunciar no palanque, coloca-se como alguém empenhado numa luta permanente em defesa de princípios que protegem a população das elites e de seus interesses econômicos. Com essa “fachada”, **RS** reforça a “aparência” de defensor das causas populares, do político honesto e destemido. Embora os programas implantados pelo político, nos seus governos, demonstrem, em certa medida, coerência e continuidade, o que poderia ser visto como uma confirmação da “aparência”, percebe-se que em sua ação, mascara-se a “maneira” como age, um político centralizador.

#### **4.4 LS e RS: duas trajetórias, duas *personas***

Este capítulo mostra que os dados investigados indicam que ocorreu uma variação no modo de fala de **LS**, ao se comparar os discursos proferidos nas campanhas presidenciais de 1989 e 2006. Desse modo, o perfil de representação de **LS** também variou. A imagem de representante das classes trabalhadoras, em 1989, amplia-se, em 2006 para a de representante da nação brasileira.

Não se observa, nos dados investigados, de discursos de **RS**, variação no modo de fala do político; há, sim, um *continuum* estilístico, quer dizer, o estilo delineado, na campanha de 1990, segue a mesma direção, na campanha de 2006. O perfil do político defensor das causas populares intensifica-se com a imagem do combatente, do guerreiro, do político austero e centralizador.

O reconhecimento de manobras estilísticas distintas, entre o discurso de **LS** e o discurso de **RS**, advém da percepção de um sistema de distinção social, inerente à trajetória social dos políticos. Para delinear a distinção estilística entre eles, foi preciso procurar, na trajetória e no discurso desses “agentes”, elementos que assinalassem a “distinção” (BOURDIEU, 2010). Ao apontar as diferenças entre o modo de fala desses políticos, procurou-se enfatizá-las, considerando o

processo de construção da “distintividade” (IRVINE, 2001), isto é, delinearam-se diferenças, na trajetória social e política, bem como nos discursos de palanque. Com efeito, na construção da representação política o estilo de fala “envolve princípios de distinção que podem se estender para além do sistema linguístico, para outros aspectos do comportamento que estão semioticamente organizados”. (BENTES, 2009. p. 6).

No início desse capítulo, inseriu-se uma epígrafe:

A forma dupla do nome próprio explicita o que, por sinal, é óbvio: que cada pessoa emerge de um grupo de outras cujo sobrenome ela carrega, em combinação com o pronome individualizante. Não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós. (ELIAS, 1994. p. 152)

Para assinalar a distinção entre o modo de fala de **LS** e **RS**, investigou-se o emprego de pronomes de 1ª pessoa (*eu*, *nós* e *agente*), presentes em discursos proferidos em palanque. Vale destacar que o emprego desses elementos configura a interação, ou seja, se os “agentes”, no palanque, falam *eu*, candidato, é porque existe o *você*, a plateia, o *nós* (*eu* e *você(s)*; *eu* e *ele(s)*; *eu*, *você* e *ele(s)*). Enfim, a *persona* pública e suas “máscaras” são delineadas em um cenário dinâmico. Faraco e Negri (1998), ao delinearem uma concepção de sujeito, consideram que o falante está imerso em uma realidade “heteroglótica”:

É nesse complexo caldo heteroglótico e dialógico que nasce e se constitui o *falante*. Para ele, a realidade linguística não se apresenta primordialmente como um sistema gramatical abstrato, mas como um mundo de vozes e suas relações de aceitação e recusa, suas convergências e divergências, suas harmonias e seus conflitos, suas intersecções e hibridizações. (FARACO; NEGRI, 1998. p.167)

Os “agentes” **LS** e **RS** têm histórias peculiares, indicadas, por exemplo, pelo nome e sobrenome. **LS** é conhecido por Lula, apelido incorporado ao nome, e **RS** é conhecido por Requião, um dos sobrenomes de família, ou seja, a história familiar e a trajetória política dos “agentes” são elementos constitutivos do estilo de cada um deles. Em outras palavras, o eu-Lula e o eu-Requião se constituíram

na relação com os seus aliados e seus oponentes, isto é, nas relações de disputa e manutenção de poder. O mesmo processo identificou-se na comparação entre os discursos desses agentes. A identificação de semelhanças e distinções, no modo de fala de Lula e Requião, será investigada no próximo capítulo.

## Capítulo 5

### O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NO CAMPO DÊITICO: SEMELHANÇAS E DISTINÇÕES NO ESTILO DE LS E RS

Graças a uma peculiaridade de sua organização corporal, as pessoas têm condição de se distanciarem de si enquanto organização física ao se observarem e pensarem a seu próprio respeito. Em virtude dessa peculiaridade de sua organização física, que lhes permite perceberem-se como imagens espaço-temporais entre outras imagens similares, como pessoas corporalmente existentes em meio a outras pessoas semelhantes, elas estão aptas a caracterizar a sua posição dentre outras maneiras, mediante o uso do símbolo “eu” e a caracterizar a posição das outras através de símbolos como “você”, “ele” ou “eles”.

Norbert Elias

Neste capítulo, recorre-se à noção de campo dêitico, delineada por Hanks (2008), e pressupõe-se que o processo de referenciação dêitica integra-se à prática comunicativa realizada no palanque, isto é, a designação dêitica inscreve-se, em um contexto social amplo, onde ancoram-se as posições e as tomadas de posição dos “agentes” políticos. Desse modo, **LS** e **RS**, ao engajarem-se no evento, realizado no comício, não só incorporam e expressam regras inerentes ao “campo político”, isto é, o “*habitus* do político”, mas constituem também uma *persona* pública. Em outras palavras, os “agentes” encenam, no palanque, um ritual de representação, assumindo uma posição. Para mostrar a configuração desse ritual, verificam-se semelhanças e diferenças no estilo dos “agentes”.

Os temas, aliança política e exaltação do local de origem, por exemplo, estão presentes no discurso de **LS** e **RS**. Selecionam-se, pois, excertos que apresentam esses temas e examinam-se neles o emprego de dêiticos de 1ª

pessoa, de espaço e tempo,<sup>45</sup> bem como o uso de gestos para verificar o estilo desses políticos. Desse modo, assinalam-se pontos de contato entre os “agentes”, quer dizer, mostra-se a configuração do “*habitus* do político” em contexto ritualizado. Para assinalar a distinção entre eles, escolheram-se excertos onde ocorre a saudação. Mostra-se, nesses excertos, que cada “agente” tem o seu modo de saudar a plateia. Examina-se, nas saudações, o emprego de vocativos,<sup>46</sup> de dêiticos de 1ª pessoa e de espaço, bem como a *performance* dos políticos, ressaltando a diferença entre o estilo de **LS** e de **RS**. Assinala-se que, mesmo seguindo um protocolo ritualístico, cada político tem o seu estilo, a sua maneira de saudar o público.

## 5.1 O campo dêítico

Hanks (2008) definiu um objeto de pesquisa denominado “campo dêítico” e fundamentou seus pressupostos recorrendo às pesquisas que realizou em linguística antropológica, sociologia e linguística. No artigo “Incurções no campo dêítico”, ele descreve e analisa a dêixis, pressupondo que a designação dêítica se constitui no interior de práticas sociais, ou seja, há um vínculo imediato entre o uso desse elemento e as relações entre falante, destinatário, objeto e contexto. A seleção de uma forma dêítica denota a construção de um objeto, de uma situação, pois o uso do dêítico incorpora as regras sociais do campo onde os agentes sociais atuam.

Ao analisar o uso da dêixis no maia iucateque, falado em Iucatã, no México, o pesquisador revê a relação entre língua e contexto, fornecendo um quadro que associa esses dois elementos e amplia a abordagem teórica acerca da

---

<sup>45</sup> Embora o emprego de dêiticos de espaço e tempo não sejam objeto de investigação desse trabalho, foi necessário fazer referência a eles, porque aparecem nos excertos analisados e associam-se, de certo modo, ao emprego de dêiticos de 1ª pessoa.

<sup>46</sup> Como o emprego de vocativos aparecem nos excertos analisados, em (26) e (27), fez-se referência a essa forma porque ela associa-se, por exemplo, ao dêítico de espaço. Essas formas estão presentes na saudação feita, por **LS**, em (26).

dêixis. O processo de referenciação dêitica é, pois, visto como um tipo de prática linguística que se integra às regras sociais de uma comunidade.

Os dêiticos são utilizados em várias línguas. Em português os termos *aqui*, *lá*, *isso*, *eu*, *você* e *nós* representam algumas dessas formas. Para Hanks (2008), nas práticas comunicativas, esses elementos são utilizados juntamente com recursos semióticos, gestos e olhares. A análise da prática dêitica integra, pois, língua e contexto.

O pesquisador, ao delinear cuidadosamente a noção de campo dêitico, elabora alguns princípios teóricos, como o que se segue: “realizar um ato de referência dêitica é ocupar uma posição no campo dêitico. Da mesma forma, ser objeto de referência é ser impelido a uma posição” (HANKS 2008, p.209). Ao recorrer ao postulado do pesquisador, considera-se que **LS** e **RS**, ao proferir, em comício eleitoral, por exemplo, os dêiticos de 1ª pessoa e de espaço realizam um ato de referência próprio ao contexto no qual estão inseridos. Dito de outro modo, ao procederem ao ato de referência dêitica, os “agentes” se expressam, no palanque, de acordo com princípios e procedimentos inerentes ao “campo político”. Recorre-se, pois, à noção de campo dêitico para mostrar que esse procedimento amplia a noção de designação referencial e pode ser utilizado para compreender o estilo de fala, bem como a constituição da representação política, ou seja, das diferentes *personas* públicas de **LS** e **RS**.

De forma a definir o campo dêitico, Hanks (2008) retoma três princípios: o primeiro é o da fundamentação linguística padrão do campo semântico, quer dizer, o conjunto de expressões linguísticas que se inserem em uma determinada categoria semântica por compartilhar um significado comum. O valor dos termos inscritos nesse domínio derivam de contraste entre eles. Por exemplo, a partir da categoria cores, contrastam-se: branco, preto e vermelho. No caso da dêixis, Hanks (2008, p.207) afirma que “o valor de um termo como ‘aqui’ depende de seu contraste com outros termos relacionados, incluindo ‘ali’, ‘este’ e assim por diante”.

O segundo princípio foi estabelecido a partir do trabalho de Buhler (1990 [1934], *apud* Hanks, 2008, p. 207), que Hanks (2008) sintetiza da seguinte forma:

“(1) o *Symbolfeld* (o campo simbólico), composto por palavras, outros signos e os conceitos que eles representam; e (2) *Zigfeld* (campo demonstrativo), o presente experiencial da produção de enunciados, o qual ele denominou ‘Aqui-Agora-Eu’”. (HANKS 2008, p. 207)

O pesquisador recorre ao estudo fenomenológico de Buhler e propõe que a dêixis forneça um sistema que integra a explicação semântica e o contexto enunciativo imediato. Para Hanks, no exemplo, “*Lá vai Jack*”, a composição do sentido advém do significado da expressão dêitica acrescido da função de orientação que ela desempenha no enunciado. Dessa forma, o contexto abrange não só os elementos linguísticos, mas também a percepção que os falantes têm um do outro, isto é, a observação de gestos e a captação de aspectos sensoriais, auditivos e táteis.

Para elaborar o conceito de campo, Hanks (2008) recorre a outro pressuposto: a teoria da prática social de Bourdieu (1985, 1990, 1991a *apud* HANKS, 2008, p. 207). Para o linguista, um campo é um espaço onde os sujeitos interagem e tomam posições; por conseguinte, as relações entre eles são permeadas pela disputa de poder, por acordos e desacordos. Nesses espaços gerenciam-se conflitos que seguem uma lógica própria, já que cada campo tem uma forma de ação e é constituído por histórias e crenças particulares. Os agentes sociais assimilam a forma de organização do campo e se engajam em ações que são permeadas por um conjunto de valores. Há, pois, um capital simbólico em circulação em cada campo. Partindo dos pressupostos de Bourdieu, Hanks (2008) elabora a noção de campo discursivo:

Para nosso propósito, um campo discursivo ou comunicativo pode ser entendido como um tipo particular de contexto ao qual a prática está incorporada. Em um campo, em comparação com a maioria dos contextos, os indivíduos possuem trajetórias, percursos que ocupam certas (sequências de) posições. Mais do que isso, visto de fora,

qualquer campo possui um contorno que é normalmente contestado, mas que o discerne de outros campos e limita o acesso dos agentes às posições e às formas de valor. Mais especificamente, em qualquer campo social existem processos delimitadores que restringem quem pode se engajar em diferentes posições e quais movimentos podem ser feitos e quais não. Isto não significa que todos os campos tenham limites claros e estáveis, mas que o problema dos limites é endógeno a qualquer campo e deve fazer parte de nossa descrição. Visto por dentro, o acesso dos agentes às posições e às trajetórias é analogamente restringindo por fatores diferenciais, tais como seus poderes e suas credenciais, que contribuem para especificidade do todo. Enfim, “campo” é um termo descritivo cujo valor depende da especificidade e da pertinência da análise que ele torna possível. (HANKS, 2008, p. 208)

Como o pesquisador repensa o fenômeno linguístico considerando a incorporação de determinadas práticas de linguagem a determinados campos sociais, ele defende que o processo de referenciação dêitica é constitutivo do engajamento dos agentes nas diversas situações comunicativas. O pesquisador associa, pois, a noção de campo dêitico à ideia de incorporação (*embedding*).

Em seu artigo Hanks explica que:

o campo dêitico é composto pelas (1) posições dos agentes comunicativos relativamente aos enquadres de participação que eles ocupam (isto é, quem ocupa as posições de Falante, Destinatário e outros, tal como definido pela língua e pelas práticas comunicativas de seus falantes), (2) posições ocupadas pelos objetos de referência, (3) múltiplas dimensões por meio das quais os agentes têm acesso às posições. Realizar um ato de referência dêitica é ocupar uma posição no campo dêitico. Da mesma forma, ser objeto de referência é ser impelido a uma posição. (HANKS, 2008. p. 209)

A noção sociológica de campo foi retomada e revista por Hanks (2008), ao esclarecer que o campo dêitico difere do modelo de campo sociológico. Ele justifica seu ponto de vista apresentando dois argumentos. Primeiramente destaca que a dêixis é arbitrária, uma vez que é utilizada em diversas situações de fala e não requer uma regulação. Em seguida, Hanks (2008, p.210) esclarece: “não há um papel *necessário* para o poder no campo dêitico, e nem qualquer uma das posições nele invariavelmente implica que o ocupante seja dominante ou dominado”. As relações de poder não são, pois, motivadas pela dêixis, mas podem ser incorporadas a ela. Diante dessa constatação, ele toma emprestado de

Goffman (1972) a noção de situação para evidenciar a atuação dos sujeitos no espaço social.

Hanks (2008) considera que um campo dêitico assemelha-se em alguns aspectos à noção de situação apresentada por Goffman (1972, *apud*, Hanks, 2008, p. 211) e em outros à noção de *Zeigfeld* definida por Buhler.

O campo dêitico é, portanto, semelhante à “situação” de Goffman na medida em que ele organiza a co-presença e os tipos de acessos emergentes (perceptuais ou outros) dos interactantes uns em relação aos outros e em relação ao cenário. Ambos envolvem o corpo em ação, percebido e percebendo. Ele é *distinto* da situação, mas parecido ao *Zeigfeld* na medida em que ele orienta a atenção, convertendo com eficácia uma mera co-presença em um ato social de referência individualizada. Essa conversão pode envolver memória e antecipação, como Buhler notou, bem como relações de posse e de engajamento habitual entre participantes e objetos, as quais ele falhou em notar. [...] Há uma progressão lógica nas três unidades: sujeitos co-presentes na situação se tornam participantes com papéis no *Zeigfeld*, e estes, por sua vez, transformam-se em posições sociais no campo dêitico incorporado. Portanto, uma situação pertence à esfera da atividade interpessoal, um *Zeigfeld* relaciona a atividade com a estrutura da língua e um campo dêitico relaciona o *Zeigfeld* a um mundo social mais amplo. Este mundo inclui o senso comum dos falantes nativos acerca de sua própria língua e de suas práticas verbais, algo ausente na situação quanto no *Zeigfeld*. (HANKS, 2008. p. 211-212)

Inscribe-se na prática dêitica a percepção que os sujeitos têm das posições sociais que ocupam, bem como da posição do referente. Portanto, a referenciação dêitica é um ato social.

Hanks (2008) ressalta ainda que o campo dêitico é diferente de outros campos sociais por causa de sua abrangência. Portanto, o uso do dêitico deve adaptar-se às diferentes circunstâncias sociais:

(...) enquanto outros campos são mais ou menos restritos a esferas da vida social, a *referência dêitica acontece em todo campo no qual os agentes se comunicam por meio da língua*. Para ser mais preciso, o uso de elementos indiciais pode diferir sistematicamente segundo o campo social e os gêneros no interior dos quais o discurso ocorre. (HANKS, 2008. p. 212)

Como a referência dêitica é atualizada em função do contexto comunicativo, ela assimila as regras do campo social onde os agentes atuam e assumem posições. Hanks (2008) fornece um bom exemplo para ilustrar a incorporação de regras sociais ao campo dêitico.

A dêixis, enquanto recurso semiótico geral articula-se a campos sociais mais amplos através do que denominei incorporação (*embedding*). A incorporação converte posições abstratas como Falante, Destinatário, Objeto, e o espaço de vida dos enunciados, em posições às quais o poder, o conflito, o acesso restrito e outros traços dos campos sociais se vinculam. As diferenças entre “aqui”, e “lá” ou “eu” e “você” podem fazer parte de um campo dêitico, porém quando o “aqui” é uma sala de audiência na corte de justiça, o falante um juiz, o destinatário um júri, e o objeto um réu, então o campo jurídico traz todo seu peso para ligar-se ao campo dêitico. Diremos que o campo dêitico está incorporado ao campo jurídico. Consequentemente, o espaço de posições definido pela dêixis está investido com valores e relações muito mais específicos, cuja interpretação depende não da dêixis, mas do campo jurídico. (HANKS, 2008. p. 213)

Os dêiticos não apresentam informações descritivas, já que são formas autônomas que se adaptam aos quadros de referências dos diversos campos sociais, por conseguinte incorporam o significado social do objeto de referência. A dêixis é um sistema semiótico, cujas formas são redesenhadas em função dos campos sociais nos quais elas se articulam.

O uso da dêixis ocorre nas práticas comunicativas cotidianas e esse processo de referenciação requer que sujeitos e objetos ocupem uma posição em um cenário de fala. A descrição do espaço enunciativo permite que se vincule a prática dêitica ao campo social amplo. Pressupõe-se que o uso feito, por **LS** e **RS**, das formas dêiticas de 1ª pessoa e de espaço, em comício eleitoral, indique diferentes posições enquanto representação política e assinale um modo de fala. Em outras palavras, encena-se no palanque um ritual de representação política indicado pelo uso dessas formas.

A fim de checar a dinâmica inerente ao processo de referenciação dêitica, o estudioso da linguagem destaca alguns traços que caracterizam os dêiticos. Hanks (2008, p.215) esclarece, primeiramente, que o dêitico pode ser

usado para “referência singular e definida de objetos (pessoas, lugares, objetos, tempos, ações, etc.)”. No enunciado “Este é Bob” ou “Você espere aqui que eu estarei ali”, os dêiticos utilizados fazem uma indicação individualizada a Bob (*este*), ao destinatário (*você*), ao falante (*eu*) e aos dois lugares (*aqui, ali*).

O segundo traço que caracteriza a dêixis é a descrição feita por elementos lexicais. A descrição pode acompanhar os dêiticos e assinalar características do objeto. Segundo o autor, pode-se dizer “esta”, mas também “esta mesa velha com uma perna quebrada”. O pesquisador expõe ainda que os dêiticos adverbiais como *aqui, lá, agora* entre outros, alteram-se de acordo com o contexto, isto é, em cada situação o objeto que se toma como referência varia, uma vez que a incorporação contextual à dêixis é dinâmica.

O pesquisador conclui que os dêiticos referenciais combinam de forma sistemática com a indicialidade e a gestualidade. Ele propõe descrever e analisar, por meio dessa associação, a variabilidade da incorporação contextual à dêixis.

O autor relata que abordagens convencionais já relacionavam os dêiticos ao contexto. Os dêiticos exofóricos, por exemplo, referem-se a objetos que estão na cena enunciativa. No enunciado, “Aquela ali é minha”, o linguista esclarece que se faz referência a uma caneca de café que se encontra sobre uma mesa. No uso endofórico, o objeto não precisa estar presente na cena, mas precisa ser mencionado previamente, como no exemplo apresentado, “Aquele cara é meu sobrinho”. O “cara” não está presente, mas foi mencionado previamente pelo destinatário. A dêixis e a fala prévia se articulam para determinar o referente, ou seja, a atualização do uso do dêitico decorre da incorporação da fala anterior, da memória, de conhecimentos que constituem a cena enunciativa.

A fim de assinalar a especificidade semiótica da dêixis, o estudioso explica que a força diretiva inscrita no elemento dêitico era variável. No enunciado, “*Lá* vai ele bem ali! (aponta)”, faz-se referência a um cão correndo no campo. O elemento destacado deve ser compreendido na associação com o gesto. Nesse contexto, o destinatário faz parte do evento, portanto a atualização do sentido não

está restrita ao funcionamento linguístico desse elemento, mas deve integrar-se o evento comunicativo.

Os exemplos utilizados pelo autor demonstram que uma das características marcantes da dêixis é a covariação entre o significado do elemento e o contexto de uso. Para explicitar esse pressuposto, Hanks (2008) recorre ao trabalho de Sacks (1992, *apud*, Hanks, 2008, p. 217) e conclui que a dêixis indica um cenário, mas não o *formula*. Em outras palavras, a dêixis é isenta de informação descritiva, já a formulação categoriza, descreve o cenário. Para explicitar o exposto, ele fornece alguns exemplos. No enunciado “Eu sou o professor Quigley” há uma formulação acerca da identidade de quem fala, um professor, seguida do nome próprio. Já se o falante dissesse: “Aqui estamos nós”, não haveria a formulação do cenário, ou seja, estávamos em um seminário onde se encontrava um professor. *Aqui* e *nós* são indicadores, mas não formulam o cenário.

O linguista complementou seu raciocínio, apresentado um paradoxo:

Qualquer pessoa pode ser um “eu”, somente se engajar na fala. Paradoxalmente, os dêiticos estão dentre os recursos preferidos na referência definida e precisa de objetos específicos, ainda que eles forneçam praticamente nenhuma informação identificatória equivalente aos objetos escolhidos. (HANKS 2008. p. 218)

O elemento dêitico, por ele mesmo, não tem significado próprio, mas indica o seu referente. Por conseguinte, cabe ao interlocutor considerar o campo dêitico no qual o elemento linguístico se ancora para compor o sentido.

Um dos focos da pesquisa de Hanks (2008) é compreender e descrever a relação entre língua e contexto. Para tanto, ele analisa o processo de referenciação dêitica, pois nele o cenário de produção discursiva é incorporado à própria estrutura linguística. Sendo assim, se fez necessário analisar os quadros teóricos nos quais o problema da dêixis foi investigado, o quadro especialista e interacionista.

Segundo Hanks (2008), o quadro espacialista está presente na maioria dos estudos feitos em língua inglesa sobre a dêixis, entre eles, o trabalho de Russel (1940, *apud*, Hanks, 2008, p. 219) e Evans (1982, *apud*, Hanks, 2008, p. 219). O constructo espacialista fundamenta-se na concepção de que a fala expressa experiências e pensamentos de sujeitos inseridos num contexto físico imediato, sendo que ambos, sujeito e contexto, estão desvinculados do contexto sócio histórico mais amplo. Assim, essa perspectiva deixa de lado aspectos contextuais que permeiam o processo de referência dêitica. Hanks destaca:

(...) esta concepção do senso comum [o quadro espacialista egocêntrico] oculta aspectos decisivos da dêixis, como a mútua orientação entre os interactantes, todas as formas de acesso não perceptivo, tais como conhecimento prévio, memória e antecipação, e tudo aquilo que é parte de um cenário social e as relações entre os participantes, mesmo que não incorporadas a objetos físicos. (HANKS, 2008, p. 220)

Ao descrever o quadro interativo, Hanks (2008) expõe fatores presentes na interação face a face, pautando-se em estudos de Sacks (1992, *apud*, Hanks, 2008, p. 220); Goodwin (1981, *apud*, Hanks, 2008, p. 220); Schegloff (1984, *apud*, Hanks, 2008, p. 220); Heritage (1984, *apud*, Hanks, 2008, p. 220). O pesquisador conclui que o quadro interativo distingue-se do espacialista egocêntrico em diversos aspectos, sobretudo, porque o falante não está isolado em um universo físico imediato; ao contrário, os participantes interagem no processo comunicativo. Com efeito, emerge do cenário interativo uma série de elementos que atuam na prática comunicativa. Todavia, o que mais se destaca na análise da dêixis “são as variações situadas e as formas nas quais a dêixis se articula com as estruturas de relevância de diferentes cenários” (HANKS, 2008. p. 222).

Ao analisar a prática dêitica, é preciso considerar que uma estrutura de relevância está presente no evento de fala, ou seja, aspectos do contexto comunicativo envolvem os falantes e coloca-os numa dada posição com relação ao objeto. O pesquisador explica que a relevância pode ser vista sob dois aspectos: a realidade imediata que cerca os participantes do evento e a

incorporação de aspectos sociais amplos na estruturação do campo dêitico. Hanks diferencia esses dois aspectos.

A primeira inclui o contexto do ato de fala, o contexto sequencial, o movimento feito pelo falante ao enunciar o dêitico e a situação espacial, perceptual, conceitual e corporal imediata. Aqui a relevância emerge para além do tempo de duração do turno no sentido mais imediato e "local".

A segunda fonte de relevância é a incorporação do campo dêitico a um campo social mais amplo, que se estende para além do presente. Ela é de extrema importância para a realização e o sucesso de enunciados dêiticos, *onde*, *quando* e *para* e *por quem* são enunciados, nos quais cada uma dessas condições é definida socialmente. (HANKS 2008. p. 222- 223)

O processo de referência dêitica é atravessado por elementos do contexto local e do contexto social amplo. Por conseguinte, os campos sociais indicam o ponto em que a referência dêitica se ancora, explicando melhor, a fonte de relevância da referência dêitica.

Depois de expor os dois níveis que caracterizavam a fonte de relevância, o linguista mostra os limites dos quadros teóricos citados. O quadro espacialista abarca a estruturação do sistema dêitico, mas restringe o campo dêitico e a participação do falante, desconsiderando aspectos sociais e históricos relevantes. O quadro interativo foca as relações que emergem do contexto conversacional efetivo, todavia deixa de lado alguns aspectos do funcionamento da dêixis, reduzindo a variação dêitica à função de invocação do cenário. Diante das limitações apresentadas, Hanks propõe:

O que é preciso, ao contrário, é uma forma de descrever como as posições que constituem qualquer campo dêitico são configuradas segundo o campo social, e que relação essas posições mantêm com a língua no nível dos enunciados situados, dos tipos dêiticos e dos sistemas dêiticos inteiros. Precisamos saber como os interactantes assumem essas posições, ocupando-as e desocupando-as na prática ordinária e como o campo (compreendendo os diferentes gêneros do discurso [Hanks,1987]) varia de acordo com a incorporação social. Essas questões têm consequências importantes para a metodologia de pesquisa e para a descrição de línguas e sociedades específicas. Precisamos de uma concepção diferente de espaço, uma teoria melhor de como o espaço está integrado a aspectos não espaciais do contexto,

em um tratamento mais minucioso da incorporação social do campo dêitico. (HANKS 2008. p. 224- 225)

O linguista enfatiza em seu trabalho a necessidade de compreender a relação entre a estruturação da prática dêitica e os aspectos contextuais. Para explicar como essa relação se constitui no campo dêitico, passa-se a apresentar dados analisados por Hanks (2008) e dados desta pesquisa.

## **5.2 A prática dêitica no discurso proferido, por LS e RS, em comício eleitoral**

Para esclarecer a prática dêitica em iucateque, Hanks (2008) recorre à teoria da prática social e ao *Zeigfeld*, mas faz algumas adequações: (i) aspectos sociais são incorporados ao campo dêitico; (ii) os falantes de iucateque, ao utilizar a referenciação dêitica, reproduzem de forma recorrente elementos de um *habitus* linguístico. Eles adotam e reconhecem na prática cotidiana um *habitus*, que aparecia nas relações estabelecidas com objetos, pessoas e na projeção de ações próprias.

O linguista analisa a prática dêitica em iucateque, examinando o uso de dêiticos espaciais, *a'* e *o'*, que indicam o grau de proximidade de um referente.

Embora o autor tenha examinado dêiticos espaciais e, neste capítulo, examinam-se também dêiticos de 1ª pessoa, considera-se que os procedimentos analíticos desenvolvidos no estudo do autor possam ser incorporados a esta pesquisa. Por isso, selecionaram-se excertos de discursos, proferidos em comício, por **LS** e **RS**, analisando-os à luz dos pressupostos de Hanks sobre o campo dêitico. Ao apresentar as análises feitas por Hanks (2008), integrando-as à análise dos dados desta pesquisa, objetiva-se demonstrar que o uso de elementos dêiticos no discurso realizado no comício:

- I. está associado ao engajamento do sujeito em práticas sociais;

- II. indica as diversas posições que o falante pode assumir na prática social, mais especificamente, as diferentes representações públicas de **LS** e **RS** no “campo político”;
- III. aponta semelhanças e diferenças no modo de fala e na *performance* de **LS** e **RS**.

Para delinear os pressupostos destacados, mostra-se, em um primeiro momento, a intervenção das práticas sociais na constituição da referência dêitica, assinalando semelhanças entre o modo de fala e a *performance* de **LS** e **RS**; em um segundo momento, destaca-se os usos estereotipados das formas dêiticas, apontando diferenças no estilo de fala e nos gestos dos “agentes”; em um terceiro momento, apresenta-se a interferência, no processo dêitico, de aspectos do campo social mais amplo, indicando, mais uma vez semelhanças na maneira de falarem e gesticularem no palanque.

### **5.2.1 A intervenção das práticas sociais na constituição da referência dêitica.**

Para demonstrar que o sistema dêitico adapta-se ao campo social, Hanks (2008) analisa alguns dados e esclarece que a incorporação de práticas sociais específicas integra-se ao processo de referenciação dêitica. Recorre-se a esse postulado e analisa-se, nesta parte do trabalho, dados de discursos de **LS** e **RS**, assinalando a interferência da prática social na constituição do processo de referenciação dêitica em discurso de palanque.

Ao apresentar os exemplos (11) e (12) abaixo, nos quais as formas utilizadas assinalam o grau de proximidade entre o sujeito e o referente exofórico, Hanks (2008) descreve o componente básico dos dêiticos *a'* e *o'*: a forma *a'*, utilizada em (11), expressa proximidade entre falante e objeto; a forma *o'* empregada em (12) exprime distância entre falante e objeto.

(11) Falante, apontando para um dente em sua própria boca, diz:



(14) no quarto dos fundos de dom Chabo, próximo ao altar, uma mulher explica onde a perna do marido está ferida, demonstrando em sua própria perna;

*Mèn le he el a'...bey tún uúchilih té' e bey a'*

“que essa uma aqui,... é bem aqui que isso aconteceu com ele” (HANKS, 2008. p.237)

Em (15) faz-se referência a um objeto que está fora da cena e que os participantes desconhecem onde está, portanto utiliza-se *o'*.

(15) Dom Chabo e Lol estão repreendendo severamente Victor, que tinha tirado alguns itens da minha bagagem algum tempo antes, naquele mesmo dia. Eles têm conhecimento do furto, e Lol recuperou alguns dos itens, mas não sabem o que mais foi tirado. Ameaçando bater no menino, eles gritam,

*Tu ux tatz' aa le bá' al o' k' ub e bá' al o'*

‘Onde você colocou as coisas, devolva-as!’(HANKS, 2008. p.238)

No exemplo (16) o uso do dêitico distal destacado, *lel o – aquele* - tem como referente o discurso anterior, ou seja, o enunciado (A). Utiliza-se um procedimento metalinguístico para retomada anafórica do referente, portanto a constituição do processo de referenciação é discursiva.

(16) A: *hach chokow Le k'iin o'* “Aquele sol está realmente quente”.

B: *lel o' hàah a t'àan* “Aquele, você tem razão (lá)”.

(HANKS, 2008. p.239)

O elemento dêitico *a'* em (11) estabelece a noção de proximidade e *o'* em (12) estabelece a noção de não proximidade. Mas essa oposição não esclarece o uso de dêiticos em (13), (14), (15) e (16). Para dar conta do que acontece nesses exemplos, o autor mobiliza a noção de correspondência: “Uma correspondência é uma equivalência prática por meio da qual um tipo de contexto vale por - é praticamente equivalente a – outro” (Hanks, 2008. p. 239). Em (13) e (14) a percepção visual-tátil faz com que o falante utilize *a'*, assegurando a noção de proximidade. Portanto, ocorre uma correspondência entre tátil, visual e proximal. Já nos exemplos (15) e (16) o falante recorre à memória para fazer

referência ao objeto. Utiliza, então, o dêitico *o'*, a correspondência que ocorre aqui é entre a associação distância e memória.

Mas o pesquisador ressalta que a noção de correspondência não pode ser confundida com as relações correlatas. Em (13), por exemplo, a relação entre a imagem nos cristais e a criança determina a identidade entre dois objetos, há, pois, uma relação correlata. O mesmo procedimento se observa em (14), onde há uma relação entre o corpo do falante e o corpo de outro sujeito. A correspondência é estabelecida pelos diferentes procedimentos que os falantes têm para ter acesso ao objeto, ou seja, o que está fora de cena, distante.

Em síntese, enquanto os correlatos se ancoram em convenções estabelecidas previamente por acordos tácitos na comunidade, as relações de correspondência são estabelecidas por analogias presumíveis entre as situações.

Hanks (2008) esclarece que só foi possível a Dom Chabo enunciar (13), por ser um xamã, ou seja, um especialista legitimado pela comunidade. Ele se preparou por meio da oração para fazer uso de um recurso tecnológico sofisticado, os cristais de adivinhação, e diagnosticar uma patologia. Nesse contexto foi possível referir-se à menina, utilizando uma forma dêitica proximal. Outra pessoa em seu lugar não poderia fazer isso, pois não teria a autoridade necessária. A compreensão da relação entre a imagem da menina nos cristais em (13) deve ser estabelecida pela incorporação de atributos sociais à prática dêitica. Hanks (2008, p. 241) explica:

A relação correlata conta, para sua inteligibilidade, com o encaixamento do enunciado em um campo dêitico estabelecido. Não há nada na língua nem no *Zeigfeld* que possa ancorar essa ideia. Meu argumento, então, é o de que a referência sempre se apoia em relações correlatas como essa em (13), ou naquela do exemplo (14), apoia-se, desse modo, na incorporação social que autoriza o estabelecimento de uma referência deslocada [grifo meu].

Em (13) e (14) a relação de correspondência esclarece a atuação da percepção e da memória na constituição do procedimento dêitico. Assim, as

relações correlatas incorporam ao procedimento dêitico os acordos tácitos constituídos na comunidade.

Nos exemplos apresentados até aqui, o autor investiga os diversos tipos de acesso do falante aos referentes, mostrando que cada situação favorece o uso de uma forma dêitica em detrimento de outra. Ele mostra como o sistema dêitico pode adaptar-se às diferentes condições do campo social, porque ocorre a incorporação de práticas sociais específicas ao processo de referenciação dêitica.

Apresentam-se dados de discursos de **LS** e **RS**, assinalando a interferência da prática social na constituição do processo de referenciação dêitica, produzido em contextos de discurso de palanque.

Durante a campanha eleitoral, os candidatos procuram fortalecer sua campanha, buscando apoio político. Os acordos e alianças eleitorais realizados no período de campanha transformam adversários em aliados e estes sobem no palanque para mostrar o apoio ao candidato da coligação. Em (17) e (18), **LS** está discursando em um comício, no Rio de Janeiro, durante o segundo turno da campanha eleitoral de 2006. No segundo turno, os eleitores votaram para presidente e governador. **LS** dirige-se a Sergio Cabral e aos demais participantes do evento e explica a aliança política que se consolidou, no Rio de Janeiro, para apoiar, no segundo turno eleitoral, Cabral. Destaca-se em (17) a presença do dêitico *aqui* na fala de **LS**:

(17)

74	LS	[... quero dizer para você Sergio e quero fazer uma homenagem <b>aqui</b>
75	Plateia	[((aplausos)) *-----
76	LS	ao Senador Crivella pelo tratamento especial que ele deu à necessidade
-----		
77	Uma pessoa	[((aplausos))
78	LS	[de fazer aliança com você... -----* ((neste momento <b>LS</b> vira-se para o lado esquerdo, parece olhar para Sergio Cabral. <b>LS</b> Começa a gesticular com as mãos para baixo e prossegue com esse gesto até falar “aqui”. Depois, se vira um pouco para direita, em seguida para frente.)) <sup>47</sup>

<sup>47</sup> Esse excerto faz parte do Video 57, parte 1. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.



Foto 1 - **LS** aponta para Sergio Cabral.



Foto 2 - **LS** abaixa as mãos.



Foto 3 - **LS** vira um pouco para a direita, fala "aqui", ao abaixar as mãos.



Foto 4 - **LS** olha para frente, mãos erguidas.

**LS** homenageia Marcelo Crivella no palanque pela adesão à aliança política. Embora Crivella tenha concorrido, no primeiro turno com Cabral, aquele aceita apoiar, no segundo turno, o candidato escolhido pela coligação, ou seja, Cabral.

Quando **LS** refere-se à aliança política, (linhas 74 e 78), dirige-se, supostamente, a Cabral e, gesticulando com as mãos para baixo, aponta para o tablado e diz "quero fazer uma homenagem *aqui*" (foto 3). O dêitico *aqui* é co-extensivo à instância física e ao espaço ideológico. Em outras palavras, o *aqui* se refere não só à direção imediatamente apontada, mas também ao palanque sobre o qual estavam alguns membros da aliança, ao evento, o comício, além de designar o ritual de consolidação da aliança do qual os três políticos participavam,

Lula, Cabral e Crivella. Há, pois, uma correlação entre o uso de *aqui* e a aliança política consolidada.

**LS** encena no palanque, com palavras e gestos, o papel de articulador da aliança política. Com efeito, incorpora ao processo de referência dêitica ingredientes do “campo político”, isto é, os acordos firmados. Embora a aliança, provavelmente, tenha se consolidado em outro espaço, ela é encenada no comício, diante da plateia.

Ao consolidar as alianças, os opositores, tratados outrora por *eles*, passam ser tratados por *nós*, os aliados. O excerto a seguir (18) faz parte do mesmo discurso proferido por **LS** no Rio de Janeiro na ocasião do segundo turno eleitoral em 2006:

(18)

86	LS	Crivella disputou... você disputou... todos disputaram...o povo quis
87		que ficasse você e outra... <b>agora nós</b> ... temos que dizer a todo eleitor
		*-----
88		do Rio de Janeiro... agora↑ quem vota em Lula vota em Sergio
		-----
89		CABRAL↑ (para governador do estado)...
		----- □* (( <b>LS</b> vira-se para frente, junta suas mãos e mexe-se um
		pouco para direita e para esquerda))
90	Plateia	aplausos e assobios
91	LS	muito obrigado a todos vocês... que Deus ajude a eleger Sergio Cabral
92	Plateia	Aplausos <sup>48</sup>



Foto 5 - **LS** olha para direita, mãos juntas.



Foto 6 - **LS** olha para esquerda, mãos juntas.

<sup>48</sup> Esse excerto faz parte do Video 57, parte 1. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

Em (18) **LS** não diz “*eu* tenho que dizer a todo eleitor”, mas sim, “*agora nós* temos que dizer a todo eleitor” e, diz isto unindo suas mãos, em um gesto que acentua o pacto firmado. O *nós* (linha 87) equivale a *eu*, candidato à presidência, e a *vocês*, aliados, ressaltando a unidade política assumida, isto é, ao usar *nós*, **LS** inclui a plateia. O uso de *nós* vem depois do modalizador *agora* (linhas 87), assinalando que a partir daquele momento os aliados deveriam assumir o pacto firmado. **LS**, ao dizer *agora* e ao mexer-se um pouco para direita e para esquerda, integra-se por inteiro ao “enquadre” (TANNEN; WALLAT, 2002) aliança política.

**LS** assume o papel de articulador do pacto firmado. Essa ação é evidenciada em (17) e (18) e indicada linguisticamente pelo uso de *aqui*, *agora* e *nós*, mas também pela *performance* corporal. Esses procedimentos assinalam o estilo de **LS**. O processo de referência dêitica, mobilizado pelo uso desses elementos incorpora regras do “campo político” e marca a aliança consolidada. **LS** encena em (17) e (18) o papel de articulador político.

O excerto abaixo é parte de um discurso que **RS** proferiu em 2006 em um comício realizado em Curitiba. O político estava em plena campanha à reeleição ao governo do Paraná. Do palanque relata aos participantes a histórica disputa política que vinha se travando no Paraná entre duas facções. **RS** destacou que a aliança da qual fez parte, em 2002, derrotou o grupo ao qual se opunha. Ele descreve, ao seu modo, a batalha eleitoral, gesticulando seguidamente com uma das mãos para cima, para baixo, para direita e esquerda num ritmo que segue o compasso firme de sua voz. Destaca-se no excerto (19) o uso das expressões dêiticas *nós* (linha 6) e *agora* (linha 10).

(19)

1. **RS** ... entusiasmo aqui da rapaziada está muito grande (0.1) minha gente ↑ (0.2)
2. esta: campanha (0.1) é uma guerra que vem sendo travada no Paraná há
3. muito tempo (0.1) de UM LADO... os que venderam o banesTADO ...queriam
4. privatizar a Copel ↑(0.1) entregaram a Sanepar↑ para o capital privado ...
5. numa época em que o Paraná dilapidado não podia ajudar uma prefeitura
6. numa parceria construtiva (0.2) **nós**... ganhamos... a ELEIÇÃO... com uma

7. aliança... bonita↑ de vários partidos e eu lembro... naquela época de ter ao  
\*-----
8. meu lado o Hermas companheiro do velho PSDB do BICO VERMELHO e  
-----\* ((vira-se para esquerda, olha,  
supostamente para Hermas Brandão. Quando começa a falar “ao meu lado”, ergue a  
mão  
e abaixa-a, com firmeza ao mencionar o nome de Brandão, em seguida, vira-se  
novamente para frente))
9. companheiros extraordinariamente firmes como o Luciano Ducci que entra...  
10. em Curitiba... **agora...** na nossa campanha  
11. Plateia ((aplausos da plateia)) (0.3)<sup>49</sup>



Foto 7 - **RS** vira para Hermas Brandão e aponta.



Foto 8 - **RS** olha para frente e ergue a mão.



Foto 9 - **RS** ergue a mão com firmeza.



Foto 10 - **RS** olha para frente, gesticulando com a mão.

**RS** relata que a aliança política feita em 2002 consolidou uma vitória, “*nós* ganhamos a eleição com uma aliança bonita” (linha 6), ou seja, a aliança feita

<sup>49</sup> Esse excerto faz parte do Video 75, parte 1. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

contra a facção oposta saiu vitoriosa. Ao olhar supostamente para Hermas Brandão, apontando para o político, **RS** indica, com seu gesto, que recorda o pacto que fora firmado.

Como ocorrera outrora, consolidou-se, naquele momento, outra união, “Luciano Ducci que entra... em Curitiba *agora na nossa campanha*”. Aparece em (19), o modalizador *agora* (linha 10) antes da expressão *nossa campanha*. O modalizador indica que o pacto renovou-se, naquele evento. Em outras palavras, a aliança firmada outrora é retomada em uma nova batalha eleitoral. De um lado está a *nossa campanha*, do outro, a campanha deles. A forma dêitica *nós* (linha 6) reporta-se a *eu* (candidato à reeleição) e a *vocês* (aliados políticos); a expressão anafórica *nossa campanha* (linha 10) refere-se à campanha do grupo aliado, opondo-se à campanha deles, os adversários. O processo de referenciação, indicado pelas formas dêiticas *nós* e *agora* e pela expressão anafórica *nossa campanha* incorpora valores ideológicos, já que o uso dos dêiticos e da anáfora está ancorado no “campo político”, a disputa ideológica foi lembrada e retomada, por **RS**, no palanque.

O uso em (19) dos dêiticos *nós* e *agora* assinala que **RS** encena, no palanque, o acordo delineado nos bastidores e assume o papel de articulador da batalha política contra a facção oposta. **RS** apresenta-se, no comício, como o líder guerreiro e encena a batalha ideológica travada contra os opositores; o emprego de *nós* e *agora* está ancorado no cenário bélico delineado por **RS**. Os procedimentos utilizados pelo “agente” compõem o estilo do político.

**LS** e **RS**, no comício, diante da plateia, inserem-se em um “encontro” (Goffman, 2002) permeado por regras culturais inerentes ao espetáculo político. Em razão disso, ao falar da aliança política, eles utilizam o mesmo gesto, viram-se e olham para o aliado político que está supostamente do lado esquerdo. Courtine (2003), ao comentar a relação entre linguagem e corpo na mídia política, explica:

Ela [uma história da relação entre o corpo e a linguagem nas formas de comunicação política] permite apreciar o que se passa na transformação da eloquência política que se realiza sob olhos; permitiria, ao mesmo

tempo, diferenciar, nessa transformação, os efeitos modernos e as ressonâncias de processos longínquos. Desse modo, não se trata de ignorar o papel representado pelo espetáculo do corpo nas mídias, mas sim de nele ver o prolongamento das técnicas de ação da antiga retórica, o resultado dessas formas de controle do corpo nas aparições públicas, desse domínio de uma linguagem de aparência, cuja importância histórica Norbert Elias soubera mostrar. Há muito tempo que o corpo do homem político “fala”, mesmo se exprimindo diferentemente hoje em dia. (COURTINE, 2003. p. 25)

No discurso de palanque, Lula e Requião ampliam o tom de voz e o movimento corporal para que possam ser ouvidos e vistos; no comício, se transformam em “agentes políticos”, em *personas* públicas. A atuação de **LS** e **RS** evidencia que eles interpretam, no palanque, o papel de articuladores políticos, “enquadrando-se” (TANNEN; WALLAT, 2002) ao ritual que promove a aliança política.

No exemplo apresentado a seguir, Hanks (2008) analisa um tipo especial de processo dêitico: a combinação de modos diferentes de acesso ao referente, ou seja, o objeto de referência é acessível simultaneamente por procedimentos dêiticos distintos. Diante da possibilidade do falante utilizar uma forma dêitica ou outra, ele escolhe apenas uma delas.

Ao analisar os exemplos, o autor argumenta que as relações espaciais (próximo e distante) inscritas no funcionamento semântico dos dêiticos, *a'* e *o'*, não dão conta de explicar, por elas mesmas, a interferência de práticas sociais na constituição do processo dêitico. Por conseguinte, o autor observa que o “enquadramento” (TANNEN; WALLAT, 2002) do sujeito nas práticas sociais pode interferir no uso de uma forma dêitica.

O enunciado destacado foi proferido durante uma sessão de cura. Dom Chabo tem nas mãos o remédio que estava preparando e vai entregá-lo a um paciente. Embora o contexto indique proximidade entre falante e objeto, o xamã utiliza a forma *o'*.

(20) Preparando o remédio para entregar à paciente, embrulhando em um pedaço de papel as substâncias em forma de pó, dom Chabó diz à mulher:

*leti e hé' kin tz'áa tech o'*  
"O que eu estou te dando",  
*Leti kin tó ok o'*  
"é o que eu estou embrulhando." (HANKS, 2008.p.243)

O linguista esclarece que o uso da forma *a'* indicaria que a apresentação do medicamento ocorreria simultaneamente à enunciação. Já o uso da forma *o'* pressupõe um intervalo de tempo entre duas ações: embrulhar o remédio e entregá-lo ao paciente. Caso Dom Chabo tivesse utilizado *a'*, sugeriria que ele tinha pressa em entregar o medicamento. Para o linguista, uma explicação sociológica elucidada (20): Dom Chabo, ao dirigir-se aos seus pacientes, mesmo quando há um quadro grave, normalmente é tranquilo; a maneira serena de tratar os pacientes demarca uma posição social.

Não seria possível contar com pressupostos do quadro espacialista para elucidar o processo dêitico que ocorre em (20), pois as explicações limitam-se ao sistema linguístico da dêixis, mas o quadro interacionista apresenta elementos que aclaram o dado apresentado. Hanks (2008, p. 246) esclarece:

Contudo, nesse ponto, o quadro interacionista é de longe mais preciso: o campo dêitico é um campo de engajamento social e não apenas um campo de referência a objetos. Pelo fato de as relações de engajamento mútuo entre os sujeitos necessariamente envolverem a memória, a antecipação, o comportamento e os graus de reciprocidade, tais aspectos acabam entrando inevitavelmente na prática dêitica.

O exemplo apresentado demonstra que o enquadramento dos sujeitos, no evento comunicativo, pode explicar o uso da forma linguística *o'* em detrimento de *a'*, já que o campo dêitico integra-se ao campo social e assimila os elementos que fazem parte do conhecimento partilhado pelos interlocutores.

O autor apresenta um problema: diante da possibilidade de utilizar duas formas linguísticas, o que motiva o falante a escolher uma delas? Ele explica que a escolha de *o'* em (20) no lugar de *a'* decorre da interferência de elementos que perpassam o engajamento dos sujeitos no evento comunicativo, isto é, o modo de agir num determinado contexto comunicativo.

Alguns elementos apresentados na análise de (20) podem ser transpostos para análise dos dêiticos de pessoa. O candidato, ao discursar em comício eleitoral, pode projetar-se diante do público, utilizando dêiticos de 1ª pessoa do singular ou do plural. É possível que a seleção de uma forma dêitica em detrimento de outra se dê em função do “enquadramento” do sujeito (TANNEN; WALLAT, 2002) no evento de fala. Há ações que normalmente o candidato pratica no comício que interferem no uso da referência dêitica.

Em (21) **LS** discursa em um comício na Bahia, no primeiro turno da campanha eleitoral de 2006. Ele está no palanque com alguns políticos, entre eles, Jacques Wagner, candidato ao governo da Bahia e João Durval, candidato ao senado. Em um trecho do discurso, **LS** queixa-se, ao expor as dificuldades que enfrentou durante o primeiro mandato. Nesse trecho, ele usa várias vezes a forma *eu*, mas, ao mencionar os projetos que tinha, aproxima-se de Wagner, segura a mão do candidato, e neste momento diz: “*nós* temos projetos, Wagner” (linha 2). Depois, volta a utilizar a forma *eu* e a falar dos projetos políticos.

(21)

1. LS ... dois anos não permitindo que **eu**... pudesse governar este país↑ com a
2. sobriedade que **eu**... quero governar este país...e **nós** temos projetos,  
\*-----
3. Wagner↑, projetos que **eu** quero construir junto com você↓... e eu queria↑...  
-----\* ((**LS** segura à mão  
de Jacques Wagner e mantém-se de mão dada com este até falar *você*))
4. citar alguns...<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Esse excerto faz parte do Video 54, parte 2. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.



Foto 11 - **LS** segura a mão de Jacques Wagner. Foto 12 - **LS** mantém-se de mão com Jacques Wagner.

É uma prática de **LS** aproximar-se, no palanque eleitoral, de seus aliados, segurar a mão e por vezes abraçá-los. Esses são gestos que consolidam visivelmente a aliança política e “enquadram-se” ao contexto de fala (TANNEN; WALLAT, 2002). No momento que **LS** se dirige a Wagner, segura a mão do candidato e diz: “nós temos projetos, Wagner”, a forma *nós* integra-se ao gesto de **LS**. Não caberia, nesse contexto, utilizar a forma *eu* que **LS** utiliza por quatro vezes nesse trecho (linhas 1, 2 e 3). Fala e gesto integram-se ao contexto comunicativo, por essa razão o uso de *nós* inscreve-se em um campo dêitico, que é co-extensivo ao *locus* do acordo político. O dêitico *nós* reporta-se a *eu* (à pessoa que fala, **LS**, o candidato à reeleição) e a *você* (a pessoa com quem **LS** fala, Jacques Wagner, o candidato ao governo da Bahia). O uso do dêitico e a *performance* corporal teatralizam a promessa de aliança encenada no palanque por **LS** e Wagner, configurando um estilo.

O excerto (22) faz parte do discurso realizado por **RS**, em 2006, na campanha ao governo do Paraná. Nesse excerto ele explica a presença de Luciano Ducci no palanque:

(22)

76. **RS** ignorância completa em relação aos sofrimentos da população... **o nosso...**  
77. **é o governo** da solidariedade, vejam vocês... **aqui** ao meu lado... o Luciano

\*-----o\*

((**RS** vira-se para Luciano Ducci, ergue a mão e coloca-a sobre o ombro de Luciano Ducci e depois retira))

78. Ducci... no começo do **meu governo**... foi um dos grandes opositores que  
79. **eu** tive na assembleia porque ele não havia percebido AINDA que **nós**  
80. pensávamos a mesma coisa, que **nós** estávamos estruturando ... um  
81. modelo de saúde pública PARA SER UM EXEMPLO PARA O BRASIL...<sup>51</sup>

Em (22) **RS** utiliza “*o nosso é o governo da solidariedade*” (linhas 76 e 77) e depois se dirige ao aliado, coloca a mão sobre o ombro de Ducci, chama atenção do público ao dizer: “vejam vocês... *aqui* ao meu lado... o Luciano Ducci” (linha 77).



Foto 13 - **RS** põe a mão no ombro de **LD**.



Foto 14 - **RS** com a mão no ombro de **LD**.

Com sua fala e seu gesto, insere-se no “enquadre” aliança política (TANNEN; WALLAT, 2002) e passa a colocar-se no papel de líder conciliador, assumindo as diferenças existentes entre ele e Ducci. **RS**, ao prosseguir com seu discurso, deixa de utilizar o “*o nosso é o governo*”, e passa a utilizar “*meu governo*” e “*eu*”, (linha 78). Mas depois, mostra-se flexível ao anunciar: “*nós pensávamos a mesma coisa, que nós estávamos estruturando... um modelo de saúde pública PARA SER UM EXEMPLO PARA O BRASIL*”. A alternância entre *eu* (linha 79) e *nós* (linhas 79 e 80), por exemplo, indica o engajamento do agente, **RS**, em um contexto onde acordo político e flexibilidade são encenados em prol do

<sup>51</sup> Esse excerto faz parte do Video 75, parte 1. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

bem comum, uma vez que o líder político anunciou no início da proposição (22) que pertencia à facção que propunha a solidariedade, “o *nosso* é o governo da solidariedade”, ou seja, opondo-se à facção oposta. Além do perfil de líder conciliador, o aspecto solidário agrega-se à imagem do representante que defende o bem comum.

Os excertos (17), (18), (19), (20), (21) e (22) demonstram que práticas locais interferem no processo de referência dêitica, já que o campo dêitico integra-se ao campo social, incorporando procedimentos que fazem parte do conhecimento que os agentes têm do contexto em que atuam. **LS** e **RS** incorporam práticas inerentes ao campo político, mas também “*habitus* linguísticos” e gestuais compatíveis com esse campo, configurando um estilo.

### 5.2.2 Forma dêitica estereotipada

Os dados expostos neste item caracterizam formas convencionais de uso da dêixis. Os exemplos (23), (24) e (25) selecionados do trabalho de Hanks (2008) representam usos habituais de construções dêiticas. É comum entre os falantes de iucateque a utilização de formas dêiticas em cumprimentos e repreensões. Em (23) o uso do dêitico locativo *té' elo'* diz respeito à localização do destinatário. O falante ao cruzar a porta da casa de alguém, dirige-se ao destinatário gritando:

(23) *hé' kintaal té' elo'*  
“Aqui vou eu aí!” (HANKS, 2008. p. 252)

Um adulto, ao repreender uma criança, costuma utilizar a forma *o'* referindo-se à criança ou ao que ela estiver fazendo. Em (24) Elena repreende o filho que está mexendo em uma lenha quente. Tanto Elena quanto a criança estão próximas do fogão onde a lenha se encontra. A falante esbraveja:

(24) *tz'inwaáik tech ma a machlk e k'áak' o'*  
“Eu te disse pra não mexer com esse fogo!”  
*ka akate kA Chu ukuh*  
“Já, já você vai se queimar.” (HANKS, 2008. p.253)

Como os cumprimentos e as repreensões focam o destinatário, a forma *o'* é utilizada. O uso consensual dessa forma é regulado na prática comunicativa.

O enunciado (25) também representa uma construção dêitica recorrente, ou seja, ao fazer referência a um ambiente natural, o falante utiliza *a'*. Em (25) os sujeitos estão dentro da casa e observam um som produzido externamente por um referente.

(25) Estou com dom Ponzo dentro de sua casa, e nós ouvimos um canto nítido de pássaro do lado de fora. Dom Ponzo diz:  
*Hatz' e chan ch'iich ku k'ay a' sakbakal*  
‘Esse passarinho que está cantando é bonito. É (uma) pomba’. (HANKS, 2008. p.256)

Para utilizar qualquer uma das formas dêiticas apresentadas até aqui os interactantes devem ter um conhecimento prévio do evento comunicativo, dos sujeitos com quem interagem, da integração do seu corpo com o espaço e com o ambiente. Além disso, os interactantes devem ativar lembranças e ter consciência de sua posição social. O processo de referenciação dêitica é constituído por práticas que são mobilizadas habitualmente pelos falantes, ou seja, são regras familiares aos falantes. Hanks (2008, p. 257) conclui:

A escolha e o entendimento dos dêiticos têm por base a articulação simultânea do espaço, da percepção, do discurso, do senso comum e do conhecimento mútuo, da antecipação e do quadro de participação que embasa a orientação mútua dos Falantes e Destinatário. Qualquer um desses fatores pode servir de base para a construção dêitica de acordo com as demandas da estrutura de relevância em andamento, na qual a construção é produzida.

Em (23), (24) e (25) têm-se tipos de construções dêiticas presentes em modos habituais de fala. Essas construções configuram a maneira como os

sujeitos agem em determinadas situações, ou seja, os usos estereotipados da dêixis caracterizam situações convencionais.

No discurso realizado em comício, há várias estruturas linguísticas estereotipadas que fazem parte do próprio ritual. Escolheu-se a saudação, presente no discurso de **LS** e **RS**, para caracterizar o uso estereotipado no processo de referenciação dêitica. A saudação está presente na primeira parte do discurso proferido, por **LS**, no comício da candidata à prefeitura de Natal, Fátima Bezerra, o evento ocorreu em 2008. **LS** inicia seu discurso, recorrendo às anotações feitas em um papel para saudar nominalmente vários políticos presentes no evento (linha 29 a 50). Depois saúda representantes de diversos partidos políticos, moradores da região e a imprensa (linha 52 até ao início da linha 56). A partir da linha 56, não consulta mais o papel que tem em mãos e prossegue com uma saudação mais espontânea, reportando-se aos que estão a sua volta.

(26)

29	<b>LS</b>	companheira... <b>minha querida amiga e companheira</b> governadora do
30		do Rio Grande do Norte Vilma de Faria↑
31	Plateia	aplausos ((início de uma palavra de ordem que não teve continuidade))
32	<b>LS</b>	<b>meu caro companheiro e amigo</b> Presidente do Senado Federal↑ e do
33		Congresso Nacional↑ Garibaldi Filho
34	Plateia	Aplausos
35	<b>LS</b>	<b>meu caro</b> Ibere Ferreira de Souza... vice governador do Rio Grande do
36		Norte... <b>meu caro</b> Deputado Federal Líder do PMDB na Câmara dos
37		Deputados Henrique Eduardo Alves...
38	Plateia	aplausos ((falas da plateia))
39	<b>LS</b>	<b>meu caro</b> Deputado Federal e Presidente do PMDB nacional↑
40		companheiro Michel Temer... (7s)
41	Plateia	aplausos e assobios ((bem próximos da gravação))
42	<b>LS</b>	<b>meu caro</b> Carlos Eduardo ( ) Alves Prefeito de Natal... no nome...
43	Plateia	Aplausos
44	<b>LS</b>	em nome do qual saúdo as prefeitas e os prefeitos de todo estado do
45		Rio Grande do Norte que estão <b>aqui</b> ... ((fala de pessoas próximas ao
46		microfone)) <b>minha... querida... companheira</b> ... Fátima... nossa futura
47		prefeita↑ da cidade de Natal↑...
48	Plateia	aplausos e assobios ((fala de pessoas próximas ao microfone))
49	<b>LS</b>	<b>meu caro companheiro</b> Luis Eduardo Carneiro↑ candidato a vice
50		prefeito de Natal↑
51	Plateia	aplausos

52 **LS** **meus companheiros** da coligação união por Natal↑ do PT... do PSB...  
 53 do PMDB... do PDT... do PC... do B... do PHS... do PCB... do PTN e do  
 54 PRB↑... **minhas queridas e meus queridos** moradores da região  
 55 norte↑... **daqui** do Pajuçara e de Natal↑ **meus companheiros** da  
 56 imprensa↑ **meu companheiro** que estava **aqui** na frente o tempo  
 57 inteiro gritando↑ Zé Alencar e Itamar... então eu quero **aqui**↑ em  
 58 nome de um mineiro fervoroso que estava **ali**... dizer que se o  
 59 companheiro Zé Alencar não estivesse operado certamente ele estaria  
 60 **aqui** conosco nesse palanque... **meus companheiros** que estão **aí** na  
 61 banda de trás se eu tivesse a idade do Garibaldi e fosse tão novo eu ao  
 62 invés de falar **daqui** eu subia naquela caixa de som **ali** para ver o  
 63 povo da esquerda... o povo da direita e o povo de trás... mas eu vou  
 64 **ali** só falar um boa noite para aquele povo **dali**... boa noite  
 65 **companheiros**↑ e **companheiras** de Natal boa noite↑ □\*

((**LS** inicia um cumprimento espontâneo. Ao falar “aí”, olha para frente, depois olha um pouco para direita e gesticula com a mão. Ao falar “ali”, vira-se um pouco para esquerda e caminha em direção à plateia que está daquele lado e cumprimenta. Depois retorna ao local onde estava))  
 66 Plateia aplausos, assobios e gritos<sup>52</sup>



Foto 15 - **LS** olha para a direita.



Foto 16 - **LS** gesticula com a mão.

<sup>52</sup> Esse excerto faz parte do Video 59, parte 1. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.



Foto 17 - **LS** vira um pouco o olhar.



Foto 18 - **LS** vira e anda para a esquerda.



Foto 19 - **LS** caminha para o lado esquerdo Palco.



Foto - 20 **LS** vai até o canto esquerdo do palco.



Foto 21 - **LS** volta para o centro do palco.

Ao saudar os participantes do evento, **LS** utiliza vários vocativos que estão destacados no excerto (26). Ele exerce a liderança política ao dirigir-se aos participantes, utilizando, por exemplo, *meu(s)*, *minha(s)*; o mesmo não aconteceria se utilizasse *nosso*, *nossa*. Mas o interlocutor também é ressaltado, pois a palavra é dirigida aos participantes, *ao companheiro*, *à companheira*, *ao caro amigo*, *à querida amiga* e outros.

Saudar os correligionários e o público é uma prática corriqueira no comício, constitui um dos procedimentos do ritual realizado no evento. No trecho selecionado, a saudação é enfatizada pela repetição dos vocativos que aparecem em estruturas paralelas, ressaltando, ainda mais, o protocolo seguido. Como **LS** conhece os procedimentos ritualísticos do comício e reconhece a importância da saudação, faz questão de dirigir-se aos participantes, acentuando a prática da articulação e da aliança política.

O uso dos dêiticos, *daqui*, *aqui*, *ali*, *aí*, *dali* (linha 45 a 64) se integra ao rito de saudação inerente ao comício. A partir do momento que **LS** deixa de consultar as anotações que tem na mão (linha 56) e passa a fazer uma saudação mais espontânea, o uso dos dêiticos espaciais se intensificam em seu discurso (linhas 56 a 64). Ao utilizar esses dêiticos, **LS** demonstra ter percepção do espaço onde está e onde estão seus interlocutores, assim como percebe para onde deve dirigir-se, no palanque, a fim de efetuar o cumprimento. Quando utiliza dêiticos espaciais, localizando os participantes que estão a sua volta, **LS** movimenta-se um pouco para a direita, esquerda, para frente e para trás. Essa *performance* se acentua, quando caminha rapidamente no palanque (linhas 63 e 64; Fotos 18, 19 e 20) para cumprimentar participantes que estão no lado esquerdo do palco.

A saudação é, por ela mesma, uma forma consagrada de contato entre orador e plateia. Esse procedimento é fundamental no comício, pois aproxima representante e representado. O uso que **LS** faz dos vocativos assim como dos dêiticos espaciais (*daqui*, *dali*, *aí*...) alia-se à sua *performance* corporal. Os artifícios utilizados pelo político compõem um estilo. Por conseguinte, se constitui,

por meio de sua prática, uma ampla saudação e, ao mesmo tempo, uma vasta aliança política. Quando **LS** proferiu (26), cumpria seu segundo mandato presidencial, já estava inteirado dos protocolos que fazem parte dos rituais e sabia que somente amplas alianças consolidariam o projeto político de seu governo.

O excerto (27) é o início do discurso proferido por **RS** em um comício realizado, em Curitiba, na Boca Maldita em 1990, quando o político concorreu ao governo do Paraná. **RS** dirige-se ao público, fazendo, ao seu modo, uma saudação breve e objetiva:

(27)

3	Plateia	Aplausos
4		REQUIÃO↑ REQUIÃO↑ REQUIÃO↑ REQUIÃO↑ REQUIÃO↑
5		REQUIÃO↑ REQUIÃO↑ REQUIÃO↑ REQUIÃO↑ ((Jingle depois dos gritos chamando por Requião))
6	<b>RS</b>	<b>minha gente</b> ↑ ninguém... não vão escutar um discurso... mas uma
7		*-----
8		conversa rápida... clara e sincera... <b>minha gente</b> ↑... <i>eu</i> quero a ajuda de
9		----- você... ((Fala simultânea da plateia, muito barulho e conversa durante a fala de Requião.))
10	Plateia	gritos ((durante a fala de Requião além da conversa há muitos gritos da plateia))
11	<b>RS</b>	eu quero ajuda de vocês↑
12	Plateia	((gritos)) ((Antes de começar a falar, gesticula com a mão para baixo, solicitando silêncio da plateia. Ao falar “minha gente”, ergue rapidamente a mão. Depois gesticula com a mão para cima e para baixo, marcando o compasso de sua fala em “rápida clara e sincera”. Mais uma vez ergue a mão, ao utilizar o vocativo, “minha gente”))
13	<b>RS</b>	PARA ELIMINAR DE UMA VEZ POR TODAS↑ DA POLÍTICA
14		*----- DO PARANÁ AS VELHAS RAPOSAS DE PELO LISO↑ E RABO
15		----- FELPUDO↑ NÓS QUEREMOS↑ HONESTIDADE NA POLITICA... ----- □*
		((Ao falar “eliminar”, ergue o braço para frente e traça no ar um gesto horizontal. Em seguida gesticula firmemente com as mãos para cima e para baixo.))
		NÓS QUEREMOS DECÊNCIA↑...NÓS QUEREMOS MODERNIDADE↑ E JUSTIÇA SOCIAL↑... <sup>53</sup>

<sup>53</sup> Esse excerto faz parte do Video 72. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.



Foto 22 - **RS** acena para baixo, solicita silêncio.



Foto 23 - **RS** coloca a mão para cima, ao falar "minha gente".



Foto 24 - **RS** gesticula com a mão para cima



Foto 25 - **RS** gesticula com a mão para baixo.



Foto 26 - **RS** ergue mais uma vez a mão, ao falar "minha gente".



Foto 27 - **RS** gesticula firmemente com o braço.

Ao saudar o público, **RS** utiliza o vocativo, "*minha gente*" (linha 6) e promete ser sucinto; cumpre o que assevera; na saudação foi breve, como é seu

costume. O uso do vocativo, “*minha gente*”, acentua a identidade e o afeto com relação aos participantes do evento. Depois da saudação, clama ajuda do povo, “*eu quero a ajuda de vocês*”, e segue com seu discurso incisivo e eloquente, utilizando gestos que marcam o tom hiperbólico de sua fala. Ao falar *eu* (linhas 8 e 11), **RS** rompe rapidamente com o “enquadre” (TANNEN; WALLAT, 2002) saudação e inicia uma solicitação, encenando o papel de líder combativo.

As formas consagradas, como o uso da saudação, são recorrentes em encontros sociais e festivos. No comício, a saudação faz parte do protocolo ritualístico do evento. **LS** e **RS**, como tantos outros políticos, recorrem a essa prática, enquadrando-se ao evento e principalmente focando sobre si e sobre o público sua fala. No Quadro 12, são expostos os vocativos utilizados por **LS** em (26) e **RS** em (27).

LS	RS
<i>minha</i> querida amiga e companheira <i>meu</i> caro companheiro e amigo <i>meu</i> caro deputado federal <i>meu</i> caro <i>minha</i> querida companheira <i>meu</i> caro companheiro <i>meus</i> companheiros <i>minhas</i> queridas e meus queridos <i>meu</i> companheiro que estava aqui na frente o tempo todo <i>meus</i> companheiros que estão aí	<i>minha</i> gente

Quadro 12 – Uso de vocativos na saudação.

O Quadro destaca que **LS** e **RS** embora utilizem vocativos, cada um tem o seu modo de fazer a saudação. **LS** normalmente delonga-se bem mais, enquanto **RS** é sucinto. Além disso, **LS** procura saudar a todos, utilizando vários vocativos e caminhando, de um lado para outro, no palco para saudar os presentes. A *performance* linguística e gestual encenada no palco, por **LS**, mostra como o “agente” incorpora o papel de articulador político. Diferente de **LS**, **RS** faz uma saudação breve, pouco caminha no palanque; a *performance* de **RS** é marcada, sobretudo, por gestos enfáticos. Comparando o desempenho dos dois

políticos, a partir da análise dos excertos (26) e (27), pode-se concluir que **LS** encena o papel de articulador e conciliador político; sua saudação e seus gestos representam de “forma icônica” (Irvine, 2001) a ampla aliança que articula. Como **RS** fixa-se no palco, faz uma saudação breve e gesticula seguidamente de forma compassada e firme, encena o papel de um líder guerreiro, um articulador destemido.

### 5.2.3 Interferência do campo social amplo no processo dêitico

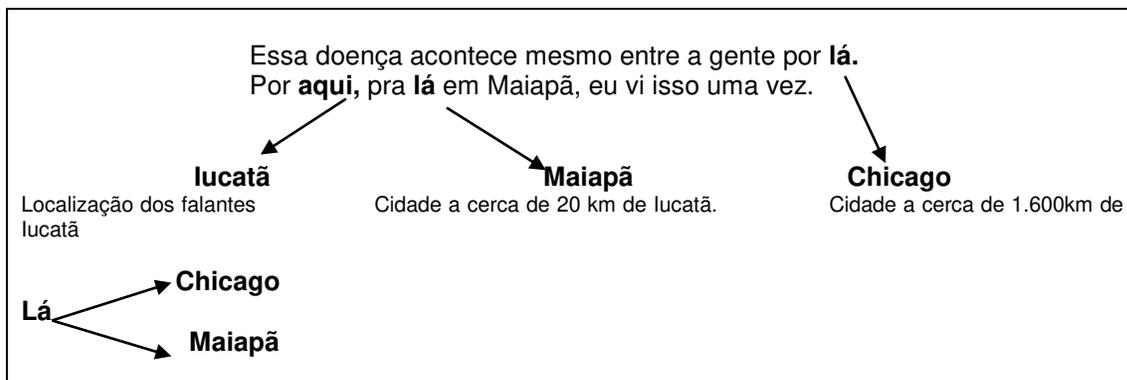
No exemplo (28) há dois quadros de referência que estão simultaneamente disponíveis ao falante. Para que a atualização do sentido seja adequada ao contexto comunicativo, o processo de referenciação dêitica deve se estabelecer de forma apropriada. Hanks (2008, p.258) apresenta o exemplo que ilustra o que foi dito:

(28) Durante o almoço, Dom Chabo e eu estávamos conversando sobre um problema de nascença, notado por ele, em que a cabeça da criança cresce muito. Eu observo que às vezes também vemos esse problema congênito nos Estados Unidos.

WH; *kuyuúchul Le k' ohá'anil o' tak ti tó' on té' elo'*  
'Essa doença acontece mesmo entre a gente por lá"  
DC: *way e', té' mayapàan o', tinwilah unten*  
'(Por) aqui, pra lá em Maiapã, eu vi isso uma vez."  
(HANKS, 2008. p.258)

Em (28) os dois falantes não utilizam, durante a conversa, o nome dos lugares à que se reportam, porquanto têm compreensão do lugar onde estão e dos locais aos quais se referem. A conversa entre Hanks e Dom Chabo ocorre em Lucatã, ambos tomam como ponto de referência esse local. O pesquisador, ao utilizar, *té' elo'*, por lá, faz referência a Chicago. No início do turno de Dom Chabo, ele utiliza *way e'*, aqui, reportando-se à Lucatã, em seguida, *té'*, pra lá, fazendo referência a Maiapã. O dêitico utilizado por Hanks, *té' elo'*, por lá, também aparece na fala de Dom Chabo, mas para fazer referência a Maiapã, uma cidade localizada

a cerca de 20 Km do local onde estão. No esquema 1 destaca-se que em (28) há dois quadros de referência inseridos em um único campo dêitico.



Esquema 1- Dois quadros de referência inseridos em um único campo dêitico

Depois de apresentar o exemplo, Hanks (2008 p. 258) conclui:

Nesse caso, a construção dêitica leva em conta duas relações ao mesmo tempo: (1) a relação sequencial entre a fala precedente e o referente, e (2) a acessibilidade do referente na situação atual, por meio do espaço e da memória.

Uma relação semelhante à que foi apresentada em (28) ocorre no excerto (29). Esse exemplo é parte de um discurso que **LS** fez, na Bahia, na campanha eleitoral de 2006. Destaca-se desse exemplo o uso alternado que **LS** fez do dêitico *nós*. Primeiramente aparece “*nós* nordestinos” (linha 8), em seguida “eu não aceito a ideia de que *nós* não temos a mesma competência” (linha 10), após esse enunciado vem “eu quero dizer para você que alguns projetos que *nós* temos para o nordeste” (linhas 14 e 15), por fim “*nós* estamos fazendo grandes investimentos no nordeste” (linhas 15 e 16).

(29)

4. *Lula* projetos↓... a primeira coisa↑ que para mim é sagrada↓... é transformar o  
5. nordeste brasileiro numa região desenvolvida. É A PRIMEIRA COISA QUE  
6. É SAGRADA. ((aplausos)) EU NÃO ACEITO A IDEIA↑, EU NÃO ACEITO

7. A IDEIA QUE O NORDESTE BRASILEIRO NASCEU PARA SER  
 8. POBRE↓. NÃO ACEITO A IDEIA↑ QUE **NÓS**↑ NORDESTINOS  
 9. SEJAMOS MAIS ATRASADOS↑ QUE AS OUTRAS PARTES DO PAÍS↓.  
 10. EU NÃO ACEITO A IDEIA DE QUE **NÓS** NÃO TEMOS A MESMA  
 11. COMPETÊNCIA DO OUTRO LADO... o que o nordeste não teve foi  
 12. oportunidade... E o que o nordeste não teve foi uma classe política  
 13. comprometida com o nordeste brasileiro ((aplausos)), por isso meu  
 14. companheiro Jacques Wagner eu quero dizer para você... que alguns  
 15. projetos que **nós** temos para o nordeste é uma coisa sagrada... em  
 16. Primeiro↑ lugar... **nós** estamos fazendo grandes investimentos no nordeste  
 17. brasileiro... não apenas no estado...<sup>54</sup>

O *nós* que aparece em “*nós* nordestinos” (linha 8) e “*nós* não temos” (linha 10), refere-se a *eu*, **LS**, e *vocês*, o público nordestino. O *nós* em “alguns projetos que nós temos” (linha 15) e “*nós* estamos fazendo grandes investimentos” (linha 16) reporta-se a *eu*, **LS**, e *você*, seu interlocutor imediato, Jacques Wagner. Assim como em (28), há em (29) dois processos de referenciação ocorrendo em um único campo dêitico, mas (29) apresenta peculiaridades: o uso de *nós* (linhas 8 e 10) designa *eu*, **LS**, e *vocês*, o público nordestino, já o uso de *nós* (linhas 15 e 16) remete-se a *eu*, **LS**, e a *você*, Wagner.

Ao enunciar “*nós* nordestinos” (linha 8) e “eu não aceito a ideia de que *nós* não temos a mesma competência” (linhas 10 e 11), ressalta-se, na memória do ouvinte-eleitor, o fato de **LS** ser nordestino. Além disso, Lula está fazendo referência a um componente forte da representação da prática política brasileira, colocar-se como representante do seu local de origem.

Em “*eu* quero dizer para você que alguns projetos que *nós* temos para o nordeste” (linhas 14 e 15) e “*nós* estamos fazendo grandes investimentos no nordeste” (linha 16), destaca-se, na memória do ouvinte-eleitor, o fato de **LS** já ter sido presidente e anunciar que tem projetos para o desenvolvimento do nordeste. No Quadro 13 destaca-se a presença de dois quadros de referência disponíveis.

---

<sup>54</sup> Esse excerto faz parte do Video 54, parte 3. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

<b>Nós (eu e vocês)</b> <i>eu, LS, e vocês, o público nordestino.</i>	<b>Nós (eu e você)</b> <i>eu, LS, e você, Jacques Wagner</i>
“Não aceito a ideia que <i>nós</i> nordestinos sejamos mais atrasados.”	“Alguns projetos que <i>nós</i> temos para o nordeste é coisa sagrada.”
“Eu não aceito a ideia que <i>nós</i> não temos a mesma competência do outro lado.”	“ <i>Nós</i> estamos fazendo grandes investimentos no nordeste brasileiro.”

Quadro 13 – Dois quadros de referência disponíveis

Há em (29) dois quadros de referência ocorrendo em um único campo dêitico, mas entre os dois processos de referência há uma interseção, a posição que o falante ocupa: (i) o candidato nordestino; (ii) o governante que tem projetos para o nordeste. Para atualizar o sentido do dêitico *nós* que aparece nos dois processos, é preciso ativar uma estrutura de espaço, de percepção, de memória, além de reconhecer o papel que **LS** desempenha no comício: o representante político que está atento às suas origens.

No pronunciamento feito por **RS** em Guarapuava, por ocasião da disputa eleitoral, no primeiro turno, ao governo do estado em 1990, o político utiliza a forma *eu* em “*eu* quero ser no Paraná o Governador Guarapuava”.

(30)

31 IRMÃOS↑ PORQUE **EU** QUERO SER... NO PARANÁ↑ O  
 32 GOVERNADOR GUARAPUAVA↑ O GOVERNADOR COM A  
 33 BRAVU↑RA DESTE LOBO... DAS PLANÍCIES DOS CAMPOS  
 34 GERAIS QUE VAI DEFENDER O INTERESSE DOS  
 35 TRABALHADORES... QUE VAI DEFENDER A  
 37 AGRICULTURA... OS NOSSOS EMPRESÁRIOS CONTRA A  
 38 DESESPERADA↑ E DESORDENADA↑ POLÍTICA FEDERAL↑<sup>55</sup>

O uso do dêitico *eu* ancora-se, simultaneamente, em dois referentes, Govenador e Guarapuava. Por conseguinte, associa-se à representação: o político

<sup>55</sup> Esse excerto faz parte do Video 74. A referência está na Lista de Vídeos nas referências.

e as características nativas e guerreiras: “o governador com a bravura deste lobo das planícies dos campos gerais”.

Eu Governador do Paraná	Eu Guarapuava
Governador Guarapuava: o Governador com a bravura deste lobo das planícies dos Campos Gerais	

Quadro 14 – A associação de dois quadros de referência

Em (29) e (30) os agentes, ao utilizarem dêiticos de 1ª pessoa, acessam dois quadros de referência. **LS** e **RS** expressam o vínculo com o local de origem, colocando-se como elo entre representantes e representados. Desse modo, recorrem a procedimentos estilísticos semelhantes para composição da *persona* pública.

As diversas formas de constituição da prática dêitica decorrem da ampla estruturação do *Zeigfeld* local, que, segundo Hanks (2008, p. 264), “inclui estruturas de participação, percepção, foco de atenção, memória, discurso, antecipação e também espaço.” Essas formas decorrem da incorporação à prática dêitica de “*habitus*” constituídos pela prática, seja ela religiosa, no caso do xamã, pela prática política, no caso dos políticos, **LS** e **RS**.

Hanks (2008), ao elaborar a noção de campo dêitico, está atento à relação entre língua e contexto, por isso traça um constructo teórico para integrar ambos e ultrapassar a noção dicotômica entre contexto local e contexto geral. O pesquisador destaca, pois, procedimentos que são essenciais ao campo dêitico:

1. o contexto social amplo determina os aspectos da relevância e fornece espaços onde se ancoram as posições e as tomadas de posição;
2. a incorporação faz com que falante e destinatário sejam tratados como “agentes” do espaço social. Por conseguinte, a produção do

deslocamento da referência decorre do estabelecimento de correlações, ou seja, um objeto presente indica a constituição da referência de um objeto ausente;

3. as posições assumidas pelos “agentes sociais” estão associadas ao “campo” onde atuam e ao tipo de relação que podem estabelecer com os objetos;
4. as regras para a inserção dos sujeitos na prática dêitica estão integradas à descrição linguística. Essas regras fazem parte do “*habitus*” da comunidade, portanto estão inscritas na posição, na incorporação, e asseguram o processo de interação inerente ao gênero utilizado.

Os itens descritos indicam que, ao analisar o emprego de dêiticos, no discurso de palanque, é preciso considerar que esses elementos se ancoram em um contexto amplo, isto é, “no campo político” e, ao participar do evento, os “agentes” fazem escolhas de acordo com o lugar que ocupam nesse espaço. Desse modo, os políticos compõem um estilo em um evento ritualístico. Destacou-se, por exemplo, em (17), (18), (19), (21), (22), (26), (27), (29) e (30) que o emprego de formas dêiticas, no discurso de palanque político, está associado ao evento. Há, pois, uma relação entre o contexto, isto é, o comício, o gênero, discurso de palanque, e a forma linguística utilizada, a dêixis.

Hanks (2008) considera um engano pressupor que a função semiótica da dêixis limita-se a fornecer informações que apontam para um referente. O estudioso da linguagem concebe que os falantes engajam-se na prática dêitica, não para se reportar aos objetos, mas para situar-se na prática comunicativa. Hanks (2008, p. 270) explica: “Mais do que ser apenas o centro do alvo de um arco intencional, o objeto funciona como um demarcador a partir do qual o Falante pode se posicionar”.

A abordagem que o autor faz acerca do processo de referência dêitica demonstra que há uma relação de reciprocidade entre falante e objeto. A escolha de uma forma dêitica indica o valor que o falante atribui ao objeto, e também a posição que ele assume com relação ao objeto, ao destinatário e à prática comunicativa. O uso que **LS** e **RS** fazem dos dêíticos, em comício eleitoral, indicam, pois, a constituição da representação pública dos “agentes” políticos.

No capítulo anterior, delineou-se a trajetória de **LS** e **RS**, assinalando, sobretudo, o emprego de dêíticos de 1ª pessoa, em discurso de palanque, para mostrar a “distintividade” estilística entre eles. Procurou-se, neste capítulo, destacar a posição que esses “agentes” assumem no “campo político”, apontando diferenças e semelhanças na configuração do estilo de cada um deles. Retoma-se a epígrafe apresentada no início do capítulo:

Graças a uma peculiaridade de sua organização corporal, as pessoas têm condição de se distanciarem de si enquanto organização física ao se observarem e pensarem a seu próprio respeito. Em virtude dessa peculiaridade de sua organização física, que lhes permite perceberem-se como imagens espaço-temporais entre outras imagens similares, como pessoas corporalmente existentes em meio a outras pessoas semelhantes, elas estão aptas a caracterizar a sua posição dentre outras maneiras, mediante o uso do símbolo “eu” e a caracterizar a posição das outras através de símbolos como “você”, “ele” ou “eles”. (ELIAS, 1994. p. 154)

Ao analisar, neste capítulo, o emprego de elementos linguísticos e o uso de gestos, nos dados apresentados, apontou-se que **LS** e **RS** encenam sua posição levando em consideração o contexto no qual estão inseridos. Desse modo, os políticos compõem uma *persona*, em um evento ritualístico, considerando sua posição em relação ao outro, isto é, inserem-se em um contexto de disputas e alianças. Ao constituir a “fachada”, encenada no palanque, Lula e Requião, por exemplo, apresentam aspectos semelhantes e diferentes.

Como semelhança destaca-se a encenação feita por **LS** e **RS** de alianças políticas; a análise de (17), (18) e (19) mostram isso. Por exemplo, a

associação entre o emprego do dêitico e da *performance* corporal indica a configuração da encenação da articulação política. Outra semelhança entre os políticos é a valorização do local de origem; ao utilizarem os dêiticos de 1ª pessoa, em (29) e (30), vinculam-se, cada um deles, à sua região.

A saudação, por exemplo, está presente no discurso de ambos, mas a forma como ela é expressa, no discurso e no desempenho de cada “agente”, assinala uma diferença. Em (26) Lula utiliza vários vocativos ao dirigir-se à plateia, em (27) Requião é breve ao saudar o público, empregando apenas um vocativo, *minha gente*. Além disso, **LS** movimenta-se no palco, ao saudar o público, enquanto **RS** permanece parado.

Os procedimentos descritos apontam que a constituição da representação no comício eleitoral ocorre em um espaço simbólico onde os políticos seguem regras ritualísticas, mas também expressam um estilo no modo de fala e na *performance* corporal.

A seguir apresentam-se as considerações finais, avaliando os objetivos do trabalho, expondo contribuições e sugestões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi investigado o modo de fala de dois “agentes” políticos, Luiz Inácio Lula da Silva e de Roberto Requião de Mello e Silva. Examinaram-se discursos de palanque proferidos por Lula, nas campanhas de 1989, 2006 e 2008, e por Requião, nas campanhas de 1990 e 2006. Descreveu-se, primeiramente, o comício, a fim de compreender o contexto em que o discurso se realiza bem como as implicações do evento na configuração de um modo de fala. Considerou-se que o discurso de palanque é proferido em um ritual simbólico, permeado pela disputa e pela aliança política. Nesse espaço, os “agentes” interagem, constituindo a representação pública, uma “fachada”.

Em seguida, foram delineadas a trajetória pessoal e a carreira política dos “agentes”, buscando, nessas histórias, ingredientes que indicassem a composição de um modo de fala. Requião herdou de sua família o capital político, intelectual e econômico, mas, como político, procurou falar em nome do povo; Lula nasceu no meio do povo, procurou ser político para representar o povo. Embora os “agentes” tivessem percorrido caminhos diferenciados, rumaram para “o campo político”, colocando-se entre os políticos populares.

Descreveu-se, na parte metodológica, a coleta do *corpus*, explicando detalhadamente a natureza do material coletado. Para este estudo, selecionaram-se cinco vídeos com discursos proferidos, em palanque, por Lula e quatro proferidos por Requião.

No capítulo quatro é realizada a análise de vídeos com discursos proferidos, por Lula, nas campanhas presidenciais, em 1989 e 2006, e por Requião, nas campanhas ao governo do Estado, em 1990 e 2006. O exame dos dados indica que houve variação no modo de fala de Lula e continuidade no estilo de fala de Requião. O exame do emprego de pronomes de 1ª pessoa mostra que no discurso realizado por Lula, na campanha presidencial de 1989, predomina a forma *nós* e *a gente*; mas na campanha à reeleição de 2006, ele passa a utilizar mais a forma *eu*. Outro indicativo de variação estilística, no discurso do ex-

presidente, é o número de ocorrência da forma *nós* e *a gente*. O índice das ocorrências de *nós* e *a gente*, em 1989, é similar, todavia, em 2006, a frequência de *nós* é superior a de *a gente*.

O exame do processo de referenciação dos dêiticos de 1ª pessoa mostra também a variação no modo de fala do ex-presidente. O emprego de *eu*, em 1989, designa uma *persona*, o representante da classe trabalhadora, contudo, em 2006, designa várias *personas*: presidente-candidato, presidente eleito em 2002, presidente em exercício. Em 2006, Lula não se coloca apenas como representante da classe trabalhadora, ele representa a nação brasileira. Esse fato pode esclarecer o aumento, em 2006, do emprego de *eu*. Há outro dado interessante, o emprego, em 1989, de *nós* e *a gente*, designa a *persona eu-candidato* e *você* público-eleitor, mas o emprego de *nós*, em 2006, designa a *persona eu-candidato* e *ele(s)*, a equipe de governo. Ou seja, em 1989, o uso de *nós* inclui o “*você*”, a classe trabalhadora, mas, em 2006, o *nós* exclui o “*você*”, os trabalhadores.

A análise dos dados aponta que o modo de fala de Requião manteve-se, pois o emprego de *nós*, que foi usado em 1990, na campanha ao governo, amplia-se na campanha à reeleição em 2006. Além disso, o exame do processo de referenciação dêitica indica que não houve variação significativa no perfil do político paranaense em 1990 e 2006. O defensor das causas populares, na campanha de 1990, apresenta-se na campanha de 2006, como um candidato preparado, defensor da justiça, um lutador em favor do povo, ocorre, pois, um *continuum* estilístico.

No decorrer das análises, fatos observados fizeram com que a pesquisa fosse ampliada. Notou-se que o processo de designação dêitica indicava que os “agentes” assumiam uma posição no “campo político”. Além disso, a *performance* corporal de **LS** e **RS** no palanque, incorpora-se ao modo de fala. Em razão disso, recorreu-se à noção de “campo dêitico”, delineada por Hanks (2008). Mostrou-se, pois, no capítulo cinco, que o processo de designação dêitica, mobilizado pelo

emprego de dêiticos de 1ª pessoa, de tempo e de espaço incorpora regras do “campo político” e indica a aliança que Lula e Requião encenam no palanque.

Por exemplo, o cumprimento é uma forma consagrada de contato entre orador e a plateia. O uso que Requião e Lula fazem, na saudação, de vocativos e de dêiticos alia-se à *performance* corporal dos candidatos. Lula delonga-se bem mais, utilizando vários vocativos e movimentando-se bastante no palco; ele caminha de um lado a outro para cumprimentar a plateia, enquanto Requião é sucinto, além disso, geralmente permanece no mesmo local do palco.

Os artifícios utilizados, por cada um deles, compõem “fachadas”. Pode-se verificar que os “agentes” expressam-se, no comício, por meio de gestos que se incorporam ao modo de fala. Nesse “encontro” com os eleitores, procuram estabelecer a aliança entre representantes e representados por meio de um modo de fala e de uma *performance*, compondo um estilo. Além disso, como eles estão cientes de sua posição no “campo político”, desempenham papéis em um ritual simbólico.

Experiências vividas por Lula, ao longo de sua trajetória pessoal e política, motivaram-no a ampliar o seu “repertório linguístico”. Em entrevistas concedidas à Paraná (2008), o político declara ter consciência da necessidade de adequar o seu modo de fala aos eventos comunicativos; esclarece também que fez isso para ser reconhecido, conquistar o seu espaço no “campo político”. Além do mais, episódios políticos podem ter influenciado na adequação do modo de fala: derrotas eleitorais, nas campanhas de 1989, 1994 e 1998, a vitória, na campanha de 2002, os mandatos presidenciais exercidos (2003 a 2006).

Diferente de Lula que teve sua trajetória marcada pela mudança – a migração de Garanhuns para São Paulo, a participação no movimento sindical, a atuação partidária, o desempenho na Câmara Federal, as disputas eleitorais à presidência, os dois mandatos presidenciais exercidos - Requião herda de sua família o capital político e econômico e em quase todas as eleições disputadas saiu vencedor. Ele concorreu a deputado estadual em 1982 e foi eleito; concorreu à prefeitura de Curitiba, em 1985 e venceu; concorreu ao governo do Estado em

1990 e venceu; concorreu ao Senado em 1994 e venceu; licenciou-se para concorrer, em 1998, ao Governo do Paraná, mas foi derrotado por Jaime Lerner; voltou a concorrer ao governo, em 2002, e venceu; concorreu à reeleição, em 2006 e venceu de novo; concorreu ao senado, em 2010 e mais uma vez saiu vencedor. A única derrota sofrida, em 1998, não significa nenhuma alteração na trajetória, uma vez que o político manteve o mandato de Senador.

A trajetória de Lula é marcada pelos deslocamentos, sejam eles, geográficos, sociais políticos e até mesmo linguísticos, pois ele teve de apropriar-se de “*habitus* linguísticos” próprios do “campo político”. Requião não se deslocou, deu continuidade a trajetória econômica e política inicia pelos seus bisavôs. O desempenho linguística e a *performance* corporal desses “agentes” indicam a relação entre trajetória de vida e “*habitus* linguísticos”. A associação desses elementos precisa ser investigada, pois pode fornecer um ingrediente interessante para os estudos Sociolinguísticos.

Ao investigar, neste trabalho, a variação estilística no discurso de palanque, apresentam-se contribuições para os estudos textuais-discursivos e campos que investigam o *estilo*, uma vez que se analisou o emprego do dêitico de 1ª pessoa, comparando o modo de fala de dois agentes. Além disso, a metodologia adotada contempla procedimentos que contribuem com o campo da Sociolinguística, pois, consideraram-se aspectos sociais da trajetória pessoal e política de dois “agentes”. O trabalho pode colaborar também com estudos em Antropologia, Sociologia e Ciência Política, visto que o tema de pesquisa e as referências utilizadas dialogam com essas áreas do conhecimento.

Pretende-se utilizar o *corpus* deste trabalho para dar continuidade ao estudo desenvolvido, analisando outros elementos que caracterizem a variação estilística no discurso de palanque.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Antologia poética. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 59.

AYMARD, André; AUBOUYER, Jeannine. **Roma e o império**: o ocidente e a formação da unidade mediterrânea. 3ª ed. 1º V. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **Chuva de papéis**: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1998.

BENTES, Anna Christina. **“É nois na fita”**: a formação de um registro e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista - Projeto de pesquisa. São Paulo: [s.n.]. 2009 (Mimeo.)

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John J. O significado social na estrutura linguística: alternância de código na Noruega. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.45-84.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estruturas do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003(a). p. 32-72.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003(b). p. 73-111.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003(b). p.144-169.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 13ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Lei nº 8.713, de 30 de setembro de 1993. Estabelece normas para as eleições de 3 de outubro de 1994. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/127601/lei-8713-93>. Acesso 7 de jun. 2010.

BRASIL. Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileq/integras/483234.doc>. Acesso: 7 de jun. 2010.

CORRÊA, A. S. **Imprensa política no Paraná**: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX. 2006. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-34.

COWELL, Frank, Richard. **Cícero e a república romana**. Lisboa: Ulisseia Limitada, 1967.

ELIAS, Norbert. *Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.

FARACO, Carlos Alberto; NEGRI, Lígia. O falante: que bicho é esse, afinal? In: **Letras**, Curitiba, n. 49, p. 159-170. 1998. Editora da UFPR.

FARIA, Enéas; SEBASTIANI. **Governadores do Paraná**: a história por quem construiu a história. Curitiba: Sístam, 1997.

GINSZBURG, Carlo. **O queijo e os verme**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Les rites d'interaction**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1974.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002(a). p.13-20.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002(b). p.107-148.

HANKS, William F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. (Orgs. Bentes, Anna Christina; Rezende, Renato C.; Machado, Marco Antônio Rosa). 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ILARI et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira; BASÍLIO, Margarida (orgs.). **Gramática do português falado**. Volume IV: Estudos descritivos. 2ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

IRVINE, Judith T. Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. **Style and sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 14, n.2, p. 405-422, fev./ago.1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisada. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAES, Vinicius de. **Antologia poética**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960. p. 305-311.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **O silêncio dos vencedores**. Genealogia, classe dominante e estado no Paraná. Curitiba: Moinho dos Ventos, 2001.

OMENA, Nelize Pires; BRAGA, Maria Luiza. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, Alzira Tavares; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.) **Varição e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OMENA, Nelize Pires. A referência à primeira pessoa no plural variação ou mudança?. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia (organização). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PALMEIRA, Moacir Gracindo Soares; HEREDIA, Beatriz Maria Alasia. Os comícios e a política de facções. In: **Anuário Antropológico / 94**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995. p. 31-95.

PARANÁ, Denise. **Lula, o filho do Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERRONI, Maria Cecília. O que é o dado em aquisição da linguagem? In: CASTRO, Maria Fausta Pereira (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas, SP: Unicamp, 1996

RESENDE, Daiane Carnelos. **Elementos decisivos na construção da posição e ação política de Roberto Requião de Mello e Silva**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestre) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

ROULAND, Norbert. **Roma, democracia impossível?** Os agentes do poder na urbe romana. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SARAMAGO, José. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 77

SILVA, Adelaide H. Pescatori Silva. **As fronteiras entre fonética e fonologia e a alofonia dos róticos iniciais em PB: dados de dois informantes do sul do país**. 2002. 205 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SILVA, Roberto Requião de Mello. **Pronunciamento no Senado Federal**. Brasília, 31 de out. 2002. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/pronunciamento/detTexto.asp?t=327621>. Acesso em: 3 ago. 2010.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. 2ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.183-214.

LISTA DE VÍDEOS COM DISCURSOS PROFERIDOS POR **LS**<sup>56</sup>

Nº	TÍTULO	Local do comício	Data	Parte	Referências
1	Diretas já Fala Lula	São Paulo – Diretas Já	1984	-	Disponível em: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=E_CGJh738Xo">http://www.youtube.com/watch?v=E_CGJh738Xo</a> . Acesso: 17 agosto 2008.
2	Frente Brasil Popular. Programa Campanha eleitoral	São Paulo	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 5.
3	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	São Paulo	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
4	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Porto Alegre	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 2.
5	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Brasília	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
6	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	São Gonçalo - RJ	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
7	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Garanhuns	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
8	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Rio de Janeiro	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
9	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Belo Horizonte	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
10	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Londrina – PR	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
11	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Rio Grande do Sul	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
12	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Santo Amaro – SP	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
13	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Porto Alegre	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 3.
14	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Praça da Sé – SP	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 2.
15	Frente Brasil Popular. Programas campanha	Praça do Relógio –	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita Nº 2.

<sup>56</sup> Optou-se por apresentar a referência, seguindo a numeração dos vídeos apresentada nos quadros 2, 3, 4 e 5, do capítulo 4 para facilitar ao leitor identificar a referência dos vídeos.

	eleitoral	Belém – PA			
16	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	São Paulo	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita N° 2.
17	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Rio de Janeiro	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita N° 2.
18	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Porto Alegre	1989	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita N° 2.
19	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Recife	1989	-	Arquivo do CEFÚRIA.
20	Frente Brasil Popular. Programas campanha eleitoral	Recife	1989	-	Arquivo do CEFÚRIA.
21	Caravana da Cidadania	São João de Meriti – RJ	1994	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita N° 10.
22	Caravana da Cidadania	Rio de Janeiro	1994	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita N° 10.
23	Caravana da Cidadania	Japeri – RJ	1994	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita N° 10.
24	Caravana da Cidadania	Rio de Janeiro	1994	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita N° 10.
25	Caravana da Cidadania	Queimados – RJ	1994	-	Arquivo da Fundação Perseu Abramo. Fita N° 10.
26	Caravana da Cidadania	Salvador	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 3
27	Caravana da Cidadania	Formiga – MG	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 3
28	Caravana da Cidadania	Curvelo – MG	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 3
29	Caravana da Cidadania	Pirapora – MG	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 4
30	Caravana da Cidadania	Januária – MG	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 4
31	Caravana da Cidadania	Promissão – SP	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 4
32	Caravana da Cidadania	Lins – SP	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 4
33	Caravana da Cidadania	Carinhanha – BA	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 5
34	Caravana da Cidadania	Barra – BA	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 5
35	Caravana da Cidadania	Xique-Xique – BA	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 5
36	Caravana da Cidadania	Ourinhos – SP	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 5
37	Caravana da Cidadania	Jaboticabal – SP	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 5
38	Caravana da Cidadania	Florianópolis – SC	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 6

39	Caravana da Cidadania	Blumenau – SC	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 6
40	Caravana da Cidadania	Palmeira das Missões – RS	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 6
41	Caravana da Cidadania	Remanso – BA	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 6
42	Caravana da Cidadania	Juazeiro – BA	1994	-	Arquivo do CEFÚRIA. TV RUA 6
43	Atos: a campanha pública de Lula. DVD 2.	Osasco – SP	2002	-	ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.
44	Atos: a campanha pública de Lula. DVD 2.	Brasília	2002	-	ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.
45	Atos: a campanha pública de Lula. DVD 2.	Florianópolis – SC	2002	-	ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.
46	Atos: a campanha pública de Lula. DVD 2.	Porto Alegre	2002	-	ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.
47	Atos: a campanha pública de Lula. DVD 2.	ABC paulista	2002	-	ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.
48	Atos: a campanha pública de Lula. DVD 2.	Aracaju	2002	-	ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.
49	Atos: a campanha pública de Lula. DVD 2.	Macapá	2002	-	ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.
50	Atos: a campanha pública de Lula. DVD 2.	Belém	2002	-	ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.
51	Atos: a campanha pública de Lula. DVD 2.	São Paulo	2002	-	ENTREATOS – Lula a trinta dias do poder. Produção de João Moreira Salles. Brasil: Vídeo filmes, 2004.
52	Último comício de Lula no 2º Turno - 27.10 - São Paulo - I	São Paulo	2006	1	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=IhmFekslCAE&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=IhmFekslCAE&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	Último comício de Lula no 2º Turno - 27.10 - São Paulo - III		2006	3	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=GDS71vKaAhM">http://www.youtube.com/watch?v=GDS71vKaAhM</a> . Acesso 17 agosto 2008
	Último comício de Lula no 2º Turno - 27.10 – São			4	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=B2W8QAJj5X4">http://www.youtube.com/watch?v=B2W8QAJj5X4</a> . Acesso 17 agosto

	Paulo - IV				2008
53	Comício do Lula em Araraquara - 23/08/2006 (II)	Araraquara	2006	2	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=lH8S3YnglGY">http://www.youtube.com/watch?v=lH8S3YnglGY</a> . Acesso 17 agosto 2008
54	é lula de novo - parte 1	Bahia	2006	1	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=3GeLHk-Kd5o&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=3GeLHk-Kd5o&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	é lula de novo - parte 2		2006	2	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=AbSSjKvepis&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=AbSSjKvepis&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	é lula de novo - parte 3		2006	3	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=HZU2WtaSNvU&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=HZU2WtaSNvU&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	é lula de novo - parte 4		2006	4	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=QvQZlv5yxt0&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=QvQZlv5yxt0&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
55	Roseana e Lula em Timon	Timon – MA	2006	1	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=6dirEbTzTxA&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=6dirEbTzTxA&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	Comício de Timon		2006	2	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=Tqk3ijRxQWc&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=Tqk3ijRxQWc&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
56	Crivella Comício Lula	RJ – Crivella	2006	1	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=cQwBSD2yhXg&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=cQwBSD2yhXg&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	Crivella e Lula			2	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=VmuZt_ZnS1g&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=VmuZt_ZnS1g&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	Crivella e Lula em Comício			3	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=Mma3Llmqv-8">http://www.youtube.com/watch?v=Mma3Llmqv-8</a> . Acesso: 17 agosto 2008
57	Lula comício RJ	Lula Comício RJ	2006	1	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=Ld-KBmYryu4">http://www.youtube.com/watch?v=Ld-KBmYryu4</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	Lula Rj			2	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=DoLVWmwu2EU">http://www.youtube.com/watch?v=DoLVWmwu2EU</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	Lula Rj			3	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=Fuj7qyz9DA8&amp;feature=related">http://www.youtube.com/watch?v=Fuj7qyz9DA8&amp;feature=related</a> . Acesso: 17 agosto 2008
58	Lula- Bolsa-família	Bahia	2006	-	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=nEToCeeRH3Y">http://www.youtube.com/watch?v=nEToCeeRH3Y</a> . Acesso: 17 agosto 2008
59	Fátima - 13 - Comício com 19.09.2008 - A Chegada	Natal	2008	0	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=EjTtPA">http://www.youtube.com/watch?v=EjTtPA</a>
	Fátima - 13 - Comício com Lula - 19.09.2008 - Discurso do Presidente (01)			1	<a href="http://br.youtube.com/watch?v=Mc6zWljQ&amp;feature=related">http://br.youtube.com/watch?v=Mc6zWljQ&amp;feature=related</a>
	Fátima - 13 - Comício com Lula - 19.09.2008 - Discurso do Presidente (02)			2	<a href="http://br.youtube.com/watch?v=VzEhV">http://br.youtube.com/watch?v=VzEhV</a> &feature=related
	Fátima - 13 - Comício com Lula - 19.09.2008 - Discurso do Presidente (03)			3	<a href="http://br.youtube.com/watch?v=xYx9d">http://br.youtube.com/watch?v=xYx9d</a>

	19.09.2008 - Discurso do Presidente (03)				&feature=related
60	Lula e Marta juntos por São Paulo	São Paulo	2008	-	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=WfMnmE">http://www.youtube.com/watch?v=WfMnmE</a>
61	Lula garante presença e comício de Marta	São Paulo	2008	-	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=uS">http://www.youtube.com/watch?v=uS</a>
62	LULA – 1º turno – Coligação Para o Brasil seguir mudando	Boca Maldita - Curitiba	2010	-	Arquivo pessoal
63	LULA - 1º turno – Coligação Para o Brasil seguir mudando	Sítio Cercado - Curitiba	2010	-	Arquivo pessoal
64	LULA – 2º turno - Coligação Para o Brasil seguir mudando	CIC - Curitiba	2010	-	Arquivo pessoal

#### LISTA DE VÍDEOS COM DISCURSOS PROFERIDOS POR **RS**<sup>57</sup>

Nº	TÍTULO	Local do comício	Data	Parte	Fonte
65	Roberto Requião. Campanha eleitoral para prefeitura	Bairro de Curitiba	1985	-	Arquivo do candidato
66	Roberto Requião. Campanha eleitoral para prefeitura	Boca Maldita - Curitiba	1985	-	Arquivo do candidato
67	Roberto Requião. Campanha para governador	Curitiba	1990	-	Arquivo do candidato
68	Roberto Requião. Campanha para governador	Bandeirantes	1990	-	Arquivo do candidato
69	Roberto Requião. Campanha para governador	Cambará	1990	-	Arquivo do candidato
70	Roberto Requião. Campanha para governador	Matelândia	1990	-	Arquivo do candidato
71	Roberto Requião. Campanha para governador	Guarapuava	1990	-	Arquivo do candidato
72	Roberto Requião. Campanha para governador	Curitiba	1990	-	Arquivo do candidato
73	Roberto Requião. Campanha para governador	Não identificado	1990	-	Arquivo do candidato

<sup>57</sup> Optou-se por apresentar a referência, seguindo a numeração dos vídeos apresentada nos quadros 6 e 7, do capítulo 4 para facilitar ao leitor identificar a referência dos vídeos.

74	Roberto Requião. Campanha para governador	Guarapuava	1990	-	Arquivo do candidato
75	Discurso de Requião no parte 1	Sociedade Thalia - Curitiba	2006	1	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=OgQT3ryplfk">http://www.youtube.com/watch?v=OgQT3ryplfk</a> . Acesso: 17 agosto 2008
	Discurso de Requião no parte 2		2006	2	<a href="http://www.youtube.com/watch?v=X5jV7DtQEd8">http://www.youtube.com/watch?v=X5jV7DtQEd8</a> . Acesso: 17 agosto 2008
76	REQUIÃO – 1º turno – Coligação Para o Brasil seguir mudando	Boca Maldita - Curitiba	2010	-	Arquivo pessoal
77	REQUIÃO – 1º turno – Coligação Para o Brasil seguir mudando	Sítio Cercado - Curitiba	2010	-	Arquivo pessoal
78	REQUIÃO – 2º turno – Coligação Para o Brasil seguir mudando	CIC - Curitiba	2010	-	Arquivo pessoal